

Organizadoras

*Graziela Rinaldi da Rosa
Jara Lourenço da Fontoura*

*Patrícia B. Lovatto
Tanja Raquel Funk*



Vozes do Campo:

*Ensino, pesquisa e extensão
em tempo de pandemia*

Vol. 3



Vozes do Campo:

*Ensino, pesquisa e extensão
em tempo de pandemia*

Volume 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE FURG

Reitor
DANILO GIROLDO
Vice-Reitor
RENATO DURO DIAS
Chefe de Gabinete do Reitor
JACIRA CRISTIANE PRADO DA SILVA
Pró-Reitor de Extensão e Cultura
DANIEL PORCIUNCULA PRADO
Pró-Reitor de Planejamento e Administração
DIEGO D'ÁVILA DA ROSA
Pró-Reitor de Infraestrutura
RAFAEL GONZALES ROCHA
Pró-Reitora de Graduação
SIBELE DA ROCHA MARTINS
Pró-Reitora de Assuntos Estudantis
DAIANE TEIXEIRA GAUTÉRIO
Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas
LÚCIA DE FÁTIMA SOCOOWSKI DE ANELLO
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
EDUARDO RESENDE SECCHI
Pró-Reitora de Inovação e Tecnologia da Informação
DANÚBIA BUENO ESPÍNDOLA

EDITORA DA FURG

Coordenadora
CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA

COMITÊ EDITORIAL

Presidente
DANIEL PORCIUNCULA PRADO

Titulares
ANDERSON ORESTES CAVALCANTE LOBATO
ANGELICA CONCEIÇÃO DIAS MIRANDA
CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES
CLEUSA MARIA LUCAS DE OLIVEIRA
EDUARDO RESENDE SECCHI
ELIANA BADIALE FURLONG
LEANDRO BUGONI
LUIZ EDUARDO MAIA NERY
MARCIA CARVALHO RODRIGUES

Editora da FURG
Câmpus Carreiros
CEP 96203 900 – Rio Grande – RS – Brasil
editora@furg.br

Integrante do PIDL

Editora Associada à



Graziela Rinaldi da Rosa
Jara Lourenço da Fontoura
Patrícia B. Lovatto
Tanja Raquel Funk
(Organizadoras)

Vozes do Campo:
Ensino, pesquisa e extensão
em tempo de pandemia

Volume 3



Rio Grande
2023

© Graziela Rinaldi da Rosa; Jara Lourenço da Fontoura; Patrícia B. Lovatto; Tanja Raquel Funk

2023

Ilustração e Design: Jaqueline de Souza Silva

Diagramação da capa: Murilo Borges

Formatação e diagramação: João Balansin

Revisão Ortográfica e Linguística: Alexander Severo Córdoba

Ficha catalográfica

V977 Vozes do campo: ensino, pesquisa e extensão em tempo de pandemia [Recurso Eletrônico] / Organizadoras Graziela Rinaldi da Rosa... [et al.]. – Rio Grande, RS : Ed. da FURG, 2023.
265 p. : il. color. – (v. 03)

Outras organizadoras: Jara Lourenço da Fontoura, Patrícia B. Lovatto, Tanja Raquel Funk.

Modo de acesso: <http://repositorio.furg.br>

ISBN 978-65-5754-191-3 (eletrônico)

1. Educação do Campo 2. Ensino Superior 3. Formação Docente
4. Educação Ambiental 5. Agroecologia I. Rosa, Graziela Rinaldi da
II. Fontoura, Jara Lourenço da III. Lovatto, Patrícia B. IV. Funk, Tanja
Raquel V. Título.

CDU 37(1-22)

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos –
CRB10/2344

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
FORMAÇÃO DOCENTE, ALTERNÂNCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS	
VOZES DO CAMPO, DAS ÁGUAS, FLORESTAS E CIDADES NA CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO INTERATIVO DIGITAL	11
Graziela Rinaldi da Rosa; Jaqueline de Souza Silva; Jara Lourenço da Fontoura; Patrícia B. Lovatto; Tanja Raquel Funk	
RODAS DE ESTUDOS SOBRE PAULO FREIRE: constituindo espaços de diálogo amoroso e solidário desde a universidade pública	26
Aline Cristina Mello Til; Ana Paula Grellert; Daiana da Silva Oliveira; Naytiara Souza Evaldt	
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: O ESTÁGIO DOCÊNCIA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA	37
Taís Mendes Alves; Eduardo Antunes Dias	
FITOPROTETORES BOTÂNICOS: TECNOLOGIA SOCIAL PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA E AGRÁRIAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	45
Patrícia B. Lovatto; Chaiane Signorine; Calisc de Oliveira Techa; Carine Bunde; Lavínia Holtz	

UNIVERSIDADE, EDUCAÇÃO POPULAR E A
EXTENSÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA 60
Ronaldo Augusto Gomes da Silva; Graziela Rinaldi da Rosa; Luana
Bunde; Livia Accioly Menezes da Silva

ALTERNÂNCIA, FORMAÇÃO DOCENTE E
PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES E
COMUNITÁRIAS 72
Luana Bunde; Graziela Rinaldi da Rosa

DIVERSIDADE, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS

MENE (AQUELA QUE NUNCA ESTÁ SÓ): LUTA,
RESISTÊNCIA E ARTE 88
Maria Escarlate Pereira; Juliana Soares

MULHERES DE POVOS TRADICIONAIS, GÊNERO
E DIVERSIDADE PELAS ONDAS DO RÁDIO 102
Graziela Rinaldi da Rosa; Léia Beatriz Sell; Gabriela Schmalfluss
Borges; Adriana da Silva Ferreira

RODAS DE LEITURA E RESISTÊNCIA: VIVÊNCIAS
DO PROJETO “KILOMBO LITERÁRIO” 116
Adriana da Silva Ferreira; Carina Santana Ferreira; Deise Vieira
Alves; Desiree Fripp dos Santos; Michaela Sant’Anna; Laércio da
Silva Nebel; Ornesina Sant’Anna; Rodrigo da Rosa Pereira

MULHERES DO CAMPO VÃO À UNIVERSIDADE? 130
Tatiana da Silva Bandeira; Graziela Rinaldi da Rosa

PESQUISAS DESENVOLVIDAS NA LEDOC/FURG

PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS
(PANC): ALIMENTOS DO CAMPO, DAS CIDADES E
DAS AGROECOLOGIAS 138
Jaqueline Durigon; Léia Beatriz Sell

CRIAÇÃO DE GALINHAS COLONIAIS NO RECANTO NEGRINHO DO PASTOREIO - MORRO REDONDO/RS	153
Eduardo Antunes Dias; Solange Cruz; Murilo Cruz	
OVINOCULTURA REGENERATIVA EM PRÁTICA NA CABANHA PITANGA PRETA - SÃO LOURENÇO DO SUL/RS	160
Eduardo Antunes Dias; Daniella Burattini; Lorena Konzgen	
OS INSETOS NA NOSSA VIDA: REFLEXÕES PARA UMA ABORDAGEM AGROECOLÓGICA	168
Patrícia B. Lovatto; Tanja Raquel Funk; Taís Mendes Alves; Natasha Koyama de Moraes; Andriele Teixeira da Silva; Nilo Schiavon; Darlan B. Schmalfuss; Leticia Hellwig	
A ARTE DO BEM VIVER: RESISTIR, LUTAR E ESPERANÇAR EM DIFERENTES CONTEXTOS	
A GANÂNCIA CORRÓI A TERRA E O AFASTAMENTO DA TERRA CORRÓI OS CORACÕES	182
Solange Elizabete Rosa de Oliveira	
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MUDANÇAS CULTURAIS: Algumas pautas para construir nosso futuro a partir da “casa comum”	193
Jaime José Zitkoski; Sérgio Trombetta	
VALORES HUMANOS NO DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL, SOCIAL E PLANETÁRIA	213
Tereza Cristina Thomaz Farias	
UM PANORAMA SOBRE A GUARDA RESPONSÁVEL DE ANIMAIS NA CIDADE DE SÃO LOURENÇO DO SUL/RS	228
Eduardo Antunes Dias; Catiane Strider Weber	

O ECOMUNITARISMO E O CAMPO	236
Sirio López Velasco	
VÁRIAS FORMAS DE DESPERTAR O BEM VIVER: ALIMENTOS PARA CORPO E ALMA	246
Eliane Renata Steuck	
MEMÓRIAS SOBRE ARTE/EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ESPIRITUALIDADE DA NATUREZA	254
Cleusa Helena Guaita Peralta Castell	
SOBRE AS ORGANIZADORAS DA OBRA	263

PREFÁCIO

É com grande alegria que recebi o convite para prefaciar esta obra intitulada *Vozes do campo*, mesmo nome do Programa de Rádio que deu origem ao livro! Programa e obra potentes, fortes, carregados de ancestralidades, de saberes, de fazeres, de conhecimentos (re)passados, discutidos e aprendidos em conjunto com as comunidades do campo, trabalho realizado em conjunto com agricultoras e agricultores familiares, camponeses e camponesas da reforma agrária, educadoras, educadores, pecuaristas familiares, pescadoras, pescadores, povos de todas as religiões, artesãos e artesãs, povos indígenas, ciganos, pomeranos, quilombolas do campo e das cidades!

Isso é ciência! Isso é a pesquisa, é também a extensão e o ensino! A obra nos mostra que esperar é preciso cotidianamente. Esperar tal como o mestre Paulo Freire nos ensinou, como necessidade ontológica, não na espera, mas sim enquanto luta, construindo um (outro) mundo possível e melhor, mais humano e mais dialógico e respeitoso para com os diferentes saberes dos povos do campo, das florestas, das águas e das cidades.

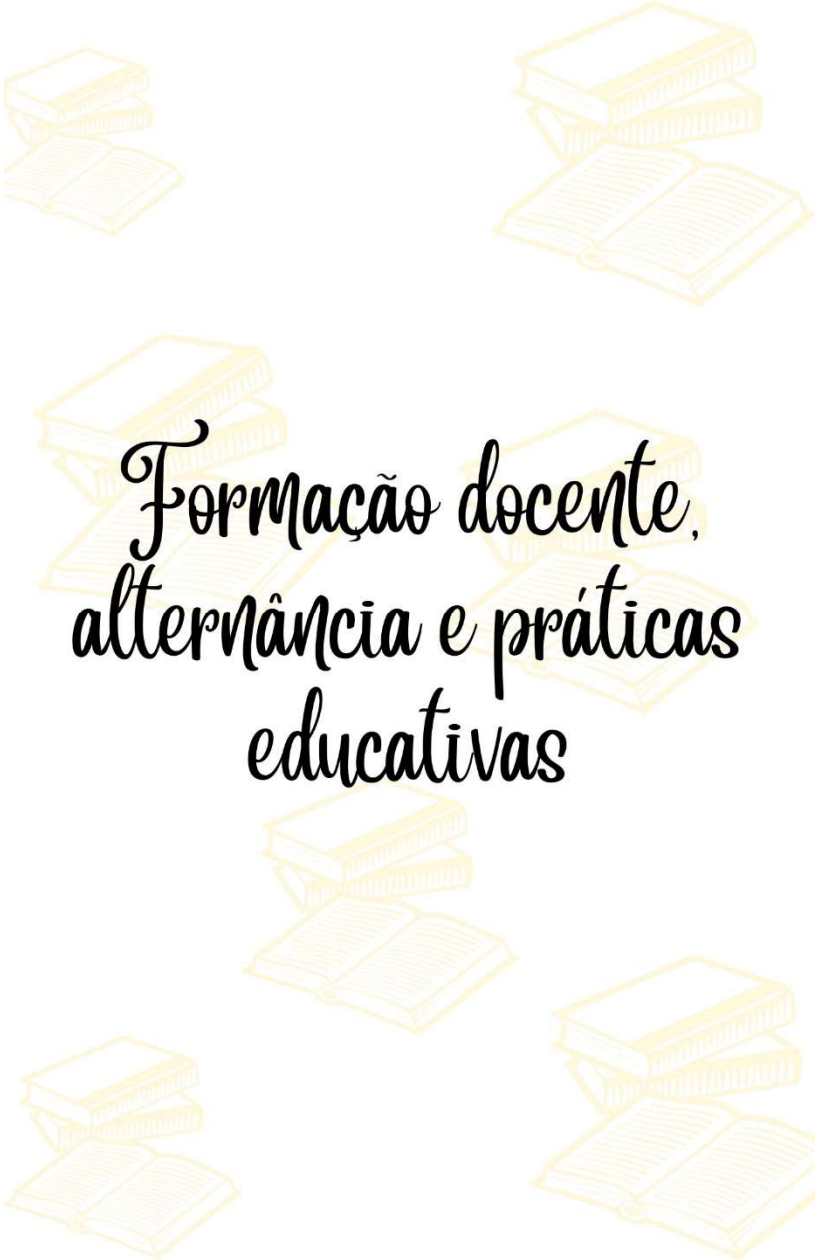
O livro é mais uma linguagem que divulga este trabalho realizado pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo da FURG, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus São Lourenço do Sul em parceria com a rádio São Lourenço. Compromisso da universidade pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada com a divulgação de seus fazeres. Destaco que ouvir programas de rádio é uma prática

constante das comunidades do campo, das florestas, das águas e das cidades. Ao mesmo tempo que estão nas ocupações cotidianas, o rádio está sintonizado para a escuta dos seus ouvintes, trazendo notícias, revelando anúncios e demais programas, tais como o destacado aqui na obra.

A obra, que chega na terceira edição, é um demonstrativo a) da formação docente junto as práticas educativas de alternância, b) da divulgação dos fazeres, saberes e dos movimentos sociais, da diversidade e de gênero, c) das pesquisas realizadas na FURG e d) das práticas agroecológicas. É um convite para pensarmos o nosso lugar na Mãe Terra e o lugar dela na nossa vida! Pode ser lido do início ao fim sem tréguas, também pode ser lido por capítulos aos poucos. Não deixe de ler as notas de rodapé que são importantes, com informações sobre os autores, receitas fitoterápicas, links e demais questões que levam à outras informações.

Enfim, leitor, leitora, desfrute da beleza das vozes do campo! Um grande eco da vida, sobre a vida e à vida humana!

Profª. Dra. Vania Grim Thies
Faculdade de Educação/UFPel
Julho 2022



Formação docente,
alternância e práticas
educativas

VOZES DO CAMPO, DAS ÁGUAS, FLORESTAS E CIDADES NA CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO INTERATIVO DIGITAL*

Graziela Rinaldi da Rosa**
Jaqueline de Souza Silva***
Jara Lourenço da Fontoura****
Patrícia B. Lovatto*****
Tanja Raquel Funk******

* Foi inserido no presente artigo informações do projeto inicial intitulado Vozes do Campo, e submetido pela professora Jara Lourenço da Fontoura na FURG, disponibilizado para a construção dos produtos desse projeto.

** Professora de Filosofia e Educação Popular do Instituto de Educação-IE/FURG; Especialista em Metodologia do Ensino. Mestra, Doutora e Ph.D. em Educação. Tem atuado com práticas educativas escolares e comunitárias há mais de 20 anos. Militante feminista. Integrante da Articulação em Defesa da Educação do Campo - AEDOC. Integrante da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. Integrante do GT Gênero e Filosofia - ANPOF. Colaboradora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola-GESE/FURG. Coordenadora da Linha de Pesquisa "Relações de gênero e feminismos na educação" GESE/FURG. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Descoloniais (UNISC-RS). Integrante do Projeto de extensão Vozes do Campo/FURG. E-mail: grazirinaldi@gmail.com.

*** Bacharelada em Artes Visuais com Habilitação em História, Teoria e Crítica da Arte no Instituto de Letras e Artes – ILA na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Brasil. Bolsista de Cultura/PROEX-DAC no projeto do Livro Digital Vozes do Campo 2022. Tem desenvolvido pesquisa em arte política e representação LGBTQIAP+ na arte contemporânea e produz trabalhos poéticos relacionadas a sua vivência como pansexual e demais questões dentro da comunidade LGBTQIAP+, bem como trabalhos com enfoque em saúde mental. E-mail: jacksouza.silva@outlook.com

**** Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação Ambiental. Instituto de Educação (IE). Criadora e Primeira coord. do programa Vozes do Campo.

***** Bióloga, Mestre em Desenvolvimento Regional, Dra. em Agronomia com pós-doutorado em Sistemas de Produção Agrícola Familiar pela FAEM/UFPEL, Professora e Coordenadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza e Ciências Agrárias da FURG.

***** Graduada em Licenciatura em Educação do Campo - Ênfase em Ciências da

Introdução

É fundamental que estejamos engajadas/os/es nas nossas frentes de lutas pelo/com o campo para enfrentarmos os desafios, a desvalorização e a opressão sofrida por homens e mulheres do campo. Já que:

Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica libertadora é trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta. É trabalhar com a genuidade desta luta e a possibilidade de mudar, vale dizer, é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores (FREIRE, 2000, p. 23).

Dessa forma, surgiu o programa Vozes do Campo, em 2015, idealizado pela professora do Instituto de Educação, Dra. Jara Lourenço da Fontoura. Esse programa foi por um longo período ao ar semanalmente nas quartas-feiras na rádio Litoral Sul FM 104,3, no município de São Lourenço do Sul; tendo atingido 28 municípios da região sul. Nessa ocasião, o Projeto Vozes do Campo contou com a significativa colaboração do jornal O Lourenciano, o qual possibilitava a divulgação dos programas e entrevistas da semana. Esse projeto nasceu da necessidade de mostrar para a comunidade Lourenciana a importância da instalação da FURG nessa localidade. Também havia o sentimento urgente da necessidade de um diálogo com as pessoas que moravam nos quilombos, zona rural (agricultores), pescadores, escolas e a própria cidade, para conhecer suas necessidades, cultura, festejos, produção de plantio, economia, cultos religiosos, questões socioambientais, etc...

Natureza e Agrárias. /FURG; Graduanda em Pedagogia da Educação Infantil/Uniassevi; Graduanda em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa/ FURG; Integrante do Programa de Rádio Vozes do Campo (2ª edição). Pesquisa a formação docente. E-mail: tanjaraquelfunk9269@gmail.com

A ansiedade fazia-se uma constante nas reuniões pedagógicas do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Após várias tentativas de contato com a comunidade, o professor Dr. Mauro Dillmann e a professora Dra. Jara Lourenço da Fontoura, assim como a professora Dra. Berenice Vahl Vaniel e a professora Dra. Graziela Rinaldi da Rosa resolveram criar um programa de extensão, o qual deveria ser numa rádio e, assim, entendiam que estariam mais perto da comunidade Lourenciana.

Nasce, nesse instante, o programa *Vozes do Campo*, o qual se constituiu devido à grande presença de acadêmicos voluntários, tanto do curso de Educação do Campo, como do curso de Gestão Ambiental, assim como de funcionários da FURG e docentes. Dentre tantos colaboradores e apreciadores dessa construção coletiva, podemos destacar: Janaina Maria Ferreira Soares, Jéssica Fischer Verly de Moraes, Luciana de Souza Vargas, Ana Paula Grelert, Daiane de Oliveira Azevedo, Berenice Vahl Vaniel, Graziela Rinaldi da Rosa, Gibran Silva Schuerne, Léia Beatriz Sell, Luana Schiavon, Rangel Crispa Blank, Elieti Aranha dos Santos, Jessica Thruw, Neli Ledeburh, Taís Mendes Alves, Veridiana Freitas, Ana Teresa Santana, Bruna Schneid, Raquel Nicolette, Janine Gomes Corrêa, entre tantos outros e outras.

O programa foi criado para ser um espaço onde o campesinato, os povos tradicionais, estudantes e comunidade em geral possam expressar suas ideias, mostrar seus trabalhos e práticas educativas escolares e comunitárias, que muitas vezes envolvem o manejo com a terra, o trabalho no campo, o trabalho artesanal, práticas agroecológicas, o cuidado com as crianças, a casa, a natureza, os animais, e a comunidade como um todo e tem o intuito de promover a valorização dos povos do campo e suas culturas, desenvolvendo temáticas contextualizadas à realidade do campo. A forma como o campo é visto e, muitas vezes referenciado, precisa ser repensada e transformada, Stefanello e Fávero (2020, p. 10) destacam que o campo não é uma extensão da cidade. Assim, reconhecer os sujeitos que vivem no campo é fundamental, pois "O sujeito do campo se

constitui a partir de sua cultura, sua singularidade, suas especificidades e, principalmente, sua relação com a terra, com a natureza". Dessa forma, evidenciar o protagonismo de homens e mulheres do campo é uma forma de sensibilizar a sociedade, buscando a valorização desses povos.

Com o intuito de fortalecer o diálogo entre a universidade e a comunidade, o Projeto "Vozes do Campo", renasce em 2021 do sucesso da sua primeira edição, alicerçado na necessidade de dar continuidade ao atendimento das demandas comunitárias por informações contextualizadas ao cotidiano das pessoas do campo, vinculadas aos saberes e fazeres locais e aos conhecimentos prévios e construídos pelos/as educadores/as e estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC/FURG, com vistas a entender, dialogar, dar voz as/aos sujeitos/as, compreendendo as suas prerrogativas e necessidades sociais.

Além de possibilitar o entrelaçamento de conhecimentos e vivências, o projeto em sua 2ª edição, fomentado e operacionalizado pela coordenação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo e Instituto de Ciências Biológicas - ICB/FURG, junto a equipe executora, formada por professores e estudantes da LEdoC, deu alcance, através do rádio, aos fazeres indissociáveis da FURG entre ensino, pesquisa e extensão, minimizando os impactos do distanciamento físico provocados pela pandemia da COVID 19 entre os anos de 2021 e 2022.

O Programa Vozes do Campo, 2ª edição, alicerça-se na compreensão de que o enfoque agroecológico e a educação do campo têm a mesma base social e, por isso, são interdependentes, razão pela qual o diálogo transdisciplinar, intrínseco à Educação do Campo, serviu de base para a sua continuidade e fortalecimento do Vozes do Campo em meio à crise sanitária, política, socioambiental, econômica e de informação, exacerbada pela pandemia.

A Agroecologia e a Educação do Campo, companheiras interdependentes, questionam, conforme Caldart (2008), o

ruralismo, o tecnicismo e o paradigma da modernização, e são, por isso, juntas, fundamentais para se repensar o modelo de sociedade em tempos de pandemia. De acordo com Caporal; Petersen (2011), tanto a Agroecologia como a Educação do Campo nascem da busca por superação deste paradigma, tendo como vínculo os saberes e fazeres dos povos do campo como basilares para estilos mais sustentáveis de desenvolvimento.

Partindo destas premissas e da construção dialógica entre discentes e docentes da LEdoC/FURG, juntamente às/aos colaboradores/as de outros cursos do campus São Lourenço do Sul, outras IES e comunidade externa, o programa “Vozes do Campo”, 2ª edição, vem sendo reproduzido na Rádio São Lourenço AM 1190, desde março de 2021, indo ao ar todas às segundas-feiras das 13h15 às 13h45, com duração de 30 minutos.

Para a segunda edição, foram produzidas vinhetas de abertura e fechamento¹ que introduzem e encerram cada atividade, preservando a identidade da proposta, qual seja, dialogar com as diversidades do campo, das águas, das florestas e cidades. As vinhetas foram produzidas com a colaboração das vozes da Profa. Jaqueline Durigon (ICB/FURG), Prof. Rodrigo da Rosa (ILA/FURG), Prof. Graziela Rinaldi (IE/FURG), Estudante Tanja Raquel Funk (LEdoC), Profa. Patrícia Lovatto (ICB/FURG); Tambores do Prof. Marlon Borges Pestana (ICHI/FURG) e Canto de quero-quero (ave símbolo da Pampa)

¹ **Abertura:** Boa tarde povos do campo! Das águas! Florestas e Cidades! Estamos aqui com mais um programa Vozes do Campo! Aqui tua voz ecoa e movimenta: Agricultora e Agricultor familiar! Camponês e camponesas da reforma agrária! Educadora! Educador! Pecuarista familiar! Pescadora! Pescador! Povos de Todas as religiões! Artesões e artesãs! Povos Indígenas! Cigano! Pomerano! Quilombolas Do campo e das cidades! As vozes, saberes e fazeres que alimentam e movimentam o Brasil! As vozes de quem vive e compreende o campo como um espaço para reprodução da vida. Essa é a tua voz! Começa agora o Programa VOZES DO CAMPO - uma iniciativa do curso de Licenciatura em Educação do Campo da FURG, Campus São Lourenço do Sul.

Fechamento: Vocês acabaram de ouvir um programa promovido pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Campus São Lourenço do Sul Sempre na rádio São Lourenço, nas segundas Feiras, das 13:10às13:45 Esse foi mais um Programa Vozes do campo. A TUA VOZ NO RÁDIO!

fornecido pelo Biólogo, Especialista em Avifauna do Bioma Pampa, Ricardo Lau.

Até junho de 2022 já foram ao ar 65 programas. Além da transmissão pela rádio, todos os programas estão hospedados na página da LEdoC/FURG², representando a diversidade de temas relacionados à realidade e a pluralidade das vozes territoriais, somando conhecimento acadêmico ao conhecimento popular, com informação contextualizada sobre o município de São Lourenço do Sul e Território Zona Sul.

Entendemos, enquanto equipe executora que, na medida que ouvimos e fortalecemos os espaços de escuta dos povos do campo, das águas, florestas e cidades, estamos contribuindo para uma educação mais plural, que é também do campo, e que não inferioriza, não oculta, e valoriza os saberes populares. Diante do distanciamento físico relacionado à pandemia de COVID-19, o Programa de Rádio Vozes do Campo, 2ª edição, através do rádio e das mídias sociais, contribuiu para a promoção da sociabilidade, troca de conhecimentos, fortalecimento das identidades territoriais do campo e do compromisso da FURG como Universidade da comunidade.

Com o andamento das gravações e dos programas, a professora autora³ deste artigo, integrante da equipe do projeto desde o primeiro ano de criação em 2014, propôs que fossem organizados livros, intitulados Vozes do Campo, com a sistematização de programas, e, também, de entrevistas realizadas durante a organização dos programas de rádio. Desde então, têm sido publicados livros, de cunho cultural e educativos, que levam para a comunidade acadêmica e não acadêmica um pouco do que é abordado nos programas.

A primeira publicação foi em 2015 com o livro Vozes do Campo: ressignificando saberes e fazeres, e em 2017 Vozes do Campo: lutas, saberes e resistências. E, dessa forma, têm sido

² Disponível em: <https://educacaodocampo.furg.br/vozes-do-campo>

³ Profa. Graziela Rinaldi da Rosa.

possíveis aprofundar mais os temas, e mostrar as referências utilizadas, imagens e demais conteúdos a fim de que as discussões do programa de rádio também possam ser acessadas de forma física pelos moradores do campo/cidade de modo a facilitar esse acesso e poder preservar essas memórias.

O campo como território de luta e resistência

A Desvalorização do campo é uma construção histórica, marcada por muitas violências físicas e estruturais; preconceitos raciais, étnicos e de gênero; e desigualdades socioeconômicas; condições que vêm sendo enfrentadas e questionadas por diversos movimentos sociais do campo. Há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades, de considerar a maioria da população que vive no campo como a parte atrasada e fora do lugar no almejado projeto de modernidade.

O modelo de desenvolvimento que vê o Brasil apenas como mais um mercado emergente, predominantemente urbano, camponeses e indígenas são vistos como espécies em extinção. Nesta lógica, não haveria necessidade de políticas públicas específicas para essas pessoas, a não ser do tipo compensatório à sua própria condição de inferioridade, e/ou diante de pressões sociais. A situação da educação no meio rural retrata bem essa visão (FERNANDES, CERIOLI e CALDART, 2011, p. 21).

Nesse sentido, é fundamental que estejamos engajadas e engajados nas nossas frentes de lutas pelo/com o campo para enfrentarmos os desafios, a desvalorização e a opressão sofrida por homens e mulheres do campo.

No Brasil, historicamente a cultura do campo, os saberes dos sujeitos do campo e o próprio campo foram continuamente desvalorizados, desmerecidos e desqualificados. Sujeitos que deixaram de sonhar, de acreditar em um mundo melhor, mas que na contradição entre a ausência de sonhos e a presença de suas lutas, criam espaços de resistências que fortalecem suas culturas (FONTOURA *et al.*, 2015, p. 1830).

O programa Vozes do Campo busca, também, levar informações e conteúdos condizentes com a vida no campo e, com isso, tem potencial para transformar a realidade do campo. Desta forma, surgiu a ideia do projeto do livro Vozes do Campo, que, de forma coletiva, visa documentar e socializar as diferentes vozes que se apresentam nesses programas e contribuir com uma discussão teórica acerca de reflexões que possam fornecer subsídios para o desenvolvimento de ações que colaborem para uma vida mais digna dos povos do campo. Esse programa é de suma importância para que outras gerações tenham acesso aos saberes, as expressões culturais, e os relatos de experiências e vivências que são apresentados.

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo da FURG, campus São Lourenço do Sul, demonstra seu compromisso sociopolítico ao desenvolver um projeto como o Vozes do Campo, Freire (1983, p. 46) nos diz que: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” E a sua intencionalidade pedagógica e educativa, ao estabelecer diálogos interdisciplinares, integrando conhecimentos científicos e saberes populares.

Desta forma, segundo García-Marirrodriaga: Se realmente se toma em conta a pessoa, se nada é excluído e qualquer um pode ser perito que favoreça a educabilidade exercendo sua educabilidade em um âmbito determinado, se todos podemos ser aprendizes ao longo da vida, então, sem nos esquecermos das escolas e universidades, formaremos parte dos atores da educação na universidade da vida. Então a ética da educação garantirá a sustentabilidade dos saberes, que também se adquirem no meio ambiente, no livro da natureza. Nesse caso, o desenvolvimento que conduz a uma educação em liberdade será sustentável, porque terá confiado realmente na capacidade das pessoas (GARCÍA-MARIRRODRIGA, 2013, p. 73).

Além disso, a Educação do Campo, segundo Ferreira (2014, p. 39) deve compreender todos os povos tradicionais que

vivem no campo, como camponeses, agricultoras e agricultores, quilombolas, indígenas, pomeranos, pescadoras e pescadores artesanais, ciganos, ribeirinhos, assentadas e assentados da reforma agrária, trabalhadoras e trabalhadores assalariados, e tantos outros que enfrentam batalhas diárias para resgatar e legitimar sua identidade e lutam por dignidade cultural, humana, social e política. Da mesma forma, o projeto vozes do campo atenta para os diversos sujeitos do campo, entendidos na sua dimensão individual, familiar e comunitária, atentando também para educadoras, educadores e estudantes das escolas públicas e comunitárias do campo, e as diversas formas de organização destes grupos (associações, cooperativas, ONGs).

Ao trazer voz aos sujeitos do campo, o projeto é extremamente eficaz no sentido de promover o rompimento com o que Arroyo e Molina (2004, p. 09) chamaram de "silenciamento" do campo. Ao contrário, o projeto visa a valorização do campo, seus saberes, suas reivindicações, sua situação socioproductiva, suas possibilidades de trabalho, sua cultura e desenvolvimento. O projeto, em sintonia com a atual discussão teórica sobre Educação do Campo, possibilita um novo olhar para esse espaço, espaço de vivências e experiências humanas históricas, que precisam ser considerados em sua complexidade e totalidade.

O projeto apresenta-se como um canal de difusão da vida no campo, em sua plenitude, uma possibilidade de reflexão sobre as ações de homens e mulheres que tem no campo não apenas seu meio econômico de subsistência, mas sua cultura, sua herança, sua história. Assim, entendemos que a educação - humanitária e libertadora, nos moldes de Paulo Freire -, a comunicação e a cultura podem traçar conjuntamente um processo de construção e partilha de conhecimentos a serviço dos povos do campo.

Desta forma, o projeto Vozes do Campo, se inspira nas ideias de Miguel Arroyo (2004), Roseli Caldart (2004), Enrique Leff (2001), Paulo Freire (1983; 1987; 2001), Sírío Velasco

(2008), Leonardo Boff (2001), Carlos Rodrigues Brandão (1999), Elaine Behring (2007), Ivanete Boschetti (2007), Marilda Iamamoto (1998), entre outros e outras protagonistas dessa história de luta e resistência.

Metodologias participativas, educação popular e as Vozes do Campo

O projeto apresenta uma proposta de metodologias participativas, inspirado nas práticas de educação popular, onde os/as estudantes interagem e participam de sua construção, bem como outros envolvidos/as.

A metodologia a ser desenvolvida durante o período de construção do terceiro livro *Vozes do Campo*, está sendo baseada na busca do diálogo e da troca de vivências entre os diferentes protagonistas envolvidos com a vida do/no campo. Para tal, contaremos com a participação das estudantes e docentes do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Povos Tradicionais do Campo, associações, ONGs e movimentos sociais, pois entendemos que os movimentos sociais do campo, lutam para a construção de políticas públicas em uma perspectiva que visa garantir os direitos sociais a todos os camponeses, especialmente os direitos à educação. Para isso, exigem, não qualquer política, mas uma política diferenciada na forma e no conteúdo, definida com sua presença e participação.

Paulo Freire em suas palestras e livros sempre nos alertava para sabermos escutar o "outro" e termos uma esperança crítica diante da realidade socioeducativa. A crítica que constrói, que possibilita a mudança necessária, tanto coletiva quanto individual.

Freire argumentava que:

Não posso investigar o pensar dos outros, referido ao mundo, se não penso. Mas, não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros. A investigação

do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito do seu pensar. E, se seu pensar é mágico ou ingênuo, será pensado no seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir ideias, mas de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação (FREIRE, 1987. p. 101).

O programa de rádio Vozes do Campo junto ao livro Vozes do Campo será uma constante em nosso fazer pedagógico e metodológico que, no futuro, poderá auxiliar em práticas educativas escolares e comunitárias, e ser uma obra de apoio didático-pedagógico.

Alguns dos temas trabalhados nos últimos programas que foram ao ar em 2021-2022 como relatos de experiências na educação no campo, eco comunitarismo, saúde mental dos moradores do campo, Alimentos do campo, Agroecologia, educação popular, gênero e diversidade e vários outros serão abordados nesta terceira edição do livro a fim de transformar essas discussões em algo palpável, que possa ser acessado por todos, inclusive os moradores do campo mas também em formato digital onde os leitores terão acesso a mais detalhes desses processos.

A inovação e interação através de um livro interativo digital

Considerando as dificuldades que os moradores do campo enfrentam em diversos setores da vida, mas principalmente no que se diz respeito ao acesso à educação como será visto ao longo do livro, o projeto tem por objetivo facilitar o acesso às discussões feitas nos programas de rádio e levar essas discussões além da rádio e do campo, mas ser também um objeto de registro e de mudança coletiva e individual.

Além disso, no ano de 2021 foi idealizada através de uma proposta via edital de cultura/DAC-FURG, a organização de uma obra interativa digital. No que diz respeito ao acesso aos/as

estudantes/as da educação básica, e aos professores e professoras desse ensino, conteúdos mais interativos facilitam o processo de aprendizagem, já que: um livro digital possui diversas funções que facilitam o acesso a vídeos, imagens e outros conteúdos dos processos dentro do livro deixando os conteúdos mais leves e dinâmicos a fim de melhorar a experiência do leitor, além de facilitar o acesso a fotos, links e demais componentes dos processos que levaram ao produto final.

Para isso, durante o longo processo de confecção do livro foram feitas entrevistas com os/as autores/as para que eles/elas também participassem do processo de criação do livro podendo contribuir com links, vídeos, fotos dos projetos e demais questões pertinentes em seus textos a fim de deixar o conteúdo mais rico e visual já que esse formato digital permite isso.

Do que se diz do trabalho das/dos organizadoras/es do livro, em conjunto com a bolsista de cultura Jaqueline, além do levantamento dessas informações, entrevistas, produção de tabelas, revisões, formatação dos textos, divisão por temática a fim de situar o leitor e tornar a experiência de leitura mais fluída. A arte do livro, as cores, os elementos da capa e todo o design foram pensados para esse formato e como poderia ser a melhor representação possível do que queremos abordar ao longo dessa leitura e torná-la sempre mais produtiva e prazerosa ao leitor.

O livro interativo não é só o produto-final, mas o registro de vários processos que levaram até a publicação, além de que esse formato facilita a propagação em diversos setores, fazendo com que o conteúdo não seja apenas abordado dentro daquele local, mas levando adiante a história, luta e cultura dos povos do campo, das águas, florestas e cidades.

Referências

ALMEIDA, A. W. B. de. Os quilombos e as novas etnias. *In*: ODwyer, E. C. (org.). **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

ARROYO, Miguel, CALDART, Roseli, MOLINA, Mônica (Org.). Por uma educação do campo. Petrópolis: Vozes, 2004. ARROYO, M. **Ofício de Mestre**. Imagens e autoimagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOFF, L. **Saber Cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CALDART, R. S. (org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

BEHRING, Elaine Rosseti e BOSCHETTI, Ivanete. **Política Social: Fundamentos e História**. 3ª ed. Biblioteca Básica do Serviço Social, v.2, São Paulo: Cortez, 2007.

CALDART, R.S. Sobre educação do campo. *In*: Santos, C.A. (org.). **Por uma Educação do Campo**. Brasília: Incra/MDA, 2008.

CAPORAL, F.R.; PETERSEN, P. **Agroecologia e políticas públicas na América Latina**: o caso do Brasil. *Agroecologia*, v. 6, p. 63-74, 2011.

FERNANDES, B. M.; CERIOLI, P. R. CALDART, R.S. Primeira Conferência Nacional "Por Uma Educação Básica do Campo" in ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por Uma Educação do Campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FERREIRA, A. G. **A formação através da pedagogia da alternância em agroecologia**: um estudo de caso da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, RS. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) -Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, p. 98. 2014.

FONTOURA, J. L. do; DILLMANN, M.; ROSA, G. R. da R.; VANIEL, B. V. **Vozes do Campo**: ressignificando saberes e fazes. São Leopoldo: Oikos, 2015.

FREIRE, P. **Extensão e comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros

escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 48ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GARCÍA-MARIRRODRIGA, R. Alternativas socioeducativas para a sustentabilidade na ruralidade. *In*: BEGNAMI, J. B; BURGHGRAVE, T. de. **Pedagogia da Alternância e Sustentabilidade**, Orizona/GO: UNEFAB, 2013, p. 71 - 94.

GHEDIN, E. **Educação do Campo**: epistemologia e práticas. São Paulo: Cortez, 2012.

GRUPIONI, L. D. B. (org.). **Formação de Professores Indígenas**: repensando Trajetórias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

IAMAMOTO, M. **O Serviço Social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 1998.

LEFF, E. **Saber Ambiental**: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MENEZES NETO. Formação de professores para educação do Campo: Projetos Sociais em Disputa. *In*: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; Martins, Aracy Alves (org.). **Educação do Campo**: desafios para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 201.

RUSCHEINSKY, A. **Educação Ambiental**: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Penso, 2012.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Para onde vai o professor?** Resgate do Professor como sujeito de transformação. São Paulo: Libertad, 2008.

VELASCO, S. **Introdução à Educação Ambiental Ecomunitarista**. Rio Grande: Ed. FURG, 2008.

WANDERLEY, L. E. W. **Educação Popular**: metamorfoses e veredas. São Paulo: Cortez, 2010.

RODAS DE ESTUDOS SOBRE PAULO FREIRE: constituindo espaços de diálogo amoroso e solidário desde a universidade pública

Aline Cristina Mello Tili*
Ana Paula Grellert**
Daiana da Silva Oliveira***
Naytiara Souza Evaldt****

Introdução

Nossa intenção ao elaborar este texto é dialogar sobre a ação de ensino e extensão “Rodas de Estudos sobre Paulo Freire”, realizadas no âmbito do projeto de ensino “Acompanhamento e Apoio Pedagógico a discentes indígenas e quilombolas: um convite à participação” desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Campus São Lourenço do Sul. O referido projeto de ensino busca realizar o acompanhamento pedagógico de estudantes indígenas e quilombolas no ensino superior na FURG – Campus São Lourenço do Sul e está vinculado ao Programa de

* Graduanda no Bacharelado em Agroecologia - FURG. Bolsista do Projeto de Ensino Acompanhamento e Apoio Pedagógico a discentes indígenas e quilombolas: um convite à participação. E-mail: alinemello@furg.br

** Pedagoga na Universidade Federal do Rio Grande - Campus São Lourenço do Sul. Doutoranda em Educação na FAE/UFPEL. E-mail: alinemello@furg.br

*** Graduanda no Bacharelado em Agroecologia - FURG. Bolsista Voluntária do Projeto de Ensino Acompanhamento e Apoio Pedagógico a discentes indígenas e quilombolas: um convite à participação. E-mail: oliveiradaiana379@gmail.com

**** Graduanda no Bacharelado em Agroecologia - FURG. Bolsista Voluntária do Projeto de Ensino Acompanhamento e Apoio Pedagógico a discentes indígenas e quilombolas: um convite à participação. E-mail: naytiara.s.v@gmail.com

Acompanhamento e Apoio Pedagógico da Pró reitoria de Assuntos Estudantis - PRAE e tem como motivação principal desenvolver ações que visam garantir e qualificar o acompanhamento pedagógico aos discentes indígenas e quilombolas.

As Rodas de estudos sobre Paulo Freire constituíram-se como uma das ações deste projeto que tem a intenção de fortalecer as ações afirmativas desde a concepção de Educação Popular de Paulo Freire. Assim, ao longo de 2021, ano em que se comemorou o Centenário de Paulo Freire, o projeto, além dos atendimentos individuais aos estudantes, também buscou atender ações formativas, dialógicas e abertas à comunidade em geral. E, assim, se constituiu o espaço das Rodas de estudos sobre Paulo Freire, sendo a primeira edição com foco no estudo e discussão da proposta pedagógica de Paulo Freire, desde a obra *Pedagogia do Oprimido (1968)*.

Desta forma, organizaram-se cinco encontros online síncronos para dialogar sobre a obra referenciada. A cada encontro foi realizada a leitura prévia de um dos capítulos da *Pedagogia do Oprimido*, de forma assíncrona, culminando na atividade síncrona, em que foram convidados debatedores para apresentação do referido capítulo, e após, diálogo e intervenções dos e das participantes. O primeiro encontro síncrono ocorreu em abril/2021 e o último encontro ocorreu em junho/2021. Os encontros foram realizados de forma online, pela plataforma *Google Meet*.

O objetivo das rodas de estudo sobre Paulo Freire foi constituir-se num espaço que oportunizasse discutir a qualidade da educação ofertada para as classes populares na universidade e em outros espaços educativos. Em nossa compreensão e considerando o que menciona Frigotto (2010), a universidade e, também, a escola básica não pode ser somente o "agente certificador" ou um passaporte "para a empregabilidade". Buscando divulgar a referida ação no âmbito da comunidade regional e lourenciana, participamos de uma das edições do

Programa de rádio “Vozes do Campo”, projeto de extensão vinculado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da FURG/Campus São Lourenço do Sul.

O **público participante** das Rodas constituiu-se de estudantes da FURG, estudantes de outras instituições de ensino superior, professores e professoras da educação básica, militantes de movimentos sociais, educadores populares e comunidade em geral, ambos de diferentes regiões do país.

Para a escrita deste trabalho, utilizamos a metodologia filosófica proposta por Folscheid e Wunemburguer (2006, p. 7) os quais mencionam que “a filosofia é sempre método – pensar é também saber pensar -, mas um método acompanhado de sua razão de ser e de uma verdadeira cultura”. Assim, junto a metodologia filosófica, observamos os registros escritos realizados pelo grupo de trabalho produzidos durante as rodas de estudo, de modo a contribuir para explicitar nossas reflexões neste trabalho.

Resultados e discussão

Como resultados da referida ação, percebemos que o espaço das rodas se constitui como um espaço de diálogo e discussão sobre a *Pedagogia do Oprimido* e, neste sentido, compreendemos que as Rodas de estudo sobre Paulo Freire foram muito importantes e tiveram seus objetivos alcançados na medida que oportunizaram a leitura, a discussão e a contextualização da obra *Pedagogia do Oprimido*, evidenciando também a atualidade do pensamento de Paulo Freire para leitura crítica da realidade e compreensão das opressões do nosso tempo.

Neste sentido, foram destacadas no primeiro encontro que constituiu a leitura da “Justificativa da Pedagogia do Oprimido” a compreensão sobre a “falsa generosidade” e o “ser mais” desde Freire (2011a), conceitos freirianos amplamente discutidos entre os participantes. Sobre o *ser mais*, tem-se que:

Ninguém pode ser, autenticamente, proibindo que os outros sejam. Esta é uma exigência radical. O *ser mais* que se busque no individualismo conduz ao *ter mais egoísta*, forma de *ser menos*. De desumanização. Não que não seja fundamental – repetamos – ter para ser. Precisamente porque é, não pode o ter de alguns converter-se na obstaculização ao *ter* dos demais, robustecendo o poder dos primeiros, com o qual esmagam os segundos, na sua escassez de poder (FREIRE, 2011a, p. 105).

Além disso, foi possível dialogar sobre as diferentes referências teóricas que permeiam o pensamento pedagógico de Paulo Freire, e que constituíram sua concepção de educação, a qual denominamos Educação Popular. Também foram presentes, as questões que envolvem a linguagem, o discurso, quando da época em que sua obra foi escrita, e tais questões foram contextualizadas e discutidas buscando significá-las na atualidade. Discutiu-se também o modelo de educação proposto pelo Estado, seus limites, assim como as potencialidades da Educação Popular de Paulo Freire e sua influência nas práticas pedagógicas dos professores e professoras na educação básica.

Os participantes deste encontro utilizaram suas vivências como estudantes, professores e membros ativos na sociedade atual como base para o diálogo, assim evidenciando momentos de sua vida para destacar as problemáticas, dando ênfase em seus pontos de vista sobre os assuntos discutidos.

A educação bancária, conforme Freire (2011a), também foi amplamente discutida, destacando os pressupostos desta educação, assim como sua crítica. A educação bancária é um termo cunhado por Paulo Freire para designar uma educação que trabalha no sentido de manter as relações de opressão na sociedade.

Segundo Freire (2011a), a educação bancária é uma educação dissertadora, conforme segue:

Por isto mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora. Quatro vezes quatro, dezesseis; Pará, capital Belém, que o educando fixa, memoriza, repete, sem perceber o que realmente significa capital, na afirmação, Pará, capital Belém (FREIRE, 2011a, p. 80).

Assim, discutiu-se as diferentes formas de opressão, violências vivenciadas e relatadas pelos participantes e, também, como a educação bancária contribui para a perpetuação dessas relações, seja na escola ou nos espaços não formais de ensino. Nesta direção, temos que a equivocada concepção de educação bancária, problematizada por Paulo Freire, considera que nela:

Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 2011a, p. 81).

Através do debate sobre a educação bancária, foi rememorado nos debates a importância da obra de Freire *Comunicação ou Extensão?* que aborda mais esse problema da extensão rural e sua prática colonizatória, que negou os conhecimentos dos camponeses. Problema que precisa ser superado ainda mais nos cursos que envolvem as ciências agrárias, que são o caso dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo e Bacharelado em Agroecologia.

O reconhecimento dos saberes e do conhecimento dentro das comunidades (indígenas, quilombolas e camponeses), como forma de troca de saberes mútuos em relação a compreensão dos conhecimentos que envolvem os aspectos da vida rural, foram evidenciados de modo a refletir sobre a problemática da extensão rural.

A extensão rural surgiu a partir de uma visão tecnocrática, onde o extensionista iria a campo fornecer o suporte técnico e a implantação de pacotes agrícolas impulsionados pela política norte-americana de Revolução Verde. Freire (2013) faz uma dura e necessária crítica à invasão cultural promovida pelos extensionistas rurais que atuam a partir de uma perspectiva tecnocrática e bancária. Esses extensionistas transformam o agricultor em apenas um objeto, o qual servirá de depósito de conhecimento, sendo assim, uma forma de relação antidualógica por excelência.

Dessa forma, nos alerta do quanto a extensão rural é antidualógica em sua origem, por considerar que o conhecimento seria estendido para um local sem conhecimento. Nesse sentido, as rodas reforçaram a necessidade de uma extensão rural como comunicação e prática educativa dialógica reconhecendo os saberes desses agricultores e possibilitando espaços de reflexão, onde reconhece o educando enquanto sujeito, capaz de pensar e construir meios para transformar sua realidade.

Outros temas como o ensino à distância, o ensino remoto, desde a educação básica e o papel do professor e da professora neste processo, assim como as práticas de educação que são constituídas junto a grupos, coletivos, movimentos sociais, buscando evidenciar elementos da Pedagogia do Oprimido nestes processos. Observou-se os desafios que se colocam para educadores/as e para a sociedade como um todo, especialmente neste período pandêmico em que todos e todas passamos por diferentes dificuldades, em diferentes âmbitos de nossa vida cotidiana, ressaltou-se a necessidade de estabelecer relações e práticas que percebam o ser humano como ser da busca por ser mais humano e solidário, e que reforcem o seu potencial criador.

Ao contrário da “bancária”, a educação problematizadora, respondendo à essência do ser da consciência, que é sua intencionalidade, nega os comunicados e existência da comunicação. Identifica-se

com o próprio da consciência que é sempre ser consciência de, não apenas quando se intenciona a objetos, mas também quando se volta sobre si mesma [...] (FREIRE, 2011a, p. 94).

Nesta direção, a educação problematizadora proposta por Paulo Freire na referida obra, mostra-se como um horizonte necessário para aqueles e aquelas que almejam uma sociedade mais humana e solidária. Contudo, tal construção não pode dar-se fora do diálogo. O diálogo é a essência da educação libertadora proposta por Paulo Freire, e assim assinala que, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, na ação-reflexão” (FREIRE, 2011a, p. 108). E acrescenta ainda que:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo *pronunciar* (FREIRE, 2011a, p. 108).

Freire adverte, também, o que não é o diálogo, ao mencionar que:

Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a *pronúncia* do mundo, nem a buscar a verdade, mas impor a sua. Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros. É um ato de criação (FREIRE, 2011a, p. 109-110).

A percepção da importância do diálogo para se estabelecer a verdadeira educação, se mostra efetiva no âmbito da compreensão das necessidades individuais e coletivas, nos

leva a evidenciar os aspectos sociais e humanos, para chegarmos a uma educação mais solidária e libertadora.

Considerando o diálogo como a essência da educação que se pretende libertadora, as rodas de Paulo Freire proporcionaram refletir sobre os desafios enfrentados pelos educadores e estudantes durante o ensino remoto emergencial, advindo da suspensão das atividades presenciais devido a pandemia da COVID-19. Muitos foram os relatos destes educadores e educadoras mencionando a importância dos espaços de diálogo em torno de dilemas comuns, mas também o quanto o distanciamento social dificultou a efetivação de um diálogo permanente neste espaço-tempo.

Desta forma, ao refletir sobre tais desafios aplicados à escola, aos educadores e educadoras, é possível refletir com Freire, ao mencionar que “Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”. (FREIRE, 2011a, p. 115).

Percebe-se que a organização das rodas de Paulo Freire foram espaços que proporcionaram momentos em que foi possível dialogar sobre dilemas comuns, refletir e exercitar o nosso pensamento crítico, problematizar as situações-limites que se colocam neste momento histórico, amparando-nos no referencial teórico freiriano¹. Nesta direção, destacamos que a superação das situações-limite que se colocam para nós precisam ter um olhar que abarque a sua superação.

As situações-limite implicam, pois, a existência daqueles e daquelas a quem diretamente servem, os dominantes; e daqueles e daquelas a quem se “negam” e se “freiam” as

¹ Sobre o termo freiriano ou freireano, há uma discussão que é bastante oportuna. Compreendemos que freiriano é utilizado pelo pesquisador/a que tem como referência o pensamento/obra de Paulo Freire; Freireano é utilizado por aquele/a pesquisador/a que se vale de referenciais/outros autores que se baseiam em Paulo Freire. No nosso caso, utilizamos freiriano.

coisas, os oprimidos. Os primeiros veem os temas-problemas encobertos pelas “situações-limite” daí os considerar como determinantes históricos e que nada há a fazer, só se adaptar a elas. Os segundos quando percebem claramente que os temas desafiadores da sociedade não estão encobertos pelas situações-limite quando passam a ser um percebido destacado, se sentem mobilizados a agir e a descobrirem o “inédito viável” (FREIRE, 2011b, p. 278).

Compreende-se que, na perspectiva da educação libertadora proposta por Paulo Freire, o pensar crítico mobilizado pelo diálogo, é determinante para a construção de alternativas para superação das situações-limite e, assim, pode-se determinar a construção do inédito viável. O inédito viável freiriano está relacionado à utopia, ao sonho, e necessita do engajamento e do permanente exercício de ação-reflexão-ação para ser concebido:

O “inédito viável” é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada, e quando se torna um “percebido-destacado” pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade (FREIRE, 2011b, p. 279).

Tais reflexões fizeram-se presentes nas rodas de estudos sobre Paulo Freire, considerando que o horizonte da educação libertadora é a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Embora limitados ao uso das tecnologias digitais para realização das Rodas de Estudo sobre Paulo Freire, percebe-se que foi possível estabelecermos uma comunicação efetiva entre os participantes, considerando que o apoio mútuo entre estes foi muito importante, além de fortalecer vínculos que foram estabelecidos ao longo da realização das rodas de estudo e que favoreceram a troca de experiências e busca de alternativas

para problemas comuns em diferentes setores como educação, saúde, habitação, entre outros.

Considerações Finais

A título de considerações finais, necessitamos perceber de forma mais ampla o local de onde falamos, pois discutir a Educação Popular a partir do referencial teórico freiriano na universidade é um desafio histórico, considerando a presença das concepções hegemônicas de educação na história da educação brasileira.

Considerando a proposta pedagógica do Campus FURG - São Lourenço do Sul, a qual consiste na implantação de cursos superiores voltados para a mudança do paradigma de desenvolvimento vigente, rumo a um modelo de desenvolvimento sustentável, percebemos a necessidade de expressar a nossa compreensão acerca da concepção de educação que orienta as ações de acompanhamento pedagógico no Campus São Lourenço do Sul. Uma vez que, toda ação educativa tem uma intencionalidade e, neste sentido, tem um direcionamento de acordo com o objetivo que se pretende atingir.

Assim, as Rodas de estudo sobre Paulo Freire foram fundamentais para compreendermos alguns pressupostos teóricos da Educação Popular. Principalmente ao trazer temas extremamente pertinentes para pensar junto aos estudantes de Licenciatura em Educação do Campo e do Bacharelado em Agroecologia, onde é cada vez mais necessário fomentar práticas pedagógicas calcadas na concepção de Educação Popular e que privilegie a construção de conhecimentos que valorizem os saberes dos educandos.

Também foi evidenciada a necessidade de mais espaços formativos, principalmente após a desarticulação entre a comunidade universitária em decorrência do período de isolamento social. Espaços que fomentem o diálogo, a articulação entre diferentes atores sociais e, conseqüentemente, o “ser mais”

proposto por Freire. Ainda se mostra necessária a presença de espaços que contribuam para o pensar coletivo e que possam fomentar a superação das “*situações-limite*” impostas pela pandemia e permitam a construção de novas possibilidades de ação. As Rodas de Estudo sobre Paulo Freire, realizadas no âmbito desta ação de ensino, atingiram em torno de 60 pessoas, sendo 44 participantes certificados com carga horária total e/ou parcial.

A nosso ver, a universidade precisa ser um espaço construído no cotidiano pelos grupos sociais que a frequentam, pelos sujeitos que a fazem existir e, nesse sentido, algumas categorias como “*ser mais*”, o “*diálogo*”, e “*educação como prática da liberdade*” conforme Freire (2011a) como fundantes da Educação Popular, são materiais imprescindíveis para subsidiar as ações de acompanhamento pedagógico na universidade, assim como, constituem aspectos relevantes a serem considerados na perspectiva dos cursos que são ofertados no Campus FURG São Lourenço do Sul.

Referências

FOLSCHEID, Dominique. WUNENBURGER, Jean-Jacques. **Metodologia Filosófica**. Tradução: Paulo Neves. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução Rosiska Darcy de Oliveira, 16ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 131p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2010.

RELATO DE EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: O ESTÁGIO DE DOCÊNCIA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

Taís Mendes Alves*
Eduardo Antunes Dias**

Introdução

Este trabalho faz um relato de experiência ocorrida no final do ano de 2019 da disciplina Estágio Obrigatório de Docência II do 8º período do curso de Licenciatura em Educação do Campo, ênfase em Ciências da Natureza e Ciências Agrárias, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus São Lourenço do Sul. O estágio foi realizado no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) Esperança que está situado no bairro Arthur Kraft, próximo à entrada da cidade, e é frequentado principalmente por famílias de baixa renda em situação de vulnerabilidade social e econômica.

Participaram das atividades oferecidas pela instituição crianças, adolescentes, idosos, mulheres e intergeracionais, (pessoas com mobilidade reduzida, portadores (as) de deficiência física e seus familiares). Com exceção do grupo das crianças, todos os (as) demais participaram das atividades realizadas no estágio. No decorrer dos encontros, foram

* Formanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo FURG - Campus São Lourenço do Sul; Mestranda em Educação/FURG; Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Interdisciplinar Lélia González; Bolsista Capes / Demanda Social (DS). E-mail: taismendesalves91977@gmail.com

** Médico Veterinário; Professor do Curso de Licenciatura em Educação do Campo FURG – Campus São Lourenço do Sul. E-mail: eduardo.dias@furg.br

abordados alguns conteúdos referentes à alimentação saudável, à violência obstétrica, à sexualidade feminina, à orientação sexual, à identidade/diversidade de gênero e, finalmente, alguns aspectos anatômicos do sistema genital feminino.

O CRAS Esperança¹ faz parte da rede de proteção e promoção social, definida como uma das prioridades durante o governo, do então presidente, Luís Inácio Lula da Silva. Segundo a cartilha, elaborada e distribuída pelo Governo Federal, que regulamenta a implementação e funcionamento do CRAS (2009)², o Centro de Referência de Assistência Social é a porta de entrada da Assistência Social, sendo um local público localizado prioritariamente em áreas de maior vulnerabilidade social, onde são oferecidos os serviços de assistência social, o que torna o local uma referência para a comunidade. Sua implementação deve seguir uma série de requisitos específicos, como estrutura física, quadro de funcionários, localização, período de funcionamento, etc.

É realizado, inicialmente, um diagnóstico profundo da comunidade (dentro do território de abrangência), levando em conta todos os seus aspectos físicos e sociais, levantando-se assim, demandas, vulnerabilidades e questões a serem trabalhadas, como violência no bairro, falta de espaços de lazer, falta de transporte, entre outros. Conhecendo o território, os profissionais do CRAS podem trabalhar em cima das questões levantadas, através de palestras, rodas de conversa ou eventos, por exemplo, buscando junto à população soluções para esses problemas.

O que o diferencia das demais redes socioassistenciais é que, além dos serviços ofertados e ações promovidas, possui um vínculo mais efetivo com a comunidade que está inserido. Esse estreitamento de laços se dá por meio do acolhimento, inserção,

¹ Página do CRAS Esperança no Facebook:

<https://www.facebook.com/cras.esperanca.7>

² Cartilha disponível em:

https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_Cras.pdf

encaminhamento e acompanhamento dos usuários no SUAS (Sistema Único de Assistência Social que dá acesso ao Cadastro Único e os benefícios do Governo Federal ofertados para as famílias de baixa renda), pela gestão da proteção básica do território de abrangência e pelo PAIF.

O PAIF é o Programa de Atenção Integral a Família, uma oferta obrigatória e exclusiva do CRAS³. Ele é destinado às famílias em situação de vulnerabilidade e risco social que residem no território de abrangência do CRAS, especialmente as beneficiárias de programas de transferência de renda ou famílias com membros que recebem benefícios assistenciais.

Dentro das ações que o compõem estão: a acolhida (recepção no CRAS, entrevistas e visita domiciliar), o acompanhamento familiar (grupos de famílias e atendimento particular), as atividades coletivas (reuniões de planejamento, palestras, campanhas socioeducativas e eventos comunitários) e os encaminhamentos (encaminhamentos, com acompanhamento, para benefícios e serviços socioassistenciais ou para as demais políticas setoriais).

Tem por objetivo de prevenir o rompimento dos vínculos familiares e a violência no âmbito de suas relações, garantindo o direito a convivência familiar e comunitária por meio do SCFV (Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos).

No município, o CRAS completou 12 anos de funcionamento em julho do ano passado. Ele atende à sete bairros, que estão dentro do seu território de abrangência: Nova Esperança, Santa Terezinha, Banhado Grande, Camponesa, Arthur Kraft, Fiorame e parte da Avenida Coronel Nonô Centeno. Na ocasião, eram realizados grupos semanais e quinzenais, onde aconteciam diferentes atividades, de acordo com o interesse e necessidade dos usuários. Além dos grupos, eram ofertadas aulas de dança, uma vez na semana, atendimento

³ Mais informações sobre o programa disponíveis em: <http://mds.gov.br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/assistencia-social/psb-protacao-social-basica/projetos-psb/servico-de-protacao-e-atendimento-integral-a-familia-2013-paif>

social e acesso à uma pequena biblioteca, onde os moradores podiam realizar empréstimos de livros. O espaço funcionava, na época, diariamente, de segunda à sexta-feira, das 08h da manhã às 14h da tarde.

Pensando a prática

Previamente ao desenvolvimento do estágio, foi realizada uma sondagem na instituição para identificar demandas por assuntos e atividades de interesse dos usuários. Foi adotada a linha pedagógica construtivista com estratégias de didática compostas por aulas expositivas dialogadas, rodas de conversa e dinâmicas adaptadas às especificidades de cada grupo.

Ao todo, foram realizados dois encontros por grupo, sendo que as dinâmicas de grupo foram cruciais na “Quinta da Família” no sentido de descontrair e de envolver as mulheres nas atividades. Essa troca e aproximação faz toda a diferença no processo educativo, facilitando a compreensão dos conteúdos e dos temas propostos (LIBÂNEO, 2018).

A justificativa pela escolha da linha pedagógica construtivista se deu em função do levantamento prévio dos conhecimentos dos sujeitos sobre o assunto que objetivou, a partir das suas próprias experiências e situações do seu cotidiano, construir novos conhecimentos.

Mão na massa

Nos grupos de adolescentes (este grupo foi dividido em dois turnos devido ao grande número de participantes), trabalhamos temas como orientação sexual, identidade de gênero, diversidade e respeito às diferenças⁴. Os encontros aconteceram às segundas-feiras, sendo um grupo na parte da

⁴ Matéria sobre a importância de se discutir questões de gênero e sexualidade com adolescentes: <https://www.isaude.com.br/noticias/detalhe/noticia/adolescencia-genero-e-sexualidade/>

manhã e outro à tarde (turno inverso ao da escola), e eram compostos por, no máximo, quatorze adolescentes e, no mínimo, oito. Todos reagiram muito bem às atividades propostas, opinando ativamente nas discussões de maneira crítica e questionadora.

Foram encontros muito produtivos e enriquecedores onde, de maneira geral, todos e todas estavam interessados em aprender, cada um (a) contribuindo nas discussões com suas bagagens de conhecimentos e vivências, algo que precisa ser mais valorizado, pois como relata Freire (1997, p. 68), “Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”.

O grupo composto de mulheres é denominado “Quinta da Família” e organizado por meio do PAIF (Programa de Atenção Integral à Família), onde os (as) responsáveis das famílias são convidados (as) para encontros que acontecem quinzenalmente nas quintas-feiras pela manhã. Infelizmente, os homens não costumam frequentar os encontros, tornando o grupo só de mulheres.

No primeiro encontro falamos sobre os tabus ligados à sexualidade feminina⁵, realizamos uma conversa descontraída sobre essas questões, debatendo temas como a masturbação feminina, a depilação da região íntima, o sexo anal e o prazer feminino, dentre outros. No segundo encontro conversamos sobre o “Outubro Rosa” e a importância do autoconhecimento do corpo e, neste sentido, falamos sobre a genitália feminina e sua anatomia.

As atividades com esse grupo também foram muito produtivas, todas participaram das discussões e responderam positivamente ao que foi proposto. Houve uma grande troca de conhecimentos e essa partilha é muito enriquecedora para todos (as), pois apesar de estar ali como estagiária e futura educadora, não me percebi como detentora do conhecimento, mas como

⁵ História da sexualidade feminina no Brasil:
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320/21729>.

uma mediadora, propondo discussões, estimulando a reflexão e fornecendo as ferramentas para que elas próprias fossem protagonistas na reconstrução do conhecimento.

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a ele ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2002, p. 27).

Com o grupo de idosos e intergeracionais, os encontros aconteceram nas quartas-feiras, sendo os idosos pela manhã e intergeracional à tarde. Com base nas demandas destes grupos, o tema tratado foi a saúde alimentar onde, no primeiro encontro, conversamos sobre a importância de uma alimentação balanceada. Foram apresentados os diferentes grupos alimentares, como organizá-los no prato e a finalidade dos alimentos funcionais e nutracêuticos⁶.

No segundo encontro conversamos sobre como evitar ou atenuar a diabetes e a hipertensão por meio da alimentação, bem como sobre a manutenção de um peso corporal adequado. Nesta oportunidade foram apresentados dois tipos de dieta da atualidade: a “*Low Carb*” e a Cetogênica. Os (as) integrantes dos grupos degustaram uma receita doce e outra salgada que preparei com base nessas dietas⁷. De maneira geral, todos os grupos responderam muito bem ao que foi proposto, já que os (as) frequentadores (as) do CRAS são pessoas muito interessadas em

⁶ Mais informações a respeito desses alimentos disponível em: <https://revistas.ufg.br/REF/article/view/2082/2024>

⁷ Pão de ovo Low Carb: < <https://receitanatureba.com/pao-de-ovo-low-carb/>; Brownie de banana: <https://www.tudogostoso.com.br/receita/185212-brownie-de-3-ingredientes-sem-gluten-e-sem-lactose.html>>; Mousse Fit: <https://vitat.com.br/receitas/71946-mousse-de-suco-clight>

aprender e a ocupar o que esta instituição lhes oferece, pois reconhecem a importância da mesma.

Reflexões

Foi muito gratificante a oportunidade de poder realizar esse estágio em forma de projeto e em uma instituição tão especial, sendo uma experiência ímpar de integração entre a universidade e a comunidade. A interação com públicos tão diferentes demandou uma boa preparação sobre a metodologia a ser empregada, sobre as abordagens dos conteúdos, bem como sobre a escolha de didáticas específicas, gerando assim, um acúmulo incrível de conhecimento. Percebi que acabei deixando algo positivo em cada um dos grupos participantes, produzindo um impacto positivo naquela comunidade.

Os adolescentes passaram a perceber a si e aos (as) outros (as) de uma maneira diferente, com mais respeito às singularidades e à diversidade. As mulheres demonstraram estar mais empoderadas e menos envergonhadas, ficando mais confortáveis para falarem sobre o seu corpo e sua sexualidade, algo que, segundo elas, acaba relegado para o segundo plano pela correria do cotidiano.

Com os idosos e intergeracionais, percebi todos (as) muito animados (as) para introduzirem novos hábitos nas suas rotinas, como por exemplo, fazer uma dieta de baixo custo e montar uma refeição saudável e balanceada com alimentos do cotidiano. Considerei muito importante para a formação do (a) educador (a) vivenciar os espaços escolares não formais com o objetivo de conhecerem novas realidades. É um desafio prazeroso e, na minha opinião, isso é o fazer pedagógico: uma constante reinvenção.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018; Orientações Técnicas: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. – 1. Ed. - Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e combate à fome, 2009.

FITOPROTETORES BOTÂNICOS: TECNOLOGIA SOCIAL PARA O ENSINO DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA E AGRÁRIAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Patrícia B. Lovatto*
Chaiane Signorine**
Calisc de Oliveira Trecha***
Carine Bunde****
Lavínia Holtz*****

(..) os fitoprotetores são uma alternativa viável por serem práticas que já eram conhecidas e utilizadas pelos nossos avós.

Carine Bunde e Lavínia Holtz, Agricultoras, Técnicas em Agroecologia pela EFASUL

Introdução

O tema fitoprotetores botânicos no manejo dos cultivos foi ao ar no Programa Vozes do Campo, em 13 de setembro de

* Bióloga, Dra. em Sistemas de Produção Agrícola Familiar pela UFPEL, Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo e Bacharelado em Agroecologia da FURG, Campus São Lourenço do Sul; Coordenadora do Projeto Programa de Rádio Vozes do Campo - 2ª Edição.

** Eng. agrônoma, Dra. em Agronomia pelo PPGSPAF/FAEM, UFPEL, Agricultura Familiar em Morro Redondo, RS.

*** Eng. agrônoma, Dra. em Agronomia pelo PPGSPAF/FAEM, UFPEL, Professora na Escola Técnica Estadual de Canguçu – ETEC.

**** Técnica em Agroecologia pela EFASUL, estudante do Curso de Biologia, UFPEL, Agricultora Familiar em Canguçu, RS.

***** Técnica em Agroecologia pela EFASUL, estudante do Curso de Agronomia, FAEM/UFPEL, Agricultora Familiar em Canguçu, RS.

2021¹, trazendo um pouco das possibilidades de utilização da diversidade de plantas do Território Zona Sul, RS, para a saúde das hortas e pomares com menor impacto econômico, ambiental e à saúde humana.

Deram vozes aos fitoprotetores, estudantes, agricultoras e pesquisadoras que apresentaram os seus saberes, fazeres e vivências relacionados ao uso das plantas para proteger os cultivos. Por ser uma tecnologia de baixo impacto ambiental e econômico, oriunda da sabedoria dos povos do campo, o uso dos fitoprotetores botânicos é considerado uma tecnologia social, fundamental de ser resgatada junto às famílias agricultoras e incorporada no ensino das ciências da natureza e ciências agrárias nas escolas do campo.

A importância dos fitoprotetores botânicos reside em sua contribuição para a minimização e substituição do uso de agrotóxicos no manejo dos cultivos, sendo utilizados secularmente pelas famílias agricultoras. Antes do advento dos produtos químicos sintéticos, constituíam uma das principais formas para o manejo dos cultivos, sendo praticamente banidos e substituídos pelos produtos sintéticos após a chamada Revolução Verde².

A temática foi mediada pela professora da FURG, Patrícia B. Lovatto, que contextualizou a utilização dos fitoprotetores botânicos, apresentou e dialogou com as colaboradoras que apresentaram as suas experiências de acordo com os subtítulos compartilhados neste capítulo.

¹ Acompanhe o programa na íntegra em: <https://educacaodocampo.furg.br/vozes-do-campo>.

² Processo histórico que marca a ampliação em larga escala do uso e dependência de tecnologias industriais (muitas produzidas durante a 2ª Guerra Mundial) para a produção agrícola (fertilizantes sintéticos, agrotóxicos e máquinas), contribuindo fortemente para o êxodo rural a partir das décadas de 60 e 70 nos países em desenvolvimento como o Brasil.

Para saber mais sobre a Revolução Verde assista o documentário "Guardiões da Terra" disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AiwhkflF_. Sobre os impactos da Revolução Verde aos conhecimentos tradicionais acesse o artigo disponível em: <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/4-3.pdf>.

Contextualizando os fitoprotetores botânicos como prática para o ensino de ciências na educação do campo

Os fitoprotetores botânicos constituem plantas que podem ser utilizadas tanto processadas como mantidas vivas, íntegras no ambiente, cumprindo o papel de afastar e conter populações indesejadas de organismos nos sistemas de cultivo ou mesmo atrair organismos que fazem o controle biológico natural na horta e pomar³.

Podem ser utilizados via processamento das partes das plantas frescas ou secas, sob a forma de extratos, biofertilizantes, caldas, óleos, preparados homeopáticos, biodinâmicos, fermentados ou apenas através da manutenção e/ou estímulo de determinadas plantas nos cultivos, atuando como atraentes ou repelentes, através de consórcios, bordaduras ou trampas.

A aplicação dos fitoprotetores pode incluir o tratamento de sementes, produtos armazenados, substratos, pulverizadas sobre os cultivos, incorporados ao solo ou simplesmente introduzidos no sistema por meio da inserção de plantas chaves. De acordo com Lovatto (2020)⁴ o seu mecanismo de ação sobre microrganismos, animais e plantas pode se dar de forma direta, interferindo no desenvolvimento dos organismos ou indireta, agindo sob as condições de colonização ou ativando os mecanismos de defesa das plantas cultivadas.

Até os anos 50, as substâncias derivadas das plantas incluíam as principais alternativas para o manejo dos

³ Para mais informações sobre a bioatividade das plantas e origem coevolucionária a sua aplicação como fitoprotetores botânicos consulte o artigo disponível em <https://www.interciencia.net/wp-content/uploads/2018/01/657-LOVATTO-7.pdf>

⁴ O Livro Fitoprotetores Botânicos: união de saberes e tecnologias para transição agroecológica pode ser adquirido no site <https://www.editoraappris.com.br/produto/4239-fitoprotetores-botnicos-unio-de-saberes-e-tecnologias-para-transio-agroecologica>. O percentual de vendas referentes aos direitos autorais da obra é integralmente repassado à Associação Escola Família Agrícola - AEFASUL, mantenedora da Escola Família Agrícola da Região Sul - EFASUL.

agroecossistemas. Com a Revolução Verde, o conhecimento sobre o uso das plantas para manejo agrícola foi desprezado e substituído pelos produtos químicos sintéticos (os agrotóxicos) que passaram a ser utilizados em larga escala.

A partir da década de 80, diante dos impactos dos agrotóxicos sobre a mortalidade e resistência de organismos, contaminação do ambiente e riscos à saúde humana, iniciou-se o resgate do uso dos fitoprotetores botânicos, constituindo-se, atualmente, em uma área de pesquisa em franca ascensão.

As principais vantagens relacionadas à utilização dos fitoprotetores consistem na menor probabilidade de resistência por parte dos organismos alvo, menor toxicidade ambiental e à saúde humana, compatibilidade com outras práticas de manejo agroecológico, disponibilidade de matéria-prima, rápida biodegradação, reconhecimento da prática pelos povos do campo e multifuncionalidade das plantas no ambiente, podendo ser utilizadas como medicinais, alimentícias, ornamentais, cobertura de solo, adubação verde, entre outras (MENEZES, 2005; LOVATTO, 2020)⁵.

Quanto à incorporação legal, os fitoprotetores botânicos estão amparados na legislação vigente, sendo “permitida a utilização de substâncias repelentes e inseticidas provenientes de plantas bioativas nos sistemas de produção orgânica, desde que seja descrita a composição e condições de uso e que existam estudos que comprovem a ausência de danos à saúde humana”⁶.

Como a utilização dos fitoprotetores botânicos é uma prática utilizada por agricultores tradicionais, é fundamental que seja trabalhada em nível de resgate de conhecimento a partir da valorização dos saberes acumulados pelas populações do campo,

⁵ Para mais informações sobre os benefícios e multifuncionalidade do fitoprotetores botânicos nos sistemas de produção agrícola familiar consulte a tese "As plantas bioativas como estratégia à transição agroecológica na agricultura familiar" em <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/2365>

⁶ BRASIL, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (Mapa). Instrução Normativa Mapa n.º 17 de 18/06/2014 (Federal), ANEXO VII.

sendo a pesquisa agroecológica nesta área, orientada para a utilização de espécies locais, de acordo com a sua disponibilidade natural e com os saberes territoriais.

As estratégias de valorização e resgate deste conhecimento, também são fundamentais para proteção das espécies vegetais, ameaçadas por práticas convencionais, como o uso expressivo e naturalizado de herbicidas, fato que coloca em risco não apenas as plantas e suas múltiplas funções, como também o conhecimento acumulado sobre elas e a autonomia das populações do campo diante da autogestão da produção agrícola e reprodução social das famílias agricultoras.

O uso dos fitoprotetores botânicos constitui, portanto, uma tecnologia que se consolida a partir do diálogo dos saberes científico e popular. Daí a importância de serem incorporados entre as práticas de ensino das escolas do campo, contribuindo para o resgate de conhecimentos, manutenção e disseminação junto às populações do campo. Tecnologia social que dialoga e dá suporte à base contra hegemônica da educação do campo⁷, uma vez que questiona o pacote convencional da agricultura industrial e aponta caminhos práticos e possíveis à autonomia, soberania e resiliência das famílias agricultoras a partir da revalorização dos conhecimentos locais e da natureza dos territórios.

De acordo com Lovatto (2020), em países como o Brasil, pela diversidade vegetal e pelo potencial biocultural que apresenta, práticas de ensino envolvendo o conhecimento tradicional e científico sobre a bioatividade vegetal e sua aplicação na saúde humana e ambiental devem ser estimuladas, de modo que contribuam para configuração de novas alternativas para a produção de alimentos, baseadas na

⁷ No debate contra-hegemônico é importante acrescentar que o enfoque agroecológico e a educação do campo têm a mesma base social e por isso são interdependentes. Ambas questionam, conforme Caldart (2008), o ruralismo, o tecnicismo e o paradigma da modernização. De acordo com Caporal; Petersen (2011), tanto a Agroecologia como a Educação do Campo nascem da busca por superação deste paradigma, tendo como vínculo a agricultura familiar camponesa como basilar para estilos mais sustentáveis de desenvolvimento rural.

preservação da cultura e da natureza e promotora delas, por meio de soluções locais, acessíveis e viáveis que levem em conta o caráter multifuncional, cultural e simbólico das plantas.

A participação das entrevistadas no programa Vozes do Campo, dialogou com esse caráter implícito dos fitoprotetores botânicos como prática de ensino às ciências naturais e agrárias na educação do campo, uma vez que os relatos de vivências oriundas do saber popular e científico das entrevistadas, demonstram a interface entre pesquisa, ensino e extensão em diálogo permanente com a diversidade botânica e o conhecimento popular do Território Zona Sul do RS.

Extratos de chinchilho para o manejo da lagarta curuquerê-da-couve

Me chamo Chaiane Borges Signorini, Eng. Agrônoma, com mestrado e doutorado em Agronomia pelo PPGSPAF/UFPel. Sou também agricultora, desenvolvo atividades no tambo de leite, além da produção de hortaliças e frutas para consumo dentro da Unidade de Produção Familiar, em Morro Redondo, RS.

Trabalhei com extrato botânico de chinchilho (*Tagetes minuta*, *Asteraceae*) no mestrado⁸, realizado entre 2013 a 2015, compreendendo experimentos de laboratório e campo. O inseto estudado foi a espécie *Ascia monuste orseis*, lagarta conhecida como curuquerê-da-couve. As borboletas brancas, que são a forma adulta da espécie, fazem a postura dos ovos nas folhas e ao eclodirem, as lagartas, de cor esverdeada, começam a se alimentarem em reboleiras na plantação, normalmente em anos com verões quentes e secos. Seu consumo foliar leva a danos intensos, causando por vezes, total desfolha das plantas atacadas.

O chinchilho foi coletado nos meses de abril, coincidindo

⁸ Acesse a dissertação de mestrado na íntegra em:
<http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/2978/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Chaiane%20Signorini.pdf>

com a floração da planta, momento de maior atividade fitoprotetora da espécie, para posterior secagem do material em estufa nos laboratórios da Estação Experimental Cascata da Embrapa Clima Temperado. Já as famílias agricultoras que não dispõem de estruturas semelhantes para secagem do material, podem fazer a coleta e secagem dentro de instalações como galpões ventilados.

Para condução dos experimentos as lagartas foram criadas em condições controladas permitindo a realização dos testes sobre consumo foliar avaliados a partir da aplicação dos extratos aquosos obtidos da infusão de flores e folhas de chinchilho em diferentes proporções. De forma geral, os extratos não causaram mortalidade às lagartas de forma direta, mas reduziram o consumo foliar, o que pode interferir de forma prática, na redução de infestação a longo prazo, permitindo a recuperação do cultivo da couve. Nos experimentos de campo foram feitas aplicações semanais dos mesmos extratos testados em laboratório. Neste caso, os extratos não reduziram a população de insetos indesejados ao cultivo da couve, mas apresentaram uma tendência ao aumento dos insetos benéficos, que auxiliam no controle biológico natural através da predação ou parasitismo.

O chinchilho como alternativa para o manejo de larva alfinete em cultivos agroecológicos de batata

Meu nome é Calisc de Oliveira Trecha, sou filha de agricultores familiares e venho compartilhar com vocês um pouco do meu trabalho de doutorado que finalizei em 2018 na Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel - UFPEL.

Seguramente, um dos principais desafios para o cultivo da batata é o ataque de insetos, e entre eles está a diabrotica ou brasileirinho (*Diabrotica speciosa*) que afeta a cultura em todas as fases do seu ciclo de vida, tanto larval quanto adulto, embora o ataque das larvas seja mais expressivo por consumirem

diretamente os tubérculos inviabilizando a comercialização. Neste sentido, meu trabalho de tese⁹ surgiu a partir da demanda das famílias produtoras de batata do Território Zona Sul, com certificação para produção orgânica. Essas famílias, ao migrarem do sistema convencional para o sistema agroecológico passaram a ter dificuldades em encontrar no mercado local, produtos compatíveis com o sistema de cultivo orgânico para o manejo de insetos nas áreas de produção de batata.

Seguindo a premissa de que as práticas agroecológicas de manejo são baseadas no resgate de saberes e práticas tradicionais, ligadas às condições ecológicas, econômicas e culturais de cada local, e de cada população (LUFT, 2002), o projeto de doutorado amparou-se em dados preliminares da pesquisa etnobotânica realizada por Lovatto (2012), com famílias agricultoras do Território Zona Sul que apontou a utilização da espécie *T. minuta* (Asteraceae) popularmente conhecida como chinchilho ou "stinkkruid" (denominada pelas famílias pomeranas da região), como estratégia de manejo ao cultivo da batata. Foram relatados os usos do chinchilho a partir da inserção de partes da planta em sulcos de plantio juntamente com os tubérculos de batata para melhor qualidade e produtividade do cultivo.

A partir dos relatos de uso empírico aliados aos dados de inúmeras pesquisas realizadas com óleos essenciais, extratos e consórcio de chinchilho dando indícios da atividade da planta sobre fungos, bactérias e insetos (IRERI *et al.*, 2010; LOVATTO *et al.*, 2012; GIACOMINI, *et al.*, 2013; SIGNORINI *et al.*, 2013), foram então, planejados e realizados os experimentos que culminaram na minha tese de doutorado que teve dentre os seus objetivos observar a ação de partes do chinchilho em sulcos de plantio da batata para o manejo da larva alfinete (larvas de *D. speciosa*).

Os experimentos ocorreram em dois períodos: agosto de

⁹ Consulte a tese em:

http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/4153/1/Tese_Trecha%2C%202018%20%281%29.pdf

2015 com o plantio dos tubérculos na área experimental da Embrapa Estação Cascata, Pelotas, RS¹⁰ em setembro de 2016 na Unidade de Produção Familiar da Família Scheer, localizada em Morro Redondo, RS, com certificação orgânica para o cultivo de batata e outras hortaliças.

Os tubérculos foram plantados em parcelas de acordo com os tratamentos culturais recomendados para o cultivo orgânico (BRASIL, 2014), sendo envolvidos por partes de chinchilho simulando um ninho. O experimento foi composto por três tratamentos: testemunha; planta inteira seca e flor seca de chinchilho.

O chinchilho tem maior concentração de compostos secundários, no período de outono quando a planta se encontra em plena floração. Portanto, não coincidindo com o período de plantio da batata na primavera, por isso não foi utilizado o tratamento de planta fresca (quando a planta não passa pelo processo de secagem, é utilizada logo após a colheita).

A partir dos experimentos realizados, constatou-se um menor índice de ataque aos tubérculos e uma maior circunferência dos tubérculos quando produzidos na presença da planta inteira seca e flor seca. Estes resultados se confirmaram em ambos os períodos avaliados. A flor seca, porém, manifestou efeito alelopático (inibidor do desenvolvimento), reduzindo as plantas no cultivo.

Pensando em viabilidade, a utilização da planta inteira seca acaba sendo a forma mais viável de ser utilizada para o manejo da larva alfinete, já que não implica na separação das flores das demais estruturas da planta, apresentando efeito desejado no manejo do inseto, sem efeito alelopático.

O presente estudo possibilitou o resgate do saber local e deu indícios à pesquisa do potencial do chinchilho para o manejo

¹⁰ Conheça mais sobre a Estação Experimental Cascata - história da estação, pesquisa agroecológica e resistência no Território Zona Sul do RS, acesse <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/140413/1/Estacao-Cascata-75-anos-2013-LR.pdf>

da larva alfinete nos cultivos de batata, servindo de referência para novos experimentos que permitam aprimorar a utilização da planta, visando o manejo agroecológico dos cultivos de batata na região, em diálogo com o conhecimento tradicionalmente acumulado sobre a planta.

Os fitoprotetores botânicos na educação do campo e no cotidiano familiar

Desde a infância nossos pais nos influenciaram a produzir nossos próprios alimentos, a fim de não precisarmos optar pela alimentação proveniente da agricultura convencional contaminada pelos numerosos poluentes químicos. A partir desses ensinamentos, e por sermos filhas de agricultores familiares, nossa conexão com a natureza sempre foi bastante significativa, algo que se fortaleceu com o nosso ingresso na Escola Família Agrícola da Região Sul - EFASUL¹¹, possibilitando a nossa qualificação e a ampliação dos aprendizados sobre alternativas ecológicas para a agricultura. Como representantes da juventude do campo e da Agroecologia participamos do programa vozes do campo para contar nossa experiência com os fitoprotetores botânicos.

Eu, Lavínia Holtz, 20 anos, relatei minha experiência com o uso de plantas atrativas e repelentes na estufa de hortaliças. Meu primeiro contato com os fitoprotetores botânicos foi em oficinas sobre manejo e controle de insetos indesejados na EFASUL (Fig. 1).

Esta prática me despertou interesse por ser uma alternativa ecológica, de baixo custo para as famílias agricultoras e segura, garantindo segurança alimentar com independência dos insumos externos e possibilidade de defesa dos ecossistemas. Pelo fato de já ter tido experiências passadas

¹¹ Conheça mais sobre a EFASUL na reportagem do Terra Sul em: https://www.youtube.com/watch?v=J_1Ts5nEcJ4

de perdas na produção por não utilizar técnicas convencionais e devido ao cuidado em produzir alimentos sem uso de agrotóxicos, me interessei pela prática e passei a utilizá-la em minha propriedade.

Minha atual experiência é com hortaliças em estufa, onde opto pela prevenção da ocorrência de insetos e doenças, com a inserção de plantas repelentes (Fig.1).

Figura 1 – Estufa de hortaliças consorciadas com cravo-de-defunto (*T. erecta*) em Unidade de Produção Familiar pela jovem agricultora, Lavínia Holtz, Nova Gonçalves, 2º Distrito de Canguçu, RS:



Fonte: Lavínia Holtz, 2021.

Uma das plantas utilizadas é o chinchilho (*T. minuta*) usado para repelir pulgões, lagartas e cochonilhas. Também venho utilizando a planta como atrativa de insetos benéficos que controlam aqueles que se alimentam das plantas. Outra planta utilizada é o cravo-de-defunto (*T. erecta*) que por sua coloração marcante e compostos químicos possui importância para manutenção dos inimigos naturais na estufa ao mesmo tempo em

que repele insetos e nematoides de solo. O uso de fitoprotetores botânicos vem há três anos se mostrando muito positivo na minha estufa, pela garantia de quantidade e qualidade de alimentos, possibilitando o uso de plantas que já estavam disponíveis na propriedade.

Eu, Carine Bunde, 20 anos, contei sobre a minha experiência com os fitoprotetores a partir das aulas do curso técnico onde compreendi a sua importância e aplicabilidade para substituir os agrotóxicos. Partilhei com os ouvintes do programa, a receita de um fitoprotetor que utilizo com frequência: o alhol¹², que auxilia no manejo de organismos indesejados e na prevenção de doenças em hortaliças.

Outro fitoprotetor citado foram as flores do cravo-de-defunto (*T. erecta*) que além de auxiliarem na prevenção de organismos indesejados quando mantidos em consórcio na horta, também são ornamentais e atrativos para inimigos naturais. A planta age repelindo formigas e nematoides ao mesmo tempo em que atraem vespas e mosquinhas que possuem papel fundamental no controle biológico natural.

A partir da nossa participação, ressaltamos a importância do uso de fitoprotetores botânicos por serem aliados da produção sem veneno, garantindo soberania e segurança alimentar a quem

¹² Receita do alhol (CLARO, 2001): O alhol, fitoprotetor desenvolvido pelo eng. agrônomo Soel Antônio Claro em parceria com agricultores familiares da região centro-serra do RS é elaborado com água, alho (*Allium sativum*), óleo vegetal e sabão neutro. Pode ser armazenado por seis meses a um ano em local arejado e protegido da luz. É indicado para auxiliar no manejo de organismos indesejados em frutíferas e hortaliças. Estudos apontam a sua eficiência para o manejo de nematoides, lagarta da maçã, pulgões, cochonilhas, besouro da batata, trips, fusarioses, murchadeira, podridão negra do repolho e couve flor. Também pode ser utilizado no controle das moscas do chifre em bovinos. *Ingredientes, elaboração e utilização*: 1 kg de dente de alho; 200 g de sabão neutro; 100 ml óleo vegetal; 5 l de água; Triturar os dentes de alho com no máximo 2 l de água; Deixar em repouso por três dias; Acrescentar o óleo misturando com a massa de alho, deixar em repouso por três dias; Dissolver o sabão em 3 l de água fervente; Após resfriar misturar com o preparado de alho; Esperar um dia e fazer a coagem; Armazenar em garrafas plásticas identificadas; Deve ser pulverizado sobre os cultivos ou utilizado no tratamento de sementes. Concentração utilizada 2 a 3% (200 a 300 ml do alhol diluídos em 10 l de água).

produz e a quem consome os alimentos. Além disso, os fitoprotetores são uma alternativa viável às famílias agricultoras principalmente por serem plantas e práticas que já eram conhecidas e utilizadas pelos nossos avós.

Considerações reflexivas

Certamente o uso dos fitoprotetores botânicos constitui mais uma, dentre tantas outras ferramentas que a Agroecologia aliada à Educação do Campo podem fomentar para libertar as famílias agricultoras dos pacotes impostos pela agricultura industrial. Para além das plantas citadas pelas entrevistadas, várias outras espécies possuem potencial já evidenciado pela experiência empírica e pela ciência¹³.

A indicação de espécies dependerá da sazonalidade, das diferentes regiões e do conhecimento prévio sobre o uso das plantas. Na primavera, momento em que foi veiculado o programa, plantas com conhecida ação fitoprotetora estão disponíveis sob forma espontânea ou cultivada no Território Zona Sul. Em meio à diversidade fitoprotetora do bioma pampa, podemos citar entre tantas outras, as urtigas (*Urtica urens*; *U. dioica*, *Urticaceae*), samambaia (*Pteridium aquilinum*, *Dennstaedtiaceae*)¹⁴ o coentro (*Coriandrum sativum*, *Apiaceae*)¹⁵, o cinamomo (*Melia azedarach*, *Meliaceae*)¹⁶, que podem ser utilizadas tanto processadas como mantidas nos sistemas de produção, contribuindo com a sanidade dos cultivos.

¹³ Confira o vídeo com formas de uso e preparo de algumas plantas produzido para oficina "Uso prático dos fitoprotetores botânicos", disponível em: <https://www.facebook.com/bio.lovatto/videos/3298510650270382>

¹⁴ Para saber mais sobre a bioatividade da urtiga e da samambaia acesse o artigo disponível em: http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/58087/Documento_completo.pdf-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y

¹⁵ Para saber mais sobre a bioatividade do coentro e seu potencial no manejo dos cultivos acesse: <https://www.scielo.br/j/aib/a/t98Q6fnFj57Ltb6S3R5pdyM/?format=pdf&lang=pt>

¹⁶ Para saber mais sobre a bioatividade do cinamomo acesse o artigo disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/10510>

Sabendo que é impossível esgotar um tema tão amplo, finalizamos ressaltando que o conhecimento sobre o uso e aplicação dos fitoprotetores botânicos não é só válido, como urgente de ser resgatado e estimulado nas escolas do campo, enquanto tecnologia promissora para a produção de alimentos sem o uso de agrotóxicos, estimulando o retorno e a permanência dos jovens do/no campo, com qualidade de vida e bem viver.

Os fitoprotetores botânicos ressurgem a partir da valorização e ressignificação da união entre o conhecimento popular e científico e fortalecem, a partir dos resultados promissores da sua utilização, as estratégias de luta e resistência contra o modelo da agricultura industrial, capitalista e predatória¹⁷ que não cansa de minar as bases que sustentam a produção de alimentos soberanos e a reprodução social e cultural dos povos do campo.

Referências

BRASIL, Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Instrução Normativa Mapa n.º 17 de 18/06/2014** (Federal), Disponível em:

<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/sustentabilidade/organicos/legislacao/portugues/instrucao-normativa-no-17-de-18-de-junho-de-2014.pdf/viewa>. Acesso em: 20 dez. 2019.

CALDART, R.S. Sobre educação do campo. *In*: Santos, C.A. (org.). **Por uma Educação do Campo**. Brasília: Incra/MDA, 2008.

CAPORAL, F.R.; PETERSEN, P. Agroecologia e políticas públicas na América Latina: o caso do Brasil. **Agroecología**, v. 6, p. 63-74, 2011.

CLARO, S. A. **Referenciais tecnológicos para a agricultura**

¹⁷ Para saber mais sobre a agricultura industrial assista ao documentário: AGRO-negócio. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=PIQA2i2VYfA&feature=emb_logo e AGRO - agricultura convencional, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=NEaOX7QFQU>

familiar ecológica: a experiência da região centro-serra do RS. Porto Alegre: Emater, 2001.

GIACOMINI, G. et al. Atividade fitotóxica de extratos aquosos e óleos essenciais sobre *Colletotrichum gloeosporioides*. **Cadernos de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, 2013.

IRERI, L. N. et al. The potential of the extracts of *Tagetes minuta* (Asteraceae), *Acalypha fruticosa* (Euphorbiaceae) and *Tarhonanthus camphoratus* L. (Compositae) against *Phlebotomus duboscqi* (Diptera: Psychodidae), the vector for *Leishmania major*. **Journal of Vector Borne Diseases**, v. 47, n. 3, 2010, p. 168-174.

LOVATTO, P. B. **Fitoprotetores Botânicos:** união de saberes e tecnologia para a transição agroecológica. Curitiba: Appris, 2020, 282p.

LOVATTO, P. B. **As plantas bioativas como estratégia à transição agroecológica na agricultura familiar.** (Tese de Doutorado). Pelotas, RS: UFPel, 2012. 392p.

LUFF, F. **Agroecologia e saber ambiental.** Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. v. 3, n. 1, 2002.

MENEZES, E. L. A. Inseticidas botânicos: seus princípios ativos, modo de ação e uso agrícola. *In: Embrapa*. Documentos 205. Rio de Janeiro: Seropédica, 2005.

SIGNORINI, C. B *et al.* Atividade do óleo essencial e extrato aquoso de *Tagetes minuta* (Asteraceae) sobre o consumo alimentar de *Diabrotica speciosa* (Coleoptera: Chrysomelidae) em batata, sob condições de laboratório. **Cadernos de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 8, n. 2, 2013.

UNIVERSIDADE, EDUCAÇÃO POPULAR E A EXTENSÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ronaldo Augusto Gomes da Silva^{*}
Graziela Rinaldi da Rosa^{**}
Luana Bunde^{***}
Lívia Accioly Menezes da Silva^{****}

Introdução

O projeto de extensão “Fazendo o bem. Não importa a quem”, da Universidade Federal do Rio Grande, iniciou antes do

* Nascido em 06 de abril de 1965 em Belo Horizonte-MG, Poeta e fotógrafo amador nas horas vagas, graduando na Furg no curso de Agroecologia, campus de São Lourenço do Sul. Integrante do Projeto Fazendo o Bem não Importa a Quem, como costureiro. E-mail: ronaldobrazilster@gmail.com.

** Professora de Filosofia do Instituto de Educação/IE, da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, campus São Lourenço do Sul. Idealizadora e Coordenadora do projeto “Fazendo o Bem. Não importa a quem.” Mestre e Doutora em Educação/Unisinos. PHD em educação. Tem atuado com práticas educativas escolares e comunitárias a mais de 20 anos. Pesquisadora e Militante feminista. Integrante da Articulação em Defesa da Educação do Campo-EDOC. Integrante da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. Integrante do GT Gênero e Filosofia-ANPOF. Colaboradora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola-GESE/FURG. Coord. da Linha de Pesquisa "Relações de gênero e feminismos na educação" GESE/FURG. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Descoloniais (UNISC-RS). E-mail: grazirinaldi@gmail.com.

*** Graduada no curso de Licenciatura em Educação do Campo - ênfase em ciências da natureza e ciências agrárias, atua no Projeto “Fazendo o Bem. Não Importa a Quem” desde que se iniciaram as atividades. E-mail: bundeluana@gmail.com.

**** Professora da Faculdade Senac - RS. Graduada em Design de Moda. Especialista em Ergonomia pela UFRGS. Especialista em indústria 4.0 Senai CETIQT. Mestre em Design Estratégico - Unisinos. Responsável pela parte de costura do projeto de extensão “Fazendo o Bem. Não importa a Quem” /FURG. Idealizadora da ação “Troque 1kg de alimento por uma máscara”. Idealizadora da Escola de Molde e Costura- Santo Molde. E-mail: liviamenezes1@hotmail.com.

primeiro caso confirmado da COVID-19 no município de São Lourenço do Sul, com a procura de costureiras que tivessem interesse em atuar de forma voluntária na confecção de máscaras de tecido para a proteção contra a COVID-19, com isso formou-se a parceria com a escola de costura e modelagem Santo Molde.

Com o apoio da Universidade Federal do Rio Grande/FURG, o projeto contou inicialmente com três costureiras e dois costureiros remunerados/as, de 20 horas semanais, que atuaram durante três meses. Além de auxiliar financeiramente na compra dos materiais como: tecidos, elásticos e linhas, usados para a confecção das máscaras, a FURG oferece junto às máscaras um manual de recomendação sobre o uso das mesmas, via impressão de 5 mil folhetos pela editora da FURG, além de criação e impressão de cartazes de divulgação. A Universidade doou também álcool gel para higienização durante os processos de confecção, embalagem e distribuição das máscaras pela equipe.

O presente projeto envolveu o ensino, a pesquisa e extensão, pois durante o tempo de ensino remoto, estudantes, professores/as e a comunidade puderam se envolver em uma ação que dialoga com a perspectiva da educação popular, visando desenvolver uma ação de enfrentamento a COVID-19. Além disso, foram realizados estudos de pesquisa sobre a COVID-19 (nas suas diferentes fases), e levado esclarecimentos e informação para diferentes comunidades, inclusive comunidades de povos tradicionais, no momento da distribuição de alimentos e máscaras.

[...]The Economist mostrava no início deste ano [2020] que as epidemias tendem a ser menos letais em países democráticos devido à livre circulação de informação. Mas como as democracias estão cada vez mais vulneráveis às fake news, teremos de imaginar soluções democráticas assentes na democracia participativa ao nível dos bairros e das comunidades e na educação cívica

orientada para a solidariedade e cooperação, e não para o empreendedorismo e competitividade a todo o custo (SANTOS, 2020, p. 07 - 08).

O projeto desenvolveu ações de integração entre diferentes áreas do conhecimento, pois se trata de um projeto cunhado de forma multidisciplinar, que buscou apresentar para a comunidade a grave situação de saúde que o país vive, apontando soluções para reduzir os impactos que a COVID-19 gerou na região Sul do RS, abrangendo comunidades do campo e das cidades. Nesse sentido foram distribuídos alimentos, e máscaras, e durante os encontros foi possível falar de saúde mental, cuidados pessoais e comunitários, conscientização, solidariedade, e outros temas, conforme demanda local.

O projeto "Fazendo o bem. Não importa a quem" foi o único projeto que atendeu a comunidade, distribuindo máscaras e alimentos para a comunidade Lourenciana, durante todo o período da pandemia, sem interrupções, causando um relevante impacto para as comunidades, especialmente para as mais carentes, que sofrem com o desemprego e com a falta de máscaras de qualidade para usar contra a COVID-19. Além disso, o projeto atingiu diferentes públicos. Foram confeccionadas máscaras infantis (3-6 anos), infante juvenil (7-12 anos) e para adultos.

O projeto teve um importante impacto para a formação de acadêmicos do campus de São Lourenço do Sul, que tiveram a oportunidade de atuar costurando máscaras, lendo e produzindo materiais de divulgação, socioeducativos sobre a COVID-19, além de entregarem alimentos e máscaras para a comunidade, exercendo seu senso crítico e compromisso social.

O objetivo inicial do projeto "Fazendo o bem. Não importa a quem" era confeccionar máscaras de tecidos e distribuir a população lourenciana e região e a partir disso, foram traçados novos objetivos para desenvolver ações urgentes, devido a pandemia da COVID-19, com o intuito de amenizar os

impactos sociais e no sistema de saúde, envolver a comunidade Lourenciana numa rede solidária, divulgar o trabalho da Universidade Federal do Rio Grande em prol da sociedade, fortalecer as atividades de extensão desenvolvidas no campus de São Lourenço do Sul e contribuir para uma formação crítica, comprometida com as demandas sociais, onde estudantes sejam capazes de usar a criatividade, seu protagonismo e liderança para encontrar soluções de problemas.

Para alcançar tais objetivos foram desenvolvidas as seguintes ações: a distribuição de máscaras gratuitas em diferentes municípios do Sul do RS, no campo e na cidade, como Turuçu, Canguçu, São Lourenço do Sul, Pelotas-Laranjal e Rio Grande, além de trocas de máscaras por alimento para motivar a solidariedade, houve a distribuição dos alimentos arrecadados para as famílias vulneráveis.

Durante a pandemia, muitas famílias perderam algum tipo de recurso, devido ao isolamento social e/ou desemprego. Assim, estudantes passaram a levar informações para as comunidades, sobre os riscos e medidas de prevenção e socializar as atividades do projeto em eventos acadêmicos e redes sociais, buscando contribuir na prevenção, combate e mitigação dos efeitos da pandemia da COVID-19.

Assim, foi possível exercer a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão através de ações socioeducativas relacionadas à pandemia, estabelecendo um fecundo diálogo com a população, do campo e da cidade de São Lourenço do Sul/RS e contribuir na formação acadêmica de estudantes com sensibilização às desigualdades sociais.

Inspirado nos princípios de Metodologias Participativas e da Educação Popular, desta forma dialogamos com autores como: Brose (2010); Freire (1978; 1997); Streck; Esteban (2013), que compreendem como indispensável a participação de forma efetiva dos(as) envolvidos(as) em todos os processos socioeducativos, e que visam melhorar a qualidade de vida das pessoas para que tenham condições humanamente dignas.

Compromisso com a vida na luta contra a COVID-19

O projeto teve por foco durante todo o período da pandemia (2021-2022), a distribuição gratuita de máscaras para a população lourenciana, tendo em vista que a pandemia decorrente da COVID-19, afeta de forma distinta territórios e grupos sociais. Segundo Santos (2020, p. 15) “Qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais do que para outros [...]”. Desta forma, a presente ação criada para auxiliar a reduzir os impactos da COVID-19, intitulada "troque 1kg de alimento, por uma máscara¹", teve um relevante impacto social, pois no município de São Lourenço do Sul os índices de desemprego e fome aumentaram com a pandemia, e as pessoas passaram a pedir ajuda, até mesmo nas redes sociais, e assim o projeto atingiu muitas famílias do campo e da cidade, levando um kit de alimento para auxiliar, e máscaras para prevenção a COVID-19, totalizando mais de 20 toneladas de alimentos distribuídos, e mais de 20 mil máscaras.

Envolvemos a comunidade lourenciana de forma ativa no projeto, onde a partir do ato de trocar uma máscara por um alimento, procuramos sensibilizá-las com o fato de que aqueles alimentos seriam destinados a famílias vulneráveis da comunidade, a luz de um processo socioeducativo que visa a ação coletiva frente às demandas sociais agravadas pela pandemia.

A divulgação do projeto para a comunidade lourenciana foi realizada por meio de vídeos e imagens divulgados nas redes sociais, cartazes foram colocados em locais públicos e nos postos de troca e matérias nos meios informativos locais (rádio e jornal), dentre eles no Programa de Rádio Vozes do Campo² no qual socializamos as ações do projeto e dialogamos sobre

¹ Confira o vídeo de divulgação da campanha “Troque 1 kg de alimento, por uma máscara”: https://youtu.be/jfFccTE1_yM

² Disponível em: <https://educacaodocampo.furg.br/vozes-do-campo>

Pandemia, Extensão e Educação³. Distribuímos um folheto explicativo dentro de cada embalagem das máscaras, e realizamos campanhas para mobilizar doadores/as de materiais e voluntários/as e desta forma, ampliar a produção e distribuição de máscaras de tecidos para doar à população. Também, em parceria com a escola de costura Santo Molde, confeccionamos jalecos e uniformes para o hospital Santa Casa de São Lourenço do Sul⁴.

Mantemos a distância recomendada pelos órgãos de saúde, e evitamos realizar aglomerações, por isso estabelecemos parceria com algumas diretoras de escolas do campo e da cidade, que também têm entregado alimentos para as comunidades, e na medida que falta alimentos, têm procurado a equipe do projeto para atingirmos o maior número de famílias necessitadas. Mapeamos os bairros e comunidades do campo, e com ajuda de líderes comunitárias fazemos a entrega dos kits de alimentos e das máscaras.

Desta forma, alcançamos as seguintes localidades do campo: Harmonia I e II, Bom Jesus I e II, Boa Vista, Boqueirão, Cantagalo, Coxilha Negra, Quevedos, São João da Reserva, Gusmão, Picada Sabão; os Quilombos: Coxilha Negra, Rincão das Almas, Torrão e Monjolo; os bairros: Barrinha, Sete de Setembro, Camponesa, Nova Esperança; as instituições: Escola Germano Hubner, Escola Francisco Frömming, Escola São João da Reserva, Escola Machado de Assis, Escola Isolina Passos Lar Santo Antônio, Delegacia de Polícia de São Lourenço do Sul, Associação Espírita Chico Xavier, Casa de Estudantes da Furg. Nestes locais foram distribuídas mais de 20 mil máscaras e mais de 20 toneladas de alimentos.

³ O programa foi ao ar dia 13 de dezembro de 2021 e teve a participação de Graziela Rinaldi (coordenadora do projeto), Ronaldo Augusto Gomes da Silva (costureiro), Luana Bunde (voluntária) e Andréia Pinheiro (agente municipal de saúde). Ouça o programa completo: <https://educacaodocampo.furg.br/images/mp3/2021-12-13-programa42.mp3>.

⁴ Disponível em: <https://www.furg.br/noticias/noticias-sls/projeto-de-extensao-ja-confeccionou-cerca-de-15-mil-mascaras-durante-a-pandemia>

Realidade local e impactos da pandemia

O Brasil está na faixa dos países com alto índice de desigualdade social, o que se evidencia em tempos de pandemia, da mesma forma a desigualdade pode ser percebida no âmbito local, como em São Lourenço do Sul-RS, cidade de abrangência do projeto, é perceptível o descaso com determinados bairros/vilas e comunidades tradicionais do campo, logo, os impactos da COVID-19 tendem a ser diferentes devido a realidade de cada comunidade, pois muitos sofrem para conseguir alimentar suas famílias.

O município de São Lourenço do Sul possui uma grande parcela da população que vive no campo e que sofreu com a seca do ano corrente, desta forma, já vinha passando dificuldades, antes mesmo da pandemia, sendo assim, o projeto atendeu também as comunidades do campo, abrangendo os povos tradicionais locais, como por exemplo, moradores/as dos cinco quilombos de São Lourenço do Sul.

Segundo Boaventura de Souza Santos (2020, p. 06) “a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita. Daí a sua específica periculosidade.” Além dos problemas decorrentes do aquecimento global que afetam as populações do campo com a falta de precipitações, o que prejudica a subsistência a partir do trabalho agrícola, a sociedade tem lutado para sobreviver frente ao desemprego, a fome, a precarização dos serviços públicos de saúde, a falta de saneamento básico, dentre outras tantas dificuldades, e a chegada da pandemia intensificou essa realidade.

Para essas famílias e comunidades onde temos a percepção dos diferentes impactos da pandemia, decorrentes dos marcadores sociais como faixa etárias, etnia, gênero, orientação sexual, situação econômica, geográfica o distanciamento social não é uma opção, sendo assim, se identifica as precárias possibilidades de proteção contra a COVID-19 e o uso de máscaras de tecido, se torna a principal forma de proteção. As

ações desenvolvidas pelo projeto possuem caráter socioeducativo e é uma ação comunitária, onde as práticas visam atender as demandas urgentes decorrentes da pandemia da COVID-19 que acentuou a fome e a pobreza mundial, dentre outros problemas sociais, envolvendo povos do campo e moradores/as da cidade.

Considerações finais: para seguirmos esperançosos(as) na luta!

O projeto “Fazendo o bem. Não importa a quem” surge como um atenuante dos impactos sociais causados pela pandemia da COVID-19 em São Lourenço do Sul. O Brasil apresenta uma sociedade estratificada em que considerável parcela da população está abaixo da linha da pobreza e é invisibilizada, e não é alcançada por políticas públicas do governo ou amparada por algum subsídio social de alguma organização não governamental de fins filantrópicos que lhes garanta ao menos duas refeições básicas por dia. Fracos, desnutridos, faltando-lhes força para lutar pela vida, muitas vezes se refugiando nas drogas e no álcool ou captados pelo crime.

Ainda que haja algumas iniciativas dentro dos serviços sociais de amparar essa parcela tão sofrida da sociedade, são tímidas as iniciativas, quase sempre no âmbito de instituições ligadas a igrejas, videm a distribuição de agasalhos, sopão à noite nos locais onde se encontram. Onde o governo falta, a família se desestrutura, a sociedade marginaliza, a polícia persegue, alguém ou alguma instituição estende de alguma forma a mão. Empatia, uma palavra muito em voga atualmente para expressar que alguém não está indiferente à dor do outro.

A Pandemia da COVID-19 despertou a humanidade de um sono profundo, alguns estavam sonhando com cifras, índices da bolsa de valores, mercados favoráveis... outros(as), compras no shopping, viagens de férias, a balada de sábado, o aumento salarial na empresa, trocar de carro, comprar isso, aquilo, aquilo

outro... Uns e ainda outros, “o que vou comer amanhã” ... “De repente não mais que de repente, do riso se fez o pranto” ... (Vinícius & C. Jobim) Um vírus letal ceifou a vida de milhões de seres humanos e sem nenhum preconceito de cor, raça, classe social foi ganhando o mundo e assustando a todos, se replicando na mesma velocidade que incrédulos assistimos aos noticiários, e mais incrédulos ainda ao ouvirmos do chefe da nação que se tratava de uma “gripezinha”.

Embora pouca não fosse a catarse mundial e a morte de milhares de vidas humanas surge em meio ao caos “os negacionistas”, com suas teses fantásticas de um vírus hipoteticamente criado em laboratório, um complô político para enfraquecer governos... No Brasil, o mito na contramão da organização mundial da saúde apregoando a cura por Ivermectina, Cloroquina... Medicamentos comprovadamente ineficazes, segundo a ciência, na cura da COVID-19. Seguidos os protocolos de prevenção, como distanciamento social, uso de máscaras, uso de álcool gel foi possível mitigar os efeitos letais do vírus, evitando-se o contágio e diminuindo a replicação do vírus de indivíduo a indivíduo. Veio a vacina e mais uma vez os negacionistas de plantão refutaram sua eficiência. Entretanto, os números falam por si. Houve uma drástica queda no número de mortes pela COVID-19, hospitais que antes com superlotações e até mesmo falta de vaga em UTIs, puderam respirar um pouco mais aliviados.

Do outro lado da frente, o vírus se modificou, aumentando seu poder de contágio, mas foi enfraquecido pela vacina que ativou o sistema imunológico dos vacinados, com 2 doses primárias e sucessivamente 1 ou 2 de reforço segundo o laboratório de origem da mesma. Se combater o vírus exigiu de toda sociedade participação e adesão aos protocolos de segurança e dos cientistas, muita pesquisa e trabalho, combater as “Fake News” e a Agência Nacional de Desinformação foi e tem sido uma luta árdua. Mas, como os resultados não mentem, a anti informação sempre resvala para o ralo das idiotices.

Agora, os centros de saúde de todo mundo seguem imunizando as crianças e alguns retardatários. Sem esquecer que a letargia de alguns governos que ainda não conseguiram cobrir toda população. Pensando de forma globalizada, o seleto grupo de países ricos já cumpriram suas metas de imunização e naqueles países pobres e à mercê de governos que tratam seu povo como gado e fez da vacinação um palanque político, suas demandas são bem mais políticas do que voltadas para o bem-estar geral da população, ou seja, saúde!

Para muito além do pragmatismo político brasileiro que parece negligenciar o que de fato importa para aquele cidadão comum que precisa trabalhar e gerir o sustento de sua família, educar seus filhos e filhas, se alimentar, vestir, se divertir, ter acesso ao serviço público de saúde, transporte público adequado e o principal, moradia ou ao menos condições de pagar um aluguel. E este nosso cidadão que exerce sua cidadania é um pagador de impostos onde cada produto que adquire com o suor do seu trabalho já vem embutido um imposto. Água, luz, telefone, taxa do lixo, taxa de esgoto, aluguel... Impostos pagos pelos cidadãos deveriam ser revertidos em: saúde, educação, moradia..., mas, se de repente tiram do cidadão o mínimo pra ele viver... se perde o emprego... se é despejado da moradia... não lhe resta nem se quer a dignidade humana. De quem é a culpa? Não se trata em apontar o culpado, mas, da questão social ter peso e relevância nas decisões governamentais, com políticas públicas que primam pelo social. Não é “Bolsa” isso, “auxílio” aquilo, mas melhorar a estrutura social do país gerando emprego e construindo moradias dignas para essas famílias de maior vulnerabilidade social. Resgatando assim a dignidade desse tão sofrido cidadão brasileiro, eleitor de fé que crê nas promessas de um Brasil melhor no próximo mandato.

Longa essa jornada e estreita a pinguela que atravessa esse córrego de promessas políticas, do outro lado o casebre da realidade que abriga precariamente uma família de necessitados, vez ou outra, em tempos de eleição um político de sorriso largo

carrega uma cesta básica e promessas. O fim desta história todos conhecemos, nunca mais será visto e suas promessas ele deixou cair no córrego.

Finalmente, chegamos no paradigma social de como alguns segmentos da sociedade sofrem este impacto social causado pela pandemia da COVID-19, mais intensamente. Protocolos como “Mantenha o distanciamento social”, “Fique em Casa”, Trabalhe em “Home office” chega a ser hilário ao se pensar em um trabalhador que precisa utilizar transporte público todos os dias para se deslocar para o trabalho, e por vezes, sendo um/a prestador/a de serviços autônomo/a que atende em residências (Jardineiro/a, Pintor/a, eletricista, bombeiro/a hidráulico/a etc.) ou é vendedor ambulante em um centro comercial... Dispensado seus serviços em razão da pandemia, sem trabalho e sem poder por alimento dentro de casa.

Então, de projetos como este, “Fazendo o bem. Não importa a quem”, traz um resgate desta dignidade humana. Longe de ser a solução dos problemas de alguém que está em estado de vulnerabilidade social, mas é atenuado um pouco do sofrimento. Estes pequenos e ao mesmo tempo imensuráveis gestos de empatia com o sofrimento do outro, resgata nossa condição humana e alimenta a esperança em dias melhores. A fome talvez seja o mais algoz das carências que um corpo pode experimentar, mas um gesto de solidariedade, de amor, de carinho, este alimenta a alma. E a estes que a sociedade crê serem necessitados e famintos são na verdade aqueles que devem despertar nosso olhar para o que mais houver de humano em nós que é a caridade. Um exercício divino do amor.

“Sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura”

Fernando Pessoa

Referências

BROSE, Markus. **Metodologia participativa**: Uma introdução a 29 instrumentos. Tomo Editorial, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra: 1978.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

STRECK, Danilo R. ESTEBAN, Maria Teresa (org.). **Educação popular**: lugar de construção social e coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.



Diversidade, gênero e
movimentos sociais

ALTERNÂNCIA, FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES E COMUNITÁRIAS

Luana Bunde*
Graziela Rinaldi da Rosa**

Introdução

O presente artigo apresenta dados referentes aos resultados da pesquisa de conclusão de curso intitulada **Práticas Educativas, Escolares e Comunitárias e a Alternância na Educação do Campo: Vivências, Aprendizados e Formação Docente**, do curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ênfase em Ciências da Natureza e Ciências Agrárias da Universidade Federal do Rio Grande. Tem como autora Luana Bunde e orientadora a Profa. Dra. Graziela Rinaldi da Rosa.

A pesquisa e a dinâmica das disciplinas de práticas educativas escolares e comunitárias foi apresentada no programa Vozes do Campo¹ em 29 de junho de 2021. Teve como objetivo

* Graduada no curso de Licenciatura em Educação do Campo - ênfase em ciências da natureza e ciências agrárias pela FURG. Pomerana, Agricultora Familiar. E-mail: bundeluana@gmail.com.

** Professora de Filosofia e Educação Popular do Instituto de Educação-IE/FURG; Especialista em Metodologia do Ensino. Mestre, Doutora e Ph.D. em Educação. Tem atuado com práticas educativas escolares e comunitárias a mais de 20 anos. Militante feminista. Integrante da Articulação em Defesa da Educação do Campo-AEDOC. Integrante da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. Integrante do GT Gênero e Filosofia-ANPOF. Colaboradora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola-GESE/FURG. Coord. da Linha de Pesquisa "Relações de gênero e feminismos na educação" GESE/FURG. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Descoloniais (UNISC-RS). Integrante do Projeto de extensão Vozes do Campo/FURG. E-mail: grazirinaldi@gmail.com.

¹ Ouça o programa: <https://educacaodocampo.furg.br/images/mp3/2021-06-28-programa18.mp3>.

compreender a relevância da Pedagogia da Alternância e identificar as Práticas Educativas, Escolares e Comunitárias desenvolvidas no curso de Licenciatura em Educação do Campo – FURG, refletindo sobre sua relevância para a comunidade e na formação docente.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida nos pressupostos metodológicos da Educação Popular a partir das seguintes autoras(es) Streck (2016); Paulo e Brandão (2018); Lüdke e André (1986). Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (discurso do sujeito) com discentes, licenciadas e licenciados da LEdoC – FURG, o que possibilitou transparecer as opiniões e vivências relacionadas ao objetivo da pesquisa. Com isso, alcançamos uma maior compreensão sobre o tema e encontramos caminhos possíveis para contribuir com a qualidade da educação do campo.

Tratam de um estudo desenvolvido a partir das epistemologias do campo, Gadotti (2010); Ferreira e Brandão (2012); Arroyo (2011; 2014) e Brandão (2008); da Educação Popular tratam Freire (2000; 2014); Rosa (2019) e Caldart (2011); e dos estudos acerca da alternância nas práticas educativas escolares e comunitárias, Puig-Calvó e Gimonet (2013); Caliarí (2013); Vergütz (2013); Garcia-Marirrodriga (2013); Nosella (2012).

Caminhos metodológicos da pesquisa

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 72) “buscamos descrever realidades múltiplas” e “desenvolver a compreensão” por meio da “observação participante”. Em decorrência da monitoria e conclusão das disciplinas PEECs pela autora e por meio das entrevistas realizadas com discentes, licenciadas e licenciados da LEdoC – FURG temos o “discurso do sujeito” que visa transparecer as opiniões e vivências relacionadas ao objetivo da pesquisa.

A pesquisa assim como esse artigo tem a intenção de

denunciar o descaso e a precariedade da educação do campo e a partir da experiência com a Pedagogia da Alternância na LEdoC – FURG sugerir pedagogias, metodologias e instrumentos para as escolas do campo.

As entrevistas possibilitaram resgatar elementos e uma descrição detalhada de como vem sendo desenvolvida a LEdoC – FURG, pois foram realizadas com 7 (sete) pessoas, sendo 2 (dois) homens e 5 (cinco) mulheres. Os 2 (dois) homens são licenciados e das 5 (cinco) mulheres, 2 (duas) são discentes e 3 (três) licenciadas em LEdoC – FURG. A escolha das(os) entrevistadas(os) foi pelo fato de estarem e terem vivenciado a Alternância, as PEECs e os Seminários Integradores. Desta forma, dialogamos com diferentes vozes inseridas no contexto da pesquisa, que de acordo com Streck (2016, p. 541) “[...] é no movimento entre os diferentes sujeitos, tornado objeto de reflexão, que se gera o conhecimento que o autor (*sic*) capta e traduz”. Para trazer certa flexibilidade ao responder a entrevista, optamos por um roteiro semiestruturado.

Pelos caminhos epistemológicos da educação do campo: perspectivas e reflexões

Nas entrevistas buscamos compreender a opinião de cada participante sobre o futuro da Educação do Campo, atentando para a atual conjuntura política, social, econômica e sanitária do país. Desta forma, se evidencia o descaso com a educação do campo, na medida em que perdemos direitos e sofremos constantes ataques que, muitas vezes, nos impedem de avançar em políticas públicas e direitos para os povos do campo, o que fica expresso nas seguintes falas:

Estamos vivendo tempos de desmanches de direitos sociais extremos, e o governo quer acabar com as escolas do campo, pois sabe a força que o povo unido tem. Nosso futuro é de muita **luta** e enfrentamento (Ativista Agroecológica, 2021).

Vejo que com a atual situação política em nosso país, a educação do e no campo está na corda bamba, temos que ser fortes e **lutar** por nossos direitos (Educador do Campo, 2021).

Esses relatos refletem o compromisso social dessas educadoras e educadores com a educação do campo, pois segundo Freire (2000, p. 21) “a denúncia e o anúncio criticamente feitos no processo de leitura de mundo dão origem ao sonho por que lutamos.” E essa precisa ser uma luta contínua e coletiva, algo que fica pautado na fala a seguir:

Precisamos unir forças e seguir sempre **lutando** para buscar melhorias nas formações de professores, assim como ocupando nossos e outros espaços, só assim mudaremos algo significativo em nossas áreas de atuação e trabalho (Guardião de Sementes, 2021).

Nesse excerto da entrevista fica expressa a preocupação em relação ao futuro da Educação do Campo e a necessidade de continuar na luta, sendo o caminho para enfrentarmos **os momentos difíceis, os desmanches, os desafios, a desvalorização dos povos do campo**. Essa é uma luta urgente e deve ser coletiva e organizada, algo que sempre esteve presente na LEdoC – FURG.

Uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica libertadora é trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta. É trabalhar com a genuidade desta luta e a possibilidade de mudar, vale dizer, é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores (FREIRE, 2000, p. 23).

A LEdoC – FURG traz abordagens epistemológicas e metodológicas que colocam as(os) discentes diante dos

problemas da sociedade com perspectivas que abrangem as esferas locais, regionais, nacionais e mundiais, para que sua trajetória acadêmica seja uma preparação para além das exigências do mercado, que propicie a sua formação humana e com poder de transformação.

Desta forma, o projeto de educação vigente na maioria das escolas do campo e, também, das cidades visa somente a preparação para o mercado como mão de obra barata e não considera o **desenvolvimento da pessoa para o exercício da cidadania**, tornando-se um projeto inconstitucional, pois a educação deve promover o desenvolvimento das potencialidades individuais e promover o exercício da democracia. Isto é, um espaço que não reproduza as desigualdades, os preconceitos, os racismos impregnados na nossa sociedade.

O papel da educadora e educador que se compromete com a socialização e a democratização da educação de qualidade deve compreender que, como afirma Arroyo (2014, p. 38): “o foco central são os conhecimentos e processos, as pedagogias que contestam e que nessas ações coletivas emancipatórias os seus sujeitos produzem”. Diante disso, se evidencia a importância de trabalhar com questões da realidade, o que também fica expresso na fala de uma licenciada da LEdoC – FURG:

A educação do campo tem o objetivo de valorizar e incentivar a formação de mulheres e homens do campo, dos povos tradicionais, da agricultura familiar e das sabedorias e conhecimentos desses povos. E principalmente o direito que esses povos têm, de uma educação que **converse com a realidade** de vida deles (Artesã, 2021).

Com isso, fica exposta a necessidade e a importância de uma educação do campo que compreenda as manifestações culturais de todos os povos, a valorização da identidade camponesa com a desconstrução de estereótipos que

ridicularizam esses povos e a valorização do campo, o atribuindo à vida e a diversidade. Essas questões devem ser pautadas nos espaços de aprendizagem para que se possa ter uma educação de qualidade e construída com os povos do campo. O que também se evidencia na seguinte fala:

A educação do campo **precisa ser contextualizada** com a cultura e territorialidade do campo, engajada politicamente com os movimentos de enfrentamento contra a agricultura capitalista. Os saberes, cotidianos, necessidades, demandas e potencialidades de cada território campestre, precisam ser essenciais na *práxis* educativa do campo (Ativista Agroecológica, 2021).

Quando houver reconhecimento de que aquele grupo pertence a uma mesma classe: trabalhadores e trabalhadoras do campo, que compartilham culturas, desafios, angústias, saberes e fazeres, se estabelece um coletivo pensante que vai contribuir para valorizar e promover melhorias para o meio, pois uma educação do campo, significativa e com potencial transformador, está diretamente associada à capacidade de promover a valorização e o reconhecimento identitário, essa importância se reafirma nas seguintes falas:

No decorrer dos semestres pude compreender melhor essa proposta, sendo que vim do campo onde acreditávamos que nosso trabalho não tinha valor, e que era preciso sair do campo para ser alguém. Neste curso tive a oportunidade de reconhecer que isto é imposto por uma sociedade voltada para o capitalismo e que não precisamos sair do campo para ser alguém, pois **o povo do campo tem uma imensa importância para o desenvolvimento social** (Educadora Popular, 2021).

Sou agricultora, sei das dificuldades das pessoas do campo, e o quão defasada é a educação nas escolas. A Educação do Campo veio para **valorizar os povos do campo**, mostrar a beleza e a dura realidade destes povos.

A Educação do Campo veio para fortalecer esses grupos, veio trazer essa **Educação transformadora** (Agricultora Familiar, 2021).

No entanto, ainda temos um longo caminho, pois partindo do pressuposto de que educadoras e educadores que se formaram na LEdoC – FURG atuem nas escolas do campo de São Lourenço do Sul desenvolvendo essa educação transformadora, nos coloca diante de mais um entrave, evidenciado por uma licenciada da LEdoC – FURG:

Gostaria muito poder compartilhar tudo que aprendi com o povo do campo durante o decorrer do curso, mas, infelizmente, para nosso município não vejo futuro. As escolas do campo, principalmente as multisseriadas estão sendo desativadas e não são valorizadas. Não temos universidade no município que dê oportunidade de continuidade de estudo sobre a Educação do Campo. Não temos concurso e nem mesmo oportunidade de trabalho para os formandos nesta área (Artesã, 2021).

Isso está relacionado à constante desvalorização do campo e da educação, pois, segundo Fernandes, Cerioli e Caldart (2011, p. 28), “nos documentos oficiais sobre educação no Brasil, a população rural aparece apenas como dados. São números citados de uma população esquecida. São apenas quantidades ou, no máximo, referências marginais e pejorativas”. Desta forma, quando propomos o diálogo sobre os caminhos a serem percorridos na educação do campo, precisamos pensar também, em um “*projeto popular de desenvolvimento do campo*”. É preciso mudar a lógica capitalista que visa a monocultura e a homogeneidade cultural, onde a agricultura familiar de subsistência não tem espaço, pois o agronegócio voltado para a exportação está dominando o campo, promovendo a expulsão ou rendição dos povos do campo a esse modelo perverso e insustentável. (FERNANDES; CERIOLI; CALDART, 2011, p. 46).

A educação do campo deve ter uma íntima relação com os processos de desenvolvimento local, pois não há concordância entre o atual modelo de produção vigente no campo, com a educação do campo que defendemos. Precisamos de mudanças.

Segundo Arroyo:

Os processos educativos passam pelo conjunto de experiências, de vivências que o ser humano tem ao longo da sua vida. E a experiência que nos marca a todos é a experiência do trabalho, da produção, o ato produtivo que nos produz como pessoas. O ser humano não produz apenas alimentos, roupas, ele se produz na medida em que produz (ARROYO, 2011, p. 76).

Dentre as estratégias para mudar as ênfases dos atuais processos (im)produtivos do campo, a educação pode contribuir significativamente, desde que seja um “projeto educativo contextualizado que trabalhe a produção do conhecimento a partir de questões relevantes para a intervenção social nesta realidade.” (FERNANDES, CERIOLI, CALDART, 2011, p. 53). Nas seguintes falas, observamos instrumentos, pedagogias e metodologias que podem contribuir para que a educação possa cumprir com seu papel social com os povos do campo:

É essencial a relação com a terra, com a natureza, com a cultura local... esses elementos alimentam ainda mais a pedagogia libertária e da terra (Ativista Agroecológica, 2021).

Onde há valorização da cultura local, abordando as dificuldades e necessidades de onde a escola está inserida (Agricultora, 2021).

A educação libertadora de Paulo Freire é fundamental (Artesã, 2021).

As pesquisas e leituras voltadas para a valorização e necessidade desse povo (Educatória Popular, 2021).

No entanto, a educação tradicional oferecida no campo é pedagógica e metodologicamente da mesma forma que as escolas urbanas, onde apenas as localizações geográficas as diferenciam, ou ainda as péssimas condições de infraestrutura das escolas do campo e o difícil acesso devido às más condições das estradas.

Juventude e Alternância: Caminhos Possíveis

Quando alguns jovens decidem por si ou pelas suas condições de permanência no campo, muitas vezes a escola não é mais uma opção, pelo fato de não agregar conhecimentos que auxiliem nas suas atividades agrícolas ou pela inviabilidade de conciliar escola e trabalho. Além disso, segundo Ferreira (2014, p. 12): “os conteúdos ministrados valorizam os princípios e valores do meio urbano, exaltando os benefícios de residir na cidade, com o melhor acesso a instituições públicas de saúde, bancárias, drogarias e continuidade escolar”. Sendo que, possuem o direito a uma educação que compreenda suas necessidades para que possam desenvolver suas atividades da melhor forma possível.

Desta forma, Vergütz afirma:

Imbuída do desejo de ofertar uma educação contextualizada com o meio rural e reforçando a necessidade da existência de uma proposta metodológica específica que possibilite ao estudante conhecer pelo próprio viver, a metodologia da Pedagogia da Alternância relaciona, portanto, o processo de aprender ao viver (VERGÜTZ, 2013, p. 72-73).

A educação pode e deve contribuir para que jovens do campo tenham acesso a informações sobre políticas públicas

para o campo, movimentos sociais, cooperativismo, economias solidárias, agroindústrias familiares, educação ambiental, manejos agroecológicos, como diversificar sua propriedade evitando a monocultura imposta pelas multinacionais, entre outras. Dessa forma, podemos desconstruir a ideia de improdutividade do campo em relação às possibilidades que podem existir, pois, a Terra é o ventre das diversidades, ela só precisa ser cultivada com amorosidade e respeito.

A relação com a Terra precisa ser restabelecida, e a Pedagogia da Alternância visa essa íntima e comprometida relação, pois, possibilita o ensino superior sem “obrigar” jovens e adultos a saírem do campo, pois:

Este regime de alternância me possibilitou estudar, foi assim que pude, nos anos da faculdade, conciliar o estudo com o trabalho em casa com a família. Este curso me possibilitou uma formação, enquanto agricultora, que se fosse no método tradicional, não sei se teria sido possível (Agricultora, 2021).

Foi muito importante para mim e, se não tivesse o regime de alternância, eu não teria concluído o curso. Também por nos proporcionar um maior estudo (conhecimento) e contato com nossa própria comunidade, assim aprendemos na prática tudo aquilo que vemos na teoria (Educador do Campo, 2021).

Segundo Caldart (2011), dialogar sobre a Pedagogia do Movimento, nos remete a importância das lutas sociais para a formação:

[...] Precisamos nos desafiar a pensar em práticas que ajudem a educar ou a fortalecer em nossas crianças, adolescentes e jovens, a postura humana e os valores aprendidos na luta: o inconformismo, a sensibilidade, a indignação diante das injustiças, a contestação social, a

criatividade diante das situações difíceis, a esperança [...] (CALDART, 2011, p. 99)

No entanto, com a modernização proveniente da Revolução Verde, o trabalho do campo está em constante desvalorização, ou seja, a própria população trabalhadora do campo não reconhece mais o seu trabalho como algo relacionado *ao seu modo de ser e estar no mundo* como camponesa e camponês, o seu trabalho está cada vez mais ligado à obtenção de capital financeiro.

Esse sentimento reflete quando a sucessão familiar e o trabalho no campo são usados como “castigo – ameaça”, pois quando jovens têm dificuldades de aprendizagem ou não demonstram interesse em estudar, a família usa argumentos como: “se não quer estudar, vai ter que pegar na enxada”, usando o trabalho de forma pejorativa, o que nos mostra a falta de orgulho dos povos do campo com o seu trabalho.

Sem dúvidas, esse sentimento é alimentado por essa constante e massiva intenção de acabar com as culturas do campo. O trabalho se constitui um instrumento pedagógico, quando segundo Nosella (2012, p. 102) “o trabalho é visto em seu horizonte amplo, enquanto história e filosofia da transformação e humanização [...]” e assim se constitui como um dos princípios da Pedagogia da Alternância.

Nesse sentido, mesmo que na LEdoC – FURG o público seja formado por adultos com maior autonomia, por se tratar de um curso de graduação, se evidencia a importância da Pedagogia da Alternância também na universidade:

A alternância me fez valorizar a minha realidade, pois aprendendo e levando para a comunidade o que vi nas semanas de aula, fazia com que ambas fossem inseparáveis (Agricultora, 2021).

Foi muito importante, porque foi com o regime de alternância que tive a oportunidade de trabalhar, cuidar

da família, estudar e não desistir do curso. Foi assim que também tive a oportunidade de fazer pesquisas e viajar por diversos estados, conhecendo novas culturas, povos, pessoas, obtendo assim novos conhecimentos e compartilhando saberes (Militante Feminista, 2021).

Essas falas contribuem para compreendermos a importância da Pedagogia da Alternância, as especificidades dos povos do campo e também os princípios da Pedagogia da Alternância que promovem o reconhecimento identitário e a emancipação para o pleno desenvolvimento individual e coletivo dentro e fora de suas comunidades.

Cabe destacar que jovens com acesso a essa educação, voltada e pensada a partir de suas realidades, dificilmente irão abandonar suas raízes. Desta forma, podem até sair do campo, mas vão continuar a valorizar e promover o desenvolvimento de sua comunidade, pois assim como na cidade, o campo precisa de profissionais de todas as áreas e, tendo este, a sensibilidade na compreensão das diferentes realidades, caminhamos para a transformação.

Considerações finais: para não concluir

A partir dos relatos identificamos alguns princípios da Pedagogia da Alternância, como: a valorização dos povos do campo e seus saberes, a educação pensada a partir da realidade local, a continuação das atividades na propriedade, a implementação de novas e agroecológicas formas de produzir e o reconhecimento identitário a partir da relação entre trabalho e educação.

O desejo de atuar nas escolas do campo fica evidente nas falas, estamos falando de pessoas conscientizadas especificamente para atuar no campo, e que não estão conseguindo chegar nas escolas do campo por falta de oportunidades. Desta forma, a luta por espaço nas escolas do

campo é fundamental, para podermos transformar a educação do campo no município de São Lourenço do Sul.

Freire (2000, p. 53) nos diz que “enquanto presença na História e no mundo, esperançadamente luto pelo sonho, pela utopia, pela esperança, na perspectiva de uma Pedagogia crítica. E esta não é uma luta vã”. A Educação do Campo de qualidade é um sonho, uma utopia e é isso que mantém a nossa esperança e com a luta coletiva será possível uma Pedagogia crítica para todos os povos do campo.

Buscando sempre reconhecer e visibilizar a importância da agricultura familiar para os povos do campo, a educação contextualizada e com olhar ecológico para a manutenção da vida, uma educação construída a partir dos pressupostos da educação popular e comunitária. Evidenciando sempre o protagonismo de educadoras, educadores, líderes comunitárias(os), trabalhadoras e trabalhadores do campo, com escuta atenta aos saberes das crianças, idosas(os), homens e Mulheres do campo, das águas, florestas.

Referências

ARROYO, M. G., **Outros Sujeitos**, Outras Pedagogias. - 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

ARROYO, M. G. A educação básica e o movimento social do campo. *In*: ARROYO, M. G.; CALDART, R. C.; MOLINA, M. C. **Por Uma Educação do Campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, C. R. **Círculo de Cultura**. STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). Dicionário Paulo Freire, 2008.

CALDART, R.S. A Escola do Campo em Movimento. *in* ARROYO, M. G.; CALDART, R. C.; MOLINA, M. C. **Por Uma Educação do Campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CALIARI, R. Alternância e sustentabilidade: suportes para valorizar

a vida, dignificar a pessoa e tecer relações entre saberes. *In*: BEGNAMI, J. B; BURGHGRAVE, T. de. **Pedagogia da Alternância e Sustentabilidade**. Orizona/GO: UNEFAB, 2013. p. 199 – 228.

FERNANDES, B. M.; CERIOLI, P. R. CALDART, R.S. Primeira Conferência Nacional “Por Uma Educação Básica do Campo”. *In*: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por Uma Educação do Campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FERREIRA, A. G. **A formação através da pedagogia da alternância em agroecologia**: um estudo de caso da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, RS. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Centro de Ciências Rurais, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, 2014, p. 98.

FERREIRA, F. de J.; BRANDÃO, E. C. Educação e políticas de fechamento de escolas do campo. *In*: **Anais do VII Seminário do Trabalho**: Trabalho, educação e políticas sociais no século XXI, 2012, Marília/São Paulo. Disponível em: [educacao_e_politica.pdf](#) (estudosdotrabalho.org). Acesso em: 09 abr. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, M. A Carta da Terra na Educação. **Cidadania Planetária 3**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/2812/1/FPF_PTPF_12_048.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.

GARCÍA-MARIRRODRIGA, R. Alternativas socioeducativas para a sustentabilidade na ruralidade. *In*: BEGNAMI, J. B; BURGHGRAVE, T. de. **Pedagogia da Alternância e Sustentabilidade**. Orizona/GO: UNEFAB, 2013. p. 137 – 165.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

NOSELLA, P. **Educação no Campo**: Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil. União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. Vitória: EDUFES, 2012.

PAULO, F. dos S.; BRANDÃO C.R. Pesquisa Participante e a Educação Popular: luta e resistência a partir de Paulo Freire e de educadoras populares. **Revista Panorâmica On-Line**. Barra do Garças, MT, vol. 24, p. 256 – 268, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://revistas.cua.ufmt.br/revista/index.php/revistapanoramica/article/viewPDFInterstitial/763/19191991>. Acesso em: 03 abr. 2021.

PUIG-CALVÓ, P.; GIMONET, J.C. Aprendizagens e relações humanas na Formação por Alternância. *In*: BEGNAMI, J. B.; BURGHGRAVE, T. de. **Pedagogia da Alternância e Sustentabilidade**. Orizona/GO: UNEFAB, 2013, p. 137 – 165.

ROSA, G. R. da. Pedagogias populares feministas latino-americanas: legados feministas para a educação popular. *In*: SILVA, M. A. da; ROSA, G. R. da. **Pedagogias populares e epistemologias feministas**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

STRECK, D. R. Metodologias participativas de pesquisa e educação popular: reflexões sobre critérios de qualidade. **Interface**. 2016. p. 537 – 547. Disponível em: 1807-5762-icse-1807-576220150443.pdf (scielo.br). Acesso em: 15 mar. 2021.

VERGÜTZ, C. L. B. **Aprendizagens na pedagogia da alternância da escola família agrícola de Santa Cruz do Sul**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade de Santa Cruz do Sul, 2013.

MENE (AQUELA QUE NUNCA ESTÁ SÓ): LUTA, RESISTÊNCIA E ARTE

Maria Escarlate Pereira*
Juliana Soares**

Introdução

O referido texto discorre a sobre o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Mulheres Negras MENE, que no dialeto africano Yorubá significa “aquela que nunca está só”¹, do município de São Lourenço do Sul-RS. Onde através do artesanato envolvem mulheres, crianças e jovens com as temáticas relacionadas a negritude. Tendo no trabalho as mulheres negras como as sujeitas principais por entender que as mesmas sofrem opressões

* Maria Escarlate Pereira Negra, Mulher Quilombola do Quilombo Coxilha Negra, militante do Movimento Negro Kizumbi, integrante do grupo MENE (Grupo de Mulheres Negras de São Lourenço do Sul), formada em Técnica em Secretaria Escolar pelo IFISUL (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense) formada em Administração de Empresas pela UNOPAR (Universidade Norte do Paraná), Licenciada em Educação do Campo com Ênfase em Ciências da Natureza e Agrárias pela Universidade Federal do Rio Grande. Atualmente trabalha como Consultora Técnica do PEA FOCO (Projeto de Educação Ambiental Fortalecimento e Organização Comunitária). E-mail:

mariaescarlatepereira@gmail.com

** Juliana Soares Negra, Mulher Quilombola do Quilombo Coxilha Negra, militante do Movimento Negro Kizumbi, integrante do Grupo MENE (Grupo de Mulheres Negras de São Lourenço do Sul), Licenciada em Educação do Campo Com Ênfase em Ciências da Natureza e Agrárias pela Universidade Federal do Rio Grande. Atualmente trabalha como Assessora de Projetos da FLD/CAPA-Pelotas (Fundação Luterana de Diaconia/Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia) em um trabalho coletivo com as mulheres quilombolas e agricultoras familiares. E-mail:

nogueirajuliana84@gmail.com

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0dRt7HR0zY>

sociais duas vezes; por ser mulher e por ser negra como nos ensina Lélia Gonzalez. Nesse sentido o grupo se aproxima das mulheres negras através de oficinas, rodas de conversa e outras atividades para dialogar a respeito do que significa ser mulher negra na sociedade brasileira, as problemáticas que envolvem o fato de carregarmos vários marcadores sociais por sermos mulher negra e provoca a pensar possibilidades de inversão dessa lógica que engessa as mulheres negras.

O grupo MENE² teve oportunidade de estender o diálogo com a comunidade através da rádio a partir do convite para participar do Programa Vozes do Campo³. Programa este que inspirou essa escrita que tem como objetivo trazer para o espaço acadêmico as problemáticas negras e os processos sócio-históricos que culminam na perpetuação do racismo perverso que condiciona o povo negro, principalmente as mulheres negras na posição de subalterna.

A condição das mulheres negras na sociedade brasileira

As condições nas quais as pessoas africanas foram trazidas para esse lugar chamado Brasil e o tratamento que receberam contribuíram para que essa parcela da população permanecesse estacionada no lugar de marginalidade. Ao mesmo tempo em que os discursos que representam a figura da pessoa negra de forma estereotipada endossam a ideia de que o povo negro é inferior. Contrapondo a ideia de inferioridade atribuída ao povo negro, a historiadora Beatriz Nascimento através de seus estudos faz uma leitura a respeito do período colonial, a condição e contribuição das negras e negros no processo de formação do país do ponto de vista negro.

² Disponível em:

https://www.instagram.com/mene_grupoMulheresNegras/?utm_medium=copy_link.

³ Disponível em:

https://open.spotify.com/episode/5i0Rd6fiRl4N9O31wuIEVT?si=7WivTFvxSNiwQ_ma6RFCmQ

O escravo negro, assim como o negro atual, não só participou da formação social do Brasil como seu trabalho, com seu sofrimento, participou também da mesa, da cama, do pensamento e das lutas políticas do colonizador e de seus descendentes (NASCIMENTO, 2018, p. 51).

Nesse sentido a luta e resistência negra, de forma passiva ou incisiva, contra as violências e opressões ao povo negro acontecem desde o sequestro em África. Negras e negros historicamente permanecem na resistência, ainda que a historiografia não tenha registrado a devida importância da contribuição das (os) negras (os) no processo de formação social, econômica e política do Brasil. Ao contrário, as publicações escritas a respeito da vida dos africanos no período colonial apresentavam as figuras negras de maneira pejorativa atrelando-os a condição de coisas (não humanos). Sobre este tratamento Clovis Moura (1986) vai nos dizer que,

Isso decorre em primeiro lugar do fato de ser o escravo negro analisado através de estereótipos que, no transcurso da nossa formação social e histórica, contaminaram o subconsciente do brasileiro, através da injeção da ideologia do colonizador: o racismo expresso concretamente, no caso brasileiro naquilo que se convencionou chamar eufemisticamente de preconceito de cor (MOURA, 1986, p. 10).

Segundo dados do IBGE/ 2016 pretos e pardos compõem 54,9% da população brasileira, ou seja, homens e mulheres negras são a maioria da população. Porém ainda assim a população branca se comporta como a classe dominante e excludente, de maneira que mesmo as negras e negros sendo a classe que compõe a maioria da população é também a classe que tem menos representantes no espaço de escolarização, que é menos representada na mídia, nas profissões mais bem

remuneradas, há uma disparidade gritante entre negros e brancos. A classe dominante se nega a abrir as portas para a população negra, ao contrário, são colocadas barreiras do racismo nos acessos, isso faz com que muitas pessoas esgotem suas forças e não se permitam a acreditar na educação como um instrumento de rompimento de barreiras e transformação social. E isso não acontece por acaso, é interessante para a elite dominante que a classe preta pobre se mantenha no índice de baixa escolaridade e na ignorância política, conforme diz Freire:

... do ponto de vista dos interesses das classes dominantes, quanto menos as dominadas sonharem o sonho de que falo e da forma confiante como falo, quanto menos exercitem a aprendizagem política de comprometer-se com uma utopia, quanto mais se tornarem abertas aos discursos “pragmáticos”, tanto melhor dormirão as classes dominantes (FREIRE, 2011, p. 127).

Nesse sentido acreditamos que reconhecer o Brasil como um estado racista é o ponto inicial para travar a luta contra as inúmeras práticas racistas. Pois uma vez que não se reconhece o problema, no caso o racismo, a possibilidade de resolvê-lo é irrisória. Da mesma forma que consideramos que a educação pode e deve servir como uma prática de liberdade para as pessoas, para o povo, como muito bem nos ensina bell hooks 2017.

Falar sobre racismo, no ambiente de educação formal⁴ ou educação popular é importante para fomentar a discussão sobre o porquê ele existe, sobre quem se beneficiou e continua se beneficiando com tal segregação. Falar sobre racismo é falar sobre um povo que diariamente sofre com os resquícios do processo de escravização, carregando em seus corpos feridas abertas causadas por um sistema social onde a cor da pele é fator determinante de exclusão.

⁴ Disponível em: <https://argo.furg.br/?RG001449461>

O primeiro ponto a entender é que falar sobre racismo no Brasil é, sobretudo, fazer um debate estrutural. É fundamental trazer a perspectiva histórica e começar pela relação entre a escravidão e o racismo, mapeando suas consequências. Deve se pensar como sistema vem beneficiando economicamente por toda sua história e a população branca ao passo que a negra, tratada como mercadoria, não teve acesso aos direitos básicos e a distribuição das riquezas (RIBEIRO, 2019, p. 09).

Com muita resistência e luta da sociedade negra representada pelo Movimento Negro, algumas batalhas foram vencidas, mas há ainda muito que se conquistar. É necessário travar muitas lutas contra o sistema social que revela o machismo e o racismo como o estruturante da desigualdade social e racial (ALMEIDA, 2019).

Buscando contribuir no processo de tomada de consciência das mulheres negras a respeito do seu lugar no mundo e sobre como de fato nós estamos alocadas na sociedade. O grupo MENE desenvolve um trabalho coletivo utilizando metodologias populares para problematizar com mulheres negras as questões sócio-históricas que envolvem o nosso povo, pautar as questões raciais e se movimentar para luta contra o racismo em busca da nossa liberdade de fato.

Grupo de Mulheres Negras MENE (aquela que nunca está só):



Fonte: Acervo do Grupo MENE

O grupo MENE nasce da inquietação de um grupo de amigas negras que se veem com sua renda comprometida ao mesmo tempo em que compreendem que muitas mulheres negras vivem em situação semelhante em relação a renda, em função de uma questão racial enraizada na sociedade brasileira. Com o intuito de gerar renda, problematizar e contribuir para inversão da condição da mulher negra no Brasil o grupo adota o artesanato como uma desculpa para dialogar sobre as questões raciais e suas consequências na vida das pessoas negras, principalmente no ser mulher e negra devido aos vários marcadores sociais acumulados nas nossas costas. Nesse sentido Lélia Gonzáles chama nossa atenção a respeito da complexidade de ser mulher negra diante da falta de alternativas que possibilitem uma mudança de vida quando diz que,

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de nossas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão. Enquanto seu homem é objeto de perseguição, repressão e violência policiais (para o cidadão negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta a prestação de serviços domésticos junto as famílias das classes média e alta da formação social brasileira (GONZALEZ, 2028, p. 44).

Assim como Lelia Gonzalez, outras intelectuais que furaram a barreira do sistema de educação formal e alcançaram o espaço acadêmico também se dedicaram a estudos a respeito da condição da mulher negra na sociedade⁵, bem como refletiram e nos provocam a pensar profundamente do ponto de vista histórico sobre o quanto a multiplicação da segregação e da

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0xWrOpVQRpA>

violência contribuem para o silenciamento dos corpos negros, principalmente das mulheres. Fazendo com que as mesmas continuem estacionadas na base da pirâmide social, e permaneçam em sua maioria ocupando os espaços de subalternidade. Geralmente desenvolvendo trabalho que exige força braçal.

Considerando, portanto, que a maioria da população negra brasileira se encontra alocada nas ocupações manuais, fundamentalmente na agropecuária e prestação de serviços, as possibilidades de mudança estrutural em sua situação ocupacional são desalentadoras, tendo em vista as desvantagens iniciais do grupo negro em termos de nível de instrução, aliados aos mecanismos socialmente instituídos de discriminação racial que atuam constantemente no mercado de trabalho (CARNEIRO, 2020. p. 25).

Não raras são às vezes em que sabemos através das redes sociais ou noticiários da televisão de casos em que mulheres pretas sofrem discriminação racial nos espaços sociais ou de trabalho ao se apresentarem como profissionais de áreas que exigem maior capacidade intelectual a exemplo de; direito, medicina, psicologia, administração, judiciário⁶. Ainda que uma mulher negra tenha conseguido avançar no processo de educação formal ela não vai espaçar dos julgamentos balizados pela sua cor devido ao racismo enraizado na sociedade.

O critério racial constitui-se num desses mecanismos de seleção, fazendo com que as pessoas negras sejam relegadas aos lugares mais baixos da hierarquia, através da discriminação. O efeito continuado da discriminação

⁶ Disponível em: [https://www.cut.org.br/noticias/racismo-estrutural-segrega-negros-no-mercado-de-trabalho-548e#:~:text=Em%202019%2C%20o%20sal%C3%A1rio%20m%C3%A9dio,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20\(IBGE\)](https://www.cut.org.br/noticias/racismo-estrutural-segrega-negros-no-mercado-de-trabalho-548e#:~:text=Em%202019%2C%20o%20sal%C3%A1rio%20m%C3%A9dio,Geografia%20e%20Estat%C3%ADstica%20(IBGE))

feita pelo branco tem também como consequência a internalização pelo grupo negro dos lugares inferiores que lhes são atribuídos. Assim, os negros ocupam aqueles lugares na hierarquia social, desobrigando-se de penetrar os espaços que estão designados para os grupos de cor mais clara. Dialeticamente perpetuando o processo de domínio social e privilégio racial (NASCIMENTO, 2018, p. 82).

Devido a negligência do estado brasileiro em relação a educação formal da população muitas as meninas e meninos negros são obrigados a abandonarem a escola e ingressar precocemente no trabalho infantil para ajudar a garantir a comida na mesa. Nesse sentido consideramos que a evasão escolar, o fato de ser mulher de raça negra e terem sido escravos seus antepassados contribui para que essa mulher permaneça ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial (NASCIMENTO, 2018).

Entendemos ser de extrema importância conhecer através da história como se dava o modo de vida das mulheres escravizadas durante o período de escravização, suas experiências, como se relacionavam socialmente e quais eram seus anseios e suas expectativas de vida. E a partir do conhecimento sobre nós no processo histórico podermos entender o contexto que nos coloca no lugar de não ser e lidar com situações que enfrentamos na luta atual

Se, e quando, alguém conseguir acabar, do ponto de vista histórico, com os mal-entendidos sobre as experiências das mulheres negras escravizadas, ela (ou ele) terá prestado um serviço inestimável. Não é apenas pela precisão histórica que um estudo desses deve ser realizado; as lições que ele pode reunir sobre a era escravista trarão esclarecimentos sobre a luta atual das mulheres negras e de todas as mulheres em busca de emancipação (DAVIS, 2016, p. 17).

A sujeita negra ao tomar conhecimento do processo sócio-histórico que resulta na permanência das mulheres de seus pares no lugar de não acesso e entendendo que o cotidiano da população negra é determinado pela estrutura do racismo na sociedade brasileira (GOMES, 2017). A tendência é que a gente se movimente na tentativa de resistir e lutar contra as práticas racistas.

O MENE é um grupo composto por mulheres negras, porém não trabalhamos apenas com mulheres negras, elas são as protagonistas das ações, mas realizamos atividades nos mais variados espaços, onde houver necessidade de pautar as problemáticas das relações étnico-raciais nós estaremos juntas na medida do possível para contribuir e aprender. Inclusive já realizamos oficinas em universidades, escolas municipais e estaduais (de Educação infantil, Ensino Fundamental, Médio e EJA), Grupos de Economia Solidaria, grupos de mulheres de comunidades periféricas, eventos e em comunidades quilombolas aqui do estado e fora dele.

O grupo surge da necessidade de aprofundarmos a discussão, sobre as questões que nos afetam enquanto mulheres e negras no nosso cotidiano, que de algum modo atravessa as vidas pelo fato de sermos negras. Nós mulheres negras estamos sempre às margens da sociedade, excluídas de toda estrutura social. Por essa razão na qualidade de mulher, negra, quilombola, como uma caminhada no Movimento Social Negro Kizumbi⁷ desde a fase da adolescência, e na ocasião estudantes de Licenciatura em Educação do Campo. Nós começamos a pensar e nos perguntar sobre o que poderíamos fazer para contribuir na luta contra os processos excludentes que afetam as mulheres negras.

Entre uma conversa e outra surgiu o artesanato, uma arte que nos acompanha há algum tempo, porém estava adormecido

⁷ Disponível em:

https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/conteudo_digital/b8d988d177f8e797d27025ac91809cc8.pdf

em função de que nossas vidas foram tomando rumos diferentes por causa das necessidades do trabalho de cada uma. Foi então que resolvemos resgatar as técnicas do artesanato que cada uma trás na sua bagagem e associá-la as questões e problemáticas negras através da representatividade negra como impulsionador das reflexões.

Nossa caminhada na militância negra propiciou que nós tivéssemos tomado conhecimento a respeito da verdadeira história do sequestro e aniquilação do povo africano durante o período colonial, bem como foi no movimento negro que conhecemos as histórias de vida e luta de guerreiras e guerreiros negros como Zumbi, Dandara, Maria Felipa⁸ entre outros. Entretanto foi a partir do acesso ao meio acadêmico que tivemos o prazer de conhecer autoras (os) negras (o) com os quais nos identificamos e de alguma forma mudaram a nossa maneira de ver o mundo e fortaleceram a nossa luta enquanto militantes antirracistas. Pois ter acesso a escritas negras que tratam da tua existência no mundo, que invertem a lógica do sistema dominante e te descrevem como sujeitos de direito e atores da sua própria história desnaturalizando todos os estereótipos negativos que sociedade historicamente associou a figura negra.

Ter acesso a leitura de autores negros comprometidos com a causa negra traz um mix de sensações, boas e ruins, é sentir a felicidade de saber que antes ou ao mesmo tempo em que você tem gente pensando como você e lutando pela causa negra. Mas também é tomar ciência de que ser negra (o) no Brasil é uma tragédia. Com todas essas descobertas muita coisa aflorou em nossas mentes e corações, e uma vontade pujante de compartilhar com outras mulheres negras das comunidades quilombolas, da cidade, do estado quiçá do mundo tais vivencias e experiências.

O artesanato do MENE traz através de suas peças

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EOnUvmRnMw8>
Disponível em: <https://alexcentrica.wordpress.com/2017/11/15/grandes-guerreiros-negros-do-brasil/>

confeccionadas, customizadas e pintadas a história do nosso povo preto. Nós especificamente estamos trabalhando com a confecção de bolsas, algumas peças de roupas e customização de camisetas, todas possuem estampas de imagens de mulheres e homens negros que de alguma forma fizeram ou ainda fazem parte da luta antirracista, lutando por uma sociedade mais justa e equitativa para todas e todos independente de sua cor ou classe social que pertençam.

A intencionalidade da pintura de estampas é apresentar e enaltecer nossas (os) grandes líderes que doaram parte de sua vida, em alguns casos sua própria vida para a construção e reconstrução de um Brasil e uma sociedade mais justa, igualitária e antirracista.

As peças carregam os rostos de personalidades, do passado e do presente, que são importantes na luta e resistência negra tais como: Zumbi dos Palmares, Dandara dos Palmares, Nelson Mandela, Martin Luther King, Nina Simone, Lélia Gonzales, Abdias Nascimento, Ângela Davis, Bob Marley, Beatriz Nascimento, Malcom X, Franz Fanon, Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, bell hooks; dentre tanta(o)s outra(o)s⁹.

Usamos também frases reflexivas junto das estampas, que podem estar ou tão somente escritas nas peças, com o intuito de provocar cada uma e um que pôr os olhos e ler as frases a refletir sobre a questão racial, repensar suas atitudes e contribuir na luta antirracista. Pois o artesanato envolve mais do que só produção, vai muito além; envolve sentimento, empatia, compartilhamento e acolhimento.

O artesão se vê pressionado entre o desejo de criar, a expectativa de permanecer como guardião da tradição e a expectativa de permanecer como guardião da tradição

⁹ Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA2_ID835_18062017200134.pdf

e a necessidade de reproduzir objetos facilmente comercializáveis. Frente a essas contradições, o artesanato pode se constituir imagens automaticamente históricas e não arcaicas; mantendo a relação entre o memorizado e seu lugar de emergência. Apontando para um espaço a projeção de esperança, portanto de possibilidades de reinvenção do cotidiano e do coletivo. (CAMPOS, 2005, s/p¹⁰).

Artesanato é uma arte que envolve de alguma forma o contato entre as pessoas, da mesma forma que as atividades desenvolvidas pelo grupo foram pensadas para acontecer no coletivo, olho no olho na roda de conversa e em formato de aquilombamento. Por essa razão o cenário de pandemia da COVID-19 que levou parte da população brasileira ao isolamento social não permitiu que continuássemos com o trabalho no formato coletivo presencial. Sendo assim o grupo precisou parar e pensar uma forma de acesso às pessoas e seguir pautando as problemáticas que assolam o povo preto no dia a dia.

Foi então que começamos acessar as pessoas via redes sociais através da página do grupo do Instagram (*mene_grupoMulheresNegras*) fazendo postagens e Lives¹¹ que buscam chamar a atenção das pessoas para a questão racial, discutir a respeito das problemáticas que atrasam a vida das pessoas pretas buscando referências no passado e projetando ações para o presente e futuro.

Considerações finais

Vivemos em tempos difíceis, aliás para o povo preto nunca teve um tempo em que podemos chamar de tempo fácil, o

¹⁰ Sobre a citação de Luciene Jung de Campos: ela é uma professora do Programa de pós-graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul/RS, trata-se de uma fala dela em um seminário realizado no ano de 2005 em Porto Alegre.

¹¹ Disponível em:

https://www.instagram.com/tv/CR2m1x5AnA4/?utm_medium=copy_link

fato é que com o avanço das posturas ditas conservadoras, nós povo preto podemos sentir ainda mais forte na pele as mazelas do racismo explícito, as pessoas não se envergonham de expor seus posicionamentos e práticas racistas contra as pessoas negras na rua, nas redes sociais e onde acharem que devem. E não somos apenas nós autoras deste texto que estamos denunciando as perversidades acometidas aos corpos pretos, existe um projeto de genocídio negro em curso, todos os dias a mídia e as redes sociais expõe casos que confirma o que estamos relatando a respeito do sentimento de permissão que as pessoas racistas têm para cometerem tais atos. Pois entendemos que uma vez que não existe uma repressão a esse tipo de atitude criminal, não existe uma punição efetiva para os atos e autores dos ataques racistas e não existe uma comoção nacional de inquietação com o fato. As pessoas se sentem autorizadas a serem racistas, atacar as pessoas, negar direitos básicos, inclusive os que estão garantidos pela Constituição, para as pessoas negras sem dó nem piedade.

Nesse sentido acreditamos que o trabalho de formiguinha que o grupo MENE tem desenvolvido desde sua criação é de extrema importância para possibilitar que as mulheres negras conheçam a verdadeira história de seu povo de origem, se reconheçam nas narrativas destas histórias e reflitam sobre a condição das pessoas negras na sociedade projetando um futuro diferente para suas vidas, para as mulheres negras e para toda sociedade brasileira.

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CAMPOS, L. J. Artesanato: resíduo elogiado ou possibilidade de crítica. *In*: SOUZA, E. L. A. **Seminário da Utopia**, Arte e Psicanálise. Porto Alegre, 2005.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**/ tradução Heci Regina

Candiani. São Paulo: Editorial Boitempo, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**; Rio de Janeiro, EDITORA PAZ E TERRA S/A, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negros Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação/ Nilma Lino Gomes.** - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALES, Lélia. **Primavera para as roas negras.** Editora Filhos da África. 2018.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: Educação como prática de liberdade;** tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – 2. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódio de racismo cotidiano.** Ed.- Cobogó, Rio de Janeiro, 2019.

MOURA, Clovis. **Os quilombos e a Rebelião Negra.** EDITORA Brasiliense S.A. São Paulo. 1986.

NASCIMENTO, Beatriz. Beatriz Nascimento. **Quilombola Intelectual Possibilidades nos dias da destruição.** Editora Filhos da África, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista/ Dijamila Ribeiro- 1º ed--**São Paulo: Companhia de Letras, 2019.

MULHERES DE POVOS TRADICIONAIS, GÊNERO E DIVERSIDADE PELAS ONDAS DO RÁDIO

Graziela Rinaldi da Rosa*

Léia Beatriz Sell**

Gabriela Schmalfuss Borges***

Adriana da Silva Ferreira****

* Professora de Filosofia e Educação Popular do Instituto de Educação-IE, da Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Mestra, Doutora e Ph.D. em Educação. Tem desenvolvido pesquisas com mulheres de povos tradicionais, estudos de gênero e epistemologias feministas latino-americanas. É autora de livros e diversos capítulos que versam sobre as mulheres e a Filosofia; Mulheres de Povos tradicionais; Educação e feminismo. Dentre eles destacamos “Mulheres em Movimento: perspectivas em educação, ativismo e empoderamento (2019); “As Relações de Gênero na Filosofia” (2012); “A Universidade em diálogo com os movimentos sociais: ouvindo as vozes do campo, das águas e florestas” (2017); “Pedagogias Populares e epistemologias feministas latino-americanas” (ALVES, ROSA, 2019). Produziu através de uma pesquisa científica (2016-2018) com apoio do CNPq/FAPERGS, o documentário “Mulheres dos Quilombos de São Lourenço do Sul/RS” (Lançado pelas próprias mulheres quilombolas em 2019), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AH3HULiU5zk> E-mail: grazirinaldi@gmail.com

** Agricultora, Pomerana. Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) em 2020. Atualmente mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: leiasell1997@gmail.com

*** Jornalista, graduada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em 2017. Atualmente, é mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com projeto que busca analisar o consumo de mídia de mulheres da zona rural de São Lourenço do Sul. A vida das mulheres do campo já foi tema do documentário “Mulheres (in)visíveis: A opressão e a luta das mulheres do campo de São Lourenço do Sul”, produzido por Gabriela e Pedro Henrique Farina Soares, lançado em 2021 pelo Coletivo Vozes em Movimento. Disponível em <<https://youtu.be/UsOKRrcFA-A>> Acesso em 14 fev. 2022. E-mail: gabischmalfuss@gmail.com

**** Mulher quilombola, formada em Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: adridasilva1982@gmail.com

Introdução

A Universidade Federal do Rio Grande/FURG, inserida com um campus no município de São Lourenço do Sul/RS, tem estabelecido um fecundo diálogo com a diversidade de mulheres de povos tradicionais, que vivem no campo, nas águas, florestas e cidades.

São vozes do Sul que ecoam das comunidades e atravessam as “paredes das salas de aulas”. O campus veio para o município no ano de 2010, com o objetivo de atender as necessidades da região. No ano de 2014, foi criado o curso de Licenciatura em Educação do Campo, o qual valoriza ainda mais os povos do campo, trabalhando com as mulheres e homens do campo, trocando saberes tradicionais e saberes da Universidade. Através da alternância de tempos (escola e comunidade), e trabalhos realizados em Disciplinas de práticas educativas escolares e comunitárias (PEECs), busca-se junto à universidade e comunidades alternativas de trabalhar diretamente com o campo, buscando aproximar a comunidade e construir com ela ações e projetos que possam auxiliar e contribuir para uma melhor condição de vida.

Como exemplo de outras práticas educativas escolares e comunitárias destacamos o Seminário das Mulheres do Campo, das águas, florestas e cidades¹, que já foi realizado em quatro edições e que tem um caráter extensionista muito forte, conseguindo reunir mulheres de diferentes comunidades e movimentos sociais.

Tal experiência foi lembrada no projeto de extensão “Vozes do Campo”, na sua terceira edição, que também contou com programas especiais que tratavam sobre as mulheres do campo - como a edição veiculada no dia 08 de março de 2021, em alusão ao Dia Internacional da Mulher. Na ocasião, o Vozes

¹ Para conhecer um pouco mais sobre os trabalhos apresentados nesse seminário, ver: http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/10311/Anais%20III%20Semin%c3%a1rio%20das%20Mulheres_finalizado.pdf?sequence=1

do Campo procurou utilizar o espaço oportunizado pela Universidade para dialogar com as comunidades rurais de São Lourenço do Sul/RS.

O programa de rádio “Vozes do Campo: Programa de número 02 - Dia Internacional da Mulher”, junto às demais edições, possibilitou um maior debate com as camponesas, bem como abriu espaço para que estudantes da FURG, com origem no ambiente rural, e mulheres oriundas de comunidades de povos tradicionais, se sentissem à vontade para participar da construção das edições, atuando na condução dos programas, e como entrevistadas, trazendo suas vivências, protagonismos e histórias de vidas. O áudio completo do programa número 02 está disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5nKOkD53pZxTh5sX9RaXfO?si=41b65b5e2cfb4bd8>.

Considerando o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e como “uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21), o projeto, também, teve atenção para que, independentemente do tema semanal abordado, este tensionamento estivesse presente em todas as edições, seja na escolha de entrevistados e entrevistadas, ou nos questionamentos realizados a quem participasse.

Na referida edição, o Vozes do Campo buscou discutir as opressões e as lutas das mulheres de São Lourenço do Sul. Foram convidadas a licenciada em Educação do Campo, Adriana da Silva Ferreira; a jornalista e documentarista, Gabriela Schmalfluss Borges, e a mestranda em Educação, Léia Beatriz Sell. A conversa foi mediada e organizada pela professora Graziela Rinaldi da Rosa.

Neste programa, realizado em março de 2021, buscou-se ressaltar a importância de falar sobre os direitos das mulheres todos os dias, e não só no dia 08 de março. Onde falar de mulheres, sobre mulheres e com mulheres deve acontecer através de uma construção coletiva. Foi divulgado o

documentário “Mulheres (in)visíveis: A opressão e a luta das mulheres do campo de São Lourenço do Sul”, tratando de experiências vividas em suas comunidades pelas convidadas, e o documentário “Mulheres dos Quilombos de São Lourenço do Sul/RS” (2019)².

A iniciativa do Vozes do Campo em utilizar um meio de comunicação de fácil acesso é muito importante, frente ao alcance do rádio no Brasil, principalmente entre comunidades rurais. De acordo com a última edição da Pesquisa Brasileira de Mídia (BRASIL, 2016), realizada em 2016 e divulgada em 2017 pelo Governo Federal, o rádio é o terceiro meio de comunicação mais acessado do país. No contexto rural, seu uso é ainda maior: 67% das pessoas entrevistadas informaram utilizar o aparelho ao menos uma vez por semana, sendo que destes, 36% escutavam rádio todos os dias.

Destacamos também que a atenção dada à questão de gênero pela Universidade é fundamental, visto as desigualdades enfrentadas pelas mulheres que vivem no campo, nas águas, florestas e nas cidades. A maior representação desta disparidade é o fato de que há somente 34 anos as mulheres conquistaram o direito formal à propriedade da terra, situação que se reflete até hoje nos indicativos numéricos: no campo, o rendimento médio das mulheres é 27% inferior aos dos homens (CANAL RURAL, 2017), mesmo que trabalhem cerca de 4 a 5 horas a mais por dia (NASCIMENTO, 2013). Do total geral de propriedades rurais identificadas no Censo Agropecuário 2017 - 5,07 milhões -, as mulheres são proprietárias de apenas 19%, enquanto os homens detêm 81% (IBGE, 2017). Além disso, 80% das mulheres residentes na área rural recebem no máximo um salário-mínimo por mês (DIEESE, 2011).

As mulheres sempre desempenharam um papel fundamental no processo de desenvolvimento sociocultural e

² Sugerimos a leitura de “Vivências e Narrativas de Vida de Mulheres das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Sul (ROSA; FERREIRA, 2021, p. 37-62). Ver referências.

econômico do território rural. Sua importância não se limita à participação nas atividades agrícolas ou não agrícolas, mas está intimamente ligada aos costumes, tradições e valores (CARNEIRO, 2001 p. 01). E essas tradições e costumes estão muito presentes nas mulheres de comunidades tradicionais presentes na zona rural de São Lourenço do Sul: pomeranas e quilombolas.

No caso específico das pomeranas, que trazem isso muito presente em seu dia a dia. Segundo Souza (2015) o povo pomerano é de origem europeia, e os primeiros pomeranos chegaram no Brasil no século XIX, vieram na tentativa de reconstruir as suas vidas. Os pomeranos vieram juntamente com a colonização alemã, e foram considerados oficialmente alemães, ou seja, germânicos, mas possuíam diferenças culturais e linguísticas disformes em relação ao povo alemão (WEIDUSCHADT, 2015, p. 55-71). Tanto mulheres como homens pomeranos são muitas vezes consideradas pessoas mais desconfiadas, e por vezes, arredios.

Segundo Weiduschadt (2015) isso é devido às dificuldades encontradas, como situações de exploração, onde a maioria dos pomeranos era considerada escrava no país de origem, apresentando assim uma maior resistência. Segundo Mazurana *et al.* (2016), atualmente o povo pomerano vive um processo de conhecer e compreender a sua história, valorizar a sua própria identidade, que está diretamente vinculada à terra e à natureza. Este é um momento que gera inúmeros desafios para a manutenção de diversos valores como a língua, a terra e o território.

Os trajes das pomeranas trazem consigo o simbolismo da cultura deste povo. Na época da imigração, os vestuários das mulheres eram tradicionalmente compostos por vestidos com mangas ou saias compridas, por lenços na cabeça, meias grossas e sapatos fechados (RUTZ, 2021). Em relação aos casamentos, a noiva usava vestido preto, com uma grinalda de murta. Existem diversas versões que explicam o significado desta vestimenta.

Segundo Costa (2022)³, o preto era um sinal de protesto, pois durante o sistema feudal na Pomerânia, a primeira noite de núpcias era do senhor feudal, assim se usando o vestido preto pelas noivas.

A situação exemplifica, muito claramente, a opressão na qual as mulheres pomeranas eram submetidas. Neste contexto, um aspecto que precisa ser observado é que na maioria das vezes, ainda hoje, esse cenário é visível na área rural. Afinal, o trabalho da mulher era, e ainda é visto apenas como ajuda. Perrot (2007) aponta que ao longo da história as mulheres sempre trabalharam, mas raramente suas atividades eram ou são vistas como um trabalho e é comum serem reconhecidas como “ajuda”. Isso muitas vezes não é percebido pelas próprias mulheres, e esse é um motivo importante para desenvolvermos projetos com as mulheres do campo, das águas, florestas e cidades, a fim de romper com essa lógica patriarcal.

Observamos que é muito frequente encontrarmos a posse das terras sempre em domínio do “homem” da casa, mesmo sendo herança da mulher, documentos como Imposto territorial rural ou o certificado de cadastro do imóvel rural. Assim, seria uma desvalorização do trabalho feminino que está ligada à falta de necessidade de aprendizagem e de qualificação (KERGOAT, 2011). Às vezes, as mulheres acabam fazendo diversos sacrifícios, para a felicidade da família

Quantos auto sacrifícios as mulheres fazem ao longo da vida, quantas conquistas são deixadas de lado para atender as expectativas alheias, fazendo o que se deve.

³ Jairo Scholl Costa é advogado, historiador, escritor, e neste ano de 2022 está lançando o Livro intitulado Noivas de preto, onde conta sobre o vestido preto usado pelas mulheres Pomeranas quando se casavam. Também temos um artigo publicado sobre o tema, intitulado “A Educação do Campo contribuindo para o resgate histórico das mulheres pomeranas” (publicado em 2022, escrito em 2019) por Ana Paula Franken Izé e Graziela Rinaldi da Rosa. Disponível em: http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/10311/Anais%20III%20Semin%c3%a1rio%20das%20Mulheres_finalizado.pdf?sequence=1 página 162.

Quais os objetivos que foram negligenciados em nome da culpa de não ser uma boa filha, uma boa mãe, ou uma boa esposa...⁴

Atualmente, sabemos que a influência das mulheres na agricultura familiar é muito forte, e dando um grande destaque às mulheres de povos tradicionais. Segundo MELO (2006, p. 02), “já se sabe que, em nível mundial, as agricultoras contribuem ativamente para produção dos alimentos básicos, sendo responsáveis por mais de 50% dos gêneros alimentícios produzidos”.

Uma característica muito comum e frequente é o casamento de meninas muito jovens, fato que permanece acontecendo na zona rural. Isso se dá porque há a crença de que a função da mulher é ser do lar, casar-se, ter filhos e assim cuidar da casa. Sendo essa a sua tarefa única e especial, como afirma Lagarde (2011). A autora também aponta nessa direção, afirmando que a desvalorização do trabalho das mulheres acontece pelo fato da sociedade acolher a ideia de que as mulheres têm, como última e principal missão, a maternidade, isto é, tomarem o cuidado para com o outro como tarefa básica e fundamental. Assim, muitas vezes a mulher não é reconhecida como agricultora, e sim como a esposa de “fulano” ou a filha do “beltrano”, perdendo a sua visibilidade.

Segundo Sales (2007, p. 437), a presença das mulheres rurais na produção agrícola familiar é um fato. Mesmo na invisibilidade, não se pode negar que elas estão ocupando terras, plantando, colhendo e cultivando o desejo de ter uma terra livre e usufruí-la com seu trabalho.

Nos dias atuais, essas tradições e costumes estão se desmistificando, encontramos cada vez mais mulheres pomeranas, mulheres de outros povos tradicionais nas

⁴ Trecho retirado do Programa Vozes do Campo, programa 02: Dia Internacional da Mulher, que foi ao ar em março de 2021. A gravação está disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5nKOkD53pZxTh5sX9RaXfO?si=41b65b5e2cfb4bd8>

universidades, compartilhando saberes e fazeres, e não sendo somente a esposa ou filha de um agricultor. Elas ainda sofrem diferentes tipos de violência quando decidem voltar a estudar e ingressar numa Universidade. Muitas vezes retomam seus estudos sem nenhum apoio, e pelo contrário, são humilhadas, ofendidas por saírem de casa algumas horas e deixarem sua prole e seus maridos ou companheiros. A violência acontece enquanto elas abrem os livros, e tentam realizar suas atividades de estudos, pesquisa e acadêmicas. Quando sentem vontade de participar de eventos acadêmicos, ou viajar para fins de estudo, muitas vezes sofrem agressões físicas e/ou psicológicas.

As mulheres rurais também possuem uma ligação muito forte com as plantas, especialmente com as mulheres pomeranas e quilombolas, através do conhecimento sobre plantas medicinais e práticas de benzeduras realizadas com o uso de plantas.

Conforme afirma Bahia (2003), poucos homens adquirem a função de benzedor. Em geral, estes conhecimentos são transmitidos pelas mães e avós às mulheres da família que tenham interesse na adivinhação, na cura e na aprendizagem sobre o poder das plantas (BAHIA, 2003, p. 139-140).

No caso específico das mulheres quilombolas, além da opressão de gênero, elas também sofrem com o preconceito racial. No programa Vozes do Campo, bem como nos documentários já citados, Adriana Ferreira contou um pouco mais sobre a sua vivência como mulher rural negra:

A partir da minha experiência de participar do projeto Mulheres quilombolas do município de São Lourenço do Sul: identidade vivência e memórias, no período em que cursava Licenciatura em Educação no Campo no Campus de São Lourenço do Sul/RS. Tive a oportunidade de conhecer vários professores/as e em uma conversa com a professora Graziela Rinaldi da Rosa comentei sobre o desejo de estar vivenciando a experiência de conhecer mais de perto as comunidades quilombolas de São

Lourenço do Sul/RS onde se encontram 6 comunidades quilombolas sendo que 5 com a certificação Palmares e 1 em processo de reconhecimento as comunidades de São Lourenço são comunidades que ficam longes umas das outras e com esse projeto a proposta era de fazermos 5 visitas pré estabelecidas e agendadas em cada comunidade, essa ida as comunidades foram conversadas com as lideranças quando o projeto ainda estava para ser aceito pelo CNPq. Quando ele foi aceito foi de grande alegria estar fazendo parte desse projeto por ser quilombola e saber das mazelas que as comunidades enfrentam todos os dias para resistir a tantos desmontes do governo e também tanta discriminação que sofremos da sociedade Adichie Chimamanda (2019) nós ajuda a refletir sobre o problema de estereótipos de se criar história únicas, ainda mais a respeito de um continente onde muitos pensam que é um país, onde a sociedade gosta de padronizar indivíduos e comunidades, querendo fazer que todas são iguais, se em uma família existem irmãos e irmãs com desejos e visões diferentes, ainda mais em uma comunidade.

Para Adichie (2019, p. 27):

Todas as histórias me fazem quem eu sou, mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram.

A história única cria estereótipos, não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.

É claro que a África é um continente repleto de catástrofes, existem algumas enormes, como, os estupros aterradores no Congo, e outras deprimentes, como o fato de que 5 mil pessoas se candidatam a uma mesma vaga de emprego na Nigéria, mas existem outras histórias que não são sobre catástrofes, e é muito importante, igualmente importante, falar sobre elas.

Considerando a disparidade econômica que o racismo submete a comunidade negra que vive em solo lourenciano, Adriana relembrou que mulheres quilombolas têm dificuldades de encontrar emprego na cidade em função da cor, e que, pelo fato de não terem grandes extensões de terras - geralmente, um ou dois hectares, utilizados somente para a moradia e plantio de hortaliças para subsistência - precisam trabalhar como boias-frias nas lavouras da região, recebendo o pagamento por dia de serviço e sem qualquer garantia legal trabalhista. A Adriana, quilombola da Coxilha Negra, localizada no 6º distrito desse município, também aborda um pouco sobre a importância da representação das mulheres na comunidade, mostrando que elas podem assim como quaisquer outras:

... fomos convidadas para fazer parte de um projeto ao qual nós iríamos usar as bonecas negras como instrumento para aproximação das mulheres nas comunidades. Onde abordaríamos a violência, racismo, discriminação, políticas públicas seriam abordados de uma forma mais leve, mas com importância da qual merece. Fizemos rodas de conversa, com a assessoria da policial Fernanda Timm que é da polícia civil, abordando temas como a violência doméstica que é um assunto que causa bastante dor, tanto fisicamente quanto na alma. Também tivemos a assessoria da advogada Evelin Ferreira que é uma mulher negra, acho que nem ela sabe de tamanha importância de seu corpo negro, como advogada, estar nos territórios ancestrais quilombola, foram momentos de grandes partilhas, de aprendizados e saberes ...

A mulher negra não se vitimiza, como muitas vezes é falado, não são todos iguais, possuem saberes e fazeres semelhantes com indivíduos diferentes a caminho de um bem comum, que é o bem viver, de estar em suas comunidades, a procura de oportunidades, cada um com suas histórias de vidas diferentes, mas todas extremamente importante para o coletivo

da comunidade. É assim que a mulher quilombola se fortalece e formam suas comunidades.

Fanon (1968) em seu livro “Condenados da terra”, faz com que refletimos a respeito das relações e da sociedade a qual fazemos parte, mesmo ele que viveu um período tão pequeno, deixando um tesouro em forma de livros com reflexões que ultrapassam os tempos.

Considerações finais

O processo de descolonização e despatriarcalização⁵ do conhecimento é fundamental para que práticas educativas escolares e comunitárias, pesquisas, ações e projetos de extensão, ensino e pesquisa, sejam desenvolvidos focados/as para contribuir para o bem viver e qualidade de vida das mulheres do campo, das águas, florestas e cidades. Estamos falando de práticas feministas antipatriarcais, que movimentam a comunidade e a Universidade.

Neste sentido, o espaço possibilitado pelo “Vozes do Campo”, em específico no programa do dia 08 de março de 2021, se configurou como um lugar de troca, no qual as mulheres rurais lourencianas puderam refletir sobre suas vivências, bem como os diversos papéis que elas desempenham diariamente, ao longo de suas vidas - seja como filha, mãe, esposa e/ou trabalhadora - em uma múltipla e complexa identidade, tendo em vista as imposições sociais de uma cultura tradicional, bem como suas lutas em busca de oportunidades e relações de maior equidade.

⁵ No artigo: “Despatriarcalizar e descolonizar o conhecimento: um desafio para a Pedagogia Latino Americana ROSA e MORETTI (2018) problematizam essa questão. Ver referências.

Referências

ADICHIE, C. N. **O Perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. _1 ed_ São Paulo: Companhia das Letras 2019.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2016.

BAHIA, Joana. El peso de las palabras: la importancia de la em la construcción narrativa mágica de la identidad étnica y social de los pomeranos. **La ventana**: revista de estudios de género. Guadalajara, v.18, n.18, 2003, p.134-168.

CANAL RURAL. Mulheres do campo recebem 27% menos do que homens do mesmo setor. **Canal Rural**, 2017. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/noticias/mulheres-do-campo-recebem-27-menos-do-que-homens-do-mesmo-setor>. Acesso em: 17 jan. 2021.

CARNEIRO, M. J. **Mulheres no campo**: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero. Biblioteca Virtual. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/doi/carnei2.htm>. Acesso em: jan. 2022.

COSTA, J. S. **Noivas de Preto**. São Lourenço do Sul - RS, 2022.

FONTOURA, Jara Lourenço da; VANIEL, Berenice Vah; DILLMANN, Mauro; ROSA; Graziela Rinaldi da. **Vozes do Campo**: lutas, saberes e resistências. Rio Grande: EDIGRAF, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo agropecuário 2017. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>. Acesso em: 16 jan. 2021.

DIEESE. Anuário das mulheres brasileiras. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/anuario/2011/anuarioMulheresBrasileiras2011.html>. Acesso em: 17 jan. 2021.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Editora civilização brasileira S.A. Rio de Janeiro. 1968.

FRANKEN IZÉ, Ana Paula; ROSA, Graziela Rinaldi da. **A Educação do Campo contribuindo para o resgate histórico das mulheres pomeranas.** Disponível em:

http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/10311/Anais%20III%20Semin%20a1rio%20das%20Mulheres_finalizado.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 de agosto de 2022.

KERGOAT, P. Ofício. *In*: HIRATA, H.; LABORIE, F. (org.). **Dicionário crítico do feminismo.** São Paulo: Unesp, 2011.

LAGARDE, M. **Cautiverios de las mujeres:** madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4ª ed. Ciudad de México: UNAM, 2011.

MAZURANA, J.; DIAS, J. E.; LAUREANO, L. C. **Povos e comunidades tradicionais do Pampa.** Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2016.

MELO, L. A. **Crédito Rural no Brasil:** Uma Realidade para a Mulher Agricultora Familiar? Coordenação Geral de Estudos Ambientais e da Amazônia CEAMB. Recife-PE, p.1-9, 2006.

NASCIMENTO, L. Sobrecarga de trabalho no campo é obstáculo para autonomia das mulheres do campo na América Latina. **Agência Brasil,** 2013. Disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-19/sobrecarga-de-trabalho-no-campo-e-obstaculo-para-autonomia-das-mulheres-do-campo-na-america-latina>. Acesso em: 15 jan. 2021.

PERROT, M. **Minha história sobre as mulheres.** São Paulo: Contexto, 2007.

ROSA, Graziela Rinaldi da. **Mulheres em Movimento:** perspectivas em educação, ativismo e empoderamento. Curitiba: Nova Práxis Editorial, 2019.

ROSA, Graziela Rinaldi da. **Documentário Mulheres dos Quilombos de São Lourenço do Sul.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AH3HUiU5zk> . Acesso em: 15 de julho de 2022.

ROSA, Graziela Rinaldi da. A Universidade em diálogo com os Movimentos sociais: ouvindo as vozes do campo, as águas e das Florestas. *In*: FONTOURA, Jara Lourenço da; VANIEL, Berenice Vah; DILLMANN, Mauro; ROSA; Graziela Rinaldi da. **Vozes do**

Campo: lutas, saberes e resistências. Rio Grande: EDIGRAF, 2017, p. 65-84.

ROSA, Graziela Rinaldi da; FERREIRA, Adriana da Silva. Vivências e Narrativas de Vida de Mulheres das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Sul. *In:* GROSSI, P. K; BOHN, Simone; OLIVEIRA, S.B; DUARTE, J.D (org.). **Mulheres Quilombolas, Interseccionalidades e Políticas Públicas**. Porto Alegre: Faith, 2021, p. 37-62.

ROSA, Graziela Rinaldi da; MORETTI, Cheron Zanini. Despatriarcalizar e descolonizar o conhecimento: um desafio para a Pedagogia Latino Americana. *In.:* PEREIRA; GRANDO; CUNHA; FERREIRA (org.). **Mulheres, Territórios e identidades. Despatriarcalizando e descolonizando conceitos**. Volume 1. p. 41-52.

ROSA, Graziela Rinaldi da. **As Relações de Gênero na Filosofia**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

RUTZ, J. V. **Relatos e artefatos:** Pomeranos com orgulho. Trabalho de conclusão de curso. Bacharel em Design - Instituto Federal Sul-rio-grandense. Pelotas, 2021.

SALES, C. Mulheres Rurais: Tecendo Novas Relações e Reconhecendo Direitos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.15, n.2, p.437-443, 2007.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Márcia Alves da. **Pedagogias populares e epistemologias feministas latino-americanas**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

SOUZA, R. S. de. Identidade pomerana: uma construção multicultural. *In:* MELO, S. M. de.; SOUZA, M. T. de (org.). **Pomeranos no Brasil:** olhares, vozes e histórias de um povo. Rio de Janeiro/RJ: 1ª Edição, Letras e Versos, 2015.

WEIDUSCHADT, P. Pomeranos, luteranismo e a educação na Região Meridional do RS. *In:* MELO, S. M. de.; SOUZA, M. T. de (org.). **Pomeranos no Brasil:** olhares, vozes e histórias de um povo. Rio de Janeiro/RJ: 1ª Edição, Letras e Versos, 2015.

RODAS DE LEITURA E RESISTÊNCIA: VIVÊNCIAS DO PROJETO “KILOMBO LITERÁRIO”

Adriana da Silva Ferreira*
Carina Santana Ferreira**
Deise Vieira Alves***
Desiree Fripp dos Santos****
Michaela Sant’Anna*****
Laércio da Silva Nebel*****
Ornesina Sant’Anna*****
Rodrigo da Rosa Pereira*****

*Eu sempre me perguntei por que não existiam
autores e autoras negras na nossa literatura.
Hoje eu vejo que existem, eles estão lá, só não*

* Licenciada em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Rio Grade, Campus São Lourenço do Sul. E-mail: adri.silvaf77@gmail.com

** Licenciada em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Rio Grade, Campus São Lourenço do Sul; bolsista de cultura do projeto “Kilombo Literário”. E-mail: carysantana.f@gmail.com

*** Estudante do curso de Licenciada em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Rio Grade, Campus São Lourenço do Sul. E-mail: vieiraalvesdeise@gmail.com

**** Estudante do curso de Licenciada em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Rio Grade, Campus São Lourenço do Sul. E-mail: desifripp@gmail.com

***** Estudante do curso de Licenciada em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Rio Grade, Campus São Lourenço do Sul. E-mail: michaellasantanna@gmail.com

***** Estudante do curso de Licenciada em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Rio Grade, Campus São Lourenço do Sul. E-mail: laerciodasilvanebel@gmail.com

***** Graduada em Lic em Educação do Campo/FURG (2021). Integrante da Comunidade Quilombola da Coxilha Negra.

***** Professor da Universidade Federal do Rio Grade, Instituto de Letras e Artes, Campus São Lourenço do Sul; coordenador do projeto “Kilombo Literário”. E-mail: prof.trp@gmail.com

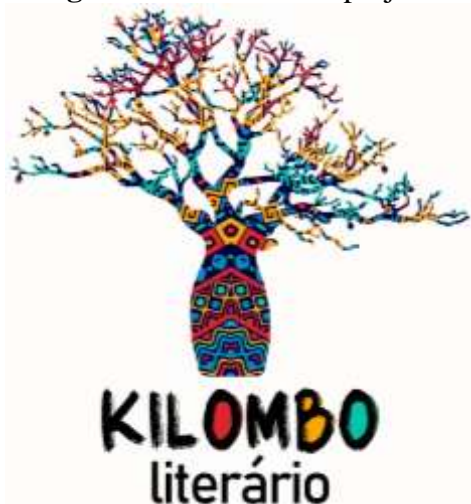
são divulgados e não temos acesso. Então, o Kilombo nos abriu as portas, nos deu esse acesso (Deise).

Quem somos?

O Kilombo Literário é um projeto de extensão e cultura, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Inserido no contexto da formação de leitores, bem como da promoção e difusão da leitura, propõe-se como um espaço de encontro e leitura coletiva de textos literários de autoria negra. As leituras são feitas conjuntamente, durante os encontros, em forma de roda, e seguidas de uma conversa sobre as temáticas relacionadas aos textos. Nossas atividades são abertas a todo(a) e qualquer interessado(a), seja da comunidade universitária ou externa. Como círculos de cultura e convivência, nossas ações não possuem caráter acadêmico.

O projeto teve início em 2019, no Campus Carreiros. Ao longo de 2020 e 2021, o projeto passou a se vincular ao Campus São Lourenço do Sul, novo local de lotação do professor responsável. Abaixo, encontra-se o símbolo do projeto:

Figura 1 – Símbolo do projeto:



Fonte: Arquivo do projeto. Crédito da arte: Juruá

A literatura em questão é aquela produzida por escritores negros contemporâneos, especialmente textos veiculados na série literária Cadernos Negros. Ao retomar a ideia tradicional das rodas de contação de histórias, o projeto apresenta-se ainda estreitamente ligada à dimensão simbólica e cidadã da cultura negra no Brasil. Assim, acreditamos contribuir não apenas para ampliar o público leitor dessa produção literária, mas para a vivência de diferentes possibilidades de consciência crítica no contexto das expressões artístico-culturais negras.

Nossos objetivos incluem: promover a leitura e a formação de leitores críticos; contribuir para a difusão e o reconhecimento da produção literária afro-brasileira, instigando a aprendizagem interativa e crítica, com base em elementos que permitam valorizá-la; contribuir para a socialização da Literatura Afro-Brasileira em contextos educacionais diversos; contribuir para a efetivação da Lei 10.639/03; e estreitar relações entre as diversidades no contexto da comunidade universitária.

O que nos move?

Uma das principais justificativas do nosso projeto é que a situação atual dos estudos literários no campo da Literatura Afro-Brasileira aponta para a necessidade de adensamento da sua recepção crítica, conforme atesta Eduardo de Assis Duarte (2011), um dos principais estudiosos dessa produção. Por outro lado, a educação formal brasileira, do ensino básico ao superior, ainda não proporciona uma formação nesse sentido, apesar da existência da Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da “História e Cultura Afro-brasileira”.

Diante da carência das práticas pedagógicas relacionadas não só à literatura, mas a temáticas étnico-raciais nos contextos educativos, torna-se urgente viabilizarmos estratégias para o trabalho com conteúdo dessa natureza. É inconcebível que nossos alunos passem pelo processo formativo escolar/acadêmico sem conhecer a existência da diversidade de autoras e autores negros brasileiros e contato algum com sua vasta produção literária.

Nessa realidade, a extensão universitária parece um caminho possível para promover essa formação complementar e continuada a educadores, bem como a comunidade em geral, proporcionando a socialização desses textos e a formação de leitores críticos. São diversos os relatos dos participantes do projeto que demonstram o quanto, ao longo de sua formação, nunca haviam ouvido falar de escritores e escritoras negras e de como o contato com essa produção apresenta-se como uma experiência transformadora e libertadora.

Como funcionam nossas rodas de leitura?

Com base nos sábios, contadores de histórias da antiguidade, na qual compartilhavam suas sabedorias à comunidade dispostos em círculos, possibilitando uma visão ampla dos participantes de forma interativa e sensibilizadora,

assim nossas atividades são concebidas. Com os participantes em roda, oportunizamos que cada o texto seja lido coletivamente, em voz alta, cada participante lendo uma parte, conforme se sente à vontade.

Após a leitura de cada conto, fazemos uma conversa de caráter crítico para discutir os temas tocantes a questões étnico-raciais, de gênero e mesmo de classe social, decorrentes das narrativas em questão. Geralmente, trazemos algum(a) convidado(a) especial para fazer uma fala sobre a temática do dia. Os organizadores são mediadores, fazem perguntas sensibilizadoras a fim de desenvolver a capacidade de reflexão e criticidade dos participantes. Buscamos instigar os integrantes a compartilharem suas diferentes percepções no que tange a temática abordada. Nesse momento, são fundamentais os relatos individuais que emergem a partir das experiências de leitura, que trazem em si a bagagem cultural das vivências de cada participante.

Nossos encontros ocorrem ao longo dos semestres letivos da universidade. Os textos selecionados são enviados previamente aos participantes inscritos a cada roda, mas também projetados em tela para a leitura durante o encontro. Quanto ao público e local, tivemos início junto à comunidade universitária do campus Carreiros, sendo posteriormente articulado com outros espaços. Quando o projeto passou a vincular-se ao Campus SLS, foi o momento em que migramos para o formato das rodas online.

O ambiente virtual possibilitou a ampliação expressiva da participação de pessoas de diferentes lugares, para muito além do contexto local e regional. Hoje o projeto tomou uma dimensão nacional, com gente de todo o Brasil (e mesmo do exterior, em alguns encontros). Com a perspectiva do retorno presencial, pretendemos levar nossas ações com escolas da rede pública, bibliotecas, organizações comunitárias e outros espaços de cultura, dentro e fora do município de São Lourenço do Sul.

Desde o início do projeto, já realizamos mais de 30 rodas

de leitura. Em muitas delas, tivemos convidados externos para promover um melhor debater temático, sempre articulado com o conto lido. Atualmente, devido ao ensino remoto, estamos com participantes de diversos lugares do Brasil. Temos um grupo de *WhatsApp* com cerca de 100 participantes e uma média de 25 pessoas ativas por encontro. Temos também canais de comunicação nas redes social Facebook e Instagram (@kilomboliterário). Na figura abaixo, podemos ver alguns cards de divulgação dos eventos.

Figura 2 – Cards de divulgação:



Fonte: Arquivo do projeto. Crédito da arte: Juruá e Kaylane

A importância dos Cadernos Negros

Cumpre salientar que a escolha dos Cadernos Negros (CNs) dá-se em razão de ser uma série literária publicada anualmente desde 1978, na qual são publicados contos e poemas

de escritores negros brasileiros contemporâneos. Publicados ininterruptamente ano após ano, os CNs representam a antologia de Literatura Afro-Brasileira de maior duração, atualmente, sendo um dos principais veículos que contribuem para a afirmação da voz negra na literatura brasileira. A cada ano é publicado um volume, sendo que um ano é dedicado para contos e outro para poemas, e assim sucessivamente. Até o momento, já foram publicados 43 volumes.

De acordo com Adélia Mathias (2014), o funcionamento conservador do campo literário brasileiro faz com que a grande maioria da população negra não consiga produzir e publicar seus textos em iniciativas individuais. Diante disso, a criação dos *Cadernos negros* coloca-se como estratégia criada por um grupo de autoras/es de São Paulo, no final da década de 70, para criar um espaço de resistência através da literatura, no qual negras/os deixam de ser objetos e passam a ser sujeitos de narrativas.

Segundo Rodrigo Pereira (2016, p. 16), notadamente a partir da década de 1970, podemos pensar a literatura afro-brasileira como lugar de resistência para o povo negro, conforme mostram os vários textos literários emergentes. São contos, poemas e romances que buscam outros modos de enunciação do corpo e da cultura negra. Com base nisso, acreditamos que a literatura afro-brasileira constitua o que pode ser chamado de “poética quilombola”, e espaços como os *Cadernos negros* podem ser vistos enquanto “quilombos literários”.

Participação no programa Vozes do Campo

Na data de 19 de julho de 2021, tivemos a oportunidade de participar do programa de rádio Vozes do Campo, que é transmitido das 13h15 às 13h45 na rádio São Lourenço (AM 1190)¹. Originalmente pensado como um programa ao vivo,

¹ Também é possível ouvir on-line em: <https://radioslaolourenco.com.br>

nesse momento de pandemia, devido ao distanciamento social, o Vozes passou a ser gravado e editado para então ser enviado para transmissão. Na ocasião da gravação, feita na forma de um encontro virtual, tiveram presentes as estudantes Carina Santana Ferreira, Desirée Fripp, Deise Vieira Alves, Michaella Sant’Anna; o estudante Laércio Nebel; e as egressas Ornesina Sant’Ana e Adriana Ferreira; todas do curso de Licenciatura em Educação do Campo da FURG SLS.

É importante destacar que Adriana, Carina e Michaella são Quilombolas, da Coxilha Negra. Carina era a bolsista do projeto e, atualmente, está formada como Educadora do Campo, cursando Mestrado em Antropologia, na UFPel. Desirée também se apresenta como militante social do movimento de agroecologia urbana, no município.

Passaremos a tecer algumas considerações a partir das nossas percepções sobre a importância do projeto, a partir dos relatos feitos durante o programa, destacando aspectos da sua relevância social e acadêmica, mas também pessoal. O primeiro ponto que nos parece fundamental frisar é que o Kilombo Literário se caracteriza como um espaço de acesso, descoberta e aprendizagem: “O projeto se coloca como um espaço de várias descobertas, um lugar de voz e de fala” (Ornesina). Na mesma direção, uma das mais significativas falas é que “o Kilombo Literário foi um presente, abriu meus horizontes, transformou a minha vida” (Carina). Esse sentimento foi reforçado diversas vezes nas diferentes falas.

Quando afirmamos que o projeto tem representado um “processo de descoberta” é porque muitos dos participantes nunca haviam ouvido falar a respeito de escritores negros. Nesse sentido, proporcionando o contato, a cada semana, com novos escritores negros, destacamos algumas percepções: “Eu sempre me perguntei por que não existiam autores e autoras negras na nossa literatura. Hoje eu vejo que existem, eles estão lá, só não são divulgados e não temos acesso. Então, o Kilombo nos abriu as portas, nos deu esse acesso.” “(...) eu tirei o véu da cegueira.

Nós temos excelentes autores e autoras, com poemas e contos, e isso enriquece muito a nossa vida.” (Deise); “(...) conhecendo autores novos, autores que eu nunca ouvi falar; e lendo e refletindo” (Michaella).

Caracterizado também enquanto um espaço alegre, com muita gente diferente” (Michaella), cumpre ressaltar que nossas rodas de leituras são vistas como um lugar de trocas, ou seja, é um espaço de aprendizado que se dá por meio da convivência e reflexão com os diferentes sujeitos participantes. Em especial, o processo de intercâmbio com pessoas de outras localidades, proporcionado pelo ambiente virtual, colaborou muito para a valorização do projeto: “o Kilombo (...) nos deu acesso para que a gente consiga trocar ideias, opiniões como pessoas de outros lugares, que não só do nosso meio, da nossa comunidade, compartilhar conhecimentos com pessoas de outras cidades que trazem outras vivências...” (Deise)

Daí que se torna interessante notar também que desse processo de trocas, dessa convivência humanizadora decorre a transformação dos sujeitos, mesmo entre pessoas brancas, que passam a compreender melhor seu papel no enfrentamento ao racismo: “Para mim [enquanto pessoa branca] o KL é fonte de muito conhecimento, porque toca em assuntos que eu nunca havia pensado antes” (Laércio). O projeto se apresenta “como base para a minha caminhada enquanto Educadora em formação”, pois “os contos são de muita força”, à medida que “trazem histórias de vida que nos levam a refletir sobre diversas dimensões sociais” (Desirrée).

Portanto, demarcamos a importância de ter espaços como esse na universidade, que não necessariamente estão dentro de disciplinas, isto é, para além das demandas curriculares. Da mesma forma, é consenso que a universidade precisa promover esses espaços para a comunidade externa, ampliando nossa rede de comunicação e diálogo. É muito importante levarmos essas vozes às comunidades, propiciar que leiam e revivam essas histórias, adquirindo e trocando saberes e conhecimentos.

Afirmação identitária: autoestima e reconhecimento

Um sentimento que predomina é o de que os contos lidos durante as rodas vêm para fortalecer o povo negro, pois em algum momento ou de alguma forma os participantes se acabam se identificando com as histórias. Muita coisa que aprendemos com os mais velhos refletem-se nas leituras e muitas coisas nessas histórias relembram vivências nossas. Assim, acreditamos que essa literatura funciona como “espelhos” para o público leitor negro: “É importante porque na nossa vida escolar e acadêmica nós temos poucos escritores que conta a nossa história”; “o projeto apresenta-se como uma reafirmação de que “nós [pessoas negras] somos capazes” (Carina). Além disso, é interessante demarcar que o projeto acaba incentivando também a própria escrita: “(...) foi abrindo a minha mente e eu fui escrevendo mais e melhor” (Carina).

Nesse sentido, o projeto é visto como um espaço de fortalecimento: “O Kilombo Literário veio para nos fortalecer, em todos os sentidos das nossas vidas, com histórias de vida de escritoras negras que se assemelha em alguma hora à nossa.” (Adriana) Além dos contos propriamente ditos, a presença das pessoas mais velhas que participam do grupo e que também compartilham suas histórias, por meio dos relatos orais, contribuem de maneira expressiva para o entendimento de que as histórias se repetem: “não foi só com a gente que aconteceu; em certos momentos, algumas passagens, de alguma forma, essas histórias também foram vivenciadas por muitas outras mulheres negras no passado e ainda hoje” (Adriana). Então esses contos chegam para refletirmos, fortalecermo-nos e repassar aos nossos uma autoestima. “É um diálogo libertador” (Adriana).

Como principal fator de destaque nesse caminho de afirmação identitária, está o reconhecimento de si mesmos e a valorização das histórias negras: “O KL pra mim foi um espaço de reconhecimento pessoal, porque a gente também está escrito

nesses contos, nessas histórias” (Ornesina). Portanto, a participação no projeto representa uma experiência gratificante e significativa, em especial porque proporciona que o pessoal consiga se enxergar nessas leituras.

Segundo Homi Bhabha (1998, p. 321), nas sociedades pós-coloniais, como a nossa, a literatura serve não só para o colonizado encenar o “direito de significar”, mas também “questionar o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo”. Assim, para os negros brasileiros, a literatura torna-se um dos lugares de criação, de manutenção e de difusão de memória e identidade; um lugar de transgressão, ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia o ponto de vista do colonizador.

Partindo do pressuposto de que “a palavra poética é um modo de narração do mundo [...], de revelação do utópico desejo de construir um outro mundo”, Conceição Evaristo (2010, p. 133) defende que pela literatura inscreve-se o que o mundo poderia ser, e, ao almejar outro mundo, ela revela um descontentamento com uma ordem previamente estabelecida. Nesse sentido, ganha relevo a alegação de que a literatura afro-brasileira “toma como parte do *corpus* a História do povo negro vivida e interpretada do ponto de vista negro, propondo uma leitura transgressora da História oficial e escrevendo a história dos dominados” (EVARISTO, 2010, p. 138).

Conforme demonstra Evaristo (2006, p. 111), essas histórias “fratura[m] o sistema literário nacional em seu conjunto”, tratando-se de “uma literatura em que o corpo negro deixa de ser o corpo do ‘outro’ como *objeto* a ser descrito, para se impor como *sujeito* que se descreve.”

Ainda, de acordo com Pereira (2016, p. 11), acreditamos estar diante de um processo de produção de um discurso literário afirmativo de identidades culturais que se coloca como uma espécie de contranarrativa da histórica representação negativa acerca das pessoas negras e, conseqüentemente, da ideia de afrodescendência na literatura brasileira.

Palavras finais: longe de encerrar a conversa

A primeira reflexão que julgamos pertinente, em termos de considerações finais, é pensar sobre a dialogicidade dessa prática educativa não formal que resultam de nossas rodas. O projeto vai ao encontro da riqueza da concepção freireana de educação, de que os humanos se educam em comunhão mediados por determinado objeto de conhecimento, particularmente, a realidade vivida: “Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1983, p. 79).

Em nossas rodas, além do reconhecimento e valorização dessa produção literária e seus autores, promovemos um diálogo com os textos, pelo encontro entre sujeitos que juntos vão construindo uma significação coletiva, a partir do compartilhamento da palavra. Trata-se de um espaço onde a voz de cada pessoa importa muito. Nesse sentido, temos investido também em trazer convidados para compartilhar histórias de vida, bem como incentivado as pessoas a escreverem suas próprias histórias.

Os relatos demonstram o quanto o Kilombo Literário vem fazendo a diferença na vida de todos os envolvidos, sejam pessoas negras ou brancas, a partir não só do acesso, mas também do debate, diálogo e reflexão. Esperamos, com isso, contribuir não apenas para uma maior socialização da literatura afro-brasileira, cujo público leitor encontra-se ainda hoje bastante restrito, mas também para a vivência de diferentes possibilidades de consciência crítica nesse contexto.

É preciso enfatizar que o projeto vem se configurando cada vez mais como um espaço de resistência para o povo negro e de aprendizado para pessoas brancas. Com base no modelo de organização quilombola, assim como os vários tipos de organizações coletivas negras e a própria literatura afro-brasileira, nossas rodas representam uma espécie de práxis afro-

brasileira, nascida nos quilombos e constatada ao longo da história brasileira. Desse modo, contribuímos com a luta histórica de ancestrais pela questão da afrodescendência no Brasil e para a constituição da identidade afrodescendente por meio do instrumento da leitura.

Por fim, cumpre ressaltar que tem sido muito gratificante ver que o projeto se ampliou tanto, dado o alcance do ambiente virtual, com tantas pessoas que fora, que vêm e que conversam, trocam ideias e compartilham vivências, o que acabou proporcionando um lugar de troca para além das comunidades locais. Por isso, não sabemos como será quando voltarmos às atividades presenciais, mas acreditamos que não poderão deixar de acontecer.

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BRASIL. **Lei nº 10.369/03**. MEC, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. *In*: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

EVARISTO, Conceição. Vozes quilombolas: literatura afro-brasileira. *In*: GARCIA, Januário (org.) **25 anos 1980-2005**: movimento negro no Brasil. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006d.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MATHIAS, Adélia Regina. **Vozes femininas no “quilombo da literatura”**: a interface de gênero e raça nos *Cadernos negros*.

Dissertação (Mestrado em Literatura e Práticas Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa Pereira. **Perspectivas femininas afro-brasileiras em adernos negros** (contos): Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves. Rio Grande: Editora da FURG, 2016.

The background of the page is white, featuring several decorative elements consisting of thin, yellow, wavy lines that form concentric, irregular patterns, resembling ripples or topographical contours. These patterns are scattered across the page, with a larger one in the top right corner and several others in the lower half.

Pesquisas
desenvolvidas na
LEDOC/ FURG

MULHERES DO CAMPO VÃO À UNIVERSIDADE?

Tatiana da Silva Bandeira *

Graziela Rinaldi da Rosa **

Introdução

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Rio Grande/FURG tem um currículo diferenciado que foi pensado e organizado para atender as demandas dos povos que vivem no campo baseado na pedagogia da alternância.

A Pedagogia da Alternância é uma proposta de educação inovadora para o meio rural, pois além de organizar o currículo escolar com base na realidade do aluno, conta com o envolvimento e participação das famílias na gestão da escola[...] (AZEVEDO, 2005, p. 1).

Esse texto, visa compartilhar uma pesquisa realizada pela autora, e orientada pela coautora, que buscou conhecer a realidade das mulheres que vivem no campo (Colônia Ponte Cordeiro/Pelotas/RS), e refletir sobre relações de gênero,

* Graduada de licenciatura em Educação do Campo – Ênfase em Ciências Naturais e Agrárias, FURG. Bolsista do Programa de Residência Pedagógica da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. E-mail: tatibandeira3@gmail.com

** Professora de Filosofia e Educação Popular do Instituto de Educação-IE/FURG; Especialista em Metodologia do Ensino. Mestre, Doutora e Ph.D. em Educação. Integrante da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. Integrante do GT Gênero e Filosofia-ANPOF. Colaboradora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola-GESE/FURG. Coord. da Linha de Pesquisa "Relações de gênero e feminismos na educação" GESE/FURG. Integrante do Grupo de Pesquisa Educação Popular, Metodologias Participativas e Estudos Descoloniais (UNISC-RS). Integrante do Projeto de extensão Vozes do Campo/FURG. E-mail: grazirinaldi@gmail.com.

educação e mulheres do campo. A metodologia utilizada foi a pesquisa participante. Oliveira (2008, p. 75) afirma que “essa modalidade de pesquisa é realizada em comunidades carentes ou com grupos desfavorecidos, como operários, índios e camponeses, entre outros”.

A pesquisa foi realizada com oito mulheres da Colônia Ponte Cordeiro de Farias-Pelotas/RS, sendo cinco mulheres brancas e três negras, e ocorreu durante o período de pandemia. Devido a isso, a metodologia de pesquisa precisou ser adaptada, seguindo os protocolos de saúde. Sendo assim, não foi possível realizar entrevistas presencialmente, ou ainda rodas de diálogos, inspiradas nos círculos de Cultura, como ensinou Paulo Freire. Optamos por criar um questionário on-line no formulário *Google* e enviamos as perguntas e interagimos via *WhatsApp*, para garantir a participação, pois esse era o aplicativo mais usado pelas mulheres do campo.

Gênero, mulheres do campo e educação

As lutadoras e lutadores precisam fazer o seu papel. A sociedade organizada, do campo e da cidade, luta para que as leis sejam cumpridas e para que haja uma sociedade mais justa e igualitária para todas e todos [...] (CHIMINI, 2016, p. 172).

A mulher vive uma luta constante na sociedade e precisa de muita força para alcançar direitos iguais. É importante destacar que vem ocorrendo uma mudança nos últimos anos, pois as mulheres estão conquistando mais direitos e ocupando maiores espaços, porém faz-se necessário continuar lutando por questões como educação das mulheres do campo, que precisa ser mais valorizada no Brasil.

Através da educação, a mulher pode conquistar sua autonomia, se tornando uma cidadã de direito, crítica e empoderada, sentindo-se capaz de superar a discriminação que está presente na sociedade.

Durand (2019) afirma que:

a educação tem o poder de transmitir os saberes onde são construídas as noções de cidadania e de socialização. Discursivamente é - deveria ser concretamente – uma preocupação mundial, nacional, regional, familiar [...] (DURAND, (2019, p. 112).

Para preservar a identidades das mulheres que colaboraram com a pesquisa, decidimos escolher pseudônimos. Sendo assim, selecionamos nomes inspirados nas respostas e na realidade de cada uma. Dessa maneira, os nomes definidos e usados no texto foram: **jogadora de futebol, faxineira, artesã, safrista, doméstica, agricultora, flor do campo e dona de casa.**

Jogadora de Futebol tem 27 anos, ensino médio completo, trabalha em obras de construção, é casada e tem um filho. Concluiu os estudos e não está estudando no momento. Gostaria de voltar a estudar para ter uma profissão. Ela acredita que a mulher que mora na colônia tem mais dificuldade, já que tudo fica mais longe e dificulta o transporte além de que os gastos são maiores. Ela acredita que com a educação a mulher vai ter uma vida melhor, passar menos dificuldades e, além disso, ter um aprendizado muito maior.

Faxineira tem 27 anos, ensino fundamental completo, trabalha fazendo limpezas, não é casada e tem uma filha. Não concluiu os estudos porque se casou e desistiu de estudar já que precisa trabalhar. Gostaria de voltar a estudar porque aparecem várias oportunidades de emprego e esses cargos exigem o ensino médio completo. Ela nos relatou que as mulheres que moram na colônia enfrentam mais dificuldades para estudar porque têm mulheres dependentes e precisam trabalhar para sustentar a casa e não tem tempo para o estudo. Muitas chegam em casa cansadas, o que não as incentiva a estudar. Para ela, a educação da mulher é um dos meios mais importantes da vida para uma sociedade e comenta que a educação da mulher deve estar em primeiro lugar.

Artesã tem 54 anos, ensino fundamental incompleto, não está trabalhando, é viúva e tem três filhas. Ela não concluiu os estudos porque na época não havia transporte escolar e dependia de ônibus para chegar à escola, acredita que retornar agora é mais difícil por conta da idade. Gostaria de voltar a estudar para ter mais oportunidade de emprego. Para a *Artesã*, as dificuldades que as mulheres que moram na colônia precisam enfrentar para estudar, são: cuidar dos filhos, da casa e, às vezes, trabalhar fora como em lavouras.

Safrista tem 40 anos, ensino fundamental incompleto, trabalha na fábrica de conservas, é casada e tem dois filhos/as. Ela não concluiu os estudos porque começou a trabalhar fora com 11 anos e não está estudando porque trabalha durante o dia. Gostaria de voltar a estudar para ter um emprego melhor. Para ela, hoje em dia, as mulheres que moram na colônia não enfrentam mais dificuldades para estudar como enfrentavam no passado. Segundo ela, as dificuldades que as mulheres da colônia precisam enfrentar para estudar é ter tempo suficiente para conciliar o trabalho, cuidar da casa e estudar. Ela considera que a educação na vida da mulher é importante para a sua colocação no mercado de trabalho.

Doméstica tem 44 anos, ensino fundamental incompleto, trabalha de doméstica, é casada e tem dois filhos/as. Ela não concluiu os estudos porque na época não teve oportunidade, tudo era muito distante e não havia dinheiro. Não está estudando porque não tem tempo, mas gostaria de voltar a estudar para ter mais conhecimento. Para ela as mulheres que moram na colônia enfrentam mais dificuldades para estudar porque é tudo muito longe. Ela relatou que as dificuldades que as mulheres que moram na colônia enfrentam para estudar são: a distância, os trabalhos, como aqueles realizados na lavoura, além dos horários. Com relação à importância da educação na vida das mulheres, ela contou que as oportunidades para as mulheres são mais difíceis, e se elas não tiverem um bom nível de estudo, é mais difícil ainda.

Agricultora tem 42 anos, primeiro grau completo, trabalha na agricultura e, também, como babá, é casada e tem dois filhos/as. Ela não concluiu os estudos pela dificuldade financeira na época, não está estudando e, no momento, não pensa em voltar a estudar. Ela afirma que gostaria de retomar os estudos, pois sempre gostou de aprender e que só parou com os estudos porque não tinha condições financeiras para continuar, pois seria necessário se deslocar até a cidade para ter acesso à escola. Destaca que uma das dificuldades que as mulheres que moram na colônia enfrentam para estudar é a locomoção. Outra dificuldade que as mulheres que moram na colônia precisam enfrentar para estudar é a disponibilidade de tempo, pois muitas trabalham, e teriam que estudar à noite. *Agricultora* comenta que a importância da educação na vida da mulher se traduz, primeiramente, no conhecimento adquirido, depois a independência - não apenas a independência financeira, o conhecimento adquirido não pode ser tirado de nós por ninguém.

Flor do Campo tem 28 anos, ensino fundamental completo, trabalha na fábrica de conservas Golden Peach, é solteira e tem dois filhos/as. Ela não concluiu os estudos por falta de interesse na época. Não está estudando por não ter uma escola que tenha educação de jovens e adultos (EJA) próximo ao local onde ela vive. Gostaria de voltar a estudar porque para ela, hoje precisamos muito ter o ensino médio para ingressar no mercado de trabalho. Ela acredita que, talvez, por falta de escola perto, as mulheres que moram na colônia enfrentam mais dificuldades para estudar, pois observa que as mulheres que moram na colônia precisam enfrentar várias dificuldades para estudar porque trabalham fora, tem que cuidar da casa, filhos/as. Em sua opinião, elas acabam nem tentando por ser corrido e cansativo. Com relação à educação na vida das mulheres, ela considera importante para tudo. Tanto para o mercado de trabalho, quanto para a vida. *Flor do campo* considera que o estudo é muito importante para todos e acredita que se tivesse mais recursos na colônia para quem não terminou os estudos seria um benefício

muito grande para quem quer voltar a estudar, mas tem como obstáculo a distância que tem que ser percorrida para chegar até uma escola que tenha (EJA) do ensino médio.

Dona de casa tem 41 anos e ensino fundamental incompleto. Não é casada e tem três filhos/as. Não concluiu os estudos porque tinha muitas dificuldades nas matérias. Reprovou muitas vezes. Não está estudando porque tem filha pequena e não tem com quem deixar. Ela gostaria de voltar a estudar para conseguir um emprego bom. Segundo ela, as mulheres que moram na colônia enfrentam mais dificuldades para estudar porque as escolas ficam longe. A maioria tem filhos para cuidar e não tem com quem deixá-los. A distância e a falta de transporte são as dificuldades que as mulheres que moram na colônia precisam enfrentar para estudar. *Dona de Casa* diz que educação é importante para que seja possível aprender as diferenças e respeitar o próximo, assim como para se conseguir um bom emprego.

Para concluir ...

O tema do trabalho de conclusão de curso (TCC) se desenvolveu sendo inspirado na realidade da mulher do campo, estudante e pesquisadora em formação, e na realidade de outras mulheres. A discussão realizada nesse trabalho mostrou a necessidade de se abordar questões como trabalho, educação, violência, políticas públicas e gênero, pois muitas vezes a falta de conhecimento de algumas mulheres do campo dificulta o acesso a esses direitos. São questões importantes que fazem parte da realidade da mulher do campo, e podem contribuir para aumentar as dificuldades que elas precisam enfrentar para estudar. Com essa pesquisa podemos concluir que nenhuma das mulheres que colaboraram com a pesquisa está estudando no momento, porque tem que trabalhar, não tem escola de educação de jovens e adultos perto e ainda tem mulheres que possuem crianças pequenas e não tem com quem deixá-las.

Todas falaram que gostariam de voltar a estudar, para ter mais oportunidades de emprego, ter uma profissão e ter mais conhecimento. As mulheres relatam ainda que as dificuldades que as mulheres do campo precisam enfrentar para estudar são os trabalhos da casa, a necessidade de cuidar dos/as filhos/as, trabalho na lavoura, dificuldades com transporte, distâncias, horários, gastos e disponibilidade de tempo.

Percebe-se que o patriarcado ainda engessa os sonhos dessas mulheres, e dificulta a realização de atividades que elas desejam, e que muitas vezes rompem com o âmbito do trabalho doméstico, cuidado dos/as filhos e filhas. Sendo assim, os estudos de gênero e feministas na educação popular, e educação do campo, bem como os diferentes movimentos sociais das mulheres terá muito a contribuir para mudarmos essa realidade, e dar mais qualidade de vida para *nosotras*.

Referências

AZEVEDO, A. J. Sobre a Pedagogia da Alternância. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, p.1-10, 2005. Disponível em: http://www.faeff.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/48eN3R9wYhTxifO_2013-6-28-12-36-11.pdf. Acesso em: 29 ago. 2021.

CHIMINI, L. A opressão contra a mulher não é o mundo que a gente quer: Enfrentamentos a partir do MPA do Rio Grande do Sul. *In*: TAVARES, J.; COSTA, J.; FAGUNDES, M. (org.). **Diversidade produtiva das mulheres do MPA**. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2016, p. 172.

DURAND, V. Em defesa da paz como cultura e carinho para a educação em direitos humanos. *In*: ROSA, G. R. (org.) **Mulheres em movimento: perspectivas em educação, ativismo e empoderamento**. Curitiba: Editora Nova Práxis, 2019, p. 112.

OLIVEIRA, M, M. **Conhecendo alguns tipos de pesquisa**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2028. p. 75.

PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC): ALIMENTOS DO CAMPO, DAS CIDADES E DAS AGROECOLOGIAS

Jaqueline Durigon*
Léia Beatriz Sell**

Introdução

A natureza sempre fez parte da alimentação humana, incluindo uma ampla variedade de insetos, fungos, aves, mamíferos, peixes e, principalmente, espécies vegetais, entre raízes, tubérculos, rizomas, caules, folhas, frutos, sementes e derivados dessas partes (TURNER *et al.*, 2011). Há estimativas de que 10 a 30% de todas as plantas descritas no mundo possuam partes alimentícias, ou seja, de 30 a 90 mil espécies, sendo que pelo menos 7 mil foram cultivadas ou colhidas para fins alimentícios ao longo da história da humanidade (TURNER *et al.*, 2011; KINUPP; LORENZI, 2014).

A coleta foi e ainda continua sendo uma importante forma de obtenção dos alimentos da natureza, podendo esta ocorrer junto aos remanescentes florestais, bem como à vegetação herbácea e arbustiva que nasce espontaneamente. Da mesma forma, espécies silvestres de maior interesse, tanto florestais como não florestais, são tradicionalmente mantidas, aproximadas e/ou cultivadas próximo às residências, facilitando

* Professora da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus São Lourenço do Sul, RS e Coordenadora do Projeto PANCPop: Popularizando o Uso de Plantas Alimentícias Não Convencionais. E-mail: jaquinedurigon@gmail.com.

** Mestranda em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) e voluntária do Projeto PANCPop: Popularizando o Uso de Plantas Alimentícias Não Convencionais. E-mail: leiasell1997@gmail.com.

o cuidado e o acesso. Cabe destacar que, mesmo após o desenvolvimento da agricultura e, conseqüentemente, de uma delimitação mais clara dos locais destinados ao cultivo e da seleção de um determinado grupo de espécies domesticadas, a coleta de alimentos junto à natureza não foi abandonada. Dinâmicas variadas de coleta (e de caça) associadas a práticas agrícolas são observadas até os dias de hoje, demonstrando que as formas de obtenção do alimento, frequentemente, apresentam características como interdependência e complementariedade entre coleta e cultivo (BHARUCHA; PRETTY, 2010).

No caso das plantas alimentícias que nascem espontaneamente, elas podem cumprir diferentes papéis nas comunidades que as utilizam, incluindo um papel complementar na dieta, como já mencionado, trazendo nutrientes e diversidade à alimentação. Além disso, elas podem ter um papel estacional, cobrindo épocas de escassez de outros recursos, e/ou atuarem como “alimentos emergenciais”, no caso de haver grandes restrições, como aquelas relacionadas a eventos climáticos extremos e à perda de produtividade agrícola (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

No Brasil, ainda que muitas comunidades rurais ainda façam uso e mantenham muito conhecimentos relacionados à biodiversidade alimentícia nativa e naturalizada, esta tem pouco a pouco perdido espaço na alimentação cotidiana. Segundo Ballem; Silveira (2005), a perda gradativa de uma alimentação variada e a adoção de práticas e hábitos alimentares urbanos caracteriza um processo de erosão cultural alimentar no campo. Esses autores demonstram ainda que, no Rio Grande do Sul, em locais com um amplo histórico de práticas ligadas a uma agricultura diversificada, a produção de alimentos foi abandonada em detrimento da aquisição de alimentos externos, o que vem causando uma grande insegurança alimentar à agricultura familiar. Da mesma forma, Theis (2019)¹ evidencia

¹ O texto da dissertação pode ser acessado em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4762>

que agricultores (as) de base agroecológica ou em transição no sul do Rio Grande do Sul, apesar de reconhecerem muitas espécies alimentícias da sociobiodiversidade, fazem uso de apenas 20% dessas espécies em sua alimentação cotidiana.

No que se refere aos centros urbanos, observa-se que, de maneira geral, as relações com a natureza e, conseqüentemente, com o alimento, tendem a se tornar ainda mais distantes. As cidades têm se tornado ambientes hostis para os seres humanos, para a natureza e suas relações, sendo o acesso à alimentação adequada e saudável uma problemática que vem se aprofundando. No Brasil, principalmente a partir da década de 60, o movimento de mecanização e dominação do campo impulsionou um processo de intensa ocupação do meio urbano. Essa pressão crescente sobre as cidades, aliada à disseminação de uma racionalidade ligada ao consumo por parte dos veículos de comunicação de massa, vem, até os dias atuais, levando ao agravamento da insustentabilidade urbana (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

Nesse contexto de perdas de saberes e práticas culturais no campo nas cidades e de globalização de um sistema agroalimentar insustentável, desenham-se grandes desafios à humanidade, sendo que a produção de alimentos pode configurar como um dos grandes problemas ou como parte da solução. Diante de uma crise sistêmica (ambiental, climática, política, social e sanitária), ressurgem com força o debate sobre como garantir o mínimo à população, tanto hoje como no futuro e, com ele, a importância da sociobiodiversidade como caminho à segurança e à soberania alimentar (MARIUTTI *et al.*, 2021; SEIFERT; DURIGON, 2021).

Nesse sentido, diversas iniciativas de resgate, popularização e valorização dos alimentos da biodiversidade têm se dedicado na (re)construção de relações sociedade-natureza, trazendo possibilidades alimentares mais coerentes em um mundo em desequilíbrio.

No Brasil, as iniciativas que têm lançado mão do conceito de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC)

(KINUPP; LORENZI, 2014) têm se destacado, tanto pela capilaridade e pela diversidade de ações, como pela mobilização de diversos atores da sociedade. Além de visibilizarem um conjunto de espécies alimentícias com características-chave, tais como, a resiliência e o alto valor nutricional, grande parte dessas plantas possuem uma forte vinculação sociocultural. Dessa forma, ao trazer à tona conhecimentos tradicionais, essa abordagem contemporânea dos alimentos da sociobiodiversidade também tem promovido a construção de novos saberes e práticas, capazes de promover e devolver a autonomia em relação à alimentação (VALENTE *et al.*, 2021; SEIFERT; DURIGON, 2021).

A seguir, serão apresentados alguns conceitos iniciais, assim como um pouco da trajetória do processo de popularização das PANC no sul do Brasil. Serão descritas algumas iniciativas construídas em diálogo com pesquisadores (as), populações tradicionais, agricultores (as) e população urbana do sul do Rio Grande do Sul.

O conceito PANC

O processo de reconhecimento, constituição teórica e visibilização dos alimentos da sociobiodiversidade no Brasil tem se construído por meio de diversas abordagens. Tanto no meio acadêmico, como na formulação de políticas públicas e na elaboração das pautas dos movimentos sociais, busca-se estabelecer conceitos que delimitam e destacam determinados grupos de espécies. Nesse sentido, diferentes termos ou expressões na língua portuguesa foram difundidos nas últimas décadas, com graus variáveis de apropriação e compreensão pela sociedade, bem como de concretude nas ações relacionadas. Entre estes, pode-se destacar: “Plantas Alternativas” (KINUPP, 2006); “Plantas para o Futuro” (MMA, 2011); “Hortaliças Tradicionais” (MADEIRA *et al.*, 2013); “Alimentos Regionais” (BRASIL, 2015); “Alimentos ou Produtos da Sociobiodiversidade” (BRASIL, 2021).

Mais recentemente, o termo Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), trouxe uma proposta conceitual mais ampla, integrando diversas as áreas do conhecimento e atores da sociedade. Além de impactos significativos ao processo de valorização da sociobiodiversidade, esse termo diferencia-se dos demais por propor um claro enfrentamento ao processo de convencionalização, à imposição, pelo grande mercado, do que é alimento (SEIFERT; DURIGON, 2021).

Em termos e abrangência, ele engloba, além de espécies alimentícias nativas que foram historicamente invisibilizadas como alimento, espécies naturalizadas e exóticas que estão inseridas na cultura alimentar brasileira e nas dinâmicas de manejo das populações tradicionais. Adicionalmente, o conceito também abre espaço para visibilização de partes de plantas convencionais que são atualmente subutilizadas², bem como formas de preparo que não são consideradas na comida da maioria da sociedade urbana e industrial (KINUPP; LOREZI, 2014).

Cabe salientar que, ainda que este termo e o conceito estejam vinculados a uma construção acadêmica, a Tese de Doutorado de Valdely F. Kinupp³, desenvolvida na Região Metropolitana de Porto Alegre (MPA), RS, o processo que culminou no conceito PANC partiu dos conhecimentos tradicionais, das experiências de comunidades rurais da Região e do próprio autor, o qual tem suas origens no campo e hoje é considerado um neorural. No que se refere ao acrônimo PANC, este foi adotado posteriormente à publicação do conceito, uma proposta da nutricionista Irany Arteche.

O conceito de PANC não teve nenhuma coisa visionária, simplesmente é um nome, uma expressão para congregar um grupo de plantas, geralmente desconhecida,

² Para saber mais sobre o uso das partes alimentícias não convencionais na agricultura familiar do sul do Brasil, acesse o texto no link: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/1119880/1/CA04423.pdf>

³ Tese disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/12870>

negligenciada, subutilizada por boa parte da população das diferentes regiões do Brasil e do mundo. Claro que tem exceções e o acrônimo veio para simplificar, para facilitar a comunicabilidade entre as pessoas. E ele realmente foi muito além do que a Irany pensava, do que eu pensava, seguramente (...).⁴ (KINUPP, 2021, s/p)

Como exemplos de plantas que podem ser consideradas PANC, estão as várias espécies pertencentes ao gênero *Amaranthus*, popularmente conhecidas como carurus. Elas, que já foram muito consumidas no Brasil, acabam caindo em desuso. Atualmente, sua coleta e consumo é mantida apenas por algumas comunidades rurais, ou então, em muitos casos, acabou sendo destinada somente à alimentação de animais de criação⁵.

Da mesma forma, considerando outra faceta do conceito, pode-se citar as folhas, talos, cascas e outras estruturas de espécies convencionais que são muito subutilizadas ou desperdiçadas. Como exemplos mais comuns pode-se citar: as folhas da cenoura, da beterraba e da batata-doce, os talos e folhas de couve e de brócolis, as cascas da banana e o coração da bananeira⁶. Dessa forma, ainda que as espécies (cenoura, beterraba, batata, couve, brócolis, bananeira) sejam reconhecidas como alimento, algumas de suas partes não o são, principalmente pelas imposições do grande mercado que priorizam as partes de maior produtividade, mas também pelo desconhecimento do uso ou das propriedades nutricionais ou por questões socioculturais.

⁴ Trecho do Programa Vozes do Campo intitulado: PANC – Plantas Alimentícias não Convencionais, que foi ao ar em maio de 2021. Fala realizada pelo Professor Doutor Valdely Ferreira Kinupp, autor do conceito. A gravação está disponível no site: <https://educacaodocampo.furg.br/vozes-do-campo>. PANC: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS. Vozes do Campo. São Lourenço do Sul: Rádio São Lourenço, 3 de maio de 2021. Programa de Rádio.

⁵ Para saber mais sobre a identificação botânica e uso dos carurus, acesse o vídeo correspondente no Canal do YouTube do Projeto PANCPOP: <https://www.youtube.com/channel/UCqqrZIB1cS2vShzVu6uPRiQ>

⁶ Receitas e dicas de aproveitamento das partes alimentícias não convencionais podem ser encontradas na página do Instagram: <https://www.instagram.com/pancpop/>

Além de espécies e partes que não configuram como alimento no sistema agroalimentar dominante, dentro da abordagem das PANC, também vem se buscando uma desconstrução da atual monotonia das preparações culinárias. Além de contribuir para o resgate e visibilização de comidas tradicionais, são apresentadas formas de usos pouco comuns para certos alimentos. Como exemplo, pode-se citar o emprego da erva-mate na fabricação de bolos, pudins, pães, biscoitos.

Para além do seu uso tradicional do chimarrão, no sul do Brasil, ela pode ter múltiplos usos na cozinha como substituto a farinhas, como forma de dar novas cores e sabores aos pratos⁷.

O Rio Grande do Sul tem muitas plantas promissoras. A própria flor símbolo do gaúcho, a *Fuchsia regia*, e outras fúchsias que ocorrem: o brinco-de-princesa tem flores comestíveis e os frutinhas comestíveis. As palmeiras, o tradicional butiá, que é tradicional, mas não é convencional, eu recomendo o consumo, da forma não só tradicional na cachaça, mas no sorvete, no licor, em pratos salgados, como em molho agridoce, que a Irany vem fazendo nos risotos, no arroz (...).⁸(KINUPP, 2021, s/p)

Por fim, ao longo do processo de popularização das PANC, percebeu-se a necessidade de abordar variedades de plantas convencionais que se diferenciam da espécie típica ou de outras variedades já inseridas no grande mercado, seja pelo sabor e/ou por suas características morfológicas e, conseqüentemente, de uso. Como exemplo, pode-se citar a cebolinha-família (*Allium cepa* var.

⁷ Informações adicionais as formas de uso da erva-mate da culinária podem ser acessadas em <http://ilopolis-rs.com.br/livroervamate.pdf> e <https://www.instagram.com/p/CFVGWomBmi4/>

⁸ Trecho do Programa Vozes do Campo intitulado: PANC – Plantas Alimentícias não Convencionais, que foi ao ar em maio de 2021. Fala realizada pelo Professor Valdely Ferreira Kinupp. A gravação está disponível no site: <https://educacaodocampo.furg.br/vozes-do-campo>. PANC: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS. Vozes do Campo. São Lourenço do Sul: Rádio São Lourenço, 3 de maio de 2021. Programa de Rádio.

aggregatum G. Don), uma variedade da cebola convencional que apresenta vários bulbos pequenos dispostos de forma agregada, com sabor mais suave e ideal para a fabricação de conservas. Cabe destacar que, em muitos casos, essa perspectiva se sobrepõe ao que se considera como variedades crioulas, as quais, além de carregarem sabores únicos, são importantíssimas para a garantia da soberania e segurança alimentar.

O processo de popularização das PANC

Após a publicação do conceito, diversos atores, incluindo aqueles (as) envolvidos (as) inicialmente com a construção conceitual, empenharam-se na difusão do termo e das espécies de PANC com potencial de uso, produção, comercialização pela agricultura familiar, principalmente no sul do Brasil⁹. Além disso, a partir do reconhecimento do potencial alimentício de várias espécies ocorrentes na RMPA, se observou um incremento nas pesquisas científicas e nos experimentos em campo dedicados ao detalhamento das potencialidades alimentícias biodiversidade nativa e naturalizada. Pode-se citar como exemplo as investigações sobre as propriedades nutricionais e o desenvolvimento de técnicas de manejo agrônomo especificamente para algumas espécies PANC (KINUPP; BARROS, 2008; MADEIRA *et al.*, 2013).

Entretanto, é notório que foi a partir de 2014, com a publicação do livro *Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil* (KINUPP; LORENZI, 2014), que foi desencadeado um forte movimento de resgate e reconhecimento dessas plantas, bem como de prospecção de novos potenciais alimentícios em todas as regiões do país.

Dessa forma, diversas entidades, instituições, movimentos sociais do campo e das cidades, que já

⁹ Algumas publicações, derivadas de trabalhos desenvolvidos no sul do Rio Grande do Sul, podem ser acessadas em: <https://maress.furg.br/o-maress/21-em-andamento/pancpop/40-pp-publicacoes>

desenvolviam experiências práticas com a produção, uso e comercialização de algumas hortaliças tradicionais, passaram a se apropriar do termo, contribuindo muito para sua difusão.

No Rio Grande do Sul, berço do conceito PANC, pode-se destacar o importante papel da Feira dos Agricultores Ecológicos (FAE), em Porto Alegre, na disseminação das PANC¹⁰. Com mais de três décadas desde sua fundação, a FAE sempre ofertou as PANC e, após a popularização do conceito, não apenas se apropriou deste, mas também se tornou um dos importantes agentes de sua difusão. Além de apresentarem muitas de suas espécies e produtos derivados destas sob a denominação de PANC, alguns (mas) feirantes têm atuado como palestrantes em cursos sobre a temática, além de se constituírem como referências em assuntos como flores comestíveis e inserção das PANC no turismo rural.

Assim como capital, a popularização das PANC no interior do estado foi se dando a partir das diversas entidades e redes existentes no âmbito da agroecologia. No Território Zona Sul, que abrange municípios que apresentam forte componente da economia voltado à produção no campo, como por exemplo, Rio Grande, Pelotas, Canguçu e São Lourenço do Sul, houve uma incorporação significativa dessa abordagem nas pautas da agricultura agroecológica, na medida em que as PANC passaram a ser consideradas uma importante estratégia para sua diversificação e sustentabilidade (DURIGON *et al.* 2018; FONSECA *et al.*, 2018)¹¹.

Assim, a partir de iniciativas de escolas do campo,

¹⁰ Para conhecer um pouco mais sobre a FAE, acesse o vídeo https://youtu.be/fUnRqii1Y_o. Mais informações podem ser obtidas no site: <https://feiraecologica.com.br/fae/>, e na página do Instagram: <https://www.instagram.com/fae.feiraecologica/>

¹¹ O artigo de Durigon *et al.* (2018) pode ser acessado na página 45 do documento disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/269/pdf_269.pdf
Para acessar o artigo de Fonseca *et al.* (2018), acesse: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/167>

movimentos ambientalistas, instituições de ensino superior e de pesquisa presentes no Território, a temática esteve presente em eventos locais e regionais no âmbito da agroecologia, em encontros de grupos de agricultores (as) e em espaços formais e não formais de educação. Pode-se citar como exemplos: a 9ª Reunião Técnica Estadual de Plantas Bioativas, em 2015, o Seminário Público Da Colônia à Mesa, em 2017 e o I AGROPANC, em 2018, todos realizados em São Lourenço do Sul, bem como o II AGROPANC, realizado em Pelotas, em 2019¹².

Todo esse movimento inicial de diálogo e resgate demonstrou a necessidade de uma sistematização dos conhecimentos existentes sobre as PANC no Território, bem como gerou demandas específicas, voltadas principalmente à identificação botânica de espécies e as suas formas de uso. Nesse sentido, observam-se várias ações concomitantes, envolvendo os atores que atuam na pesquisa, ensino, extensão e/ou assistência técnica no Território, em prol do entendimento dessas demandas¹³. Nesse contexto de diversas mobilizações, destaca-se a atuação do projeto de extensão PANCPOP: Popularizando o Uso de Plantas Alimentícias Não Convencionais, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus São Lourenço do Sul, que desde 2017, vem oportunizando espaços de compartilhamento de saberes, eventos formativos, além de dedicar-se à pesquisa e comunicação científica sobre as PANC.

O Projeto PANCPOP

O PANCPOP reúne um grande coletivo de estudantes, professores e agricultores (as) do Território Zona Sul com o objetivo de resgatar e documentar os saberes populares sobre as

¹² As PANC e o II AGROPANC em Pelotas foram tema do Programa Terra Sul exibido em 15/09/2019. O vídeo pode ser acessado em: <https://youtu.be/z5rs55dzIB0>

¹³ Iniciativas de ensino, pesquisa e extensão com as PANC no Território Zona Sul são tema do Programa Terra Sul exibido em 31/08/2020 e disponível em: <https://youtu.be/11oHEW3S5IU>

PANC, além de contribuir para o seu reconhecimento como alimento nutritivo, sustentável e de grande valor cultural e socioeconômico. Inicialmente, as ações do projeto foram voltadas ao atendimento das demandas já identificadas no Território, bem como à sensibilização da comunidade de São Lourenço do Sul. Para isso, foram e continuam sendo promovidos cursos e oficinas de reconhecimento das espécies e de preparações culinárias¹⁴.

Em um segundo momento, o projeto passou a realizar eventos de formação, especialmente voltados às novas demandas dos agricultores (as) da região. Entre 2018 e 2019, foram realizados três grandes eventos chamados de AGROPANC, em São Lourenço do Sul e Pelotas, com a presença dos maiores especialistas do Brasil na área. Paralelamente a isto, foram iniciadas várias ações de intervenção junto aos agricultores (as) que realizam a Feira Livre do município de SLS e ao Grupo de Consumo Responsável local (GCR Jerivá)¹⁵, de forma a estimular a oferta e a comercialização das PANC.

Cabe destacar que, a intensidade dessas ações iniciais gerou resultados importantes em um relativo curto espaço de tempo, sendo o grande aumento da oferta de PANC na Feira de SLS um dos mais expressivos. Segundo Valente (2021), até 2018, havia registros de oferta de 30 espécies de PANC considerando as bancas de produtos agroecológicos e, entre agosto de 2019 e março de 2020, observou-se um total de 53 PANC.

Além do incremento da oferta, observou-se que existe um grande interesse e curiosidade sobre as PANC entre os agricultores (as), e que estes (as) observam e notam suas múltiplas potencialidades.

¹⁴ Para conhecer mais sobre o trabalho desenvolvido pelo PANCPOP, acesse o vídeo disponível em: <https://youtu.be/awdJCndFOMs>

¹⁵ Informações sobre o GCR Jerivá podem ser obtidas na página do Instagram: <https://www.instagram.com/gcrjeriva/>

E para mim não foi difícil essa aceitação das PANC, foi bem legal. E como agora nessas crises climáticas, eu acho uma boa ideia até já acostumar com essas PANC, porque como está havendo problemas com as mudanças climáticas, que não está dando mais assim como tem que ser, o tempo está tudo mudado, o verão faz frio, e no frio faz calor. Para você ter produção, já está bem complicado, bem difícil, e as plantas não convencionais são mais rústicas, e elas aguentam mais também na seca, precisam de pouca água, são resistentes, eu creio que daqui a uns anos vai ser a nossa sobrevivência, para nos sobreviver, já está bem complicado¹⁶ (KRÜGER, 2021, s/p).

Com a pandemia da COVID-19, grande parte das ações do projeto tiveram que ser adaptadas e, nesse momento, o PANCPOP passou a utilizar canais alternativos de comunicação com a comunidade e implementou novas ferramentas de popularização, utilizando principalmente as redes sociais. As experiências acumuladas durante as ações sensibilização, formação e intervenção, realizadas de forma presencial até março de 2020, embasaram a elaboração de materiais informativos e de recursos audiovisuais disponibilizados no *Facebook, Instagram e YouTube*¹⁷.

Além de manter a comunicação com a comunidade previamente envolvida, essas ações trouxeram novos públicos, sendo os impactos percebidos em escala local, regional e nacional (BAETA *et al.*, 2022).

¹⁶ Trecho do Programa Vozes do Campo, intitulado: Feira Livre de São Lourenço do Sul, que foi ao ar em abril de 2021. Fala da agricultora e feirante Sirlei Krüger. A gravação está disponível no site: <https://educacaodocampo.furg.br/vozes-do-campo>. PANC: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS. Vozes do Campo. São Lourenço do Sul: Rádio São Lourenço, 3 de maio de 2021. Programa de Rádio.

¹⁷ Para conhecer mais sobre o projeto, suas produções científicas, canais de comunicação e conteúdos digitais acesse o link: <https://linklist.bio/pancpop>

Considerações Finais

Grande parte do conhecimento ancestral sobre biodiversidade foi invisibilizado no processo de dominação imposto pela agricultura industrial, resultando em uma crescente artificialização das relações sociedade-natureza. Com a (re)construção dos conhecimentos agroecológicos e fortalecimento das redes de agroecologia no país, a insustentabilidade do sistema agroalimentar dominante tem sido denunciada e novas possibilidades alimentares têm sido anunciadas.

Sem dúvida, as PANC estão entre as abordagens que tem reunido mais forças, envolvendo diversas áreas do conhecimento e adentrando veículos de comunicação em massa. Dessa forma, elas devem ocupar a posição de onde se originam e se constroem, a agroecologia, sendo as ações de popularização voltadas à autonomia dos que produzem e se alimentam.

Referências

BAETA, G.; VELASQUES, L.; DURIGON, J. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) durante a pandemia da COVID-19: a atuação do projeto PANCPOP nas mídias digitais. **Cadernos de Agroecologia**, v. 17, n. 3, 2022.

BALEM, T. A.; SILVEIRA, P. da. A erosão cultural alimentar: processo de insegurança alimentar na agricultura familiar. *In: Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia Rural*. 2005.

BHARUCHA, Z.; PRETTY, J. The roles and values of wild foods in agricultural systems. **Phil. Trans. R. Soc. B**, v. 365, 2010, p. 2913-2926.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/Gabinete da Ministra. **Espécies nativas da sociobiodiversidade brasileira de valor alimentício**. Ed. 137, seção 1, 2021. Disponível em: <https://in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-interministerial-mapa-n-10-de-21-de-julho-de-2021-333502918>. Acesso em: 21 fev. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde.

Departamento de Atenção Básica. **Alimentos regionais Brasileiros** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. 2º Ed – Brasília: Ministério da Saúde, ISBN: 978-85-334-2145-5, 2015, 84 p.

DURIGON, J.; SEIFERT JR., C. A.; DAMO, A.; VALENTE, C. O. Popularização do uso de plantas alimentícias não convencionais: sensibilizando produtores e consumidores em escala local. *In: REUNIÃO TÉCNICA ESTADUAL SOBRE PLANTAS BIOATIVAS*, 12., 2018, Lajeado, RS. **Anais...** Lajeado, RS: Univates, 2018.

FONSECA, C.; LOVATTO, P.; SCHIEDECK, G.; HELLWIG, L.; GUEDES, A. F. A importância das Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCS) para a sustentabilidade dos sistemas de produção de base ecológica. *In: Cadernos de Agroecologia* – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1. Brasília – Brasil, jul. 2018.

KINUPP, V. F.; BARROS, I. B. I. Teores de proteína e minerais de espécies nativas, potenciais hortaliças e frutas. **Ciência e Tecnologia de Alimentos**, v. 28, n. 4, out./dez., 2008, p. 846-57.

KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. 1. ed. Nova Odessa: Plantarum, 2014.

KINUPP, V. F. Plantas alimentícias alternativas no Brasil, uma fonte complementar de alimento e renda. **Cadernos de Agroecologia**, v. 1, n. 1, 2006. p. 333-336.

KINUPP, V. F. PANC: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS. *Vozes do Campo*. São Lourenço do Sul: Rádio São Lourenço, 3 de maio de 2021. Programa de Rádio.

KRÜGER, S. PANC: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS. **Vozes do Campo**. São Lourenço do Sul: Rádio São Lourenço, 3 de maio de 2021. Programa de Rádio.

MADEIRA, N. R.; SILVA, P. C.; BOTREL, N.; MENDONÇA, J. L. de; SILVEIRA, G. S. R.; PEDROSA, M. W. **Manual de produção de hortaliças tradicionais**. Brasília, DF: Embrapa, 2013, 156 p.

MARIUTTI, L. R. B.; REBELO, K. S.; BISCONSIN, A.; MORAES, J. S.; MAGNANI, M.; MALDONADI, I. R.; MADEIRA, N. R.;

TIENGO, A.; MARÓSTICA, M. R.; CAZARIN, C. B. B. The use of alternative food sources to improve health and guarantee access and food intake. **Revista ScienceDirect**. Volume 149, November, 2021.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro** – Região Sul / Lidio Coradin; Alexandre Siminski; Ademir Reis. – Brasília: MMA, ISBN 978-85-7738-153-1. 2011, 934 p.

NASCIMENTO, V. T.; CAMPOS, L. Z. de O.; ALBUQUERQUE, U. P. de. Plantas Alimentícias. *In*: ALBUQUERQUE, U. P. de.; ALVES, R. R. da N. (ed.). **Introdução à Etnobiologia**. 2 ed. Recife, PE: NUPEEA, 2018, p. 139 – 146.

OLIVEIRA, G. M.; FERNANDES, S. M. S.; ALVES, P. M. Hortas Urbanas: a sustentabilidade ambiental urbana posta em prática. **Hortas Urbanas quando a sustentabilidade encontra a cidade**. Pelotas: Ed. UFPel, 2021, 24 p.

SEIFERT, C. A.; DURIGON, J. Sociobiodiversidade como o caminho à Soberania Alimentar em Sucessivas Crises Globais. **Revista Democracia e Direitos Fundamentais** - DDF. ISSN: 2763-7964. Porto Alegre, 2021.

THEIS, J. da S. **Estudo etnobotânico de plantas alimentícias não convencionais (PANC): saberes e sabores da agricultura familiar em São Lourenço do Sul, RS**. 78 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2019.

TURNER, N. J.; LUCZAJ, L. J.; MIGLIORINI, P.; PIERONI, A.; DREON, A. L.; SACCHETTI, L. E.; PAOLETTI, M. G. Edible and tended wild plants, traditional ecological knowledge and agroecology. **Critical Reviews in Plant Sciences**, v. 30, n. 1-2, 2011, p. 198-225.

VALENTE, C. O. **Impactos do processo de popularização das Plantas Alimentícias Não Convencionais na oferta de produtos agroecológicos: O caso da feira de São Lourenço do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Agroecologia) –, Universidade Federal do Rio Grande, Campus São Lourenço do Sul, São Lourenço do Sul, 2021.

CRIAÇÃO DE GALINHAS COLONIAIS NO RECANTO NEGRINHO DO PASTOREIO - MORRO REDONDO/RS*

Eduardo Antunes Dias**

Solange Cruz***

Murilo Cruz****

Introdução

No sul do país geralmente adotamos o termo galinha colonial e não caipira (ALBUQUERQUE *et al*, 1988) por questões culturais da nossa colonização, sendo que neste sistema os animais são criados soltos com uma alimentação saudável e sob os preceitos do bem-estar animal¹

O Recanto² é uma propriedade de herança paterna que inicialmente atuava na atividade do pêssego, mas que utilizava muito agrotóxicos. Resolveram então mudar para uma atividade com menos agrotóxicos e se inscreveram em um curso sobre criação de galinhas coloniais da EMBRAPA, sob responsabilidade do pesquisador João Pedro Zabaleta³, para

* Este tema foi ao ar no programa número 30 do Vozes do Campo em 20/09/21. Para ouvir o programa na íntegra acesse: <https://educacaodocampo.furg.br/vozes-do-campo>

** Médico Veterinário. FURG/SLS. E-mail: eduardo.dias@furg.br

*** Produtora do Campo em Recanto Negrinho do Pastoreiro

**** Técnico em Gestão Ambiental em Recanto Negrinho do Pastoreiro

¹ Disponível em:

<https://www.bibliotecaagptea.org.br/zootecnia/avicultura/livros/BoletimTecnico%20Racao%20para%20Galinhas.pdf>

² Mais informações em: www.facebook.com/recantonegrinhodopastoreio - gastronomia e lazer.

³ Acesse em: <https://www.embrapa.br/clima-temperado/projetos/avicultura-colonial>

aprimorarem a técnica de criação de galinhas já existente por lá, mas que não era tão produtiva (GUELBER SALES, 2005). Enfatiza-se que esta atividade é muito rentável, é ecológica, não utiliza agrotóxicos, tem um tempo de trabalho reduzido e com mão-de-obra familiar, o que acaba reduzindo custos.

A raça de postura escolhida foi a Embrapa 051 que chega na propriedade ainda na idade de pintinhos⁴. A partir desta atividade surgiram outras como a produção de morangos, já que a propriedade conseguiu a certificação de orgânicos. Como estes dois produtos eram vendidos nas feiras de Pelotas, isso acabou atraindo pessoas para conhecerem a propriedade e a partir daí a prefeitura e a EMATER sugeriram a abertura da local para o turismo rural, com café colonial sendo servido no segundo domingo de cada mês, onde as pessoas podem colher ovos, morangos e percorrerem trilhas. Porém, foi a criação de galinhas coloniais o início de tudo e que acabou alavancando as atividades que não utilizavam agrotóxicos.

Sempre é importante valorizar os produtores do campo que alimentam as cidades, bem como a importância da permanência dos filhos nas atividades do campo (CRIAÇÃO DE GALINHAS CAIPIRAS, 2007)⁵. A relevância dos saberes populares não pode ser sufocada pelos pacotes tecnológicos, neste sentido as galinhas são criadas com acesso ao campo para complementarem a sua alimentação. A memória biocultural resgata estes saberes populares ancestrais dos povos do campo porque visa substituir a dependência do criador à insumos externos (agroquímicos) do qual o agronegócio tanto depende, por saberes populares (processos biológicos, diversificação das espécies cultivadas/criadas, boas práticas de manejo, práticas de conservação do solo, manejo integrado no controle de espécies espontâneas) (TOLEDO, 2015), algo que os povos originários já

⁴ Acesse em: <https://www.embrapa.br/busca-de-solucoes-tecnicas/-/produto-servico/28/ave-embrapa-051>

⁵ Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/126298/criacao-de-galinhas-caipiras>

desenvolveram no decorrer da sua existência (SUMMARY FOR DECISION MAKERS, 2008).

Temos que lembrar que a população urbana já está esquecendo que o ovo é posto por uma galinha e que esta normalmente realiza uma postura por dia, e que o leite tem origem no úbere da vaca e não nas caixas encontradas nas prateleiras dos supermercados.

Na atualidade, as crianças urbanas estão ficando desconectadas da realidade do campo, por isso a importância do resgate da origem dos alimentos e que estes sejam produzidos de forma saudável, tanto para o consumidor quanto para o animal⁶.

Preconiza-se na criação animal três pilares de sustentação, a genética, a nutrição e o manejo, mas o conhecimento popular de estudantes que foi recebido dentro da sala de aula da FURG/SLS indica que para a parte da genética, a maioria das galinhas criadas no manejo colonial da região de São Lourenço do Sul têm cruzamentos com raças inapropriadas para a postura, como as raças de rinha (briga). Estes cruzamentos ocorrem porque as pessoas não se preocupam muito com a proteção da galinha à noite no galinheiro, deixando-as se empoleirarem nas capoeiras, assim os genes dos animais de briga favoreceriam a sobrevivência destas galinhas nestas situações, mas há um custo de uma menor qualidade na postura e na maciez da carne. O correto seria oferecer proteção às galinhas em galinheiros durante a noite para que elas não precisassem se proteger por conta própria.

O manejo diário no recanto

Durante o curso da EMBRAPA foram apresentadas duas linhagens apropriadas para a postura, a ISA Brown e a Embrapa 051, mas o Recanto optou pela segunda por ser mais adaptada à

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z6xAkNPV3QI>
https://www.youtube.com/watch?v=_6IaCrNFC3o

região. Quando recebem os pintinhos da avícola Gramado da região da serra (chegaram a criar 600 aves), estes ficam protegidos do frio em pinteiros com a temperatura controlada entre 27°C-29°C.

A alimentação servida é completa em termos de nutrientes essenciais e após 4-5 meses inicia o ciclo de postura, com 95% das aves botando ovos durante 70 semanas. O ciclo de postura na propriedade inicia com 16-21 semanas e este se estende por até 90 semanas, decaindo o índice de postura a partir de 70 semanas.

Como o pinto nasce imaturo com relação a sua termorregulação, este deve ser muito bem protegido do frio, ficando 30 dias no pinteiro em círculos de eucatex com fonte de aquecimento à lâmpada ou a gás. Uma das maneiras para se perceber se os pintos estão com frio é colocá-lo na palma da mão para conferir se estão com a planta das patas frias, bem como observar se estão muito agrupadas no pinteiro para se aquecerem, comportamento que indica uma fonte de calor insuficiente. Saindo do pinteiro, os pintos vão diretamente para o aviário sendo utilizada uma nova ração correspondente a este período de vida⁷.

A ração de crescimento é oferecida até os 15 dias de vida, a de crescimento até as 16 semanas iniciais e após os primeiros ovos aparecerem é oferecida a ração de postura. A ração de crescimento possui maiores teores de proteína para fornecerem os nutrientes necessários para a formação do pinto, já na fase de postura é necessário um maior teor de energia e de cálcio para o desenvolvimento das estruturas do ovo e de sua casca. Por isso não é suficiente criar galinhas soltas, oferecendo somente milho, que é apenas uma fonte de energia (carboidratos), mas é

⁷ Disponível em:

<https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/AgriculturaFamiliar/RegiaoMeioNorteBrasil/GalinhaCaipira/alimentacao.htm#:~:text=Por%20serem%20animais%20n%C3%A3o%20ruminantes,atrasam%20o%20desenvolvimento%20das%20aves>

necessário também oferecer todos os outros nutrientes, como proteínas e os aminoácidos essenciais, lipídios, sais minerais e vitaminas⁸.

No Recanto, a ração é formulada com farelo de soja, milho moído, núcleo, calcário e sal em quantidades previamente calculadas de acordo com a fase de criação da galinha. Porém, para não usarem a soja, que além de transgênica é mais cara, eles trabalham com plantas que apresentam uma boa fonte de proteína, como o capim-elefante anão BRS Kurumi (*Pennisetum purpureum*), o Rami (*Boehmeria nivea*) e a planta aquática Azolla (*Azolla filiculoides*) que pode ter até 32% de proteína na sua composição, todas estas à custos bem baixos⁹.

É possível até mesmo oferecer outras fontes de alimentos não convencionais ricas em proteína, como minhocas proveniente de minhocários e larvas da mosca soldado-negro (*Hermetia illucens*) que é uma espécie que não se alimenta de lixo¹⁰. Quando as galinhas são criadas soltas no piquete sob os preceitos do bem-estar animal, elas se alimentarão do pasto, pois têm uma certa capacidade de fermentação de matéria vegetal no seu sistema digestório (cecos), promovendo assim uma coloração mais alaranjada na gema causada pelas xantofilas das plantas (provitamina A) e, também, se alimentarão de insetos e minhocas, fontes não convencionais ricas em proteína.

⁸ Disponível em:

[https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Ave/SistemaAlternativoCriacaoGalinhaCaipira/Alimentacao.htm#:~:text=Necessidades%20nutricionais%20das%20galinhas%20caipiras%20de%20acordo%20com%20a%20fase%20de%20cria%C3%A7%C3%A3o.&text=prote%C3%ADna%20bruta%3B%20\(2\)energia,s%C3%B3dio%3B%20\(6\)cloro.&text=O%20consumo%20de%20alimento%20est%C3%A1,como%20de%20diversidade%20de%20ingredientes.](https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Ave/SistemaAlternativoCriacaoGalinhaCaipira/Alimentacao.htm#:~:text=Necessidades%20nutricionais%20das%20galinhas%20caipiras%20de%20acordo%20com%20a%20fase%20de%20cria%C3%A7%C3%A3o.&text=prote%C3%ADna%20bruta%3B%20(2)energia,s%C3%B3dio%3B%20(6)cloro.&text=O%20consumo%20de%20alimento%20est%C3%A1,como%20de%20diversidade%20de%20ingredientes.)

⁹ Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8187992.pdf>

¹⁰ Disponível em:

https://www.embrapa.br/en/busca-de-noticias?p_p_id=buscanoticia_WAR_pcebusca6_1portlet&p_p_lifecycle=0&p_p_state=pop_up&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=1&_buscanoticia_WAR_pcebusca6_1portlet_groupId=1354386&_buscanoticia_WAR_pcebusca6_1portlet_articleId=38255591&_buscanoticia_WAR_pcebusca6_1portlet_viewMode=print

Isso promoverá um produto (ovos e carne) diferenciado em termos nutricionais (gema alaranjada rica em provitamina A), além de reduzir a alimentação com ração formulada em até 25%, abarcando assim os preceitos da Agroecologia¹¹. Já sobre as questões sanitárias dos lotes, os pintos já chegam no Recanto vacinados para a doença Marek e posteriormente são vacinados na propriedade aos 7 dias e aos 30 dias para Bronquite Infecciosa, Gumboro e New Castle (vacina ocular) e após 3 meses aplicam a vacina para a Bouba na membrana da asa. Também utilizam o alho e o talo da bananeira como tratamento preventivo para verminoses, bem como plantas medicinais como Melissa (*Melissa officinalis*) e arruda (*Ruta graveolens*), algo que as galinhas procuram espontaneamente, nos piquetes medicinais de ervas.

Os indígenas Mapuches do Chile já utilizavam piquetes herbais na criação de suas galinhas nativas, as Araucanas, que não possuem cauda (são suras) e que botam ovos azuis. O tempo de trabalho para um lote de 150 aves se restringe a 15 minutos pela manhã e outros 15 minutos pela tarde, ou seja, meia hora por dia, culminando em um rendimento médio de 800 reais em valores atuais. A cada 15 dias é necessário realizar um manejo mais completo para a limpeza das instalações. Isso permite sobrar mais tempo para a realização de outras atividades.

Reforça-se que é interessante implantar um programa de luz com um aparelho chamado “timer” para que as galinhas tenham 14-16 horas de luz diária, visando não cair a postura no outono, justamente na época da Páscoa, simbólica para a questão de ovos.

¹¹ Disponível em: a) <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-52-de-15-de-marco-de-2021-310003720>

b) https://portal.ifsuldeminas.edu.br/images/PDFs/proex/publicacoes_livros/cartilha_3.pdf

Considerações finais

Percebe-se que a criação de galinhas coloniais é uma atividade que não demanda muito tempo de trabalho e que acaba complementando as outras atividades do agroecossistema, promovendo ao camponês uma fonte de renda extra pela oferta de um produto diferenciado e de qualidade. A propriedade é aberta à visitação e a sua página encontra-se na internet.

Referências

ALBUQUERQUE, N. I.; FREITAS, C. M. K. H.; SAWAKI, H., QUANZ, D. **Manual sobre criação de galinha caipira na agricultura familiar: noções básicas**. Belém: Embrapa-CPATU, 1998. 28p. (Embrapa-CPATU. Documentos, 114).

BARRERA-BASSOLS TOLEDO, V. M. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 272p. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/338095301_A_MEMORIA_BIOCULTURAL/link/5dfdaa394585. Acesso em: 02 set. 2020.

CRIAÇÃO DE GALINHAS CAIPIRAS / Embrapa Informação Tecnológica; Embrapa Meio-Norte. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2007, 73p.

GUELBER SALES, M. N. **Criação de galinhas em sistemas agroecológicos**. Vitória, ES: Incaper, 2005. 284 p. Disponível em: https://biblioteca.incaper.es.gov.br/digital/bitstream/item/791/1/li_vrocricaoodegalinhamarciasales.pdf. Acesso em: 02 set. 2020.

SUMMARY FOR DECISION MAKERS OF THE LATIN AMERICA AND CARIBBEAN (LAC) REPORT. **International Assessment of Agricultural Knowledge**, Science and Technology for Development (IAASTD). Johannesburg - South Africa, 7-11 April 2008. Disponível em: <https://www.globalagriculture.org/fileadmin/files/weltagrarbericht/IAASTDBerichte/SDMLatinAmericaCaribbean.pdf>. Acesso em: 02 set. 2020.

OVINOCULTURA REGENERATIVA EM PRÁTICA NA CABANHA PITANGA PRETA – SÃO LOURENÇO DO SUL/RS*

Eduardo Antunes Dias**
Daniella Burattini***
Lorena Konzgen****

Introdução

A ovinocultura regenerativa não é algo novo ou apenas mais uma moda, mas uma prática muito antiga ainda da época dos pastores, quando estes procuravam pastos verdejantes para o seu rebanho. Quando esta área se tornava mais seca, deixavam-na descansando para somente então recolocarem seus ovinos.

A utilização das pastagens por um determinado período com um posterior descanso (técnica da rotação de pastagens) permite que ocorra a regeneração do sistema ecológico por meio de processos biológicos realizados por microrganismos e animais que coexistem naquele agroecossistema.

A Cabanha Pitanga Preta¹ trabalha somente com

* Este tema foi ao ar no programa número 13 do Vozes do Campo em 24/05/21. Para ouvir o programa na íntegra acesse: <https://educacaodocampo.furg.br/vozes-do-campo>

** Médico Veterinário e professor do curso de Licenciatura em Educação do Campo e Agroecologia da FURG/SLS (eduardo.dias@furg.br)

*** Bióloga da Cabanha Pitanga Preta (dani.burattini@gmail.com)

**** Médica Veterinária da Cabanha Pitanga Preta (9lorenalisboavet@gmail.com)

¹ Disponível em: www.facebook.com/cabanhapitangapreta

Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2015/02/cientistas-encontram-57-especies-diferentes-em-1-m-no-pampa-4708525.html>.

pastagem nativa do Bioma Pampa, uma das melhores do mundo, por possuir mais de 400 espécies de gramíneas e 200 espécies de leguminosas.

Segundo estudos da UFRGS, em apenas um metro quadrado, já foram encontradas 57 espécies vegetais (PILLAR; LANGE, 2015)². A propriedade é dividida em vários piquetes e dependendo da época do ano, da quantidade de chuvas e das condições de pastejo, os ovinos ficam de um a cinco dias em cada um deles. Após este período acontece o descanso, onde insetos como o besouro vira-bosta (*Onthophagus hirculus*)³ ajudarão a decompor o esterco e bactérias que vivem nas raízes de leguminosas como o pega-pega (*Desmodium adscendens*)⁴ ajudarão na fixação do nitrogênio no solo.

O pega-pega é uma espécie nativa que cresce espontaneamente e que possui teores de proteína maiores que de um pé de milho. Além disso, outros animais como perdizes e anfíbios, considerados indicadores biológicos, se estabelecerão nesta área, participando assim do manejo ecológico integrado que promoverá um melhor aproveitamento do solo, um maior desempenho das pastagens a um menor custo de adubação e conseqüentemente culminando com uma maior produtividade.

Já é de conhecimento que a carne de animais alimentados à pasto possuem diferentes propriedades, como a gordura mais

² Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2015/02/cientistas-encontram-57-especies-diferentes-em-1-m-no-pampa-4708525.html>

³ Disponível em: a) <https://cloud.cnpqc.embrapa.br/sac/2012/09/28/gostaria-de-saber-como-faco-para-obter-o-rola-bosta-fois-no-meu-sitio-os-animais-bovinos-estao-com-mosca-do-chifre-mas-nao-adianta-passar-inseticidas-fois-ha-sitios-vizinhos-que-tem-e-nao-fazem/>

b) <http://www.serracima.org.br/gado-a-base-de-pasto-no-sistema-de-pastejo-rotativo/>

⁴ Disponível em:

a) https://www.researchgate.net/publication/262561035_Principais_gramineas_nativas_do_Rio_Grande_do_Sul_caracteristicas_gerais_distribuicao_e_potencial_forrageiro

b) <https://www.ufrgs.br/floracampestre/desmodium-incanum/>

amarelada/alaranjada pelos betacarotenos (provitamina A), maiores teores de α -tocoferol (vitamina E), maior concentração dos ácidos graxos ômega 3 (insaturados) e maiores níveis de ácido linoléico conjugado (CLA), que auxilia na redução da gordura corporal, originando alimentos mais saudáveis e com uma palatabilidade diferenciada (CASTAÑEDA; PEÑUELA, 2010).

O manejo na cabanha

O bem-estar foi implantado na Cabanha para prevenir doenças, pois animais menos estressados apresentaram uma imunidade mais forte, tornando-os mais resistentes às doenças. Cuidados com um manejo tranquilo, sem cães, a adoção de sombreamento nos piquetes para evitar o calor do verão e a proteção dos animais contra o frio do inverno são exemplos das práticas adotadas na Pitanga Preta neste sentido.

É importante reforçar que a criação animal orgânica e agroecológica⁵ deve ter como a centralidade da ação a sustentabilidade plena em todas as suas dimensões: Política; Social e Econômica; Ecológica e Técnico-Produtiva (CASSARINO *et al.*, 2013).

A sua lógica não consiste na maximização da produção, mas na otimização dos processos. Para isso, é necessário focar na emergência do sistema, ou seja, em toda a energia necessária para um ecossistema produzir um recurso, bem como a sua entropia, que é a perda de energia para outros meios em consequência do grau de desordem deste sistema, permitindo assim que os processos biológicos possam atuar no seu tempo para recuperarem o ambiente, como por exemplo, a ciclagem de nutrientes no solo promovido pela deposição dos nutrientes contidos no esterco animal (GLIESSMAN, 2000).

⁵ Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-52-de-15-de-marco-de-2021-310003720>

Assim, quanto maior o aproveitamento de resíduos dentro do próprio sistema, menor será a entropia e maior será a eficiência energética nos processos. Salienta-se que existem outras técnicas de manejo que também ajudam na recuperação de pastagens degradadas (estudos apontam que de 50% a 77% das pastagens do país apresentam algum grau de degradação - NOGUEIRA, 2017), como o Pastoreio Racional Voisin (PRV)⁶ com as suas três leis (do Repouso, da Ocupação e do Rendimento Máximo) que monitoram o estágio fenológico da planta para determinar a entrada ou a saída dos animais de áreas de pastagens (BERTON; RICHTER, 2011), o Índice de Conservação do Pasto (ICP) da Alianza del Pastizal (Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai)⁷ onde os produtores associados devem preservar 50% de suas áreas com pastagens nativas para receberem uma certificação e consequentemente agregarem maior valor ao produto final (PARERA; CARRIQUIRY, 2014).

Já por parte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), estudos apontam para uma oferta forrageira de 12% de matéria seca por dia em relação ao peso vivo do animal (kg MS/100 kg PV) para a manutenção da estrutura do pasto nativo (PILLAR, 2009) e o monitoramento do comportamento de pastejo do animal do Pastoreio Rotatínuo para determinar o tempo correto de remoção dos animais das estações de alimentação (FRANCO, 2013).

A EMBRAPA também preconiza técnicas simples que utilizam a secagem de amostras de pasto em forno doméstico de micro-ondas para calcular a quantidade de matéria seca por área disponível para a alimentação dos ruminantes (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

A Cabanha atua nesta lógica, já que o manejo regenerativo é economicamente, socialmente e ambientalmente sustentável, com a vantagem de criar ruminantes ovinos que são

⁶ Disponível em: <https://docplayer.com.br/9481346-Pastoreio-racional-voisin.html>

⁷ Disponível em: <https://www.alianzadelpastizal.org.br/>

menos seletivos na alimentação do que os bovinos, realizando inclusive a automedicação para evitarem verminoses.

O aproveitamento do esterco na adubação dos piquetes da propriedade evita a compra de insumos externos como dos compostos nitrogenados (ureia) e suas proprietárias estão sempre observando o sistema, percebendo se o animal está se comportando bem, se alimentando bem, se apresenta sinais de doença, além de identificarem corretamente as espécies e as condições das plantas que existem no campo nativo, como as leguminosas que fixam nitrogênio no solo.

O manejo regenerativo não aplica técnicas que reviram o solo, expondo-o a raios solares que matam micro-organismos benéficos, e permite a sobressemeadura de aveia, azevém e centeio para melhorarem a qualidade do pasto durante o inverno. Também não promove queimadas para limpar o campo, mas utiliza práticas como a roçada para melhorar a qualidade das forrageiras, além de suplementar a dieta dos ovinos com sal mineral proteinado, um renovador de microbiota ruminal, para que os próprios animais realizem a retirada do pasto seco durante o pastoreio.

Todo este manejo permite gerar o desenvolvimento de cordeiros pesados (35-40 kg) com três meses de idade que são alimentados somente com pastagem nativa. Se os animais tiverem acesso à sombra e água de qualidade, ainda será possível conseguir um ganho de peso por animal na ordem de 30-35%.

Pondera-se que o uso contínuo e indiscriminado de fármacos antiparasitários faz com que estes organismos desenvolvam resistência à estes produtos e, portanto, a Cabanha evita estes erros de manejo promovendo a prevenção por meio do pastejo rotativo, realizando constantemente o acompanhamento de verminoses nos ovinos pelo método Famacha (conferência da coloração da mucosa ocular) para vermifugarem apenas os animais doentes, além de usarem homeopatia no sal mineral para aumentarem a resistência dos animais e de fazerem o controle biológico dos parasitas por meio

da alimentação com um produto a base de um fungo que acaba matando as larvas dos parasitas diretamente nas pastagens.

A raça criada na cabanha é a Hampshire Down com origem no sul da Inglaterra e que foi a primeira raça ovina a chegar no Brasil em 1932. É uma raça de corte (carne) com um velo de lã suave, sendo o objetivo da cabanha a produção de matrizes e reprodutores selecionados para o desenvolvimento de ovinos rústicos alimentados a pasto. Essa raça possui cuidados maternos bem fortes e é muito protetora, os cordeiros são precoces, ganhando 450 g/dia durante a fase de amamentação (3-4 meses).

A qualidade da carne também é excepcional por ser macia, com muito marmoreio e de sabor diferenciado, sendo considerada a melhor carne ovina, além de ser apropriada para resistir às mudanças climáticas por possuir uma lã na coloração clara, refletindo assim a luz solar, e a pele na coloração escura para proteger o organismo de raios solares danosos.

As patas possuem pelos e não com lã, evitando assim de ficarem encharcadas em locais mais úmidos. Sugere-se que os supermercados de São Lourenço do Sul façam uma ação promocional como o “dia do cordeiro”, vendendo em bandejas diferentes cortes de ovinos para que o consumidor mude o hábito de comer esta carne somente em churrascos.

Considerações finais

A criação de ruminantes em ambientes naturais e alimentados a pasto assemelha-se às condições naturais de vida destas espécies, contribuindo assim para o seu bem-estar, além de proporcionar uma carne e uma lã com qualidades únicas.

Referências

BERTON, C. T.; RICHTER, E. M. **Referências Agroecológicas Pastoreio Racional Voisin (PRV)**. CPRA: Curitiba, 2011.

Disponível em:

<http://www.cpra.pr.gov.br/arquivos/File/CartilhaPRV.pdf>. Acesso em: 02/09/2020. Acesso em 02/09/2020.

CASTAÑEDA, R. D., PEÑUELA, L. M. **Ácidos graxos na carne bovina: confinamento VS pastoreio**. Engormix - pecuária de corte.

Disponível em:

<https://pt.engormix.com/pecuaria-corte/artigos/acid-graxos-carne-bovina-t36911.htm>. Acesso em: 28 jul. 2010.

CASSARINO, J. P.; FERREIRA, A. D. D.; MAYER, P. H. **Agricultura, campesinato e sistemas agroalimentares: uma proposta de abordagem para a transição agroecológica**. Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v. 14, n.2, jul./dez. 2013. p.129.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/322326491_Agricultura_campesinato_e_sistemas_agroalimentares_uma_proposta_de_abordagem_para_a_transicao_agroecologica. Acesso em: 02 set. 2020.

FRANCO, M. O boi é quem manda - Pastejo Rotatínuo. **Revista DBO**, nov./2013. Disponível em:

<https://manualzz.com/doc/16964657/o-boi-%C3%A9-quem-manda.pdf>. Acesso em: 02 set. 2020.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. 658p.

NOGUEIRA, M. P. **Pecuária: autoconhecimento e desafios**. Rally da Pecuária. 27/11/2017. Disponível em:

<http://www.rallydapecuaria.com.br/node/434>. Acesso em: 02 set. 2020.

OLIVEIRA, J. S.; MIRANDA, J. E. C.; CARNEIRO, J. C.; OLIVEIRA, P. S.; MAGALHÃES, V. M. A. **Como medir a matéria seca (MS%) em forragem utilizando forno de micro-ondas**. Comunicado Técnico 77. EMBRAPA Juiz de Fora/MG, nov./2015.

Disponível em:

<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1034878/1/COT77Teormatseca.pdf>. Acesso em: 02 set. 2020.

PARERA, A.; CARRIQUIRY, E. **Manual de Prácticas Rurales**

asociadas al Índice de Conservación de Pastizales Naturales (ICP). Aves Uruguay. Buenos Aires, 2014. 204p. Disponível em: http://www.alianzadelpastizal.org/wp-content/files_mf/1426791405ManualICPfinal.pdf. Acesso em: 02 set. 2020.

PILLAR, V. P. **Campos Sulinos** - conservação e uso sustentável da biodiversidade. Brasília: MMA, 2009. 403 p. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/publicacoes/biomas/category/64-pampa.html?download=1060:campos-sulinos-conservacao-e-uso-sustentavel-da-biodiversidade>. Acesso em: 02 set. 2020.

PILLAR, V. P.; LANGE, O. **Os Campos do Sul/ Porto Alegre: Rede Campos Sulinos** – UFRGS, 2015. 192 p. Disponível em: http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br/Camposdosul/Campos_do_Sul_TEL A.pdf. Acesso em: 02 set. 2020.

OS INSETOS NA NOSSA VIDA: REFLEXÕES PARA UMA ABORDAGEM AGROECOLÓGICA

Patrícia B Lovatto*
Tanja Raquel Funk**
Taís Mendes Alves***
Natasha Koyama de Moraes****
Andriele Teixeira da Silva*****
Nilo Schiavon*****
Darlan B. Schmalfluss*****
Letícia Hellwig*****

*"Não existem mais pragas dentro da
PAS, e sim, insetos com fome".*

Nilo Schiavon, agricultor agroecológico
da ARPASul, Pelotas, RS.

Introdução

O tema "Os insetos na nossa vida" foi ao ar no Programa
Vozes do Campo no dia 06 de julho de 2021 com objetivo de

* Bióloga, Dra. em Sistemas de Produção Agrícola Familiar pela UFPEL, Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo e Bacharelado em Agroecologia da FURG, Coordenadora do Projeto Programa de Rádio Vozes do Campo - 2ª Edição.

** Licenciada em Educação do Campo pela FURG.

*** Licenciada em Educação do Campo pela FURG; Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da FURG.

**** Estudante do Curso de Bacharelado em Agroecologia da FURG.

***** Gestora Ambiental, estudante do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da FURG.

***** Agricultor Agroecológico da Associação Regional de Agricultores Agroecologistas da Região Sul - ARPASul, Pelotas, RS.

***** Técnico em Agroecologia pela EFASUL, agricultor familiar em transição agroecológica em Canguçu, RS.

***** Eng. agrônoma, Dra. em Agronomia/FAEM/UFPEL, Educadora no Curso Técnico em Agroecologia da Escola Família Agrícola da Região Sul - EFASUL, pomerana, agricultora familiar em transição agroecológica em Arroio do Padre, RS.

reunir vozes que relatassem sobre as suas percepções e vivências junto do grupo vivo mais abundante do planeta terra: os insetos!

Participaram do programa agricultor@s, estudantes e pesquisador@s que falaram sobre a importância dos insetos nas suas vidas, desmistificando a ideia generalista e muitas vezes dominante dos insetos como pragas agrícolas ou urbanas.

Através dos relatos, a importância dos insetos foi destacada através dos diferentes papéis que cumprem para manutenção e qualidade de vida humana, incluindo a fertilidade do solo, a sanidade dos cultivos, a obtenção de alimentos soberanos, a polinização de espécies, o controle biológico, a produção de mel, cera, seda, fitoterápicos e medicamentos, além de constituírem fonte de alimentação e apresentarem-se como elementos místicos e simbólicos de grande importância para os povos do campo.

A partir destas constatações e considerando a ameaça de extinção de muitas espécies, a inclusão de uma nova perspectiva, menos antropocêntrica e mais holística torna-se fundamental para o ensino de ciências voltada à educação do campo, contextualizada à urgência de um novo olhar sobre os insetos, pequenos em tamanho e imensos se considerarmos a sua contribuição para o equilíbrio da vida nos ecossistemas naturais e antropizados.

A temática desenvolvida neste capítulo, contou com a organização e transcrições feitas pelas estudantes dos cursos de Educação do Campo e Agroecologia da FURG e foi mediada no Programa Vozes do Campo, pela professora Patrícia B. Lovatto, que contextualizou o tema, apresentou e dialogou com @s colaborador@s que apresentaram importantes contribuições para este olhar mais generoso e integrativo sobre a nossa vida e a vida dos insetos, pequenos gigantes.

Um olhar agroecológico sobre os insetos

Os insetos formam o solo vivo, contribuindo para a sua fertilidade, sendo imprescindíveis para a nutrição e saúde das

plantas cultivadas. Atuam no controle biológico conservativo, na manutenção das cadeias tróficas e como bioindicadores da qualidade ambiental. São basilares para a produtividade agrícola através da herbivoria, dispersão de sementes, trofobiose, polinização, produção de mel, cera, feromônios, medicamentos, seda, corantes, rações, sendo determinantes para a saúde da criação animal. Contribuem para os processos educativos e refletem níveis de desequilíbrios socioambientais como transmissores e causadores de doenças que afetam a saúde pública. São ainda utilizados como alimento, medicinais, com cunho místico, religioso e simbólico em diferentes sociedades humanas (GULLAN; CRANSTON, 2017; PRIMAVESI, 2016; CHAMBOSSOU, 1987)¹.

A riqueza e abundância dos insetos na natureza e nos agroecossistemas os torna essenciais para manutenção, compreensão, manejo e saúde dos sistemas de produção (ALTIERI *et al.*, 2008)² sendo o seu estudo, nesta perspectiva, imprescindível para a Educação do Campo, contextualizada à Agroecologia.

Dentro dessa abordagem é fundamental o questionamento sobre a forma como os insetos vêm sendo convencionalmente estudados, a partir da dualidade entre inseto benéfico-indesejado e dá ênfase aos insetos como pragas agrícolas e/ou urbanas.

O conceito de “praga” é artificial e não adequado para a perspectiva agroecológica, pois se encontra diretamente atrelado às condições ambientais forjadas pelo ser humano (LOVATTO *et al.*, 2012)³. Até mesmo insetos estudados pela relação

¹ Para conhecer mais sobre esses pequenos gigantes assista o documentário "A vida secreta dos insetos" disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=1452019518167966>

² Acesse o material Controle Biológico de pragas através do manejo de agroecossistemas em: <https://docplayer.com.br/10177538-Controle-biologico-de-pragas-atraves-do-manejo-de-agroecossistemas.html>

³ Para acessar essa discussão completa acesse o artigo disponível em: <https://www.interciencia.net/wp-content/uploads/2018/01/657-LOVATTO-7.pdf>

antagônica com as plantas cultivadas, como os pulgões (*Aphididae*), desempenham funções úteis para as próprias plantas que precisam ser consideradas (ILHARCO, 1992).

Muitas espécies assumem importantes papéis que podem se refletir nas distintas fases do ciclo de vida ou em diferentes culturas humanas. A cochonilha *Dactylopius coccus* (*Hemiptera: Dactylopiidae*), considerada uma das “pragas” principais dos cultivos de cactáceas forrageiras, é fonte do carmim, um dos mais importantes corantes utilizados na indústria, apresentando, em algumas regiões do mundo uma importância econômica, social e cultural ímpar.

Espécies de formigas (*Hymenoptera*), cupins (*Blattodea*), coleópteros fitófagos (*Coleoptera*) e dípteros (*Diptera*), apesar dos danos causados por desequilíbrios populacionais na fase adulta, podem desempenhar funções representativas na formação e estruturação do solo, decomposição, dispersão de sementes, predação, manutenção das cadeias tróficas, dentre outras.

Os exemplos da conotação negativa utilizada para espécies com atributos tão importantes, demonstram a necessidade de fazer ciência e construir conhecimento para o/do campo a partir de novos pressupostos.

É preciso considerar a unidade de produção agrícola como um sistema aberto e dinâmico, organizando o conhecimento entomológico e fitossanitário sob a hipótese de que a interação inseto-planta-humano poderá conduzir a resultados benéficos na saúde complexa do agroecossistema (LOVATTO *et al.*, 2012).

É fundamental pensar que o processo evolutivo não pode ser generalizado sob a esfera da competição, mas que a interação positiva entre as espécies é um fator importante e fundamental na evolução e que deve ser levado em conta para tomada de decisões dentro da esfera sistêmica, privilegiando a cooperação (MARGULIS, 2001).

Lovatto; Puntel; Moraes (2021) para o planejamento e

condução de disciplinas que almejam a compreensão da importância dos insetos para os sistemas de produção é fundamental romper com os enfoques utilitaristas da visão ocidental e acadêmica convencional, que na maioria das vezes, uniformiza os papéis desempenhados pelos insetos nos agroecossistemas. Para além dos desafios epistemológicos de construir essa linha de raciocínio, o que pressupõe o uso de cosmovisões e da transdisciplinaridade, a construção coletiva dos componentes curriculares poderá instigar a mobilização de diferentes estratégias que permitiram a construção do conhecimento complexo relacionado ao manejo dos agroecossistemas (LOVATTO; PUNTEL; MORAES, 2022, p. 2).

Considerando o importante papel que cumprem no equilíbrio ecológico dos sistemas de produção, Lovatto et al. (2022) em publicação destinada a educação formal e informal sobre o papel dos artrópodes para a produção de alimentos, utilizaram a denominação “Amigos Naturais”, considerando o papel ecológico desempenhado por muitos grupos, atuando como verdadeiros parceiros das agricultoras e dos agricultores na transição agroecológica, auxiliando, de forma expressiva, no controle biológico natural das populações indesejadas para os cultivos

Por tudo, propõe-se que o estudo dos insetos na educação formal e não formal busque romper com os enfoques simplistas, o que, na maioria das vezes, uniformiza os papéis desempenhados por estes seres, evolutivamente incríveis e fundamentais para a vida.

Os relatos que compreendem este capítulo, dão voz a essa urgência: a de repensar os nossos olhares, estratégias educativas e práticas cotidianas na convivência que temos cultivado com os insetos, coevoluídos de forma tão complexa.

Ilhas de equilíbrio em espaços urbanos

Meu nome é Andrieli, sou formada em Gestão Ambiental, estudante de Licenciatura em Educação do Campo. Trabalho com tingimento e estamparia natural e botânica, e sou mãe do Oliver e da Luna. Vou falar um pouco sobre a minha percepção sobre os insetos, o mais diverso e bem adaptado grupo vivo do planeta.

Se nós retirássemos todos os vertebrados do planeta, e isso inclui os mamíferos, as aves, anfíbios, répteis, os ecossistemas continuariam funcionando. Porém, se retirássemos os insetos haveria um grande desequilíbrio ecológico, pois eles são os principais responsáveis pela manutenção dos ecossistemas.

Eles são fundamentais nas cadeias alimentares, pois além de servirem de alimento para animais, aves, peixes, eles fazem a manutenção e a poda natural de plantas. Como decompositores de matéria orgânica eles fazem a decomposição de carcaças de animais, evitando a proliferação de doenças. Outra questão muito importante é a polinização, feita principalmente por abelhas e borboletas, atualmente ameaçadas pelo uso de substâncias tóxicas nas lavouras e expansão das áreas urbanas. E aí entra a importância de conhecer e preservar essas espécies no âmbito da Agroecologia e da Educação do Campo.

Mas o que podemos fazer em termos práticos?

Para quem mora na cidade, como eu, um dos caminhos é a promoção de áreas verdes. Pequenos espaços podem ser de grande ajuda para manutenção dos insetos. Aqui no quintal de casa, por exemplo, quando a gente chegou não tinha nada de verde e então para tudo que a gente plantou foi possibilitando que os animais se aproximassem novamente. Hoje se observa a presença de pássaros, a polinização é feita pelas abelhas, os insetos estão convivendo em equilíbrio. O controle do pulgão é

feito pelas joaninhas. Então, aos pouquinhos, vai ressurgindo a harmonia no nosso pequeno ecossistema, pois mesmo dentro da cidade esses espaços precisam ser cada vez mais estimulados permitindo abrigar e manter ativos esses animais, tão importantes para a vida na terra.

Os "insetos com fome" da PAS

Para mim, Nilo Schiavon, agricultor agroecológico é um privilégio muito grande poder participar desta reflexão sobre o papel dos insetos em nossa vida, um tema tão gostoso, urgente e interessante de falar.

Gostaria de iniciar lembrando do meu primeiro curso de princípios básicos de Agroecologia no Centro Ecológico em Ipê no ano de 1995 onde participei junto com um grande amigo de São Lourenço do Sul, Luciano Müllemborg onde tivemos os primeiros contatos com os conhecimentos básicos sobre Agroecologia e, também, conhecemos a cartilha sobre a Teoria da Trofobiose escrita por Charles Chaboussou e que mudou todo o meu conceito sobre insetos, que para muitos são vistos apenas como pragas.

A partir do momento que você começa a entender que todos os seres vivos que existem sobre a Terra, criados por Deus, com exceção do ser humano, todos se alimentam e são alimentos e isso ocorre também com os insetos.

Você que nos lê, certamente já teve ataque de insetos em suas hortas ou pomares. Se pegarmos como exemplo, uma planta de citros, à primeira vista ela está cheia de pulgões. Certamente, a primeira ideia que se tem é a de pegar uma bomba de inseticida e aplicar. Só que não é um inseticida apenas, são venenos que afetarão tudo à sua volta depois que você vai aplicar.

Ao chegar na planta atacada, retire a bomba das costas, ela é muito pesada e não foi feita pra você. Observe esses pulgões ao menos por 5 minutos. Aí, voltando a Teoria da Trofobiose, começamos a pensar por que às vezes somente uma

planta do pomar, da horta está sendo atacada? Comece a observar seu manejo com essa planta, o que você fez nessa lavoura, nessa horta? Uma capina inadequada ou fora de época, estresse hídrico, excesso de nitrogênio ou a falta dele, de matéria orgânica no solo podem ser fatores importantes que contribuem para o aumento da população destes insetos e conseqüentemente o dano causado por eles. O que você deixou nesse solo para esses insetos comerem?

Os pulgões estão ali porque a sua planta está doente, malnutrida. Imagina se você colocar veneno, quantos outros insetos benéficos você vai matar. Outros insetos e pássaros passarão a se alimentar desses insetos mortos pela ação do veneno, afetando todo o equilíbrio que existia ali.

Hoje na Propriedade Agroflorestal Schiavon -PAS⁴ existem muito mais insetos do que há 10 anos atrás, só que hoje esses insetos são meus parceiros dentro das lavouras e deixaram de ser pragas. Quando observo, por exemplo, a grafolita (*Grapholita molesta*; *Lepidoptera: Tortricidae*) que ataca os ramos do pessegueiro em crescimento, esse inseto coloca seu ovo na ponta macia dos galhos que estão em crescimento e que acaba parando o seu desenvolvimento, por isso é considerada uma das principais pragas da cultura. A partir de um outro olhar esse animalzinho com a população em equilíbrio, está fazendo uma poda para mim, ou seja, estão me ajudando.

Dentro da PAS, há vários anos a gente consegue ver isso, que tem muito mais insetos e que eles ajudam muito mais do que atrapalham. Não existem mais pragas dentro da PAS, e sim insetos com fome. A base do processo de produção de alimento com qualidade parte do momento em que você começa a ver e

⁴ Conheça mais sobre a PAS em: <https://www.serradostapes.com.br/propriedade-agroecologica-schiavon-cicloturismo/>

PAS - referência em Agroecologia

<https://www.youtube.com/watch?v=P25mACwStPA&t=18s>

Entre em contato pelo endereço <https://www.facebook.com/Propriedade-Agroecol%C3%B3gica-Schiavon-1073776345969208/>

observar os insetos, não como pragas e sim como parceiros no processo produtivo que depende do equilíbrio da natureza como um todo. Isso inclui a observação das nossas matas, nossas nascentes, nosso solo que é o fundamento inicial para a produção agroecológica.

Abelhas sem ferrão e juventude do/no campo

Meu nome é Darlan Becker Schmalfluss, tenho 22 anos e sou egresso da EFASUL⁵. Minha contribuição com o tema discutido aqui, parte da minha experiência com as abelhas sem ferrão⁶.

As abelhas sem ferrão chegaram até mim em sala de aula durante o Curso Técnico em Agroecologia, quando estava iniciando o planejamento do meu Projeto Profissional Jovem (PPJ). Na ocasião, tive a ideia junto com a minha família de implementar uma estufa de morango semi hidropônico e nas aulas de Biologia e Ciências Agrárias ministradas pelos professores Régis Echer e Patrícia Lovatto conheci as abelhas sem ferrão que passaram a fazer sentido junto ao sonho dos meus morangos.

As aulas despertaram interesse e curiosidade e passei a pesquisar mais sobre os insetos. Fui ficando cada vez mais surpreso com o potencial das abelhas sem ferrão na polinização dos morangos, contribuindo com aumento e a qualidade da produção dos frutos em ambiente protegido.

A associação de abelhas sem ferrão na estufa de morangos envolve vários benefícios e é de fácil manejo. Tu podes manejar os

⁵ Conheça mais sobre a trajetória do jovem Darlan B. Schmalfluss e sobre a Escola Família Agrícola da Região Sul - EFASUL acessando o documentário "**Encontro de saberes: campo e educação empoderando juventudes**". <https://www.cangucuonline.com.br/noticias/cangucu/rs/educacao/video-conheca-a-escola-familia-agricola-da-regiao-sul-a-efasul/>

⁶ Conheça mais sobre as abelhas sem ferrão acessando o Manual de Boas Práticas para manejo e conservação de abelhas nativas (meliponíneos), disponível em <https://www.sema.rs.gov.br/upload/arquivos/201611/21110058-manual-para-boas-praticas-para-o-manejo-e-conservacao-de-abelhas-nativas-meliponineos.pdf>

teus morangos, fazer limpeza, sem ter aquele medo de mexer como poderia acontecer no caso da abelha africana.

Implementei, junto da minha família, um sistema de cultivo orgânico de morangos, sem agrotóxicos e adubação química em parceria com as abelhas sem ferrão⁷. Sempre pensando e cuidando das abelhas, porque elas traziam o retorno e se eu colocasse algum insumo químico eu poderia afetar a permanência delas.

Na minha opinião, falta esse conhecimento e conscientização das pessoas, sobre a importância das abelhas para a produção agrícola⁸. Poucas culturas não precisam da polinização das abelhas e felizmente alguns agricultores estão mais atentos a isso e vem tomando mais cuidado com essa questão dos agrotóxicos.

Com relação a esse ponto eu vejo que uma questão muito forte está relacionada à monocultura da soja que vem contribuindo muito para mortalidade de abelhas⁹. Por isso é importante conhecer o quanto a natureza está aí para nos ajudar e isso tem tudo a ver com esse conhecimento sobre o papel dos insetos, incluindo os polinizadores.

Antes de eu conhecer as abelhas sem ferrão eu tinha a incidência de deformação de frutos de morango muito elevada e aí eu acabei trazendo-as para esse ambiente protegido, para fazer esse teste e ver se realmente as abelhas sem ferrão tinham esse potencial todo que vi em aula e nos materiais que eu consultei.

O fato é que no meu cultivo de morango em parceria com as abelhas, a polinização dos frutos aumentou em 90%, além de diminuir a incidência de frutos com deficiência o que é muito

⁷ Sobre a criação das abelhas sem ferrão acesse mais informações em <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/166288/1/CriacaoAbelhaSemFerrao.pdf>

⁸ Para mais informações acesse o livro *Abelhas e Agricultura* disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks/Pdf/978-85-397-0658-7.pdf>

⁹ Acesse o artigo: "A expansão do agronegócio: impactos nefastos do desmatamento, agrotóxicos e transgênicos nas abelhas" disponível em <file:///C:/Users/Patricia/Desktop/76157-325756-3-PB.pdf>

importante considerando que o morango é comercializado *in natura* na cidade de Canguçu, RS.

Conforme a fruta for mais padronizada, mais bonitinha, com mais tonalidade de cor, mais avermelhada, ela é mais facilmente comercializada e assim eu e minha família seguimos na luta, cultivando morango sem veneno. Eu estou satisfeito por ter contribuído com a produção da minha família através daquilo que comecei a conhecer na escola.

Pesquisadora e agricultora: do campo para o campo

Meu nome é Letícia Hellwig e é com grande satisfação que compartilho com vocês um pouquinho dos resultados encontrados no projeto de pesquisa realizado durante o meu doutorado¹⁰. O meu projeto foi totalmente voltado aos insetos benéficos, desde o seu reconhecimento no ambiente, até diferentes formas de manejo para ampliar a sobrevivência desses organismos nos agroecossistemas.

Os insetos chamados de benéficos se alimentam de outros insetos e não de plantas, ou seja, eles fazem um controle natural dos insetos indesejados, dos insetos chamados pragas que a gente tem dentro da nossa horta ou pomar.

São também denominados de inimigos naturais, mas como contribuem para a saúde dos sistemas de produção auxiliando às famílias agricultoras na produção de alimentos sem veneno podemos chamá-los também de amigos naturais.

Meu projeto foi realizado dentro da Estação Experimental Cascata da Embrapa Clima Temperado, onde realizamos experimentos para avaliar diferentes formas de manejo utilizando plantas espontâneas no cultivo da couve, visando demonstrar a sua contribuição às populações de amigos naturais.

Como filha de agricultores eu também já vinha observando a carência de informações sobre a identificação

¹⁰ Para acessar a tese de doutorado na íntegra consulte: http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/4998/1/tese_leticia_hellwig.pdf

destes organismos e a importância dos mesmos para o equilíbrio dos cultivos por parte das famílias agricultoras da região, o que também foi confirmado a partir do meu trabalho de pesquisa.

Assim, para além dos experimentos e anteriormente a eles realizei um trabalho de diagnóstico e levantamento de dados sobre a percepção das famílias agricultoras do território Zona Sul sobre os insetos em suas unidades de produção familiar, incluindo cinco municípios: Canguçu, São Lourenço do Sul, Pelotas, Morro Redondo e Arroio do Padre. O trabalho envolveu grupos agroecológicos, associações de famílias e quilombolas do Território. Esta pesquisa em campo contou com entrevistas e observações diretas nas UPF que permitiram a sistematização de dados sobre o conhecimento dessas famílias acerca dos insetos e seus papéis nos cultivos, bem como relação com as plantas espontâneas.

Das vinte e cinco famílias envolvidas na pesquisa, apenas quatro reconheciam insetos benéficos, entretanto de forma muito limitada. Esses resultados deram suporte à parte experimental da pesquisa, bem como permitiram demonstrar a necessidade de contextualização da temática dos insetos nas atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas com as famílias agricultoras do território.

Os resultados da pesquisa experimental, desenhada a partir dos conhecimentos das famílias agricultoras do Território, demonstraram maior diversidade de insetos na presença da vegetação espontânea, sem aumento de insetos que causam danos econômicos na couve; maior diversidade de vegetação espontânea menor a infestação de pulgões e maior a população de amigos naturais; o consórcio das plantas de caruru com o cultivo da couve aumentou a população de amigos naturais e diminuiu a população de pulgões e que o mesmo não afetou a produtividade da couve, demonstrando ser uma importante ferramenta para o manejo dos cultivos, com múltiplos usos apontados pelas famílias.

Parte dos resultados da pesquisa irá compor um livro

elaborado em parceria com o Curso de Licenciatura em Educação do Campo da FURG sobre identificação de amigos naturais, manejo e ampliação nos cultivos, com lançamento previsto para maio de 2022. O livro será disponibilizado gratuitamente com versão impressa e digital, atendendo a demanda das famílias agricultoras do Território Zona Sul que subsidiou a tese de doutorado.

Eu, enquanto pesquisadora e agricultora, devolvo a minha família e comunidade um conhecimento válido para o manejo dos cultivos e que parte da união entre conhecimento popular e acadêmico sobre os insetos para busca de caminhos que permitam autonomia e qualidade de vida no campo.

Considerações reflexivas

A abordagem agroecológica no estudo dos insetos é fundamental de ser inserida no planejamento dos componentes curriculares da educação básica e superior, sobretudo quando nos referimos às escolas do campo.

Apesar de exercerem funções indispensáveis nos ambientes em que ocorrem, a percepção sobre a importância dos insetos ainda permanece envolvida em mitos e centrada no universo utilitarista, antropocêntrico e superficial que resume a compreensão destes organismos como pragas.

A população total de insetos no planeta diminui 2,5% ao ano, sendo que 41% das espécies estão em declínio e um terço de todas as espécies de insetos está ameaçado de extinção¹¹. O desaparecimento destes elos tão importantes para o equilíbrio da vida sobre a terra vem comprometendo a produção soberana e segura de alimentos, ao mesmo tempo em que coloca em risco a manutenção da qualidade de vida no campo. A agricultura convencional é a grande responsável pela morte dos insetos,

¹¹ Para mais informações, acesse o ATLAS DOS INSETOS, disponível gratuitamente em: <https://br.boell.org/pt-br/2021/12/03/atlas-dos-insetos>

principalmente devido à monocultura e ao uso de agrotóxicos.

A Educação do Campo indissociável da Agroecologia como prática, movimento e ciência são caminhos fundamentais para promover conhecimentos que alteram a lógica das visões distorcidas sobre o papel dos insetos nas nossas vidas. Os insetos como os primeiros organismos alados e terrestres na escala evolutiva da terra tem muito para nos ensinar sobre cooperação, diversidade, adaptabilidade e resistência.

Referências

ALTIERI, M. A.; PONTI, L.; NICHOLLS, C. I. **Controle biológico através do Manejo de agroecossistemas**. Brasília: MDA, 2007. 31p.

CHABOUSSOU, F. **Plantas doentes pelo uso de agrotóxico** (A teoria da trofobiose). Porto Alegre: L&PM, 1987.

GULLAN, P.J.; CRANSTON, P.S. **Insetos: Fundamentos da Entomologia**. 5. ed. São Paulo: Roca, 2017, p. 460.

ILHARCO, F. A. **Equilíbrio Biológico de Afídeos**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1992., 303p.

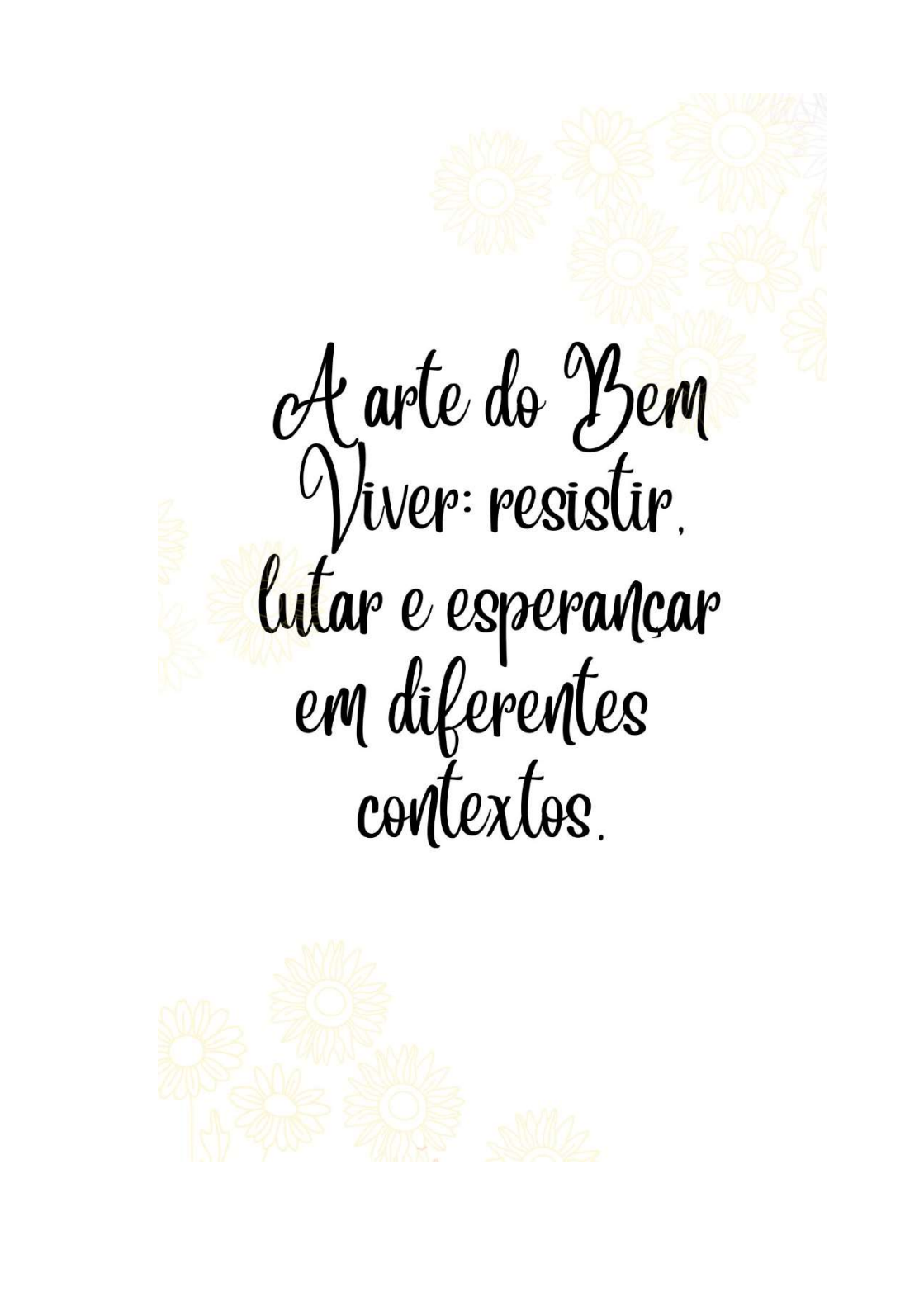
LOVATTO, et al. **Amigos naturais: Insetos e plantas como parceir@s no manejo agroecológico dos cultivos**. Editora da FURG: Rio Grande, 2022, 74p.

LOVATTO, P. B.; SCHIEDECK, G.; GARCIA, F. R. M. Interação coevolutiva entre insetos e plantas como estratégia ao manejo agroecológico em 77 agroecossistemas sustentáveis. **Revista Interciência**. v. 37, n. 9, 2012, p. 657-663.

LOVATTO, P. B.; PUNTEL, J. G.; MORAES; N. K. A construção do conhecimento na disciplina Entomologia Geral Aplicada à Agroecologia no curso de Bacharelado em Agroecologia da FURG. **Cadernos de Agroecologia**. ISSN 2236-7934, v. 17, n. 3, 2022.

MARGULIS, L. **O planeta simbiótico; uma nova perspectiva de evolução**. Tradução de Laura Neves. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 137 p.

PRIMAVESI, A. **Manual do solo vivo**. São Paulo: Expressão Popular, 2016. 205p.



A arte do Bem
Viver: resistir,
lutar e esperar
em diferentes
contextos.

A GANÂNCIA CORRÓI A TERRA E O AFASTAMENTO DA TERRA CORRÓI OS CORAÇÕES

Solange Elizabete Rosa de Oliveira*

Introdução

As pessoas que vivem no campo, muitas vezes passam despercebidas, por aqueles que deveriam elaborar e executar ações permanentes de proteção à saúde, especialmente com relação à saúde mental. É muito comum encontrarmos vários projetos sociais e de cuidados em saúde, acontecendo em centros urbanos e suas comunidades periféricas, no entanto, as populações rurais, pouco ou nada recebem. Outro público observado são os povos que vivem nas cidades e tem sua origem no campo (oriundos do êxodo rural), que também não são contemplados com políticas públicas que atendam suas reais demandas, contrariando parte da lei do SUS 8080\90, que trata da equidade como a verdadeira forma de fazer igualdade, ou seja, tratar de forma diferente os diferentes.

Segundo dados dos sites: www.myfarm.com.br e www.mundoeducacao.uol.com.br, o êxodo rural, migração do campo para a cidade, de forma intensa e rápida, que ocorreu principalmente nos de 1970 e 1980, quando basicamente metade da população rural foi embora do campo, gerando uma série de problemas sociais, inflando os centros urbanos, causando a

* Psicóloga graduada pela UCPel. Pós-graduada em Saúde da Família pela FURG e Sexologia humana pela Unyleya. Concursada na saúde pública e comunitária há quase duas décadas. Palestrante em escolas, empresas públicas e privadas. Psicoterapeuta pelo SUS na cidade de Cristal. E-mail: solangeelizabete@hotmail.com

expansão desordenada das periferias (favelas) e o desemprego. Esse processo ocorreu por vários fatores, sendo o principal deles a modernização das formas de produção agrícola com o aumento de tecnologias, que além de exigir mão de obra mais preparada, também substituiu o trabalho braçal de várias pessoas por uma só máquina. Em contrapartida, a ampliação de fábricas, a ilusão de novos empregos e melhor qualidade de vida, tais como, moradia com água encanada, luz elétrica e escola para os filhos, também contribuíram para o desejo de deixar o campo e ir embora para a cidade.

Cabe salientar que entre os fatores já citados que culminaram com o êxodo rural, o principal deles foi a maior concentração fundiária, onde os grandes proprietários utilizaram de seu poder para comprar as terras de pequenos agricultores familiares; com o objetivo de ampliar a monocultura para exportação. Essa ganância resultou em outra tendência agrícola, que foi ampliar o uso de agrotóxico, visando benefícios na produção, com aumento da rentabilidade e do lucro, desconsiderando os prejuízos ambientais, sociais e da saúde de seres humanos. Já é conhecido, que as questões de saúde mental estão relacionadas a vários fatores, entre eles a intoxicação pelo uso de agrotóxicos, onde o veneno mesmo que de forma imperceptível em curto prazo, vai adentrando no organismo, interferindo em sua fisiologia e comprometendo a saúde física e psíquica. Estas alterações orgânicas podem ser observadas e mensuradas a partir de exames clínicos laboratoriais. Estudo desenvolvido pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, apontou que o Brasil atingiu o primeiro lugar no ranking mundial no consumo de agrotóxicos, expandindo 190%, crescimento maior que o dobro do apresentado pelo mercado global 93%.

Outra influência negativa, foi o repentino aumento populacional urbano, a falta de qualificação profissional, desemprego e frustração de expectativas, contribuindo para o envolvimento em atividades ilícitas, crimes, marginalização e adoecimento mental do indivíduo.

Ao falarmos sobre saúde mental dos povos que vivem no campo ou oriundos deste, não podemos deixar de considerar sua territorialidade no amplo sentido da palavra e para além do conceito encontrado no dicionário de língua portuguesa que define o significado de território, apenas como uma extensão de terra. Não se trata de possuir um pedaço de chão, para obtenção de lucro financeiro, moradia e produção de alimentos para suprir necessidades físicas. Quando analisamos essa questão de posse, sob a ótica social e de saúde mental, percebemos que está diretamente ligada à identidade do sujeito e mesmo que ele se afaste do local físico, a territorialidade o acompanha, influenciando seus sentimentos e comportamentos.

Estudos atuais reconhecem que os territórios são marcados por um movimento contínuo, uma dinâmica construída socialmente, do que por sua fixação em uma terra específica, uma representação estática natural (TEIXEIRA SARAIVA; CARRIERI; VALVERDE, 2015).

Assim sendo, entendemos a dinâmica da territorialização, para muito além de ocupar uma terra, é uma construção afetiva e de identidade, que define símbolos, deixando marcas nos integrantes daquele grupo, através de costumes que vão sendo incorporados pelas futuras gerações e readaptados em outros movimentos e mudanças geográficas, ou seja, a territorialidade está contida no indivíduo.

Mais um aspecto importante da saúde mental se refere à construção de identidade, que se dá a partir das vivências do sujeito, em sua relação com o meio e a possibilidade de vivenciar e elaborar de forma adequada os conflitos relacionados a cada fase evolutiva, por tanto, essa identidade mesmo sendo individual, é moldada pelo coletivo e futuramente por onde o sujeito for levará consigo marcas, reflexos do meio ao qual pertenceu, ou seja, de sua origem.

Segundo Jolande Jacobi, as ciências médicas, cada vez mais estudam o DNA dos sujeitos e sua relação com patologias, encontrando uma imensa gama de patologias que tem origem na

herança genética. Da mesma forma, a psicologia pontua a influência que o sujeito sofre de sua ancestralidade, ou seja, a herança psíquica que é transmitida de geração em geração.

Só te conheço de retrato, não te conheço de
verdade, mas teu sangue bole em meu sangue e
sem saber te vivo em mim ...

Carlos Drummond de Andrade

O fragmento do poema de Carlos Drummond de Andrade, aqui citado, evidencia e explica sentimentos e comportamentos oriundos do inconsciente, que muitas vezes podem se manifestar como estados de desadaptação, ansiedade, melancolia e depressão, entre outros sofrimentos emocionais. Fica evidente, que para oferecer um bom cuidado em saúde mental, os profissionais devem estar preparados para além das técnicas de manejo comportamental, possuindo autoconhecimento, para separar suas demandas emocionais das do cliente. Também é de grande importância estudar as diversidades culturais, para poder entender, acolher e ajudar o sujeito em suas próprias descobertas e resolução de conflitos.

Este trabalho surge a partir de várias observações ao longo das últimas três décadas, no entanto, foram descritos e analisados os dados de duas famílias específicas, ambas que deixaram a vida no campo e foram para cidade com projetos para melhoria de condições de vida, por meio da escolarização dos filhos. Uma perde totalmente o foco e a outra aparentemente atinge os objetivos propostos.

Família 1: As informações são coletadas durante o ano de 2002, através de uma jovem mulher, que chega para psicoterapia após tentativa de suicídio e em severa depressão. Durante a anamnese (entrevista inicial), informa ser a filha do meio de três irmãs e relata a seguinte história familiar: no final dos anos oitenta seus pais venderam a pequena propriedade rural e se mudaram para a cidade, com ela e as duas irmãs. Na época,

a mais nova com nove anos, ela com doze e a mais velha com treze. O recurso adquirido com a venda da propriedade foi investido na compra de uma casa e na montagem de um pequeno comércio, em um bairro da cidade de Pelotas. O pai atendia o comércio, a mãe além de cuidar da casa, fazia alguns lanches para serem vendidos, enquanto as meninas estudavam. Logo fizeram novas amizades e o pai começou a vender fiado para a vizinhança. A mãe passou a produzir mais lanches, no entanto, o orçamento foi ficando cada vez mais apertado, os compradores não pagavam os fiados e os fornecedores não abasteciam mais as prateleiras do comércio, obrigando o pai buscar por empréstimo bancário. A irmã mais velha, quando estava com quinze anos, começou a namorar, engravidou e o namorado não assumiu sua gestação.

O pai aceitou que ela ficasse em casa e tivesse a criança, no entanto, a condição foi que todas deixassem a escola e não saíssem mais de casa. Um ano depois a irmã mais nova foi morar com outra família e trabalhar de babá, o pai repleto de dívidas, se entregou ao alcoolismo, fechou o comércio, vendeu a casa para saldar dívidas e alugou um barraco na periferia, onde pouco tempo depois cometeu suicídio, a irmã mais velha foi embora com outro rapaz e a paciente em pauta, ficou cuidando da mãe, do sobrinho e fazendo algumas faxinas no condomínio onde a irmã mais nova trabalhava. Local onde conheceu o porteiro, um homem dez anos mais velho, casou-se com o mesmo, entregou o sobrinho à irmã e levou a mãe para morar com ela, permanecendo lá até poucos meses antes dessa consulta, quando faleceu de câncer. Informou que quase não tem contato com a irmã mais nova, que continua trabalhando e morando com a mesma família, a irmã mais velha, teve mais dois filhos de outros relacionamentos e financeiramente sobrevive de forma duvidosa, ficando também afastada do convívio. Seu marido é atencioso, deseja ter filhos, mas ela tem medo de engravidar, porque se sente mais vinculada à morte do que a vida e acredita que ele possa ser mais feliz se ela morrer e ficar livre para

conseguir outra esposa menos complicada, além de que ele foi seu único namorado e não sabe se o que sente é amor, ou apenas viu nele uma tábua de salvação (sic).

Família 2: Composta por pai, mãe e seis filhos. O pai não havia concretizado o desejo de estudar e se formar veterinário, tanto ele, quanto a esposa haviam cursado apenas até o quarto ano primário, com professora contratada para lecionar em casa e também com pouca escolarização, modelo que se repetiu com os filhos mais velhos, porém, o casal concordava que os filhos deveriam prosseguir os estudos.

Então compraram um terreno, na pequena cidade Santana da Boa Vista e construíram a casa, próximo de uma escola. Durante o ano letivo a mãe permanecia com os filhos para estudarem, enquanto o pai trabalhava na lavoura e criação de animais, encontrando a família aos finais de semana, até o período de férias escolares, quando todos iam para o campo e também onde recebiam a visita dos parentes e amigos.

Embora o trabalho na agropecuária fosse árduo, com as preocupações sobre as incertas colheitas, que além do cuidado humano, dependiam das condições climáticas, a casa grande, que fora dos pais e avós, se enchia de gente, comemorações e alegria. A poucos metros dali havia uma capela, onde aconteciam missas, festejos e procissões a Nossa Senhora Aparecida, sendo parte destas para pedir chuva e uma colheita farta. Também era costume, enterrar o umbigo dos filhos na entrada da mangueira, para que futuramente tivessem suas próprias terras e gado.

Assim aconteceu com o umbigo de todos os filhos, que inconscientemente foram influenciados por esse desejo. Mais tarde, quando concluíram seus estudos e seguiram suas carreiras profissionais em cidades diferentes, os pais, com a “tarefa de educar filhos”, cumprida, se divorciaram e definitivamente a mãe permaneceu residindo na cidade e o pai no meio rural, onde foi se sentindo solitário, com menos energia para trabalhar e se incomodando com grandes granjeiros que ambicionavam suas

terras, acabou decidindo vender o campo e também ir embora para a cidade. Poucos anos depois, esse senhor se encontrava de passeio na localidade onde nasceu e cresceu; após ter laçado no rodeio de seu piquete tradicionalista gaúcho, à noite, enquanto dançava na festa da Capela de Nossa Senhora Aparecida, sofreu um infarto fulminante e veio a óbito no mesmo local. Parece que o coração daquele camponês, não desejava voltar à cidade ...

Quinze anos depois disso, mais precisamente, em dois mil e vinte, a penúltima dos seis filhos, que também já havia formado as únicas duas filhas, conseguiu condições financeiras para voltar ao local e propor a compra de um pequeno pedaço de terra em torno da velha casa abandonada, com o intuito de reconstruí-la e retomar o contato com suas origens, mas os atuais proprietários, sequer aceitaram pensar em uma proposta.

Conclusão

Conclui-se que em ambos os casos (famílias), o desligamento da terra não aconteceu sem dores e se naquela ocasião existissem políticas públicas voltadas para a educação, viabilizando o acesso a escolas, atendimentos de saúde, iluminação elétrica, entre outras condições básicas para uma sobrevivência digna, talvez estas famílias tivessem oportunizado o estudo a seus filhos, sem perder os vínculos com as origens e a própria identidade.

Mesmo no momento atual, com o programa luz para todos, Estratégias de Saúde da Família, postos de atendimento no meio rural e uma Universidade Federal, com curso superior voltado para Educação no Campo, possibilitando ir à escola, estudar e retornar ao seu território, continua sendo de extrema importância proteger a saúde mental dos povos do campo, para que possam compreender que contra o poderio financeiro existem outras formas e forças de luta e que para enfrentar essas adversidades, é necessário manter um bom equilíbrio emocional. Entende-se que ainda há preconceito quando se fala em “saúde

mental”, porque muitos logo imaginam “doença” e pior, que isso é para louco.

Infelizmente o Rio Grande do Sul, apresenta um número elevado de suicídios, sem histórico prévio de loucura e muitas dessas pessoas trabalhavam diretamente com agrotóxicos.

É necessário também um olhar especial para os riscos destes tempos de pandemia, onde todos, direta ou indiretamente, sofrem dores emocionais, inseguranças, lutos e ausências, resultantes por mortes, dificuldade de socialização, instabilidade econômica, entre outros geradores de estresse. Os adultos devem dedicar maior atenção às crianças, que ficaram durante dois anos afastadas da sala de aula e auxiliar na organização de suas rotinas com paciência e carinho, porque é comprovado que a capacidade de aprender está diretamente relacionada aos afetos. Oferecer aos jovens, um diálogo acolhedor, não minimizando seus conflitos e dores naturais nessa fase de tantas transformações físicas e emocionais. Cuidar das mulheres, porque a maioria delas, enfrentam jornada dupla de trabalho, por vezes de domingo a domingo na lavoura, nas lidas da casa e não conseguem reservar algum tempo para cuidar de si, sendo que muitas até já esqueceram dos próprios sonhos e o que lhes dá prazer. Fomentar a autoestima dos idosos, que necessitam aprender a desfrutar do descanso e lazer no campo, aceitando a aposentadoria, como merecimento para se afastar do trabalho pesado e não como um atestado de invalidez. Tem que valorizar a sabedoria dos mais velhos e escutar seus causos, porque é através destes que a história, as memórias afetivas, os sentimentos de territorialidade e a identidade de um povo se perpetuará.

Quem habita o campo, que sofre pela falta de terra, pela seca ou excesso de chuva, deve se autoafirmar no que existe de positivo, no contato com a mãe terra, no oxigênio das árvores, na vida representada através da flor que nasce, no pintinho que descasca, em cada folha de couve livre de veneno, enfim, se encontrar como parte da natureza, resgatando a sabedoria dos ancestrais, embora podendo e devendo buscar pelo cuidado da

medicina, da psicologia, entre outros, deve reconhecer e desfrutar das mais variadas formas de cuidado, como, a manipulação e uso das plantas medicinais, práticas integrativas, terapias holísticas, entre outros.

As Oficinas Terapêuticas, como parte da saúde mental, comprovam a importância de trabalhar a terra, plantar sementes, socializar trocando mudas com outras pessoas e regar a própria vida através do cuidado com as plantas. Promover uma rotina de encontros comunitários, onde os indivíduos possam se expressar, partilhar com seus semelhantes, falar, ser ouvido e escutar, sem julgamentos é de fundamental importância para salvar vidas, porque se as tristezas, dúvidas e medos ficarem sufocados dentro do peito, irão evoluindo até se tornarem doenças. E quando isso não for suficiente, que possam buscar pelo apoio de profissionais, sem preconceito e se sentindo merecedores de serem cuidados, porque todos são e estão interligados, como parte de um todo maior.

Encerro este trabalho, agradecendo a existência, a terra como principal essência de vida, a uma de minhas primeiras pacientes, ainda como estagiária de psicologia (relato 1), a ancestralidade, a família que recebi como missão evolutiva, a ousadia para ir atrás de meus objetivos e capacidade de resiliência quando os mesmo foram frustrados, de forma especial a memória de meu pai Osvaldino Alcântara de Oliveira (relato 2) e a amiga, professora doutora Jara da Fontoura, que proporcionou colocar minha própria história, como eco a tantos gritos silenciosos, que habitam corações saudosos de suas origens.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde**. Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. Agrotóxicos na ótica do Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

BLOG MYFARM, 2021. Disponível em: [www.myfarm.com.br>exodo-rural_](http://www.myfarm.com.br/exodo-rural) Acesso em: 15 de março de 2022.
Autora: Rafaella Aires. **Êxodo Rural: O que é e os seus impactos no agronegócio.**

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G. Jung.** Petrópolis: Vozes, 2016.

MORIN, Pâmela Vione. **Transtornos mentais comuns em trabalhadores rurais que utilizam agrotóxicos.** Ijuí, 2016.

TEIXEIRA, J. C.; SARAIVA, L. A. S; CARRIERI, A. P. Os lugares das empregadas domésticas. **Organizações & Sociedades**, v. 22, n. 72, 2015.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MUDANÇAS CULTURAIS: Algumas pautas para construir nosso futuro a partir da “casa comum”

Jaime José Zitkoski*
Sérgio Trombetta**

Introdução

Vivemos um tempo de grandes urgências para tentar salvar o planeta da destruição pela própria humanidade. A destruição ambiental, social e ecológica chegou a níveis assustadores e, como consequências disso, estamos todos a perigo e vivendo cada vez mais inseguros diante do futuro. As inúmeras catástrofes naturais devido aos extremos do clima (secas intensas, enchentes, tornados, tsunamis, etc.) são em grande parte provocadas pela ação humana de desmatamento, poluição e formas agressivas da humanidade consumir e depredar os recursos naturais. Vivemos sob uma pressão da “bomba relógio” ambiental e social. Até quando nosso planeta – a casa comum a todos – vai suportar tanta violência e destruição? Essa é a temática que buscaremos refletir nesse texto com o objetivo de problematizar, pois as respostas não estão prontas e as alternativas precisam ser construídas por todos nós de forma responsável e esperançosa.

* Professor da Faculdade de Educação da UFRGS e no PPGEDU na linha de pesquisa Educação, Culturas e Humanidades. E-mail: jaime.jose@ufrgs.br

** Doutorando no PPGEDU da UFRGS. Foi professor de Filosofia e Antropologia da UNISINOS. E-mail: naytiara.s.v@gmail.com

Algumas chaves de leitura para entender a relação humana com a natureza

Na literatura dos mitos gregos, Prometeu (aquele que pensa antes), representa a astúcia, a razão entendida como capacidade de fabricar objetos úteis para o ser humano dominar e controlar as forças da natureza.

Segundo Ferry (2009), Prometeu não roubou apenas o fogo dos deuses, roubou também as artes e técnicas de forma que o homem corre o sério risco, um dia ou outro, de se achar igual aos deuses. “Prometeu fornece aos homens um novo poder, um poder de criação quase divino. Os homens se tornam os únicos animais capazes de fabricar objetos técnicos, artificiais. Isso significa que, à semelhança dos deuses, eles passam também a ser verdadeiros criadores” (FERRY, 2009, p. 128).

Dessa forma, podemos entender que o homem prometeico é o homem da técnica, capaz de criar, inventar de maneira incessante, fabricar máquinas e artifícios capazes de um dia se libertarem de todas as leis do cosmos.

A figura mitológica de Prometeu, que, ao conquistar o fogo, fez-se senhor do processo civilizatório, assentado sobre o poder-dominação do homem. A vontade de potência e de dominação é o projeto antropológico em vigor desde o neolítico. Apropriar-se das forças da natureza, expandir-se no espaço, conquistar outros povos e submetê-los: eis o sonho maior que mobilizou aqueles que foram e continuam sendo os detentores dos meios de poder, de ter e de saber (BOFF, 2000, p. 97-98).

Analisando o mito acima referido e, também, a narrativa bíblica do livro do Gênesis, que fala sobre a origem do mundo, a impressão que temos é que “o homem é o produto final da criação. O homem é a criatura para quem todo o resto foi criado: este mundo, este sistema solar, esta galáxia, o próprio universo” (QUINN, 1998, p. 50). O mundo e todas as formas de vida foram

criados para o homem. O mundo foi feito para o homem e o homem foi feito para conquistá-lo e governá-lo. Podemos dominar a natureza e subjugar todos os animais. Nascemos para conquistar e exercer nosso poder sobre todas as coisas. Na mitologia o mundo precisa de um governante. O ser humano foi feito para governar o mundo.

Nessa cosmovisão, o mundo pertence ao homem. Cultivamos a ilusão que somos privilegiados, superiores e por isso temos o direito de explorar e controlar a natureza. Não nos sentimos membros de uma comunidade de vida que vai muito além dos humanos. Talvez, a questão central, é que este desejo de conquista, expansão e controle da natureza nos aproxima da morte da espécie humana e de outras formas de vida.

Entretanto, na condição humana no cosmos, **Somos Terra**. A Terra é um organismo vivo em que todas as partes estão relacionadas entre si em constante interdependência; tudo está interconectado e tudo forma uma unidade. Estamos colados no corpo da Terra. Nós e a Terra somos uma mesma entidade.

A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial (KRENAK, 2020, p. 28).

Todos os fenômenos na natureza estão conectados em um universo interdependente. “A natureza é um complexo sistema de dependências recíprocas, do qual nós fazemos parte. Cada efeito pode desencadear outros contrários” (KRESSELRING, 2007, p. 226). Tudo tem vida. Somos parte da natureza. A terra e a humanidade formam uma única entidade. “Não consigo nos imaginar separados da natureza” (KRENAK, 2020, p. 58).

O ser humano não é o centro do universo, mas apenas uma parte dos processos naturais. Importa deixar para trás como ilusório e arrogante todo o antropocentrismo. “Nós não vivemos neste universo nem sobre a nossa Terra como seres extra-cósmicos. Nós viemos do útero comum de onde vieram todas as coisas. Somos a Terra que anda e dança, que freme de emoção e pensa, que quer e ama, que se extasia e adora Deus. Todas essas coisas primeiro estiveram no universo, se condensaram em nossa galáxia, ganharam forma em nosso sistema solar e irromperam concretas na nossa Terra, grande mãe, superorganismo vivo, complexo e dinâmico, a Gaia dos antigos e novos cosmólogos” (BOFF, 2002, p. 61).

A Mãe Terra não é uma máquina (conforme defendem as teorias de Bacon e Descartes). A vida é relação, colaboração, solidariedade. Viver é pertencer; saber conviver em harmonia com o ambiente.

A recuperação harmônica supõe uma nova maneira de ver, focalizar e viver nossas relações com o planeta Terra e com tudo o que essa consciência planetária supõe: tolerância, equidade social. Igualdade de gênero, aceitação da biodiversidade e promoção de uma cultura da vida a partir da dimensão ética (GUTIÉRREZ e PRADO 2000, p. 31).

Nosso mundo hoje revela uma profunda Crise de Paradigma

Na análise de Capra (1982), os problemas enfrentados pela humanidade, são apenas facetas diferentes de uma só crise que remete a crise de paradigma. O sentido de paradigma tem a ver com toda uma constelação de opiniões, valores e métodos socializados pelos membros de uma determinada sociedade, fundando um sistema disciplinado mediante o qual esta sociedade se orienta a si mesma e organiza o conjunto de suas

relações. “Precisamos de um novo paradigma, uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores” (CAPRA, 1982, p. 14).

A sobrevivência de toda nossa civilização depende da nossa decisão, capacidade de mudarmos o paradigma que nos trouxe até aqui (antropocentrismo) que está na origem das muitas crises que atinge a humanidade. Toda situação de crise, para ser superada, exige uma decisão; troca radical no modo de pensar e de agir. Se a humanidade quer viver, ela precisa mudar radicalmente sua relação com a natureza. “Se a crise é profunda, demanda-se mudanças igualmente profundas nas estruturas e instituições sociais, em conjunto com novos valores e ideias” (PELIZZOLI, 2002, p. 53).

Por tais razões, no contexto em que nos encontramos hoje, a humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo. Como nunca antes na história, o destino comum obriga-nos a procurar um novo início. “Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente” (KRENAK, 2020, p. 81). A consciência da gravidade da crise cultural e ecológica precisa traduzir-se em novos hábitos. O imperativo é produzir uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores. “A situação atual exige medidas urgentes em todos os setores – científico, cultural, econômico e político -, e uma maior sensibilidade de toda a humanidade” (GADOTTI, 2000, p. 31).

É urgente a toda humanidade, enquanto civilização, passarmos por um profundo processo de conversão, que implica revolucionar os modos de pensar, os valores e as instituições sociopolíticas.

“Se não mudarmos de paradigma civilizatório, se não reinventarmos relações mais benevolentes e sinérgicas com a natureza e de maior colaboração entre os vários povos, culturas e religiões, dificilmente conservaremos a

sustentabilidade necessária para realizar o projeto humano, aberto para o futuro e para o infinito” (BOFF, 2000, p. 18).

Nunca antes na história conhecida da civilização humana, corremos os riscos que atualmente ameaçam nosso futuro comum. Mudar é sempre difícil, mas a crise civilizacional exige mudanças urgentes. “A humanidade inteira confronta hoje um conjunto de crises que se permeiam e, no todo, constituem a Grande Crise de uma humanidade que não consegue atingir o estado de Humanidade” (MORIN; HESSE, 2012, p. 08).

Leonardo Boff lembra que uma crise ocorre quando o velho mundo custa a nascer, e nesse claro-escuro podem surgir monstros. É um momento crucial, em que a crise se revela ao mesmo tempo como fonte de perigo e fonte de oportunidade. Precisamos ter consciência dos riscos e perigos e, também, das oportunidades do atual momento histórico.

Há momentos na história em que, para continuar, é preciso romper, entrar num processo de convulsão, de instabilidade e radical questionamento, onde não se muda algo no mundo, mas onde o mundo todo muda. A crise é este momento angustiante, mas profundamente criativo, que permite o evoluir histórico sobre outras bases e com outros valores (BOFF, 2002, p. 28).

A crise atual é resultado da tendência desmedida para dominar e controlar a natureza. Somos vítimas de um verdadeiro mito de crescimento. “Somos nós a praga que veio devorar o mundo” (KRENAK, 2020, p. 64). Nosso futuro está condicionado a superação do paradigma antropocêntrico que representa um hino a superioridade do ser humano em relação a todas as outras formas de vida. O ser humano é visto como dominador e conquistador da natureza; centro de tudo; centro do Universo. “Os seres Humanos são considerados mestres e

superiores ao mundo natural. Nessa ideia é defendida a concepção do ser humano como separado e distante do mundo natural e não-dependente deste para sua sobrevivência” (HUTCHISON, 2000, p. 32).

Os sinais que revelam uma crise profunda da humanidade

a) A Mercantilização da vida

A mercantilização invade o conjunto do universo social. Tudo se tornou mercadoria. A crise ecológica é o resultado de um sistema que transforma tudo – a água, a terra, o ar, a moradia, o lazer, a cultura, os alimentos, em mercadoria e que não conhece outro critério que não seja a expansão dos negócios e a acumulação dos lucros. “A monetarização e a mercadorização de todas as coisas destroem a vida comunitária de serviços prestados e a convivialidade. O melhor das culturas nativas desaparece em proveito do pior da civilização ocidental” (MORIN; KERN, 2005, p. 79).

A lógica do mercado reside na competição, e não na cooperação. “Quanto mais cresce a competição, tanto mais os valores individualistas de mercado se sobrepõem aos valores sociais de comunidade” (BOFF, 2000, p. 07). A própria pessoa é reduzida ao valor de cliente, ou ao valor de mercado. A lógica que perpassa este modelo é o seguinte: toda a pessoa, sua vida é transformada num valor essencialmente comercial.

O hipercapitalismo atual dissolve totalmente a existência humana numa rede de relações comerciais. Já não existe nenhum âmbito da vida que consiga se eximir da degradação provocada pelo comércio. O hipercapitalismo transforma todas as relações humanas em relações comerciais. Ele arranca a dignidade do ser humano, substituindo-o completamente pelo valor de mercado (HAN, 2017, p. 127).

Os valores de mercado passaram a governar nossa vida. “A lógica da compra e venda não se aplica mais apenas a bens materiais: governa crescentemente a vida como um todo” (SANDEL, 2017, p. 11). O lucro transformou-se no mecanismo de mediação de todas as relações sociais. Isto tem provocado aumento das desigualdades sociais; destruição da natureza; precarização do trabalho e privação dos direitos essenciais para uma vida digna. “Uma das fases-chave dessa transformação reside na passagem das sociedades nas quais o que tinha valor não tinha preço para sociedades em que o que não tem preço não tem valor. A expressão contábil dessas representações é muito destruidora” (MORIN; VIVERET, 2013, p. 61).

Dentro do capitalismo não há solução para a vida. Por isso, o mundo precisa urgentemente de mudanças profundas e radicais. Necessitamos novas formas de organização social e novas práticas políticas com impactos em nosso modo de ser, produzir e consumir os recursos necessários a uma vida decente para todas as pessoas (em harmonia com a Natureza - a *Mãe Terra*).

O capitalismo tem uma grande capacidade de flexibilidade para manter-se e reproduzir-se em sua lógica. Ele consegue superar as suas crises e seguir em seu projeto de exploração da natureza e do ser humano visando a concentração de riqueza nas mãos de poucas pessoas. “A ética capitalista diz: bom é o que permite acumular mais com menos investimento e em menos tempo possível. A moral capitalista concreta reza: empregar menos gente possível, pagar menos salários e impostos e explorar melhor a natureza para acumular mais meios de vida e riqueza” (BOFF, 2003, p. 41).

b) Ecologia ambiental

O paradigma antropocêntrico concebe o humano “como um ser sobre as coisas, dispondo delas a seu bel-prazer, jamais como alguém que está junto com as coisas, como membro de

uma comunidade maior, planetária e cósmica” (BOFF, 1999, p. 17). Na atitude de estar sobre as coisas e a partir desta postura imaginar que é possível um crescimento ilimitado de bens materiais e serviços, parece residir a causa de nossa crise civilizacional. “Se não cuidarmos do planeta como um todo, podemos submetê-lo a graves riscos de destruição de partes da biosfera e, no seu termo, inviabilizar a própria vida no planeta” (BOFF, 2000, p. 26).

Não podemos manter a lógica de acumulação e crescimento ilimitado. A flecha do progresso está quebrada e o futuro perdeu seu brilho; o que temos pela frente são mais ameaças que promessas. Somos conscientes dos limites dos recursos naturais e da necessidade de um novo paradigma de produção sustentável alicerçado na democracia de alta intensidade e na justiça social. “A consciência ambiental se coloca como consciência de todo o gênero humano, convocando todo indivíduo como sujeito moral para construir uma nova racionalidade social” (LEFF, 2001, p. 92).

É preciso superar um tipo de antropocentrismo prometeico e pensar valores adequados a sustentabilidade. Outro aspecto importante é nos reconectarmos com a mãe terra e adotando valores adequados à sustentabilidade ecológica e social, mas isso exige a superação da alienação consumista que coloca no ter sempre mais o sentido da vida. “Estamos a tal ponto dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento que nos desconectamos do organismo vivo da Terra” (KRENAK, 2020, p. 18).

c) Ecologia social

Ecologia tem a ver com as relações de tudo com tudo, em todas as dimensões. Tudo está interligado. A questão central é buscar estilos de vida que sejam sustentáveis (o cuidado com as gerações futuras) e socialmente justo. O mundo precisa reinventar os seus caminhos. A lógica atual é insustentável.

Vivemos um crescimento que reproduz a exclusão e aprofunda a desigualdade social. As elites econômicas insistem em combater políticas sociais, promover mais desigualdade e atacar políticas ambientais. A concentração de renda e de riqueza no planeta atingiu níveis absolutamente obscenos.

Um mundo no qual 1% da humanidade controla uma riqueza equivalente à dos demais 99% nunca será estável. Atualmente, oito indivíduos detêm a mesma riqueza que metade mais pobre do mundo. Ao longo dos próximos 20 anos, 500 pessoas passarão mais de US\$ 2,1 trilhões para seus herdeiros – uma soma mais alta que o PIB da Índia, que tem 1,2 bilhão de habitantes. Estamos destruindo o planeta para o proveito de quando muito 1/3 da população mundial, e de forma muito particular para o proveito de 1%. A nossa principal medida de progresso, o PIB, não mede nem o desastre ambiental nem o drama social. As regras do jogo precisam mudar. Não há como escapar da necessidade de resgatar a governança do sistema (DAWBOR, 2017, p. 28-31).

A crise ambiental não tem solução sem uma convivência social justa e um acesso igualitário aos bens necessários à sobrevivência. “A situação de fome, pobreza, e injustiça de multidões de seres humanos é a face social da crise ecológica. O mesmo sistema que degrada a natureza, reduzindo-a a mercadoria, avilta a existência das pessoas submetidas a uma luta diária pela sobrevivência, porque não participam do mercado” (JUNGES, 2004, p. 58).

Precisamos de uma adequada ecologia social que saiba articular a justiça social com a justiça ecológica. “Devido à forma como se organizou a sociedade mundial nos parâmetros da cultura capitalista e por causa do seu modo de produção altamente competitivo e minimamente cooperativo, a riqueza produzida conhece uma concentração em mega-conglomerados, como nunca antes na história, e uma produção de miséria e de

exclusão que raíam a barbárie” (BOFF, 2000, p. 56).

Carecemos de uma sociedade sustentável que encontre para si o desenvolvimento viável para as necessidades de todos. Postula-se um modelo social que chegue à justiça mediante a democracia social. “Não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como clamor dos pobres (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 39).

d) Ecologia espiritual

Existe uma ecologia interior bem como uma ecologia exterior que se condicionam mutuamente. A modernidade priorizou a busca pelo material e esqueceu a interioridade. Hoje nos damos conta que o bem-estar material não trouxe o bem-estar espiritual, fato testemunhado pelo consumo desenfreado de drogas, ansiolíticos, antidepressivos e soníferos pelas pessoas de alto poder aquisitivo. O crescimento econômico produziu melhorias consideráveis no nível de vida (acesso a bens materiais, mais e mais coisas disponíveis para serem compradas), mas ao mesmo tempo provocou perturbações no modo de vida (stress, depressão, vazio existencial).

É necessária uma visão mais alargada e rica do crescimento/progresso, que não seja reduzido ao material, mas que contemple a evolução intelectual, afetiva, estética e ética. “Há uma carência de empatia, de simpatia e de compaixão, carência traduzida pela indiferença, pela falta de cortesia entre pessoas que quase sempre habitam um mesmo bairro ou edifício, pois dizer bom dia ao desconhecido com quem se encontra significa reconhecê-lo como um ser humano digno de simpatia” (MORIN; HESSE, 2012, p. 20-21.).

As mudanças radicais para fazer frente a crise civilizacional exigem o aperfeiçoamento espiritual do eu. Devemos aprender a ser diferentes.

Apenas uma revolução espiritual radical pode ser a fonte inspiradora dos movimentos criadores e propulsores das transformações no campo econômico, político e cultural, porém mito especialmente das transformações requeridas para pôr em marcha a sociedade sustentável. Por essa revolução espiritual conseguiremos romper os moldes rígidos e os papéis genéricos e hierárquicos que obstaculizam a plena atualização das potencialidades de todos os seres humanos (GUTIÉRREZ; PRADO, 2000, p. 34 e 35).

O cuidado com o desenvolvimento pessoal é imprescindível na construção de novas relações do humano com a natureza. Por isso mesmo,

Precisamos fazer uma nova aliança com a Terra e um novo pacto social de responsabilidade entre todos os humanos, fundado numa dimensão espiritual de reverência frente ao mistério da existência, de gratidão pelo presente da vida, e de humildade, considerando o lugar que o ser humano ocupa na natureza (BOFF, 2000, p. 94).

O cuidado com o eu interior e o cuidado com o planeta estão interligados. O imperativo que devemos adotar é: menos ter e mais ser. Menos expansão material e mais expansão interior; menos bens materiais, mas mais meditação e bem-estar psíquico. “O jeito é olhar o nosso ser interior, e não ficar supervalorizando o trem que passa lá fora. Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver” (KRENAK, 2020, p. 24).

A ética do desenvolvimento pessoal salvará o eu da alienação (dependência afetiva e psíquica do consumo sem limites) e o planeta da morte. “A crise ecológica, para ser superada, exige outra mentalidade, mais sensível, mais cooperativa e mais espiritual” (BOFF, 2000, p. 31).

O desafio ecológico coloca a pergunta sobre o que vamos fazer com o nosso planeta. Devemos substituir o imperativo

unilateral de crescimento por um imperativo complexo, determinando tanto o que deve crescer quanto o que deve decrescer. “Se a crise ecológica é uma expressão ou manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais (PAPA FRANCISCO, 2015, p. 98).

Algumas Alternativas Possíveis Para Viabilizarmos o Futuro na Terra

Nossos modos atuais de vida não são mais viáveis. Se queremos ir a raiz do problema ecológico, precisamos questionar o modelo civilizatório, a matriz econômica e a má distribuição da riqueza produzida. O capitalismo nunca vai morrer de morte natural. Precisamos forjar ações e políticas anticapitalista. É urgente criar novas formas de ser e de estar neste mundo. Nós podemos habitar este planeta, mas deverá ser de outro jeito.

Nosso sistema planetário está condenado à morte ou à mudança, a qual não pode acontecer senão ao fim de múltiplos processos reformadores-transformadores que se coligariam, assim como os riachos confluem para formar um rio majestoso. Nossa época de mudanças seria, então, o prelúdio de uma verdadeira mudança de época (MORIN; HESSE, 2012, p. 11).

Estamos vivendo uma crise sistêmica que só pode ser resolvida com alternativas sistêmicas. Enfrentamos um esgotamento do projeto antropocêntrico e sua ilusão de crescimento material ilimitado. A ilusão do crescimento material sem fim (ideologia do progresso material infinito), culminará em suicídio da humanidade e na extinção de outras formas de vida. Um planeta finito em seus recursos materiais não suporta um

projeto infinito de crescimento e expansão material. A extensão dos padrões de crescimento e de consumo do mundo rico a todo mundo levaria a uma catástrofe ecológica. Se queremos evitar o colapso da vida, a tarefa urgente é superar a dinâmica do capitalismo. Isto se torna mais difícil, porque a convivência com limitações não pertence aos pontos fortes do pensamento moderno.

A proposta básica é criar cooperativas cujo escopo é gerar um desenvolvimento integral do ser humano na sua dimensão física, mental, e espiritual, apresentando-se conscientemente contra o excessivo materialismo da ordem do capital, produtora de desigualdades e injustiças” (BOFF, 2012, p. 61).

O ser humano deve acostumar-se à solidariedade, a cooperação, a democracia participativa e aos valores comunitários e assim produzir e reproduzir a sua vida em equilíbrio com a sabedoria da natureza. Não é mais possível vivermos como se fôssemos a última geração.

a) Ecosocialismo. Seguiremos neste item as reflexões potentes de Löwy (2005) a partir do livro Ecologia e socialismo. Para o autor, a crise atual, ilustra a total irracionalidade de um sistema econômico baseado na mercantilização de tudo, na especulação desenfreada, no totalitarismo dos mercados financeiros e na globalização neoliberal a serviço exclusivo do lucro capitalista. Precisamos pensar alternativas radicais, alternativas que coloquem outro horizonte histórico, mais além do capitalismo, mais além das regras de acumulação e da lógica do lucro e da mercadoria.

Como uma alternativa radical é aquela que vai à raiz do problema, que é o capitalismo, essa alternativa é o ecosocialismo, uma proposta estratégica, que resulta da convergência entre a reflexão ecológica e a reflexão socialista.

Uma reorganização do conjunto do modo de produção e de consumo é necessária, baseada em critérios exteriores ao mercado capitalista: as necessidades reais da população e a defesa do equilíbrio ecológico. Uma economia socialista significa não só um novo modo de produção, mas conduziria a sociedade a maior igualdade, mais democracia, a um modo de vida alternativo, uma nova civilização, ecossocialista, mais além do reino do dinheiro, dos hábitos de consumo artificialmente induzidos pela publicidade e da produção ao infinito de mercadorias inúteis. “O ecossocialismo implica uma radicalização da ruptura com a civilização material capitalista. Nesta perspectiva, o projeto socialista visão não apenas uma nova sociedade e um novo modo de produção, mas também um novo paradigma de civilização” (LÖWY, 2005, p. 40).

Frente a iminente catástrofe ecológica, o desafio imediato é provocar transformações radicais do sistema e estabelecer uma nova sociedade, socialista e ecológica. O ecossocialismo é fundado numa aposta: a predominância, numa sociedade sem classes, do ser sobre o ter, isto é, da realização pessoal, pelas atividades culturais, lúdicas, eróticas, esportivas, artísticas, políticas, em vez do desejo de acumulação ao infinito de bens e produtos.

Nesta nova sociedade, a produção estará subordinada às necessidades sociais e das exigências da proteção do meio ambiente. O socialismo ecológico tem no horizonte a instauração de uma sociedade fundada na democracia, na igualdade social e na predominância do valor de uso. A mudança radical diz respeito não apenas à produção, mas também ao consumo. “Trata-se de orientar a produção para a satisfação das necessidades autênticas, a começar por aquelas a que podemos chamar bíblicas: água, comida, roupas, moradia” (LÖWY, 2005, p. 57). A questão central é a mudança das estruturas econômicas e sociais capitalistas.

O projeto ecossocialista mira uma mudança civilizacional, um novo paradigma de produção e distribuição

fundado nas necessidades sociais. É necessária uma mudança radical de paradigma, um novo modelo de civilização, uma transformação revolucionária. O ecossocialismo insiste em redefinir a trajetória e objetivo da produção socialista em um contexto ecológico. “O ecossocialismo será universal e internacional, ou não será. As crises de nosso tempo podem e devem ser vistas como oportunidades revolucionárias, e como tal temos o dever de afirmá-las e concretizá-las” (LÖWY, 2005, p. 91). Todos os faróis estão no vermelho. É urgente uma mudança civilizacional. Ecossocialismo ou a morte da humanidade.

b) O Bem Viver. Frente a este cenário de crise do modelo civilizatório, a tarefa é buscar alternativas. “A percepção que temos é de que não podemos continuar nesse caminho, pois nos levará a um abismo” (BOFF, 2002, p. 13). O destino da Terra e da humanidade coincidem: ou nos salvamos juntos, ou sucumbimos juntos. As pessoas e o planeta precisam ser salvos no mesmo projeto de futuro da própria humanidade.

O Bem Viver apresenta-se como uma oportunidade para buscarmos novas formas de vida. Construir modos de vida que não sejam regidos pela acumulação do capital com sua espiral infinita. O bem viver pode parecer sinônimo de bem-estar material. Mas, em nossa civilização, a noção de bem-estar reduziu-se a seu sentido material, o que implica conforto e posse de objetos e bens, sem comportar de maneira alguma o que é próprio do bem viver, o que serve a expansão pessoal, ou seja, as relações de amor e amizade, o sentido de pertencimento comunitário. É urgente resgatar a comunidade com seus laços de cooperação, solidariedade e cuidado com a vida.

Sem dúvida alguma, hoje em dia, o bem viver deve incluir o bem-estar material, mas deve opor-se a uma concepção quantitativa, que acredita buscar e alcançar o bem-estar no sempre mais. Bem viver significa qualidade

da vida, e não quantidade de bens. Ele engloba, antes de mais nada, o bem-estar efetivo, psíquico e moral (MORIN; HESSE, 2012. p. 27).

O Bem Viver é uma filosofia em construção; é uma mudança radical de paradigma e de cosmovisão e também uma ética do cuidado com a vida em suas muitas manifestações: eu sou porque nós somos.

O Bem Viver recupera a sabedoria ancestral (nós, os humanos, também somos natureza), rompendo com o alienante processo de acumulação capitalista que transforma tudo em coisa e mercantiliza a vida. Sua proposta visa superar o divórcio entre a Natureza e o ser humano. Novas relações entre os seres humanos e a natureza. Harmonia entre os humanos e a natureza, entre o material e o espiritual. O Bem viver é possível se alicerçado na Democracia vigorosa, numa cultura dos Direitos Humanos, nos Direitos da Natureza, na justiça social, no pluralismo cultural e na convivência harmoniosa dos seres humanos com a Natureza.

A forma política mais adequada para propiciar o desenvolvimento humano sustentável é a democracia participativa. Todos são convidados a dar a sua colaboração e sentir-se incluídos para juntos, construir o bem comum. Então se realiza o significado básico da democracia que é a busca comum do bem comum (BOFF, 2012, p. 136).

O Bem Viver aceita e apoia maneiras distintas de viver, valorizando a diversidade cultural, a interculturalidade, a plurinacionalidade e o pluralismo político. Diversidade que não justifica nem tolera a destruição da Natureza, tampouco a exploração dos seres humanos, nem a existência de grupos privilegiados às custas do trabalho e sacrifício de outros.

Palavras finais

Nosso desafio coletivo é desenvolver economias comunitárias alicerçadas na solidariedade e cooperação. Praticar o multiculturalismo; reconhecer e aprender com a diferença; potencializar o local e o comunitário; fortalecer o tecido social comunitário; estimular empresas familiares / cooperativas; a economia solidária; soberania alimentar a partir das comunidades com produção ecológica; proteção dos bens comuns a toda humanidade; superar o estatismo; superar a lógica do patriarcado, a dominação colonial e o racismo; descolonizar o pensamento, a cultura, a política, a economia, a teologia, a cosmovisão eurocêntrica; democracia radical na diversidade (democratizar o exercício do poder em todas as esferas); estimular o uso de energia solar e eólica; incentivar cursos de Licenciatura em Educação do Campo\Agroecologia para que possamos fazer eclodir em tempo hábil o sujeito planetário ético...

Dentro dessa perspectiva, de acordo com Boff (2002):

Ao invés de troca competitiva onde só um ganha e os demais perdem, devemos fortalecer a troca complementar e cooperativa onde todos ganham. Agora temos que inaugurar a cooperação que gera a comunidade e a participação de todos em tudo o que interessa a todos (BOFF, 2002, p. 15-16).

Portanto, ou nos reeducamos para o Bem Viver de todos, construindo relações sociais e ambientais responsáveis, solidárias e com cuidado para com os outros e a natureza, ou não teremos futuro enquanto humanidade. O tempo está passando rapidamente e precisamos agir de modo coerente com as alternativas já bastante discutidas, mas muito timidamente colocadas em prática.

Referências

- BOFF, L. **Ecologia Grito Da Terra**, Grito Dos Pobres. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- BOFF, L. **Princípio e compaixão e cuidado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BOFF, L. **Ética da vida**. Brasília: Letraviva, 2000.
- BOFF, L. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva, 2000.
- BOFF, L. **A voz do arco-íris**. Brasília: Letraviva, 2000.
- BOFF, L. **Crise**: oportunidade de crescimento. Campinas: Verus, 2002.
- BOFF, L. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto De Mutação**; tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.
- DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo**: Por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo? São Paulo: Autonomia Literária, 2017.
- FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos**: aprender a viver. (tradução Jorge Bastos). Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- FRANCISCO, Papa. Carta **Encíclica LAUDATO SI**. Sobre O Cuidado Da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**; tradução Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**; tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HUTCHISON, David. **Educação ecológica**: ideias sobre consciência ambiental; tradução Gayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- JUNGES, José Roque. **Ética ambiental**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

KESSELRING, Thomas. **Ética, política e desenvolvimento humano**: a justiça na era da globalização; tradução Benno Dischinger. Caxias do Sul, RS: Educs, 2007.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder; tradução Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LÖWY, Michael. **Ecologia e socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**; tradução Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 2005.

MORIN, Edgar; Hessel, Stéphane. **O caminho da esperança**; tradução Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

MORIN, Edgar; Viveret, Patrick. **Como Viver Em Tempo De Crise**; tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

PELIZZOLI, Marcelo L. **Correntes de ética ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

QUINN, Daniel. **Ismael**: um romance da condição humana.; tradução Thelma Médice Nóbrega. São Paulo: Peirópolis, 1998.

SANDEL, Michael J. **O que o dinheiro não compra**: os limites morais do mercado; tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

VALORES HUMANOS NO DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL, SOCIAL E PLANETÁRIA

Tereza Cristina Thomaz Farias*

A verdadeira educação deve permitir que a pessoa utilize o conhecimento que adquiriu para enfrentar os desafios da vida e para fazer todos os demais seres humanos tão felizes quando possível.

Sathya Sai

Introdução

Neste momento os seres humanos se deparam com inúmeras crises, muitas delas envolvem diretamente a própria sobrevivência da humanidade. No Brasil, assim como no mundo todo, buscamos um direcionamento para a educação, vista como fio condutor prioritário, que embase a construção de novos paradigmas de vida, que nos conduza ao bem-estar individual, social e planetário.

Vivemos um momento de violência e agressividade entre as pessoas e um processo de desumanização visível. Podemos nos perguntar se foi sempre assim, ou se o homem moderno está vivendo um momento específico? A humanidade já viveu momentos de paz?

* Professora da Faculdade de Educação da UFPEL – Aposentada; Pedagoga, Mestre em Educação, Diplomada em Valores Humanos. E-mail: tcristinafarias62@gmail.com

Há muitas pessoas instruídas neste mundo, há milhares e milhares de intelectuais milhões e milhões de pessoas inteligentes, são muitas as pessoas ricas e, a despeito de tudo isto, já que não há caráter e conduta apropriados, o país passa por tanto sofrimento como se vê hoje em dia (SATHYA SAI, 1993).

Observando o que vem acontecendo, acreditamos que há necessidade de resgatarmos os valores esquecidos pela humanidade em geral, para que haja mudanças nessa realidade. Entendemos que cabe à educação proporcionar a reflexão, à luz de teorias que tratam de tal problemática, através de estudos teórico-práticos no sentido de auxiliar neste resgate.

Em 1999, conheci o Programa Sathya Sai de Educação em Valores Humanos (PSSEVH), criado pelo educador indiano Sathya Sai. Primeiramente implantado na Índia como base da educação em todos os níveis, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Hoje vem sendo aplicado em mais de 150 países, inclusive no Brasil.

Este programa não se trata de um novo modelo pedagógico, mas uma proposta que reexamina os fundamentos e a direção que toma um estabelecimento de ensino, portanto pode ser implantado em qualquer instituição educacional, independentemente do seu sistema pedagógico, e pode também, ser adotado por educadores como: pais, tios, avós e outros.

Ao conhecer o programa identifiquei-me com seus princípios por contemplar o que acredito e defendo para educação. Sathya Sai disse:

O homem deve reconhecer os fundamentos cósmicos da educação. A educação, hoje, é baseada em habilidades mecânicas. Os estudantes devem se esforçar para promover o florescimento do coração juntamente com o desenvolvimento do intelecto. Apenas o conhecimento intelectual não é suficiente para conduzir a vida dentro do caminho correto (SATHYA SAI, 1993).

A partir de março do ano 2000, desenvolvi um trabalho com esse programa no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UFPEL, em uma disciplina optativa denominada Educação em Valores Humanos, e coordenei um Projeto de Extensão, na mesma instituição, também denominado Educação em Valores Humanos, através do qual ministrei cursos de Educação em Valores Humanos para professores(as) da rede de ensino de Pelotas e cidades do entorno.

Desde o ano 2004 faço parte da coordenação do Núcleo de Educação em Valores Humanos de Pelotas, que é ligado ao Instituto Sathya Sai de Educação do Brasil, do qual sou membro da diretoria. O nosso Núcleo oferece cursos, oficinas e palestras para educadores(as) de diversas áreas, que tem interesse nessa formação, assim como prestamos assessoria a quem aplica o programa em sala de aula e em instituições educacionais como um todo.

O PSSEVH visa à formação integral do educador e do educando, tendo como propósito a educação de um cidadão de caráter íntegro e apto a lançar mão dos conhecimentos científicos adquiridos na academia para construir uma nova realidade, sólida e ética. “Educação sem caráter é como uma fruta sem suco ou como uma vaca que não fornece leite.” (SATHYA SAI, 1993)

A finalidade da educação é a formação do caráter. (...) Formar o caráter da criança por meio da educação amorosa é a base filosófica do Programa de Educação em Valores Humanos, que tem como princípio o desenvolvimento integral do ser, levando-o ao autoconhecimento e tornando-o consciente de si mesmo e de seus semelhantes (SATHYA SAI apud MESQUITA, 2003, p. 19).

O programa de Educação em Valores Humanos que vem sendo desenvolvido há vinte e dois anos em Pelotas, tem como principal objetivo a formação do caráter, que significa unidade

entre pensamento, palavra e ação. E tem como princípios: educação para totalidade do ser; educação para transformação ao invés do acúmulo de informações; educação para a vida; educação de coração a coração.

A concepção de educação do PSSEVH resgata a origem do latim EDUCARE = Ex + Duco. Formada pelo prefixo EX > fora/externo, DUCO > conduzir, guiar = trazer de dentro para fora, fazer emergir. Nesta concepção cabe ao educador extrair de dentro o que o educando tem de melhor para colocar a serviço da comunidade em que vive. Nesse sentido a etimologia de “educar” resgata algo que foi esquecido e que não coincide com a imagem convencional do ensino: um professor falando e escrevendo no quadro, enquanto os alunos anotam o que lhes é oferecido. Sathya Sai sempre disse que não veio trazer nada de novo, mas resgatar a tradição esquecida.

Valores Humanos dizem respeito à natureza humana, são aspectos fundamentais da condição humana. Assim como a natureza do cavalo é a cavalidade, a natureza do humano é a humanidade. A Educação em Valores Humanos é o processo de olhar para dentro e descobrir quem somos nós. Este processo é um grande desafio, às vezes difícil, mas importante de ser vivenciado. Neste processo, é função do educador auxiliar o educando a praticar ações conectadas com a consciência humana.

Valores Humanos são os princípios que fundamentam a consciência humana. Eles estão presentes em todas as religiões e filosofias, independentemente de raça, sexo ou cultura. São inerentes à condição humana. Os valores humanos dignificam a conduta humana e ampliam a capacidade de percepção do ser como consciência luminosa que tem no pensamento e nos sentimentos sua manifestação palpável e aferível. Eles unificam e libertam as pessoas da pequenez do individualismo, enaltecem a condição humana e dissolvem preconceitos e diferenças (MARTINELLI, 1999, p. 17).

Os objetivos específicos dessa educação são: oferecer excelência na formação acadêmica; possibilitar a tomada de consciência da verdadeira natureza humana; aplicar na vida suas potencialidades de maneira natural, contínua e permanente, mantendo a coerência entre pensamentos, palavras e ações.

O PSSEVH propõe o resgate dos valores absolutos, universais, como Verdade, Retidão, Paz Interior, Amor e Não Violência - aspectos da condição humana, não padrões de comportamento -. Através deste resgate a educação acadêmica e a educação interior fazem parte da formação integral do educando. Quando falamos de educação interior, significa auxiliar no processo de fazer emergir, conduzir para fora algo que é inerente e intrínseco ao ser humano. E educação é vista como um pássaro de duas asas, onde uma é a educação acadêmica e outra é a educação interior. O pássaro só consegue voar com duas asas.

Verdade - é aquilo que não muda em nós, nossa essência. Ser verdadeiro é estar conectado com quem somos, com a nossa natureza humana.

Retidão – é ação de acordo com nossa natureza; ação amorosa, conectada com a consciência. Agimos corretamente sendo justos, cumprindo o nosso dever, dando sempre o melhor de nós.

Amor – é expressão da natureza humana. Amor por tudo e por todos, amor incondicional.

Paz Interior - faz parte da nossa essência; paz e harmonia interior.

Não Violência – é não causar dor a nenhum ser em pensamento, palavra e ação; como um, eu sou você; prática da empatia, que significa ver o mundo através dos olhos do outro.

Verdade é aquilo que deve ser dito; Retidão é o que deve ser praticado; Paz é o que deve preencher a mente; Amor é o que deve se expandir dentro de nós e não violência é o que devemos ser plenamente (SATHYA SAI, 1993).

Estes valores absolutos são expressos pelas qualidades humanas que emergem em determinadas situações vivenciadas, por isso os chamamos valores situacionais, são eles: atenção, reflexão, sinceridade, honestidade, exatidão, coerência, justiça, lealdade, liderança, humildade, dever, ética, iniciativa, perseverança, responsabilidade, respeito, esforço, disciplina, limpeza, ordem, coragem, integridade, dignidade, dedicação, amizade, generosidade, gratidão, perdão, compaixão, compreensão, simpatia, igualdade, alegria, silêncio interior, calma, contentamento, tranquilidade, paciência, autocontrole, autoestima, autoconfiança, autoaceitação, tolerância, concentração, desapego; fraternidade, cooperação, altruísmo, força interior, respeito à cidadania, unidade, solidariedade.

Quando compreendemos e praticamos os valores situacionais, é que os valores absolutos serão vivenciados em plenitude, alcançando assim a excelência humana. Alguns exemplos: quando compreendemos o real sentido da empatia agimos sem violência; quando temos calma em uma situação desafiadora sentimos paz interior; quando prestamos solidariedade, sentimos amor no coração.

O PSSEVH não fornece uma pedagogia específica, pode ser aplicada dentro de uma estrutura tradicional, construtivista, freiriana, montessoriana, Waldorf, ou outras afins. A terminologia pode ser adaptada, para melhor compreensão.

A sociedade atual, que é fruto de uma concepção materialista, predominantemente racional, vem formando pessoas individualistas, preocupadas em possuírem cada vez mais bens materiais, gerando, muitas vezes, egoísmo e desumanidade entre elas. Uma das possibilidades de mudança deste quadro é através da educação. Uma educação para a vida ao invés de uma educação para ganhar a vida, pois ganhar a vida é consequência de uma boa educação para vida. Para que isso aconteça, é necessário que a academia trabalhe a educação acadêmica e educação interior, juntas. Uma proposta educacional baseada nos valores humanos é importante porque

propõe a formação integral do educando.

O professor tem a maior responsabilidade em moldar o futuro do país. De todas as profissões, a sua é a mais nobre, a mais difícil e a mais importante. Se um aluno tem um vício, ele sozinho sofre por isto; mas se um professor tem um vício, milhares são poluídos por isto (SATHYA SAI, 1993).

Ao longo deste tempo de desenvolvimento do PSSEVH, registramos algumas reflexões das alunas e professoras que fizeram a formação. Cada uma a seu modo, com seu estilo de escrita, expressou o que sentiu ao vivenciar a educação em valores humanos na sala de aula e na sua vida cotidiana. É o que, resumidamente, apresentamos a seguir.

Vivendo e aprendendo a viver os valores humanos no cotidiano

Cultivem bons pensamentos, palavras e ações. Resgatem os Valores Humanos, cujas sementes estão plantadas dentro de vocês. Dessa forma, encontrarão a Verdade, a Retidão, a Paz, o Amor e a Não violência. Esta é a verdadeira Educação.

Sathya Sai

Durante a experiência com o PSSEVH, realizada na Faculdade de Educação da UFPEL, algumas alunas e professoras expressaram que somente um aprendizado baseado no amor poderá tornar as pessoas mais humanas voltadas para o outro e não só para si mesmas. Através de uma nova proposta educacional serão formadas “pessoas verdadeiramente humanas”, justas e menos competitivas, pessoas mais compreensivas que consigam encontrar a paz interior.

As alunas salientaram a importância dos valores humanos, para que venha à tona o conhecimento interior. A

verdadeira aprendizagem deve proporcionar mudanças e aprimoramento da personalidade e não somente acúmulo de conhecimentos.

Para elas, a partir das leituras realizadas, foi possível estabelecer relações entre suas vidas e o que estavam estudando. Refletiram sobre como estavam conduzindo suas ações e chegaram à conclusão de que todos os valores são essenciais para a construção do caráter e que, apesar do individualismo e a grande indução ao consumo de bens materiais em que vive o mundo, a solidariedade se faz presente em muitos momentos. Também ficou entendido que a reflexão é um aspecto importante na busca do aperfeiçoamento e do equilíbrio, de que dispomos em nós mesmos.

Para essas alunas, todos nós temos uma força interior poderosa, capaz de superações, o que nos mantém esperançosos com a possibilidade de melhorarmos como pessoa e de compartilharmos com os outros essa melhora.

Segundo as alunas, as leituras realizadas proporcionaram maior reflexão sobre suas vidas e suas ações, suscitando-lhes, interna e externamente, a vontade de aprimoramento e o equilíbrio, seguidos da importância e necessidade de colocar em prática os valores humanos. As alunas procuraram crescer como pessoas e profissionais da educação, revendo o que faziam diariamente, procurando mudar e melhorar a cada passo.

A educação deve ser usada para promover o bem-estar da nação. Conhecimentos adquiridos através da educação devem ser usados para promover desinteressadamente o bem-estar da humanidade (SATHYA SAI, 1993).

O PSSEVH contribuiu, e muito, para a reflexão sobre quem somos e qual nosso papel na sociedade em que vivemos. A partir desse estudo, muitas alunas buscaram a paz interior, deixando o amor aflorar com mais força e intensidade, fazendo autoavaliação, a fim de melhorar suas atitudes, resgatando e

pondo em prática os valores que possuem, tendo a noção de como melhorar a convivência com as outras pessoas e tornando seus relacionamentos mais fáceis e prazerosos.

Precisamos ser amorosos, compreensivos e perdoar, não fazer aos outros, o que não queremos que façam para nós. O perdão é fundamental para crescermos como pessoas. Há que se perdoar, pois ninguém é perfeito, todos nós somos falíveis e podemos melhorar com a ajuda dos outros.

Como disse Sathya Sai, “a espada do amor deve estar sempre dentro da bainha do discernimento. Discernimento e desapego são aptidões gêmeas peculiares ao ser humano”. (apud MARTINELLI, 1996, p. 131)

O amor só poderá existir onde houver compreensão, maturidade, dedicação. Só assim poderemos expandir paz, fraternidade e solidariedade por onde caminarmos. Amar é compreender, é respeitar sem egoísmo, orientando, educando. O amor é intuição e trabalha em prol do desenvolvimento do nosso nível intuitivo, nos torna flexíveis, evitando que fiquemos esclerosados pelo excesso de análise e pela racionalidade.

Quando aprendemos a viver em nossa essência de valores humanos, amamos sem egoísmo, compreendemos, toleramos e compartilhamos. Este Novo Homem em permanente processo de construção, AMA. Ama a vida em todas as suas manifestações. Nutre-se da verdade e da retidão. Busca a paz como manifestação autêntica do ser humano. Condena a violência e privilegia atitudes, gestos, palavras e pensamentos que conduzem a não violência. Afronta com valentia e decisão o reencontro com a dimensão positiva do Ser, construído a partir daí um novo paradigma para a humanidade (PUEBLA, 1997, p. 21).

Muitas alunas ao estudarem o PSSEVH reportaram-se à sua maneira de ver o mundo e as pessoas com quem convivem, e como estão agindo como mães e futuras professoras. A leitura foi muito importante, contribuindo, na prática, para a vivência

dos valores humanos em suas relações, tanto na família quanto na vida profissional.

Em vários momentos de reflexão foi possível perceber que os valores humanos devem ser vivenciados no dia a dia, nas relações entre pessoas, e devem ser ensinados pelo exemplo com a finalidade de construir uma sociedade mais justa, fraterna e pacífica, onde o amor, a paz e a tranquilidade possam ser os ingredientes principais para o equilíbrio total enquanto essência da vida.

Entendemos que é difícil sermos coerentes vinte e quatro horas, porém quando nos propomos a ser educadores, dobra a nossa responsabilidade. Como disse Sathya Sai, “é dever dos educadores guiar as crianças, e devem fazê-lo através do próprio exemplo, com amor, prazer e bem-aventurança” (apud MARTINELLI, 1996, p. 130).

Precisamos ser humildes, amáveis e flexíveis, procurando evitar o egoísmo. O esforço é necessário para alcançarmos nossos objetivos, mas não podemos nos esquecer de ajudar o outro, pois assim estaremos contribuindo para que o egoísmo não se instale em nós.

Muitas alunas acreditam que as crianças que crescem circundadas com exemplos de valores humanos e equilíbrio, futuramente se tornarão seres humanos com grandes valores, adquiridos no decorrer de seus caminhos pessoais.

As alunas chegaram à conclusão de que cabe aos futuros professores proporcionarem aos alunos a verdadeira educação baseada nos valores humanos, através do exemplo.

Se assumirmos ser educadores, poderemos contribuir para uma mudança social a partir do desenvolvimento individual e coletivo. Para isso, temos que participar da mudança e vivê-la como um desafio essencial. Assim poderemos colaborar na construção de uma comunidade harmoniosa, apoiada nos valores humanos como base do crescimento pessoal e comunitário (PUEBLA, 1997, p. 19).

Consideramos importante colocar, na íntegra, alguns depoimentos das alunas e professoras, escritos no momento da avaliação do curso de formação:

Sinto-me muito mais afetiva e emotiva, mais próxima das pessoas, mais inteira. Marcas que levarei para a vida.

É um prazer vir à aula. Hoje, sinto prazer em sentar ao lado de todas as colegas, não ficar apenas no meu grupo.

Vejo o mundo de outra maneira.

Aprendi aqui que se não consigo ou não tenho vontade de fazer uma tarefa, é melhor não fazer do que fazer malfeito. Nós, que estamos aqui, passamos para as outras colegas que não estão o que aprendemos nesta disciplina e as outras acabam aprendendo também.

A partir dessa disciplina passei a dar mais atenção aos meus valores e aos valores dos outros. Respeitar mais as pessoas, vendo seus defeitos e tolerando. Para meu interior para a convivência com colegas, alunos e outras pessoas, foi a melhor disciplina.

Desde que comecei o Curso de Pedagogia, tive um “estalo” só agora. Sinto-me melhor. Passei a me preocupar com as outras pessoas, não só com os amigos. Antes, não olhava para meus avós, agora, tenho mais carinho com eles, sem sentir como uma obrigação. Achava que tudo na faculdade não servia para nada. Agora penso diferente.

A parti dessa disciplina mudei muito, enxerguei meus defeitos. Viver valores humanos, para mim, é ajudar quando alguém precisa.

Um dia, coloquei uma fita de música tranquila e imaginei que estava na aula, imaginei a professora falando e dormi profundamente.

Deixo minha filha (sete anos) sozinha para vir às aulas. Aprendi a olhar os outros de outra forma. Procuo mais meus pais. Comecei a me cuidar mais. Vivo mais e penso mais em mim.

Mudei muito com um dos meus filhos. A disciplina me fez refletir muito sobre a educação dos filhos. Comigo

mesma deixei a desejar, ainda penso muito nos filhos e menos em mim.

A disciplina deu mais sentido para a minha prática pedagógica e para a minha vida. Descobri que o pouco que temos, devemos valorizar.

Senti força no grupo. Sinto que falta união na turma toda, com aquelas que não estão aqui. Estou refletindo sobre meus limites. Sinto-me em construção. Achei importante a leitura e pretendo aprofundá-las.

Vim fazer a disciplina por fazer, mas vi o quanto foi importante. O que aprendi me ajudou muito a lidar com os alunos no estágio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Consegui vê-los como pessoas com problemas, dificuldades e limites. A convivência com esse grupo foi ótima.

No início não queria me entregar muito ao trabalho. Com o tempo fui me entregando e as coisas a minha volta foram fluindo e tudo que antes parecia dar errado, começou a dar certo. Sinto-me tranquila, leve. Vi como é bom estar refletindo sempre. Comecei a pensar mais em mim, antes só pensava em meus pais. Esta disciplina vai influenciar para o resto da minha vida

No primeiro momento, a disciplina me causou desequilíbrio, depois fui melhorando. Tirei os remédios, para dor de cabeça, da minha bolsa. Antes, não passava sem eles. Houve uma mudança geral na minha vida, como mãe, filha, esposa e amiga.

A disciplina foi ótima. Uniu mais o grupo. Resgatei os laços familiares. Já me afastei de várias disciplinas optativas porque não era o que esperava, mas essa gostaria que continuasse. Modifiquei muito em casa e em geral. Aprendi a me cuidar mais. Utilizei os conhecimentos que adquiri aqui, nos minicursos que ministrei. Foi ótimo!

No princípio quando a professora entrava na sala sentia uma sensação de desconforto. Isto foi passando e fui melhorando cada vez mais, como pessoa e como futura professora. Expandi a leitura para meu marido.

Eu estava em dúvida se fazia ou não a disciplina. Tratamos de assuntos que não se fala todo dia, mas extremamente necessários. Conscientizei-me de que preciso mudar e vou correr atrás disso.

No início do semestre me senti angustiada. Consegui resolver algo que incomodava muito na vida e tinha que dar um basta. Consegui! Como pessoa, sinto-me mais tolerante. Faltei algumas aulas, mas sempre li e fiz todas as tarefas.

Adorei fazer a disciplina e trabalhar com valores humanos. Na minha vida pessoal, comecei a passar mais tempo com a família; na vida profissional sei que vai ser importante.

Eu quis fazer a disciplina. Larguei o remédio para dor de cabeça, tirando-o da bolsa. Aprendi a ser mais calma em casa. Melhorei a relação em casa com minhas filhas. Aprendi muito como pessoa e profissional.

O que mudei, a partir dessa disciplina, foi na relação com as outras pessoas. Procuro ajudar os outros sem julgar. Como profissional, pretendo ver os alunos como seres humanos.

A professora foi “pintada” como difícil, mas eu costumo insistir com quem parece difícil, mas não foi nada disso. Para mim, tudo mudou a partir do livro “Educar com o Coração”. Não posso dar o que não tenho. Olhar para mim é muito importante. Aprendi vivendo. O sentimento de grupo foi ótimo. Adorei!

Os ricos depoimentos das alunas e professoras trazem o fruto do trabalho desenvolvido com o PSSEVH durante esses anos, demonstrando os resultados do nosso empenho como Núcleo de EVH.

Como disse Sathya Sai:

A educação deve libertar o homem das travas da covardia, da mesquinhez, da cobiça, do ódio, da mente estreita e dos limites do eu e do meu. O professor é um farol que ilumina e guia. Se deixar de iluminar muitos

soçobrarão nas rochas. A escola é o lugar onde se eleva, se ilumina, purifica e fortalece a consciência, o lugar onde são plantadas as sementes da disciplina, do dever e da devoção e são estimuladas a brotar e crescer (SATHYA SAI apud MIGLIORI, 1998, p. 110).

Enfim, refletindo sobre essa experiência vivenciada com a Educação em Valores Humanos, podemos concluir que ao desenvolvermos esse programa estamos proporcionando aos educandos uma formação realmente integral, considerando-os como integrantes e integrados no processo ensino-aprendizagem. Trabalhando com conteúdos significativos, que fazem sentido para o aluno; utilizando metodologias dinâmicas e prazerosas; avaliando o processo como um todo sem comparar um aluno a outro, pois cada pessoa é importante o suficiente para não ser comparada a ninguém a não ser a ela mesma. Assim, propiciamos um terreno fértil para que cada um se torne quem é.

Desse modo, o fazer pedagógico é impregnado de vida, onde os alunos vibram por aprender a cada dia algo novo que levarão para suas vidas, dentro e fora da instituição educacional. *É, verdadeiramente, a vida na escola e a escola na vida.*

Educar nessa direção se faz necessário nos dias de hoje, pois o ser humano está distante de si mesmo, do outro e da natureza. É necessário que se resgate a tranquilidade, a sensibilidade e o amor por tudo e todos. Acreditamos que a Educação em Valores Humanos veio para isso e para contribuir na conscientização de que somos um conjunto, um todo e que todos dependemos uns dos outros, por isso, juntos podemos tornar este planeta mais justo, unido, amoroso, pacífico e compreensível, através de nossos exemplos edificantes e ações nobres.

Referências

- CRAXI, Antônio. **Valores humanos**: uma viagem do eu ao nós. São Paulo: Peirópolis, 1994.
- GOMES, Maria Helena S. C.; GOMES, Marcos C. **Valores Humanos**: Essência da Educação na Formação do Caráter. Curitiba: Editora Prismas, 2016.
- GUEVARA, Arnaldo José de Hoyos *et al.* **Conhecimento, cidadania e meio ambiente**. São Paulo: Peirópolis, 1998. (Série temas transversais; v. 2)
- HUBBARD, Bárbara M. **A revelação** - uma mensagem de esperança para o novo milênio. São Paulo: Peirópolis, 1997.
- MARTINELLI, Marilu. **Aulas de transformação**: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Peirópolis, 1996.
- MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1999.
- MESQUITA, Maria Fernanda N. **Valores humanos na educação**: uma nova prática na sala de aula. São Paulo: Ed. Gente, 2003.
- MIGLIORI, Regina de Fátima et al. **Ética, valores humanos e transformação**. São Paulo: Peirópolis, 1998.
- PUEBLA, Eugenia. **Educar com o coração**. Tradução de Patrícia Caffarena Celani Chnee. São Paulo: Peirópolis, 1997.
- SATHYA SAI. **Os Valores Humanos** – Aula Magna por Sathya Sai. Prasanthi Nilayam (Andhra Pradesh); Índia, 1993.
- SATHYA SAI. **A Educação Deve Desenvolver Os Valores Humanos** - Formatura dos Estudantes do Instituto Sai. Prasanthi Nilayam, (Andhra Pradesh); Índia, 22/11/1993. Disponível em: <https://www.sathyasai.org.br>. Acesso em: 19 fev. 2022.
- TEERAKIAT JAREONSETTASIN MD., MRCPSYCH(UK). **Educação Sathya Sai: filosofia e prática** – Textos compilados e editados. Rio de Janeiro: CC&P Editores [Tradução: Salvatore Guida e Érica Nakagawa], 1997.

UM PANORAMA SOBRE A GUARDA RESPONSÁVEL DE ANIMAIS NA CIDADE DE SÃO LOURENÇO DO SUL/RS*

Eduardo Antunes Dias**
Catiane Strider Weber***

Introdução

O objetivo da pesquisa foi identificar questões relacionadas aos maus-tratos e à guarda responsável de animais em São Lourenço do Sul/RS por meio da aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas (entrevista estruturada) em todos os bairros situados na cidade de São Lourenço do Sul, respeitando sempre a disposição do entrevistado em aceitar ou não aceitar a entrevista, bem como o de manter o sigilo das informações. Foram aplicados 60 questionários de pesquisa (cinco questionários por bairro) contendo 15 perguntas abertas e 13 perguntas fechadas em doze bairros diferentes da cidade de São Lourenço do Sul. Para realizar a pesquisa, cada bairro da cidade foi percorrido em dias e horários alternados e, conforme o andamento da pesquisa,

* Este tema foi ao ar no programa número 16 do Vozes do Campo em 14/06/21. Para ouvir o programa na íntegra acesse: <https://educacaodocampo.furg.br/vozes-do-campo>.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) referente a este programa poderá ser acessado em: <http://argo.furg.br/?RG001463081>

** Médico Veterinário e professor do curso de Licenciatura em Educação do Campo e Agroecologia da FURG/SLS (eduardo.dias@furg.br).

*** Licenciada em Educação do Campo pela FURG campus SLS (catianesweber@hotmail.com)

optou-se por fazê-la em diferentes ruas para evitar qualquer viés nas respostas, bem como para manter um olhar mais amplo de todo território.

Apesar de ser uma cidade pequena, o abandono de animais é um problema recorrente no município de São Lourenço do Sul (SLS) e que só se agrava com a crise econômica e sanitária brasileira. Devido ao município ser composto em grande parte por matas e campos, é comum o abandono ocorrer nos bairros mais afastados como nos da Camponesa, Kraft e Medianeira. Pelas respostas, no geral, grande parte dos animais de companhia da cidade é formada por cães domiciliados e a sua higienização, alimentação e passeio são realizados com frequência.

Porém, segundo o que foi presenciado, parte destes animais estão na condição de semi-domiciliados e, portanto, esta situação não se sustenta. Havia uma expectativa grande em relação às respostas sobre os maus-tratos, mas por este ser tipificado como crime pelo sistema judiciário brasileiro, acredita-se que os moradores, por estarem cientes disso, omitiram informações ao responderem o questionário.

Assim sendo, o problema do abandono e dos maus-tratos que acontece de forma recorrente no município teria como ponto de partida fatores socioambientais. Destacamos que no processo pela busca de soluções, todos os agentes interessados, sejam eles a municipalidade ou a sociedade, deveriam agir unidos e à luz da lei sem tratarem esta questão meramente pela perspectiva da saúde pública. Ressaltamos que maus-tratos não necessariamente acontecem somente quando infringimos violência física a um animal, mas também quando passeamos com os animais de companhia no asfalto quente ou quando colocamos roupas desconfortáveis neles.

Muitos animais são considerados seres sencientes, ou seja, que sentem e se expressam de alguma forma. Gottsfritz e Venturelli (2020, p. 23) definem seres sencientes como “a capacidade dos seres de sentir sensações e sentimentos, assim

como ter percepções conscientes acerca do que lhes acontece”. Com base na senciência de algumas espécies, em 1992 o Conselho de Bem-estar dos Animais de Produção – Reino Unido (FAWC)¹ definiu cinco liberdades para a avaliação da qualidade de vida dos animais:

- Livres de fome e sede;
- Livres de desconforto;
- Livres de dor, lesões e doenças;
- Livres para expressar seu comportamento natural;
- Livres de medo e estresse.

Além destes parâmetros, também foram criados outros, como “as Cinco Necessidades de Bem-Estar Animal”, que proporcionam um fundamento útil para garantir que os tratadores humanos estão a proporcionar às necessidades de bem-estar básicas para os animais. São elas: “a necessidade de ambiente adequado; necessidade de dieta adequada; necessidade de ser capaz de manifestar padrões de comportamento normais; necessidade de ser alojado com, ou afastado, de outros animais; de ser protegido da dor, sofrimento, lesão ou doença” (WSAVA, 2018, p. 15).

Porém, em 2007, com o objetivo de facilitar e simplificar a compreensão das pessoas, o projeto WelfareQuality® definiu apenas quatro princípios para embasar a avaliação dos vários aspectos do bem-estar animal: a Alimentação, o Alojamento, o Estado Sanitário e o Comportamento.

Como podemos observar, os animais estão cada vez mais presentes em nossas vidas, porém, o descaso de alguns guardiões faz com que muitos destes animais se encontrem em situação de vulnerabilidade. Neste sentido, o Comitê de Especialistas em Raiva da Organização Mundial da Saúde (WHO/OMS, 1990) tem dado muita ênfase a este assunto complexo, classificando a

¹ Disponível em: <https://www.gov.uk/government/groups/farm-animal-welfare-committee-fawc>

situação dos cães e dos gatos errantes com base no grau de dependência e no nível de controle humano:

(1) cães supervisionados: totalmente dependentes e controlados (cães domiciliados – representam 59,2% da população);

(2) cães de família: totalmente dependentes e parcialmente controlados [ou cães semi-domiciliados, que segundo MATOS, *et al.* (2002), representam 35,8% do total da população de cães e são justamente estes que acabam gerando a população de cães comunitários];

(3) cães comunitários: parcialmente dependentes e parcialmente controlados (representam apenas 5% da população total, dado que poderá servir de parâmetro para a realidade nacional);

(4) cães ferais: sem qualquer controle (raros).

Com o objetivo de proteger a categoria mais vulnerável, o governo do estado do Rio Grande do Sul criou uma lei para amparar aos animais de rua, ou seja, os comunitários. Segundo a lei estadual 15.254 de 17/01/2019, animais comunitários são aqueles que estabelecem com a comunidade em que vivem laços de dependência e de manutenção, ainda que não possuam responsável único e definido (LEIS ESTADUAIS, 2019).

É importante lembrar que um argumento que é comumente empregado como solução no controle de animais comunitários são os canis municipais. Além de serem caros e ineficazes, acabam servindo de depósito animal, já que os animais semi-domiciliados poderão produzir indivíduos que acabam nestes canis. São notórios os casos de canis municipais do Rio Grande do Sul que fracassaram no seu propósito, como os dos municípios de Rio Grande e Gravataí. A Lei dos Animais Comunitários surgiu justamente para evitar esta crueldade.

Resultados

A maioria das respostas sobre as soluções de como evitar o abandono chegaram à conclusão de que a castração previne novas gerações de filhotes e assim diminui a população de animais na rua. A partir desta resposta, houve variações, como a criação de multas em que o dinheiro arrecadado seria revertido para a ajuda destes animais ou penas em forma de trabalhos comunitários com os próprios animais comunitários e semi-domiciliados, com o intuito de conscientizar as pessoas sobre os cuidados e os deveres com o bem-estar e a guarda responsável. Vale ressaltar que somente a castração cirúrgica, isoladamente, não terá resultados na diminuição do número de animais abandonados, pois segundo Amaku, Dias e Ferreira (2009), para que ocorra uma redução de 20% da população, é necessária uma taxa de esterilização de 15 a 40% dos indivíduos em aproximadamente 5 anos, com grandes investimentos nos primeiros 4 a 5 anos. Portanto é necessário conciliar políticas de contracepção animal com políticas de educação ambiental e aplicação da lei.

Os dados obtidos nesta pesquisa mostraram um determinado padrão nas respostas em conformidade com a classificação da OMS, ou seja, a maioria dos animais seriam domiciliados, mas pela observação “in loco”, uma das situações mais presenciadas foram as de animais semi-domiciliados, ou seja, com acesso à via pública. Uma das possibilidades de isso acontecer seriam as cercas precárias das residências que deixavam brechas para que os animais saíssem. Outra hipótese levantada a partir das respostas dos entrevistados seria a própria atitude consciente dos moradores de deixarem seus animais com livre acesso à via pública.

Percebeu-se neste estudo que os três bairros com os maiores índices de animais comunitários estão localizados próximos às estradas secundárias de acesso ao município de São Lourenço do Sul, sendo eles: Camponesa; Kraft e Medianeira.

Essas estradas estão afastadas dos bairros do município, bem como não há moradores nas mesmas, havendo apenas um grande fluxo de transeuntes em horários diversos.

Acredita-se que esse alto fluxo, bem como a falta de moradores fixos e até mesmo a falta de iluminação nessas vias, acarreta maior acesso e facilidade para que ocorra o abandono de animais. Uma vez abandonados, esses animais que geralmente são cães, vagam a procura de abrigo e comida, fixando-se nas proximidades como comunitários. Já o bairro Balneário é um dos bairros mais conscientes com o bem-estar em relação ao número de animais comunitários que lá vivem, com o maior número de potes com água e comida disponíveis nas calçadas.

Os maiores índices de adoção de animais ocorrem nos bairros mais afastados do centro da cidade, exatamente nos bairros com o maior número de animais comunitários e nas suas proximidades. Portanto, os bairros que mais adotaram foram àqueles onde o abandono foi maior e nas suas proximidades, provavelmente porque este abandono estaria justamente sensibilizando as pessoas. Notou-se que os bairros mais carentes socioeconomicamente estão mais pretensos a oferecer comida ao invés de ração, já que desta maneira o custo com o trato dos animais, na maioria das vezes, é baixo.

Conclusões

Se a sociedade, juntamente com a municipalidade, cumprir seu papel, seja ajudando os animais comunitários, seja adotando e não comprando, ou denunciando quando observarem situações de risco, talvez assim seja possível melhorar a situação dos animais na comunidade. Uma sugestão interessante seria otimizar a ação dos agentes de saúde do município para realizarem um levantamento semelhante a este projeto, pois antes do início de qualquer programa de controle populacional, seja ele pela castração ou pela conscientização por meio da

educação, é preciso dimensionar a real situação dos animais da comunidade seguindo a classificação da OMS através da realização de um censo. Um exemplo de que esta questão já está sendo levada a sério no município de São Lourenço do Sul foi o recente envio de um projeto de lei (008/2021) que prevê penalidades para os maus-tratos².

Referências

AMAKU, M.; DIAS, R. A.; FERREIRA, F. Dinâmica populacional canina: potenciais efeitos de campanhas de esterilização. **Revista Pan Americana de Salud Pública**. v. 25, n.4, 2009, p. 300- 3004.

GOTTSFRITZ, Carlos Augusto; VENTURELLI, Suzete. Das coisas nascem coisas sencientes. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**. v.10, n.19: mai.2020 Disponível em: <https://eba.ufmg.br/revistapos>. Acesso em: 21 mar. 2021.

LEI ESTADUAL 15.254 de 17/01/2019. **Jus Brasil**. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-15254-2019-rio-grande-do-sul-dispoe-sobreanimais-comunitarios-no-estado-do-rio-grande-do-sul-estabelece-normas-para-seuatendimento-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 29 abr. 2021.

MATOS, M. R.; ALVES, M. C. G. P.; REICHANN, M. L. A. B.; DOMINGUEZ, M. H. S. Técnica Pasteur São Paulo para dimensionamento de população canina. ad. **Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 18(5):1423-1428, set-out, 2002.

Welfare Quality. Disponível em: <http://www.welfarequality.net/en-us/home/> https://www.3tres3.com.pt/artigos/avaliac%C3%A3o-do-bem-estar-protocolo-welfare-quality®_1292/ Acesso em: 25 abr. 2021.

WHO. WSPA. **World Health Organization**; World Society for the Protection of Animals. Guidelines for dog population management. Geneva, 1990. 212p. Disponível em:

² Disponível em:

<https://www.camarasaolourencodosul.rs.gov.br/proposicoes/Projetos-de-Lei/2021/1/153/15208>

https://www.3tres3.com.pt/artigos/avaliac%C3%A3o-do-bem-estar-protocolo-welfarequality@_1292/
<https://apps.who.int/iris/handle/10665/6141>. Acesso em: 20 mar. 2021.

WSAVA. Disponível em: <https://wsava.org/wp-content/uploads/2020/01/WSAVA-AnimalWelfare-Guidelines-2018-PORTUGUESE.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

O ECOMUNITARISMO E O CAMPO

Sirio López Velasco*

Introdução

Fernando Birri perguntou-se para que serve a Utopia, porque quando a gente caminha dez passos ela se afasta dez, e quando a gente caminha cem passos ela se afasta mais cem; e se respondeu: a Utopia serve para que a gente não cesse de caminhar.

O Ecomunitarismo é a ordem socioambiental utópica que propomos para superar e substituir o capitalismo. Ela é irrealizável na sua totalidade, mas é uma ideia-guia fundamental para que cada passo da nossa caminhada diária, e nossa vida como um todo, tenha um rumo bem definido.

O Ecomunitarismo se baseia na aplicação quotidiana das três normas fundamentais da Ética (deduzidas da gramática profunda da pergunta que a instaura, a saber “Que devo fazer?”), que nos exigem, respectivamente, lutar para garantir a nossa liberdade individual de decidir, realizar essa liberdade construindo decisões consensuais com os outros (o que somente é plenamente possível numa sociedade sem classes antagônicas), e preservar-regenerar a saúde da natureza humana e não humana (o que, dentre outras coisas, nos exige adotarmos um modo de vida baseado na frugalidade ecológica voluntária).

Eis o lema que guia o Ecomunitarismo: “de cada um

* Dr. em Filosofia pela Universite Catholique de Louvain (Bélgica). Pos-Doutor em Filosofia pelo Instituto de Filosofia do CSIC (Madrid, Espanha). Professor aposentado da FURG.

segundo sua capacidade e a cada um segundo sua necessidade, respeitando os equilíbrios ecológicos e a interculturalidade”.

O Ecomunitarismo está integrado por, pelo menos, os seguintes componentes combinados e interligados entre si:

1) Uma economia ecológica e comunitária e/ou cooperativa (que muito tem de aprender do modo de vida dos povos originários da A. Latina), que hoje somente se torna possível com a expropriação dos grandes capitalistas do campo e da cidade, para colocar os meios de produção que eles possuem (muitas vezes de origem duvidosa, ou simplesmente produto da grilagem quando não do massacre de índios) em mãos da comunidade nacional através de um Estado que a represente; o qual, por sua vez, deve ser controlado pelo poder popular organizado. A pequena e média propriedade familiar será respeitada e incentivada a produzir segundo as necessidades ecologicamente sustentáveis; e haverá de se promover a associação cooperativa desses pequenos produtores que não empregam mão de obra alheia.

No campo todo o anterior significa que deverão ser expropriados os latifúndios, para nessas terras instalar grandes fazendas estatais (que usem racionalmente o maquinário de ponta), cooperativas ou muitos produtores familiares (que foram expulsos da terra ou hoje não tem terra suficiente como para desenvolver uma produção que lhes permita viver dignamente e seja útil para o país e o planeta). Todas essas formas de produção rural deverão ser permanentemente apoiadas pelo Estado no que diz respeito ao apoio técnico (para definir o que convém produzir segundo cada solo ou ecossistema, e como produzir), apoio financeiro, apoio para a estocagem e escoamento da produção, e garantia de compra da produção, para consumo nacional ou para a exportação).

Por sua vez, os produtores do campo devem estar organizados para poder cobrar do Estado todos os seus deveres, e para propor ao Estado nas suas diversas esferas (por exemplo no Brasil, a municipal, a estadual e a federal) todas as mudanças

que deverão ser implementadas para melhorar sucessivamente a sua produção e a sua qualidade de vida. Para que essa qualidade possa se melhorar sem parar, o Estado deve apoiar as famílias do meio rural na construção de moradias dotadas das instalações necessárias para uma boa vida familiar (energia elétrica, água potável garantida e com a quantidade e qualidade necessárias, e serviços de internet) e na localidade (com bom arruamento, calçamento, escoamento das águas pluviais, transporte público eficiente e frequente, transporte escolar, centros de educação e saúde indispensáveis, etc.).

Essa economia aplicará as 7 R: Refletir para definir que Planeta queremos para nós e nossos descendentes, Reduzir, reutilizar e Reciclar insumos e resíduos, Rechaçar o consumismo e adotar a frugalidade voluntária, Rechaçar as energias sujas e não renováveis, substituindo-as por energias limpas e renováveis (como a solar e a eólica) e, Revolucionar o capitalismo rumo ao Ecomunitarismo.

O campo deve ser um exemplo para toda a sociedade no que diz respeito à discussão coletiva (nas diversas instâncias associativas de cada localidade, da região, do nível estadual e do país) e a implementação cada vez mais consequente dessas “7 R”. E essa economia priorizará a conquista da soberania alimentaria praticando a agricultura orgânica (livre de agrotóxicos e transgênicos). Nesse ponto reside uma das contribuições mais importantes (senão a mais importante) do campo para a construção do ecomunitarismo nos níveis locais, regionais, estaduais, nacional e planetário.

Com base no Plano Comunitário de Consumo-Produção-Distribuição (que abrange desde o nível planetário e o nacional até o local) o tempo individual de atividade tenderá a zero (para que cada pessoa tenha mais tempo para se desenvolver como indivíduo universal também fora da produção, nas esferas da cultura, o esporte e o simples lazer para desfrutar da vida).

No campo isso requer a capacitação das pessoas para que elas possam desempenhar em rodízio as diversas atividades

rurais (muitas delas com uso de maquinário sofisticado), ao tempo em que pelo fato de poderem desenvolver essas atividades em horário cada vez mais reduzido, cada indivíduo poderá se dedicar também a outras atividades no meio rural (por exemplo nas esferas da cultura, do esporte ou do lazer) ou nos meios urbanos (pelo menos, os mais próximos) nessas diversas áreas.

Na atividade produtiva cada pessoa alterna com outros suas ocupações mensais ou semestrais, para que cada uma coloque em prática suas diversas vocações e aptidões (uma vez que tenha recebido a formação necessária a cada ocupação). Para a satisfação das necessidades sociais através de atividades pesadas ou ingratas, quando não estiverem à disposição determinadas vocações produtivas em número suficiente, haverá duas soluções: haverá de se inventar máquinas que substituam os humanos, ou essas atividades serão desenvolvidas em rodízio de todos os membros aptos da comunidade (pensamos, por exemplo, no que se considerar atividades pesadas, desagradáveis ou enfadonhas no campo, como o são no meio urbano, por exemplo, a de se limpar os bueiros ou coletar e tratar o lixo).

2) Uma nova democracia intercultural baseada na democracia direta, com mecanismos presenciais e a distância, hoje muito facilitados tanto nas cidades como no meio rural pelos recursos da internet; assim é fácil de se imaginar uma profunda informação de cada núcleo familiar e pessoa (também no meio rural equipado com as instalações necessárias para o caso), sobre assuntos relevantes no nível planetário, regional, nacional e/ou local, que depois de debatidos em detalhe com as respectivas comunidades, seriam resolvidos mediante votação universal (seja ela presencial ou via internet).

Quando a democracia direta não for possível, haverá de se recorrer a mecanismos de democracia participativa (na qual cada cidadão e coletivo pode se informar e controlar cada decisão tomada, e pode mudá-las através de procedimentos como a consulta popular vinculante. ou o referendo).

Quando for indispensável manter certas formas de

democracia representativa, os representantes eleitos pela comunidade terão um limite para o número de mandatos que poderão exercer (por exemplo dois) e poderão ser substituídos em nova eleição a qualquer momento por quem os elegeu (por exemplo, se sua atuação se desvia do encarregado pela comunidade e/ou do prometido pelo representante eleito). O que aqui foi dito para a democracia participativa e a representativa é de aplicação também no meio rural devidamente equipado e organizado.

Essa democracia haverá de construir Estados Plurinacionais que incorporem as culturas indígenas em plano de igualdade com a cultura branca-ocidental (e a negra, e a asiática etc., ali onde essas culturas se fizerem presentes, tanto no campo como nas cidades).

Note-se que no transcorrer do tempo cada Estado deverá ir desaparecendo, pois, todas as suas funções serão de mais em mais assumidas pelas comunidades organizadas (também no meio rural).

No contexto da dissolução progressiva do Estado haverá de se dar uma progressiva dissolução do Exército e das Polícias, para que, enquanto existir a necessidade de que haja pessoas armadas, se coloque nas mãos de Milícias Populares de integração em rodízio as tarefas da defesa nacional e da segurança pública. Isso vale também para o meio rural.

3) Uma educação ambiental ecomunitarista universal, pública, gratuita, laica e de qualidade, estendida a toda a sociedade. Essa educação, tanto na esfera formal como nas não formais, praticando a pedagogia problematizadora, promoverá as iniciativas coletivas para se detectar e resolver os problemas socioambientais locais, regionais, estaduais, nacionais, continentais e planetários.

Para tanto aplicar-se-á o tríplice princípio que completa o princípio inicial do ecologismo e que reza: “Pensar globalmente e agir localmente, pensar localmente e agir globalmente, e pensar globalmente e agir globalmente”; o

segundo porque há problemas de especial agudeza em certas regiões, como ocorre com a fome ou a frequente falta d'água, ou com a maior diminuição da camada de ozônio nas regiões próximas aos polos, que somente poderão ser resolvidos mediante a ação solidária da Humanidade como um todo; e o terceiro porque há problemas de impacto planetário, como é o caso do efeito estufa e o aquecimento global, que somente podem ser resolvidos pela ação conjunta de toda a Humanidade.

No campo, também, há de vigorar essa educação ambiental ecomunitarista com todos os seus componentes; na educação formal ela dar-se-á através das instituições educativas implantadas em cada localidade (e que contarão com o apoio das instituições educativas dos níveis regional, estadual e nacional); na educação não-formal essa educação dar-se-á através da ação das instâncias associativas dos produtores rurais e vizinhos, dos centros de saúde ou esportivos, dos meios de comunicação (em especial dos locais), dos centros de turismo ecológico, e de qualquer outra instância comunitária que vier a ser criada.

Essa educação ambiental ecomunitarista também incluirá uma educação sexual libertária que incentive o livre gozo do prazer consensuado (conforme o exigem as duas primeiras normas fundamentais da Ética) e que seja saudável para ambas as partes (conforme o exige a terceira norma básica da ética). Essa educação também haverá de criticar e superar o machismo e a homofobia. O machismo ainda predomina hoje tanto no meio urbano quanto no meio rural; e ele se manifesta pela opressão da mulher pelo homem. O ecomunitarismo promove a relação igualitária, de respeito e de serviço amoroso mútuo entre homem e mulher. Note-se que as três normas éticas fundamentais valem tanto para uniões heterossexuais como homossexuais (mais ainda quando se sabe que em algumas uniões homossexuais a opressão de uma parte pela outra é tão ou mais forte que em algumas uniões heterossexuais, o que demonstra que nesses casos, como nos casos paralelos heterossexuais ainda está por se realizar no seio da união a

liberdade de cada parceiro, o consenso entre ambos, e o melhor relacionamento saudável para ambas as partes).

No campo tudo o aqui dito tem especial relevância, pois a temática sexual não raramente é considerada tabu no meio rural; com o que muitas vezes há tentativa de se estabelecer relacionamentos sexuais com uso da coação e até da violência, ao tempo em que o direito ao prazer da mulher muitas vezes não é respeitado (não sendo infrequente a caso em que o homem sequer tem uma informação adequada sobre os mecanismos pelos quais a mulher alcança o maior prazer sexual); esse tabu faz também com que muito frequentemente não haja no seio da família uma educação sexual para os púberes e as e os adolescentes; e por causa dessa carência paga-se o preço, por exemplo, da gravidez infantil ou adolescente não desejada (que acarreta um grande problema para a vida da adolescente, e às vezes da própria criança). Em função do antes dito destaca-se a importância da educação sexual individual, familiar e comunitária que deverá ser desenvolvida pelos centros educativos, de saúde, associativos, etc., instalados em cada localidade rural.

Essa educação ambiental ecomunitarista incluirá ainda, tanto no meio urbano quanto no meio rural, uma educação física formativa e cooperativa, substituindo o esporte competitivo e com interesse financeiro, próprio do capitalismo. Em outro trabalho temos proposto e detalhado uma reformulação formativa e cooperativa de alguns esportes muito populares, como o futebol e o vôlei.

4) Um sistema único e exclusivo de saúde pública e gratuita, que a tod@s atenda com a mesma qualidade preventiva e/ou terapêutica. Na igualação das melhores condições de vida no meio rural em relação ao meio urbano, a área da saúde é uma das que mais precisa melhorar no campo. Em primeiro lugar, sistematizando e ampliando a educação que alavanca a medicina preventiva, usando tanto os saberes populares tradicionais como, de forma combinada e mutuamente crítica, os conhecimentos e

cuidados que nas localidades rurais devem ser espalhados pelos centros educativos, sanitários, associativos etc. É em segundo lugar, melhorando o atendimento em medicina curativa; isso supõe a instalação de postos de saúde em cada localidade rural, e a otimização dos meios de transporte e o atendimento dos pacientes do meio rural até e nos centros urbanos (a começar pelos mais próximos, e se a gravidade do caso o requerer, até e nos mais especializados, embora esses centros sanitários possam estar mais distantes da localidade em questão).

5) Uma comunicação simétrica, na qual os atuais latifúndios mediáticos (de TV, rádios, jornais e internet) sejam colocados em mãos das comunidades (de indígenas, rurais, de bairro, de estudantes, de trabalhadores, etc.) e dos meios públicos, os quais, por sua vez, devem ser colocados sob o controle comunitário-popular. No atual meio rural haverá de se incentivar a rádio local, perfeitamente viável com os meios tradicionais ou através da internet, para que a localidade tenha seu espaço de intercomunicação aos efeitos da correta informação, dos debates sobre questões socioambientais relevantes para a localidade, e para a promoção das mais variadas manifestações culturais.

6) Uma estética da libertação que a tod@s possibilite criar arte, e que a tod@s abra as portas da formação para melhor apreciar a arte. No meio rural haverá de se promover o conhecimento e a prática da arte nos mais diversos espaços educativos, comunitários e de lazer (sem esquecer a contribuição que podem dar nesse aspecto outros centros comunitários, como os da saúde). Música, teatro, exposições de pintura, dentre outras manifestações culturais, devem ser criados na própria comunidade rural e também levadas frequentemente desde os meios urbanos até cada comunidade do campo.

Na A. Latina é fundamental que sejam reconhecidas, promovidas e desfrutadas, tanto no meio rural quanto no meio urbano, as manifestações culturais indígenas e negras (sem esquecer das asiáticas, quando uma população dessa origem for

numericamente significativa numa localidade ou região); somente assim haveremos de nos enriquecer mutuamente, aprendendo uns dos outros, para uma melhor qualidade de vida e Bem Viver de tod@s. Esse mútuo enriquecimento deve acontecer também no constante intercâmbio entre as manifestações culturais originadas no campo com aquelas originadas nas cidades.

7) Uma unificação numa Pátria Grande latino-americana dos povos do Continente, integrada, por sua vez, a uma Humanidade unificada pela cooperação solidária e recíproca entre todos os seus povos, em pé de igualdade entre eles. No que diz respeito às populações do campo, quem percorre a A. Latina descobre rapidamente quantas características iguais ou muito parecidas existem nas vidas dos povos mais afastados geograficamente, desde os pampas do sul até as costas do Caribe.

O atual desconhecimento mútuo entre nossos povos resulta de um interesse dos poderosos que os dominam. No ecomunitarismo o mútuo conhecimento haverá de ser tão estreito como o que atualmente existe entre um produtor rural e o seu vizinho mais próximo. Esse mútuo conhecimento e o mútuo apoio solidário haverão de engendrar uma mútua aprendizagem e um amor recíprocos que a cada um enriquecerá como indivíduo e como povo. O mesmo haverá de acontecer em relação a todos os povos da Terra, unificados numa grande família que se entreajudam amorosamente ao tempo em que cuida da preservação e regeneração da saúde da natureza não humana.

Referências

LÓPEZ Velasco, Sirio. **Ética ecomunitarista**, Ed. UASLP, México, 2009. Disponível em: https://issuu.com/filopoiesis/docs/etica_mexico_final_2009; e em <https://rebellion.org/download/etica-ecomunitarista-etica-para-el-socialismo-del-siglo-xxisirio-lopez->

[velasco/?wpdmdl=654430&refresh=5ffa00fe3411b1610219774](https://www.editorafilhos.com/siriolopesvelasco).

Acesso em: 11 abr. 2021.

LÓPEZ Velasco, Sirio. **Contribuição à Teoria da Democracia: uma perspectiva ecomunitarista**” Ed. Fi, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.editorafi.org/196sirio>). Acesso em: 11 abr. 2021.

LÓPEZ Velasco, Sirio. **Filosofia da Educação**. A relação educador-educando e outras questões na perspectiva da educação ambiental ecomunitarista, Ed. Phillos, 2018. Goiânia, Disponível em: <https://www.editoraphillos.com/siriolopesvelasco>. Acesso em: 11 abr. 2021.

VÁRIAS FORMAS DE DESPERTAR O BEM VIVER: ALIMENTOS PARA CORPO E ALMA

Eliane Renata Steuck*

Introdução

Não faltam textos, artigos, notícias e pesquisas apontando a importância de uma alimentação saudável para, não apenas a manutenção da saúde, como também para a recuperação desta. Então, aparentemente, nada de novo poderia ser dito sobre o tema, que parece ser um ponto pacífico nas discussões que tem por objetivo definir metas de uma vida saudável.

Talvez não seja nos alimentos que necessitamos depositar nossa atenção e, quem sabe, nossos recursos de pesquisa, considerando que muito se sabe e pouco se aplica na vida cotidiana. O que se aplica, em geral, chega às pessoas em embalagens bem-feitas, desenvolvidas com cuidado para representar o que há de “mais saudável” no mercado. Ou seja, para a esmagadora maioria da população, alimentação saudável é um conceito produzido pela indústria.

Em embalagens *slim*, com diferentes tons de verde, selos de orgânico, sem glúten ou sem lactose – ou outras composições ditadas por estudos de marketing – produtos industrializados seduzem de crianças à idosos nas prateleiras de supermercados,

* Doutoranda em Educação Ambiental – FURG Rio Grande (RS). Mestre em Educação – UNIVALI Itajaí (SC). Especialista em Gestão e Educação Ambiental e Ensino de Ciências. Licenciada em Ciências Biológicas. E-mail: eliane_steuck@hotmail.com

levando, inclusive, o consumidor às grandes redes pois “apenas em determinado supermercado” é possível encontrar determinado tipo de alimento saudável.

Este texto, onde apresento algumas reflexões quem compõem minha pesquisa de doutorado em Educação Ambiental, é um convite para pensarmos sobre a relação que estabelecemos com os alimentos para compreender as razões pelas quais fazemos as escolhas diárias que temos feito ao longo de nossas vidas. O que orienta nossas escolhas, especialmente as não conscientes, e que nos leva a consumir determinado tipo de alimento ainda que pesquisas científicas – recentes e antigas – tenham comprovado danos profundos à saúde humana e ambiental. Ou que nos leva a consumir alimentos caros e, muitas vezes, importados ou que percorrem longas distâncias para chegar ao supermercado mais próximo de nossas casas, quando na região em que moramos há produção de alimentos tão ou mais adequados à nossa constituição e necessidade nutricional.

Para facilitar a compreensão dos caminhos que este texto pretende seguir, considero adequado fazer alguns combinados com o/a leitor/a com relação a alguns termos que serão utilizados, começando pela compreensão do que é alimentação saudável no contexto desta discussão.

É importante que nos desprendamos do que a indústria alimentícia tem nos ensinado que é alimentação saudável e que, com muito êxito, tem nos convencidos, ainda que sem longa sustentação, mas pelo tempo suficiente para nos afastarmos gradativamente de uma alimentação verdadeiramente saudável, aquela que atende às necessidades nutricionais e emocionais de cada indivíduo e que respeita e o ambiente e todos os seres que nele vivem.

Recordo, especialmente, de uma margarina (ou creme vegetal) que prometia proteger o coração e que rapidamente conquistou consumidores adultos da terceira idade. A propaganda trazia a informação de que o produto era indicado por cardiologistas e a confiança nessa nova medicina, a

preventiva, fez uma legião de fãs. O que não seria ruim, obviamente, uma vez que a prevenção tem se mostrado mais eficaz, inclusive em custos financeiros, do que o tratamento. O problema, no caso – e que pode ser estendido a outros exemplos – é que não necessariamente as pessoas estavam protegendo sua saúde, prevenindo doenças do coração.

Sem desmerecer a marca, afinal não é este o propósito deste texto, é preciso compreender que o maior sucesso da propaganda foi transformar hábitos de pessoas que dificilmente o fariam: pessoas que, na ocasião, já haviam passado dos 40 anos. Na sua maioria avós e avôs que passaram a receber seus netos e netas com a “nova margarina”, agora saudável.

E porque esta mudança foi relativamente fácil é que precisamos dedicar atenção. Um olhar desatento poderá responder, rapidamente, que foi pela promessa de saúde – importante lembrar que nos últimos 40 anos vêm aumentando o número de pessoas que morre em decorrência de problemas cardiovasculares – mas, seguindo esta lógica, qual a razão para que outros alimentos que também protegem o coração não serem consumidos em larga escala e observar-se justamente o contrário: um aumento significativo do consumo de alimentos ultraprocessados, conforme indica um levantamento do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor¹?

Uma das hipóteses para tal comportamento pode estar em oferecer às pessoas algo que já lhe é conhecido, de maneira que apenas é substituído o produto, no entanto a ação e, sendo alimento, o sabor se assemelha. Assim, as pessoas não precisam fazer um “esforço” de mudança de hábitos, nem de busca pelo novo produto pois ele pode ser encontrado em qualquer mercado e, ainda que seu valor seja um pouco superior ao produto já consumido pela família, os ganhos justificam o pequeno

¹ Matéria sobre o tema disponível em [https://jornal.usp.br/atualidades/aumenta-preocupacao-com-consumo-de-alimentos-ultraprocessados-durante-pandemia/#:~:text=Os%20brasileiros%20est%C3%A3o%20consumindo%20mais,durante%20a%20pandemia%2C%20neste%20ano](https://jornal.usp.br/atualidades/aumenta-preocupacao-com-consumo-de-alimentos-ultraprocessados-durante-pandemia/#:~:text=Os%20brasileiros%20est%C3%A3o%20consumindo%20mais,durante%20a%20pandemia%2C%20neste%20ano.). Acesso em: 01 mar. 2022.

investimento. Entretanto a questão principal é: não se exige grande esforço para mudar.

Dito isso, podemos conversar sobre outro conceito que merece nossa atenção: Qualidade de vida. Ouso dizer que a representação de qualidade de vida a que temos sido apresentados e apresentadas está vinculada a um prazer efêmero e um esvaziamento das vidas e dos sentidos, onde, não raro, os tempos são hipotecados em nome de uma qualidade de vida que inclui a capacidade de consumo e uma vida sem a interferência de males que recusamos, como a ausência do prazer e a presença da dor.

Interessante observar que, nesta sequência de reflexão, o sofrimento pode ser uma condição aceita, desde que dele não derive a dor e não sejam anulados os prazeres. Um exemplo, considerando que nosso tema central é a alimentação e nossa relação com o ato de alimentar a si e aos nossos próximos, é a dificuldade de mudar hábitos alimentares mesmo na condição de uma doença instalada. Deixar de comer algo – ou em quantidade – que nos dá prazer parece estar muito distante do horizonte que estamos dispostos a alcançar.

Um exemplo são os produtos indicados como “sem lactose”: ao identificar o nicho – cada vez maior – de pessoas que recebem diagnóstico de intolerância a este açúcar, a indústria apresentou um alimento que se equipara em sabor, textura e consistência para atender aos que, supostamente, deixariam de consumir laticínios. Sem questionar, uma legião de “intolerantes” passa a consumir o novo produto, afastando, assim, o sofrimento de ficar sem o alimento, que lhe traz prazer, e contribuindo para o aumento gradativo da oferta desse tipo de produto no mercado.

A combinação de prazer, ausência de dor e facilidade (menor esforço) parece ser uma combinação de sucesso no convencimento para a mudança. Os resultados, no entanto, podem não ser o que se espera, no que diz respeito à longevidade com qualidade.

Nas últimas décadas, observamos mudanças significativas no modo de vida da sociedade humana, mas meu olhar sobre tais mudanças insiste em pausar em um período muito distante e não vivido por nós – que estamos vivos agora e lendo este texto – das grandes invasões para conquistas de territórios. Isto porque me parece que apenas modificamos o modo de operar, mas seguimos na necessidade da conquista e esta necessidade me parece ser propulsora das mudanças que foram se apresentando e consolidando e, para situar minha reflexão em algo que podemos tocar, apresento queridinho das refeições rápidas: o micro-ondas.

Depois de um início tímido, ganhou as casas brasileiras na década de 1990 por sua rapidez no cozimento. Interessante que, na mesma época, as câmaras frias começaram a ter maior espaço nos supermercados: era o início da geração dos congelados. Rapidez e agilidade para cozinhar, pois o tempo para conquistar precisa ser preservado. Com refeições preparadas em tempos mais curtos, é possível trabalhar mais, facilitando, inclusive a vida da mulher que trabalha fora, mas ainda acumula as funções.

Voltamos aos tempos hipotecados em nome de uma ideia de qualidade de vida. Temos buscado a cura para as doenças e para os males do mundo, tentamos enganar a morte e esticar a vida, desenvolvendo técnicas e medicamentos, promulgando leis e ordenando condutas. No entanto, velhas maneiras de morrer e matar se vestem de novas roupagens e permanecem ativas. De acordo com a Organização Pan Americana de Saúde, cerca de 52% das mortes em países de baixa renda, no ano de 2016, foram causadas por “doenças transmissíveis, causas maternas, condições decorrentes da gravidez e parto e deficiências nutricionais”. Um índice que contrasta com as menos de 7% das mortes ocorridas em países de alta renda, pelas mesmas causas. No entanto, nas últimas décadas se observa um aumento significativo de mortes por doenças originadas no hábito.

Estas são doenças não transmissíveis, como cardiopatias,

acidente vascular cerebral, Alzheimer, câncer de pulmões, traqueia e brônquios, acidentes de trânsito e demências causaram 71% das mortes em todo o mundo, observando-se um índice de 37% nos países de baixa renda e 88% nos países de alta renda.

No Brasil, a taxa de feminicídio figura entre as mais altas do mundo, só para citar uma das maneiras de matar mais reconhecida, uma vez que usa de violência, diferente da desnutrição que, com origem na fome não é compreendida como uma maneira de matar, ainda provoca mortes em todo o mundo e figura ao lado da obesidade como um problema que atinge o indivíduo ainda na primeira infância. As mortes pela fome são creditadas ao baixo desenvolvimento econômico.

O hábito pode ser entendido como inimigo, tanto da medicina quanto da justiça, e é nos hábitos que a atenção precisa ser concentrada. Não há medicamento que ensine as pessoas a se alimentarem melhor, assim como não há lei que impeça a violência doméstica de acontecer. Tanto o medicamento quanto a lei são mecanismos de compensação e exclusão, e avançar passa, obrigatoriamente, por observar o que foi excluído.

E aqui, como aquilo que foi excluído, trago a necessidade urgente do conhecimento de si o que podemos chamar de auto-observação: compreender quem somos, no lugar em que estamos.

Tal conhecimento de si transforma a leitura de mundo e permite ao indivíduo fazer escolhas mais acertadas para si, no tempo e lugar em que vive. Com relação à alimentação isto implica, por exemplo, em questionar por que nossa dieta é muito parecida com a que aprendemos com nossos pais ou avós, o que nos leva, por exemplo, à manifestação de doenças consideradas como doenças de família.

Estudos, ainda muito recentes da Epigenética, apontam para a possibilidade de fatores ambientais terem importante influência na modulação de genes, que aparentemente, podem ou não se expressar, de acordo com os hábitos de vida de uma

determinada pessoa. Isto, por si só, nos tira do determinismo de uma doença e nos leva para a responsabilidade por nossas escolhas.

Ao situar a responsabilidade sobre nossas escolhas, retorno ao propósito deste texto, de promover uma reflexão a respeito das razões que nos levam, justamente, a fazer as escolhas que fazemos para despertar o Bem Viver e caminhar no sentido de identificar as lacunas onde se encontra a real felicidade, que, para Leff (2007),

[...] se entrelaça com as formas de ser no mundo. Podemos pensá-la, mas a entendemos com um “sentir-se no mundo”. Está reservada à intimidade e à autogestão da vida de cada pessoa, a arte de *saber viver* (LEFF, 2007, p. 43, tradução livre).²

E, se a felicidade é, também, a ausência de dor, os desejos naturais e necessários (EPICURO) como de alimentação, por exemplo, precisam ser atendidos, pois, de acordo com o filósofo,

Não deve supor-se antinatural que a alma ressoe com os gritos da carne. A voz da carne diz: não se deve sofrer a fome, a sede e o frio. E é difícil para a alma opor-se; antes, é perigoso para ela não escutar a prescrição da natureza, em virtude da sua exigência inata de bastar-se a si própria. [...] Não é também verdade que a alegria espiritual seja a única da ordem dos bens, porque sei também que a inteligência se alegra pelo seguinte: pela esperança de tudo aquilo que nomeei antes e em cujo gozo a natureza pode permanecer isenta de dor (EPICURO, 2006, p. 108-109).

² La felicidad se entreteje en las formas de ser en el mundo. Podemos pensarla, pero la constatamos como un “sentirse en el mundo”. Está reservada a la intimidad, a la autogestión de la vida de cada persona, al arte de *savoir vivre* (LEFF, 2007, p. 43).

Para o *Astañga Hridayam* (2002),

todas as atividades (humanas) têm como objetivo a felicidade de todos os seres vivos; tal felicidade está baseada no dharma (conduta moral correta, retidão); portanto, todas as pessoas devem adotar (seguir) sempre a retidão (caráter íntegro) (VAGBHATA, 2002, p. 55).

Neste sentido, sem considerar o bem-estar de todos os seres vivos, a espécie humana não poderia encontrar a felicidade verdadeira. Isto significa dizer que o Ser tem condições de exercitar sua existência em plenitude a partir dos modos que caracterizam este ser no mundo.

E, o que esperar como Bem Viver quando a felicidade humana se sobrepõe à felicidade de outros seres? Ou de um conceito de felicidade de *drive thru*, onde basta passar e pegar o que já está pronto – e serve a todos da mesma maneira, com poucas adaptações – transformando a felicidade em um *fast food* e ainda convencendo a humanidade de que estamos fazendo escolhas com liberdade quando solicitamos que se retire a alface, por que ela não é orgânica?

Referências

EPICURO. **Pensamentos**, tradução de Johannes Mewaldt e outros. São Paulo: Martin Claret, 2006.

LEFF, Enrique. Desvelos de la felicidad. Imaginario para repensar la educación em la era de la crisis ambiental. **Revista de Ciencias Ambientales**. Tropical Journal of Environmental Sciences, vol. 33, p. 40-46. jun., 2007.

VAGBHATA. **Astañga Hridayam**, tradução de Yeda Ribeiro de Farias e Willian Ribeiro de Farias. Brasil: Chakpori, 2002.

MEMÓRIAS SOBRE ARTE/EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ESPIRITUALIDADE DA NATUREZA

Cleusa Helena Guaita Peralta Castell*

Introdução

Atendendo ao convite do programa Vozes do Campo, trago aqui alguns sentimentos e percepções sobre a minha trajetória nos campos da arte/educação, educação ambiental e *espiritualidade da natureza*, desses tempos vividos na efervescência de momentos únicos, desde os primeiros anúncios de conflitos socioambientais e emergências climáticas nos anos 1980 até os atuais movimentos de mobilização acadêmica e da sociedade civil para dar guarida ao que hoje faz parte da nossa realidade climática, as denúncias dos massacres ao nosso ambiente planetário, ao nosso clima e à nossa paz, ao longo de mais de 30 anos.

* Arte/educadora ambiental, doutora em Educação/UFRGS, mestre em Educação Ambiental/FURG, docente aposentada ILA/FURG, mestre Reiki Usui tibetano, cristaloterapeuta e apômetra. E-mail: cleperaltacastell@yahoo.com.br Tel: +55 51 99814-7755

Figura 1 – Escultura em resina de Thiago Talassi (2021); tucano Mbyá Guarani; flores e sálvia; cristais ametista, jaspe mookaite e sodalita:



Fonte: Thiago Talasse, 2021

Fui docente do Curso de Artes Visuais, de Pedagogia e da Pós em Educação Ambiental da FURG de 1986 a 2012 e tive a oportunidade de conviver em projetos de pesquisa e extensão, inicialmente com crianças e professoras do Ensino Fundamental em programas de educação ambiental (EA)¹ e, posteriormente, com docentes de ensino superior⁴ e agroecologia, com trabalhadores(as) do campo². O maior trabalho que pude empreender se deu em 3 eixos, na arte da criança, na educação ambiental e no que chamo de *espiritualidade da natureza*.

¹ Projeto Nascente/ ILA/FURG; Projeto arte-Pré-arte/ ILA/FURG. ⁴ Programa Utopias Concretizáveis Interculturais/ ILA/FURG/IPN, UNIKIEL.

² Minha tese de Doutorado em Educação do Campo: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2/browse?value=Castell%2C+Cleusa+Helena+Guaita+Peralta&type=author>

Pela arte, o contato com o ambiente de Rio Grande, desconhecido para mim quando lá cheguei, fez aguçar o meu olhar para a monocromia sem barreiras da praia do Cassino e arredores, o próprio ambiente, a paisagem como uma obra de arte natural. Então, nesse primeiro eixo, desenvolvi um trabalho de professora, tanto na graduação em Artes como na Pedagogia e no Pós, especialmente em projetos de pesquisa e extensão com as comunidades, no sentido de que todos nós temos o direito à arte e à cultura não coloniais, não só como pura fruição, mas como um direito fundamental. Infelizmente, com raras exceções, quase toda criança que ingressava na rede escolar parecia ter os seus direitos à arte e à cultura condicionados a programas institucionais completamente insuficientes e inconsistentes e que não reconheciam o dizer orgânico da criação infantil. Então esses primeiros estudos me levaram às escolas para pesquisar o desenho das crianças, condicionado aos padrões escolares e a exclusão de sua bagagem cultural durante o processo de alfabetização (PERALTA CASTELL, 2012).

Para salvaguardar a arte espontânea da criança e seus tesouros culturais, tanto originários como da interação com as mídias, pensei em abrir espaços pedagógicos de experimentação com estudantes de graduação, as oficinas de descongestionamento da expressão que pude realizar e sistematizar (PERALTA CASTELL, 2013; GOLDBERG, 2013).

Descobri que a maior riqueza do repertório da criança depende de sua experiência imediata, portanto, não poderia prescindir da imersão tátil, cinestésica na natureza. Terra, fogo, ar, água e todos os materiais disponíveis no ambiente natural e urbano vão se constituindo como o que chamo de *matrizes do imaginário*. Sem repertório significativo e autoral, a criança perde muito da capacidade de criação, que precisa ser incentivada, autorizada, por assim dizer, por parte da família e das professoras em todas as idades e níveis de escolarização. Arte e natureza são raízes que se aprofundam no processo de criação e que espelham a nossa natureza emocional, assim como,

por exemplo, desenhar uma árvore outonal ou primaveril nos diz muito do que percebemos, intuímos, sentimos e racionalizamos numa simples experiência estética.

Figura 2 – Árvore da Carolina; 20 anos; 40 X 40 cm; Guache sobre cartão:



Fonte: Arquivo pessoal

Na figura 2 vemos a simbologia da árvore da vida no desenho de Carolina, uma “vida” que dança!

Para facilitar o acesso dos estudantes de Pedagogia ao universo do desenho infantil criamos eixos transdisciplinares que davam suporte à integração com outras disciplinas - com arte se poderia aprender melhor a ler, escrever, contar e, também, a dar os primeiros passos nas ciências, o que deu início ao segundo eixo.

Este segundo eixo, a EA começou com a necessidade de interpretar os desenhos das crianças em fase de alfabetização nos programas de EA interinstitucionais³, facilitando o

³ Projeto Nascente ILA/FURG/NEMA.

entendimento do processo de criação das crianças para os cientistas entenderem e avaliarem os conteúdos de ciências desenhados. Esses inícios de integração marcaram também os primeiros passos do que hoje conhecemos como arte/educação ambiental (RACHE; PIANOWSKI; CASTELL, 2021), a centralidade da arte na base da educação (READ, 2001).

O sentimento é de transitar por caminhos que se abrem pelas mãos de cada criança que pergunta sobre a vida, que não quer saber onde termina a arte - pensamento divergente - e onde começa a ciência - pensamento convergente, onde terminam os desenhos e onde começam os números. O cuidado com o próprio corpo, com os seres vivos e com a vida da planetinha que desenha, copiado do Atlas, tem muita urgência e não se demora em fronteiras disciplinares porque precisa dar um salto multidimensional, precisa encontrar o caminho da cura das nascentes e aprender sobre o rebrote das florestas, coisas que realmente importam e para isso usa a magia dos desenhos, dos cantos, das danças e dos personagens sonhados!

A cosmopolítica *microesperançosa* de Krenak (2020) nos lembra dos saberes ancestrais esquecidos e da verdadeira conexão dos nossos sonhos com a vida cotidiana, que requerem menos desenvolvimento e mais envolvimento e enraizamento.

Essa visão holográfica de brincar com as *matrizes do imaginário* e de contar histórias faz parte do mundo da criança e cabe a nós, arte/educadores(as) ambientais, tratarmos de ampliá-la com aceitação decolonial e aprimoramento pedagógico das linguagens e epistemes requeridos pelas aprendizagens que fazem sentido para as crianças nesse mundo em convulsão climática.

O terceiro eixo, a *espiritualidade da natureza* sempre esteve latente, permeando minhas questões filosóficas e existenciais, influenciada que fui pelo paradigma da transdisciplinaridade emergente de Pierre Weil, Roberto Crema

(2014) e, especialmente, Laís Aderne⁴, quando da criação da Universidade Holística de Brasília, atual UNIPAZ.

Pela primeira vez (1987) vi o desenho de um programa curricular no formato de mandala, que abriria espaço para a espiritualidade, para as tradições, para a ecologia, na intenção da quebra do paradigma da separatividade. Ainda lembro da voz de Pierre Weil numa palestra nos convocando a sermos uma *nova humanidade*, como *seres mutantes* em constante aprendizado espiritual. Enquanto isso, ainda nos anos 1980, nos meios acadêmicos a simples menção à palavra *holismo* já causava desconforto.

Hoje vejo que toda uma caminhada de transdisciplinaridade que se iniciou lá nos anos 1980, no meu caso, apesar de haver coordenado diversos projetos de pesquisa e extensão, apenas quando saí da universidade é que pude me dedicar inteiramente à práxis desse paradigma holístico, num sítio agroecológico, onde pude [e posso] finalmente, dispor de tempo, espaço e energia para um trabalho enraizado na terra, nos afazeres artísticos e imersa numa espiritualidade, própria de quem vive na floresta.

Pude compreender, também, a importância da espiritualidade em tudo o que fiz, em todas as atividades, em todas as vivências como uma linha de ouro que costurou todos os trabalhos anteriores. Aprendi não apenas a sentir os aromas, a ver as cores das plantas e das flores, como perceber com o olhar espiritual a energia de cada pequeno ser deste espaço-tempo de natureza que se auto-organiza e que redesenhamos a cada dia com o manejo ecológico de nossas ervas medicinais, hortas e jardins.

Quando algumas pessoas se aproximam muitas vezes sinto o perfume de alguma planta, que harmoniza com essas energias pessoais, percebo seres da natureza junto a alguns

⁴ Arte/educadora, uma das criadoras da FAEB, Federação dos arte-educadores do Brasil e incentivadora da UNIPAZ, fundada por Pierre Weil e Roberto Crema.

hóspedes que aqui chegam⁵. Esse é o olhar espiritual que experimento, é ver através da natureza é percepção sensorial e institucional.

Figura 3 – Fonte dos Budas, cristais em malha magnética. Cabana dos Talismãs:



Fonte: Arquivo pessoal

Nosso trabalho aqui no sítio me levou, também, a estudos mais aprofundados na *espiritualidade da natureza*, como a bioenergética, a cristaloterapia e a apometria com cristais⁶, técnicas e terapias integrativas que praticamos e, também,

⁵ Nossa hospedagem, Cabana dos Talismãs, Três Coroas, RS:

<https://abnb.me/UmSmaKvtQdb>

<https://www.instagram.com/sitiotalismada?r=nametag>

<https://www.facebook.com/sitioagroecologicotalisma/>

⁶ Esp. Educação da Consciência, Porto Alegre, RS; Marcelo Stoduto (Coord.)

<https://www.facebook.com/marcelo.stoduto>

<https://www.facebook.com/educacaodaconsciencia/>

iniciamos a compartilhar nosso espaço/tempo de natureza.

O paradigma do holos, da interação dos seres humanos, não humanos, natureza e espiritualidade aqui se tece com arte, com redes magnéticas de cristais e plantas de devoção, com devas, seres da natureza que sempre estiveram comigo, em cada sala de aula, em cada trabalho de arte, em cada interação com as pessoas do campo e seus perfumes de ervas, as pessoas que conhecem a terra, que conhecem a linguagem das plantas, do vento, do sol, da água.

Então, sou muito honrada por todas essas pesquisas e imersões acadêmicas nas comunidades camponesas, aos meus orientadores(as) e, especialmente, às pessoas que me contestaram, que não me aceitaram, porque todas me ajudaram a escolher o meio de produção, o meio de vida que me proporcionou dialogar de uma forma honesta e verdadeira com tudo o que meu holograma particular de corpos sutis, vocações e acompanhamentos dévicos, pôde aprender e ensinar.

Referências

GOLDBERG, Luciane Germano. Arte-Pré-arte: memórias, metodologias, desdobramentos e implicâncias de uma vivência-formação. *In*: MEIRA, DA SILVA, PERALTA CASTELL (Org). **Transprofessoralidades: sobre metodologias do ensino da arte**. Pelotas, RS:UFPel, 2013.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PERALTA-CASTELL, Cleusa Helena Guaita. **Pela linha do tempo do desenho infantil: um caminho trans estético para o currículo integrado**. Rio Grande, RS: FURG, 2012.

PERALTA-CASTELL, Cleusa Helena Guaita. Metodologias de descongestionamento da expressão: oficinas inter e diálogos mediados pela arte. *In*: MEIRA, SILVA, PERALTA CASTELL (Org). **Transprofessoralidades: sobre metodologias do ensino da arte**. Pelotas, RS:UFPel, 2013.

RACHE, Rita; PIANOWSKI, Fabiane; PERALTA CASTELL, Cleusa. Caminhadas poéticas e concepções do abismo horizontal: a marca de Rio Grande na contemporaneidade da arte/educação. *In*: PUCETTI, Roberta *et al.* (Org). **FAEB**, Compartilhar narrativas sobre formação, arte e ensino no Brasil. Curitiba: CRV, 2021.

READ, Herbert. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WEIL, Pierre; LELOUP, Jean-Yves; CREMA, Roberto. Normose: **A patologia da normalidade**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOBRE AS ORGANIZADORAS DA OBRA



Prof. Dra. Graziela Rinaldi da Rosa.
Licenciada em Filosofia e Geografia.
Mestra e Doutora em Educação /
UNISINOS. PHd. Profa. do Instituto de
Educação IE / FURG. E-mail:
grazirinaldi@gmail.com



Prof. Dra. Jara Lourenço da Fontoura.
Pedagoga. Mestra e Doutora em Educação
Ambiental / FURG. Criadora do programa
Vozes do Campo. E-mail:
jarafontoura@furg.br



Prof. Dra. Patrícia B. Lovatto. Bióloga. Dra. em Sistemas de Produção Agrícola Familiar com Pós-Doutorado pela FAEM / UFPEL. Professora Pesquisadora do ICB / FURG. E-mail: plovatto@furg.br



Tanja Raquel Funk. Licenciada em Educação do Campo – Ênfase em Ciências da Natureza e Agrárias / FURG. Graduada em Pedagogia da Educação Infantil / Uniasselvi. Graduada em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa / FURG. Cursando Especialização em Coordenação Pedagógica e Supervisão Escolar / FAVENI. Pesquisa a formação docente. E-mail: tanjaraquelfunk9269@gmail.com

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br

“O programa Vozes do Campo busca, também, levar informações e conteúdos condizentes com a vida no campo e, com isso, tem potencial para transformar a realidade do campo. Desta forma, surgiu a ideia do projeto do livro Vozes do Campo, que, de forma coletiva, visa documentar e socializar as diferentes vozes que se apresentam nesses programas e contribuir com uma discussão teórica acerca de reflexões que possam fornecer subsídios para o desenvolvimento de ações que colaborem para uma vida mais digna dos povos do campo. Esse programa é de suma importância para que outras gerações tenham acesso aos saberes, as expressões culturais, e os relatos de experiências e vivências que são apresentados”.

As Organizadoras



ISBN 978-65-5754-191-3

